

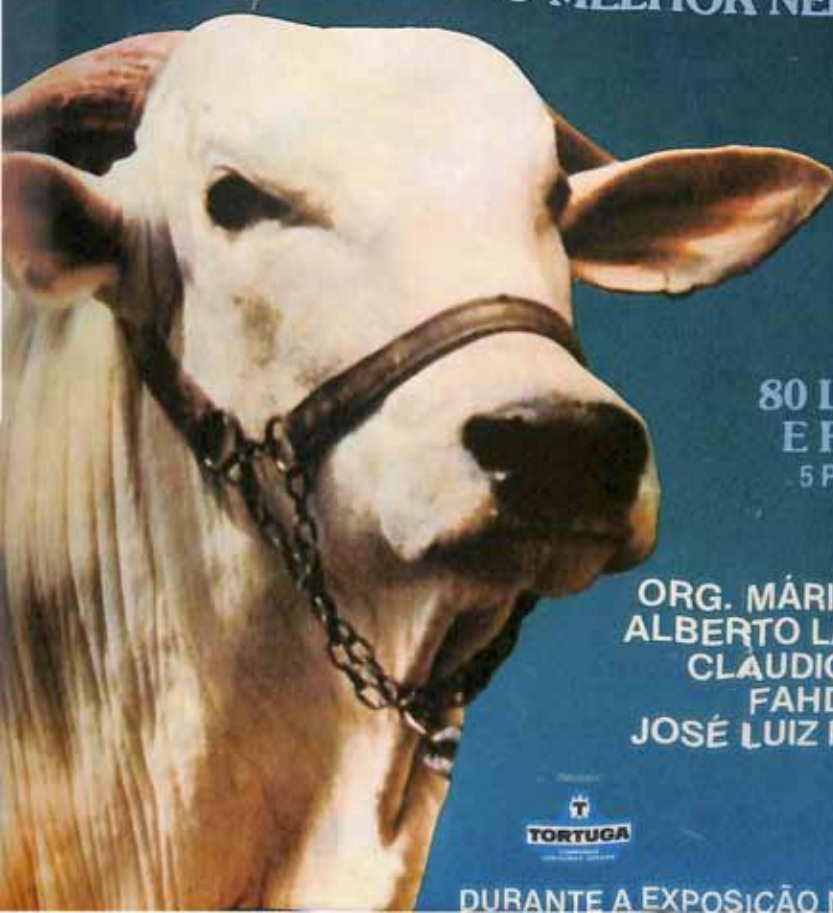
REVISTA DOS CRIADORES

55 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Março de 1986 - Ano LV - N.º 674 - Cz\$ 48,50
Órgão oficial da ABC

Noite dos Campeões

Novotel-Uberaba 1º Maio 5ª f.-19h

O MELHOR NELORE EM LEILÃO



80 LOTES DE MACHOS
E FÊMEAS - PO e POI
5 PAGAMENTOS SEM JUROS

ORG. MÁRIO DE ALMEIDA FRANCO
ALBERTO LABORNE VALLE MENDES
CLAUDIO SABINO CARVALHO
FAHD JAMIL & IRMÃOS
JOSÉ LUIZ NIEMEYER DOS SANTOS



Rua Melo Patroa, 261
CEP 05082 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 872.1722
Telex: 1122016 REMTE BR

DURANTE A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE UBERABA

O MAIS FORTE

AGROVET
5.000.000

No dia-a-dia do campo, é difícil ao criador, identificar com rapidez e segurança, os agentes causadores das doenças que atacam o seu rebanho. Nessas ocasiões, é de fundamental importância a existência de um produto - com amplo espectro de ação, rápido e eficaz, - que atue contra um grande número de infecções, promovendo uma imediata recuperação do animal e reduzindo quebras na produtividade. AGROVET 5.000.000, vem comprovando durante anos e anos, sua fulminante ação contra um grande número de bactérias Gram-positivas e Gram-negativas que atingem os tratos: respiratório, geniturinário, gastrointestinal, pele e tecidos moles; nos bovinos, eqüinos, suínos, ovinos e caprinos.

A comprovada eficácia da associação das penicilinas G Procaina e G Potássica com a estreptomicina, faz de AGROVET 5.000.000 o antibiótico indispensável na farmácia de todos os pecuaristas.



SQUIBB
Industria Farmacêutica

16.^o Leilão VR



LOCAL:

**PARQUE DE
LEILÕES VR**

BR. 050 - Km 182

05 Km DE UBERABA

DATA:

03/MAIO-86

15 HS. 1.^o SÁBADO DE MAIO

UBERABA MG

ANIMAIS P.O. E P.O.I

**5 PAGAMENTOS
SEM JUROS**



FEILÃO OFICIALIZADO
ABCZ

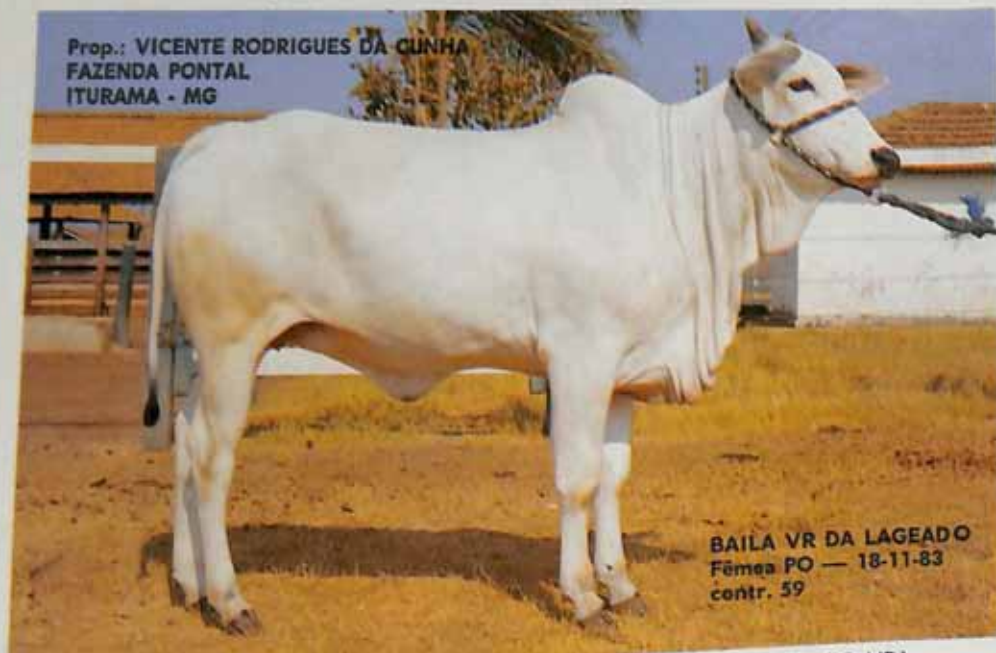


CHUMMAK
Tri Campeão
Nacional

23

Exemplares que estarão no 16º Leilão VR

Prop.: VICENTE RODRIGUES DA CUNHA
FAZENDA PONTAL
ITURAMA - MG



BAILA VR DA LAGEADO
Fêmea PO — 18-11-83
contr. 59

Pai: Mãn POI da Zebulândia VR (Chumak x Hanna da Santa Cecília PO VR)
Mãe: Hiponésia Jussara VR (Chingã PO VR x Soneira VR)



CERTAME DA POTY VR

Nelore PO RGN 2705 (macho)
Excelente animal, sangue paterno de
Karvadi. Pelo lado materno a linha-
gem da renomada Ashoka, campeã
em fertilidade no Brasil.

DR. TORRES LINCOLN PRATA CUNHA

FAZENDA POTY — Município de
Pereira Barreto - SP
Escrit. Central: Rua Major
Eustáquio, 06 - 9.º andar
Sala 907 - Cx. Postal 528
Fone: 332-4976
38010 — UBERABA - MG

CERTAME DA POTY VR

RYÂN POI DA ZEB. VR
PELEJA DA POTY VR

KARVADI 13 (imp.)
HASSAD DA S.C. POI VR
JALAM DA ZEB. POI VR
GOLEADA DA JUSSARA VR



RIPERCOLL* FÓRMULA CUTÂNEA

BASTA APLICAR NO FIO DO LOMBO

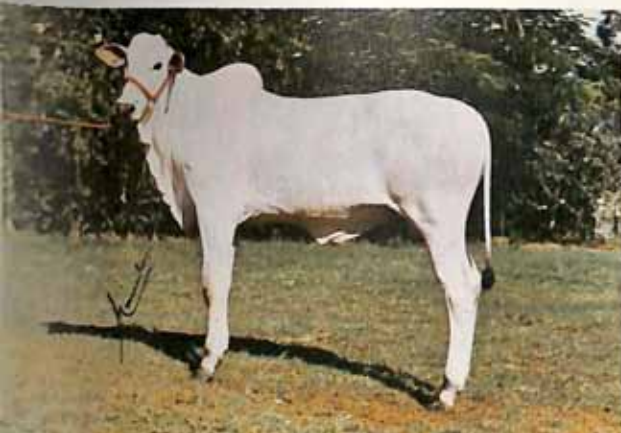
SIMPLES, PRÁTICO, RÁPIDO E ECONÔMICO

CYANAMID
Divisão Agropecuária

Tecnologia melhorando a qualidade da vida

* MARCA REGISTRADA

Exemplares que estarão no 16º Leilão **RV**



COMÍCIO DA RV

Feliz combinação de Taj-I Karvadi e Belur. Extraordinário bezerro: alto, perfeito de corpo e caracterização.

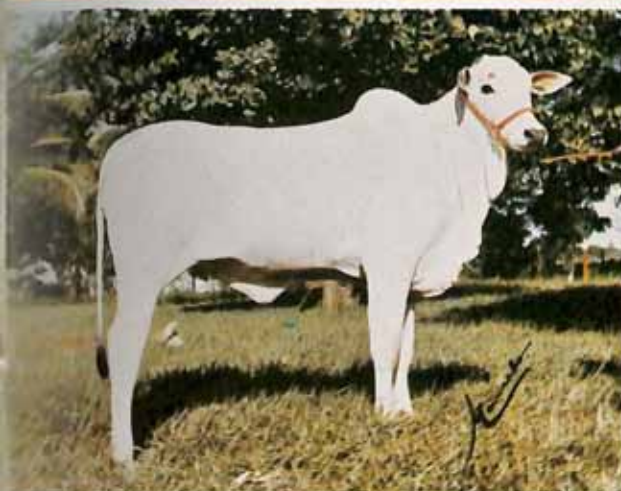


BRAGA DA RV

Uma neta de Chumak e Lalpur com pinta de campeã. Fêmea para qualquer pista no Brasil.

RV da RV

Joaquim Vicente Prata Cunha (Tetente)



CAPITAL DA PRIMAVERA

{ RHUBAYÁ POI DA ZEBULÂNDIA
OLADA DA PRIMAVERA



CANASTA DA PRIMAVERA

{ NARAMBU PO DA ZEBULÂNDIA
JULITA DA MATINHA

Todos nossos animais participantes deste Leilão são reservas de plantel

Dr. José Olavo Borges Mendes

FAZENDA PRIMAVERA — MUNICÍPIO DE CAARAPÓ - MS

ESCRITÓRIO CENTRAL — Rua Major Eustáquio n.º 6 — 7.º andar — Sala 705

Fone: (034) 332-5109 — UBERABA - MG

CHEGOU!

RIPERCOLL* FÓRMULA CUTÂNEA

BASTA APLICAR NO FIO DO LOMBO

SIMPLES, PRÁTICO, RÁPIDO E ECONÔMICO

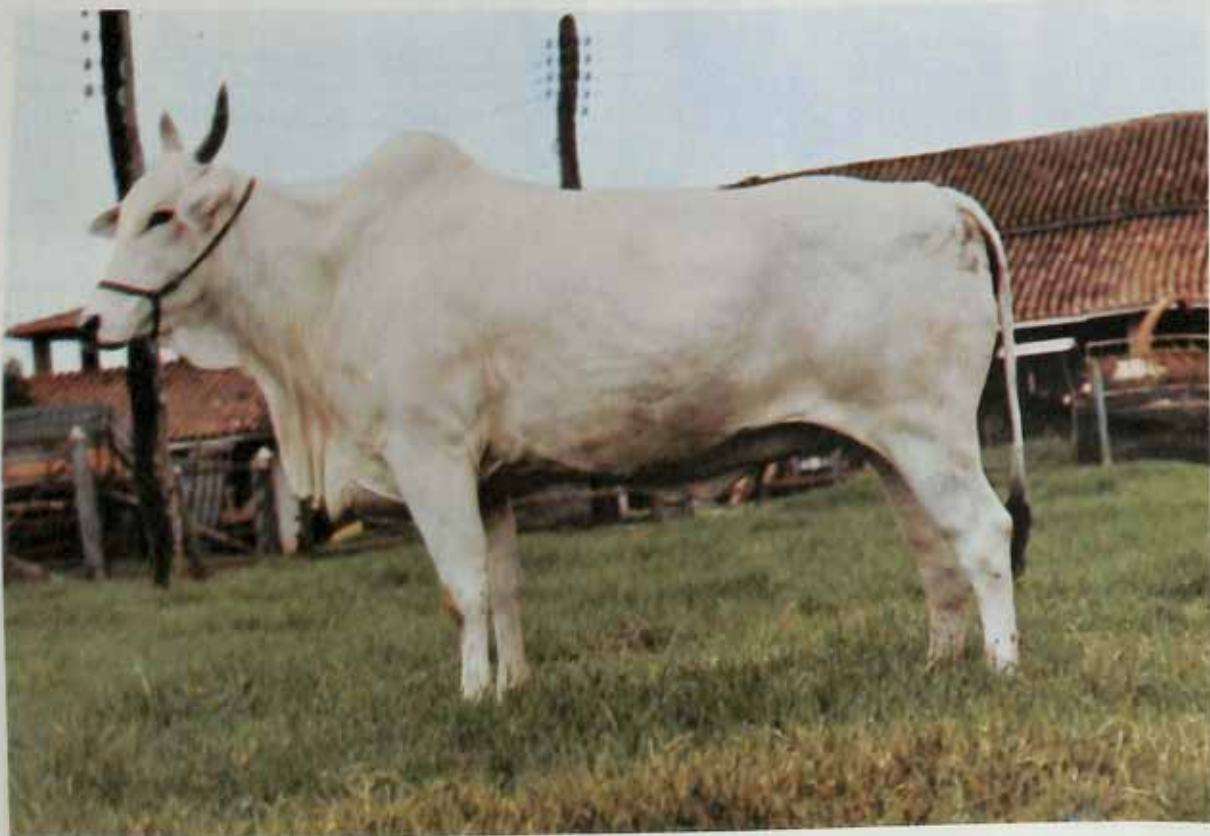
* MARCA REGISTRADA

CYANAMID
Divisão Agropecuária

Tecnologia melhorando a qualidade da vida

Excelente exemplar que estará no 16º Leilão V

**Torres Homem R. da Cunha,
convida-o e apresenta uma das filhas de KARVADI
10 fêmeas e 10 machos P.O.I.**



SARHY POI DA { KARVADI
ZEBULÂNDIA { ENNA { KARVADI
B.F. 7333 { MARA

Use sêmen de campeões - Central V

CHÁCARA ZEBULÂNDIA - FONE: 238943 - C.P. 163 - ARAÇATUBA/SP.

CHEGOU!

RIPERCOL* L FÓRMULA CUTÂNEA

BASTA APLICAR NO FIO DO LOMBO
SIMPLES, PRÁTICO, RÁPIDO E ECONÔMICO

GYANAMID
Divisão Agropecuária

Tecnologia melhorando a qualidade da vida

* MARCA REGISTRADA

Exemplar que estará no 16º Leilão VR

VR

José Carlos Prata Cunha

FAZENDAS: Fortaleza Plantel e Chácara Nakalu

Araçatuba - SP — Fone: (0186) 23-2165

JC



ROKNÄH

{ IUDAMMU
ARD

{ KARVADI
DEEYÄ (Irmã própria de Chumak)

No próximo dia 03/05/86, primeiro sábado de maio, no parque de Leilões VR, km 182 da BR 050 a 5 km de Uberaba, estaremos mais uma vez oferecendo a você o melhor em Nelore PO e POI.

Entregaremos, nesta data, aos nossos amigos o maior e o melhor parque para Leilões do Brasil.

Nesta festa não aceitamos sua ausência.

Faça logo sua reserva de mesa e de Hotel porque... a casa vai estar lotada.

Telefone para reserva: (034) 333-9256.

CHEGOU!

RIPERCOL* L FÓRMULA CUTÂNEA

BASTA APLICAR NO FIO DO LOMBO

SIMPLES, PRÁTICO, RÁPIDO E ECONÔMICO

CYANAMID
Divisão Agropecuária

Tecnologia melhorando a qualidade da vida

* MARCA REGISTRADA



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Ruy Calazans de Araújo

Vice-presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Sales
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Geraldo Diniz Junqueira
Manoel José de Alcântara
José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
José Carlos Guimarães Olive
Ruy Calazans de Araújo
Henrique de Souza Dias
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Alberto Paula Leite de Moraes
Fernando Euler Bueno
Rubens Franco de Mello
Arnaldo Carraro
Alberto Chapchap
Lélio Toledo Piza Almeida Filho
Vicente Martins Júnior
Antonio Tadeu Jallad

Edwin Benedito Montenegro
Geraldino Natal Madureira
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Acácio dos Santos
Gilberto Carlos Arruda Sampaio
Laila Veiga de Oliveira
Renato Napolitano
Franklin Rodrigues Siqueira
Arion Bueno de Oliveira

Suplentes

Roberto Felipe Cantusio
Honório Rodrigues da Cunha
James Galvão Bresciani
Antonio Coelho Guimarães
Radyr de Queiroz
João Luiz Freitas Brito
Carlos Ramos Stroppa
Vicente Paulo Miller Pericelli

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayne Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Luerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Pidélis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêas

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos

SÃO PAULO: Rua Inguaribe 634 — CEP 01224 — Tels. (011) 826-3053 — 800-3746 e 800-3747. Caixa Postal 9194. Av. José Cesar de Oliveira, 175 — CEP 05317 — Tels.: 831-7966 e 800-3531. Aberta até às 22 horas. SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP: Rua Gabriel Ferreira, 83 — Tels.: (0196) 23-4377 e 23-4224 — CEP 13870. RIO DE JANEIRO, RJ: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão — CEP 20931 — Tels. (021) 264-7150, 264-7255 e 800-2307. Os prefixos 800 são para ligações de interior para as capitais e sem despesas para o interessado.





Edifício ABC — Centro da Agropecuária — a futura sede social da ABC, à Av. José Cesar de Oliveira, 175, ao lado da loja existente. Construção já iniciada.

*A atual sede social da ABC,
a subsede no Rio de Janeiro, outras lojas
e a nova sede social em construção*



A loja à Av. José Cesar de Oliveira ao lado da qual está sendo construída a nova sede.



A sub-sede no Rio de Janeiro à rua Monsenhor Manoel Gomes, 3, São Christóvão.



Atual sede à rua Jaguaribe, 634



A loja em São João da Boa Vista, SP, à rua Gabriel Ferreira, 83.

ABC - 60 anos

As obras do Edifício ABC - Centro da Pecuária

Após o excelente resultado na venda das frações do Edifício ABC — Centro Agropecuário e o lançamento da pedra fundamental, a Associação Brasileira de Criadores, deu início a construção. Após instalar o canteiro de obras, a empresa Anson S/A., está colocando no terreno as paredes de diafragma com placas pré-moldadas de concreto armado de 5,95 m x 2,5 m x 0,22 m, pesando cerca de 8 toneladas. Esse moderno processo dispensou a execução de laje de subpressão, rebaixamento de lençol freático e impermeabilizações — obras caríssimas e problemáticas. Evitou-se, também, problemas com vizinhos. A conclusão desta parte da obra está prevista para o mês de maio. A empresa está utilizando, nos trabalhos, duas escavadeiras; uma para escavações de 2,5 metros de largura, por 0,40 metro de espessura e 9 metros de profundidade e a outra para a colocação das placas.



O canteiro de obras, vendo-se escavadeiras, caminhão para remoção de terra e pilhas de placas de concreto premoldadas. Em baixo, vê-se a construção das instalações da administração da obra, alojamentos e ao lado o edifício com 3.000 m² que abriga lojas, serviços técnicos e administrativos da ABC.

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna
Editor: Fernando Noboru Yassu.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Testini, Fidelis Alves Neto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara, Décio de Moraes Junior. Seção de Economia: Eng.º Agr.º Luiz Antonio Pinazza e Eng.º Agr.º Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Laercio Noronha, Jacqueline N. Bomfim e Beatriz Carvalho de Andrade Silva.

Fotografia: Francisco Sciacca.

Apesar de publicar na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceita autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque cruzado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade — Com direito a 1 AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da ABC: 7 ORTN. Números atrasados: ao preço da última edição em banca.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agropecuárias, Rua Caralbas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo — SP.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráficas e Fotolito Próprias: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo — SP.

Venda avulsa:

Exemplar avulso: Cr\$ 48.500

Via aérea para: MANAUS, BOA VISTA, PORTO VELHO, RIO BRANCO e SANTARÉM — Cr\$ 63.000.

Subscritores: Rio de Janeiro - RJ — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 (São Cristóvão) - CEP 20931 - Tels.: 021 264-7150 - 264-7155 e 800-2307 (Srta. Sonia Maria D. Paes Leme)

Belo Horizonte - MG — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Brasília, 310 - Carlos Prates - 30000 - Belo Horizonte - MG - Tel. 031 - 201-2899

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.



NOSSA CADA

Convite para a
"Noite dos Campeões"
a ser realizado em
1.º de Maio, em Uberaba.

SUMÁRIO

Março de 1986 — Ano LV — N.º 674

30

Conselho Técnico da ABC toma posse com decisões importantes

32

O problema das importações de carne

36

O ano será bom? Depende do Governo

42

Alimentação de bovinos na entressafra (parte II)

51

O Nelorista — um entusiasta da raça Nelore

56

O fazendeiro do mês — Sítio Sabiá, seleção de Holandês produção de leite B

109

RRZ — Fibra, um importante componente da forragem. Como a fibra está relacionada com a qualidade da forragem? — Nitrogênio não protéico e proteínas desviadas — Capim gramafante — Nova gramínea para as pastagens do Brasil — Dr. Ernesto Ranali, um grande lutador contra as plasmoses dos bovinos importados

134

Considerações sobre a velhice e morte dos animais

137

Mantenha o solo de sua propriedade sempre fértil com o auxílio da minhoca

165

Plantel sob controle — Fazenda São José quer formar todo o

plantel já com produtos de transferência de embriões

169

Controle Leiteiro — No controle de novembro destaque para as raças Jersey e Gir

SEÇÕES

- 10 .. Ponto de Vista
- 13 .. Negócios Rurais
- 23 Pela ABC
- 38 RC-ABC-RIO
- 60 Mecanização
- 64 Crônica
- 95 Mangalar...gando brasa
- 125 .. Equideocultura
- 130 .. Pardo Sulca — Controle e Desenvolvimento Ponderal
- 132 Associação Marchigiana — Editorial e divulgação técnica
- 136 ... Das Empresas
- 138 Leilões e Exposições
- 140 Registro
- 142 Serviço
- 144 Gente

Plano de estabilização merece a confiança do setor agrícola

O plano de Estabilização Econômica, anunciado pelo governo em 27 de fevereiro, provocou tamanho impacto, que acabou por colocar em segundo plano as crescentes preocupações a respeito da aceleração inflacionária. A sociedade brasileira aceitou o pacote com um grau de civismo e patriotismo, que há muito tempo não se via. Houve uma consciência geral, tanto por parte do governo como do povo, no sentido de implementar rigorosamente as novas medidas, a ponto de mostrar às outras nações que o Brasil atual, da nova República, não é mais aquele, sem seriedade, como asseverou o General De Gaulle.

Na verdade, como que num toque de magia, parece que a economia passou a operar sob um outro mundo conjuntural. A credibilidade pública foi outra, ao contrário dos vários pacotes oficiais proclamados anteriormente com muito espalhamento, que, no caso específico da agricultura, significavam tão somente cortes nos recursos do crédito rural, aumento do Imposto de Circulação de Mercadorias, fixação de preços mínimos não remuneratórios, confiscos cambiais etc. Foi justamente por causa de tais medidas que o setor agrícola sofreu, nestes anos oitenta, um duro golpe em sua renda, mormente na produção de gêneros alimentícios de consumo interno.

As dúvidas que, evidentemente, pairam nesta fase de transição, possuem a virtude de aparecerem diante de um quadro social que faz renascer as esperanças de superação das dificuldades maiores. Os fundamentos da nova política econômica, bem como a proposta política da Nova República, estão aí para serem abertamente contestados e discutidos. Porém, um ponto deve ser consensual, qual seja o de que a economia brasileira carecia de rede-

finição e orientação, sob o risco de ver o país enfrentar uma fase de desorganização econômica, com inevitáveis reflexos sócio-políticos.

No tocante a durabilidade do congelamento dos preços, as autoridades governamentais têm insistido na intenção de não mantê-lo por um período muito longo. A estratégia é trazer a inflação a zero ou próximo disso durante alguns meses, para depois permitir uma salutar variação nos preços relativos.

Dessa maneira, vê-se que o Plano deverá ser flexível no médio prazo, não trazendo no seu bojo o erro de desconsiderar a natural formação dos preços, de acordo com a lei de oferta e demanda. Num primeiro instante, uma estagnação nos níveis de negócios pode ser tratada como normal, uma vez que os agentes econômicos estão aguardando a definição do rumo dos eventos.

Para os cereais e as oleaginosas da safra de verão não se esperam grandes dificuldades, mesmo porque as cotações fixadas para o varejo foram tomadas em altas, no pico de entressafra, oferecendo margem de lucro ao segmento atacadista. Aqui, cumpre destacar que os preços dos alimentos vinham contribuindo fortemente para o aumento da inflação. No Índice Nacional de Preços ao Consumidor, de janeiro, que apresentou um crescimento sobre dezembro de 16,23%, a alimentação subiu, por si só, 17,22%, sendo superada somente pelo item transportes (22,91%). A influência dos alimentos sobre o IPCA de fevereiro e dos meses seguintes deveria continuar, ainda que a um nível menor do registrado entre agosto/85 a janeiro/86.

O choque dos preços agrícolas surgiram com maior intensidade principalmente em épocas de reper-

cussões inflacionárias agudas. Foi assim na recessão registrada no início da década 80, quando a inflação saltou de 100% para 200%. E agora, bem recentemente, em fevereiro, quando os preços dos produtos no atacado acusavam um aumento considerável. Nos últimos doze meses, o feijão tinha subido 280%, o arroz 201%, o milho 289% e a batata 519%.

Sem excludências, há muitas explicações para tais acontecimentos. De um lado, houve a partir de meados dos anos setenta a prioridade para produzir maior quantidade de bens exportáveis e energéticos. De outro, a safra de grãos do país, mesmo nos anos de produção farta, não apresentou um crescimento condizente com as políticas de ampliação da fronteira agrícola. Por fim, o inegável efeito das variações climáticas, que geram expectativas de maiores cotações para produtos escassos.

Primeiramente, cabe assinalar que não há razão para concentrar no Centro-Sul a maior parcela da produção agrícola do país. Tratando-se de uma nação de regiões climáticas adversas, as diferenças poderiam ser contornadas, de modo que os plantios sofressem um processo de racionalização, permitindo colheitas complementares.

Em segundo lugar, pouco significa a safra caso não seja transportada para os centros consumidores e estocada para utilização de seus excedentes nos períodos de escassez. Todavia, não é suficiente que existam estradas, meios de transporte, armazéns e solos. É fundamental a presença de um sistema de coordenação que permita a integração desses serviços, até porque o governo precisa saber quanto lhe custa a aquisição, o transporte e a estocagem, para poder calcular em que momento se tornará prioritário

transformar tais reservas em divisas.

Não obstante seja lamentável que um país de área cultivável tão extensa tenha de adquirir em outras nações parte dos alimentos de que necessita, é preciso reconhecer que hoje não há alternativa para atender às necessidades alimentares de população. Neste sentido, o Plano de Estabilização vem a calhar, para interromper a alta de preços que ocorre nesse setor. Do mesmo modo, propicia ambiente para o crescimento da agropecuária, ainda mais se vier adotar políticas complementares no crédito rural e nos preços mínimos.

A agricultura nacional sempre levou a pior dentro do nível de indexação existente na economia. Isso porque ela constitui um setor altamente competitivo, com grande número de produtores de bens simi-

lares, de característica sazonal, sem dispor de condições de garantia de preços e venda. O fim da correção monetária representa a eliminação de um grave fator de incerteza. Doravante, poder-se-á planejar em horizonte menos nebuloso, com preços mais estáveis. Os custos e a margem de lucratividade tornam-se possíveis dentro de cálculos simples.

Uma preocupação, que ora emerge com grande dose de gravidade diz respeito ao comprometimento futuro da exploração leiteira, dentro dos parâmetros congelados de preços de vendas e custos de produção mais altos. O preço do leite ao produtor foi congelado, mas o valor da mão de obra foi reajustado. A atividade que está estagnada em 10,0 bilhões de litros anuais, há mais de dez anos, poderá não resistir. O governo deverá dar uma forma de compensação, de imediato, uma vez que o preço do produto esta-

* * *

Embora firmes na disposição de oferecer uma contribuição irrestrita para que o plano de estabilização econômica traga os resultados desejados, a Associação Brasileira de Criadores e a Revista dos Criadores alertam, no entanto, o governo sobre a situação dramática da pecuária leiteira, cujo preço foi congelado à véspera de um reajuste de 40%, e abaixo do custo de produção. Os criadores pediam 70%, o governo parece que ia dar 40%. Esse reajuste, abortado na véspera do aumento pelo plano de estabilização econômica, daria uma força ao setor, que vem sendo penalizado desde 1981. Ao contrário de outros produtos primários, cujos preços têm oscilado conforme o mercado, o leite é tabelado. O leite sempre teve um preço político — até mesmo demagógico, na medida que há muito deixou de ser um alimento da população carente. Assim, é injusto que o produtor, sobretudo o pequeno, que compõe o grande universo do setor, continue subsidiando o consumidor das classes médias e altas — as que realmente consomem o leite.

Há um consenso entre os próprios produtores da inoportunidade de se abrir exceção no congelamento de

preços, a curto prazo, sob o risco de colocar a pique o programa de estabilidade econômica. Porém, há consenso, também, que a pecuária leiteira não tem gás suficiente para atravessar um ano de congelamento. E, sem fôlego, pode simplesmente desaparecer. Assim, é necessário que o Governo lance uma luz sobre o setor e encontre meios de conciliar o plano de estabilidade econômica com a preservação da atividade — tão essencial ao país. Sem estímulo não é só o leite que se deixa de produzir — perde-se, sobretudo, um rico material genético acumulado após anos e anos de trabalho. Uma das saídas, bastante viáveis, é a concessão de subsídios ao consumo de leite especial — garantindo a remuneração do produtor rural e deixando intacto o preço final.

É necessário que o setor junte forças e negocie com o Governo uma saída — antes que a pecuária leiteira desapareça. E a solução terá que vir com máxima urgência — antes do início do período de entressafra, normalmente, marcada por redução da produção. Sem estímulo, a produção leiteira já é declinante em plena safra — e ninguém duvida que, a persistir a decisão atual, o Brasil terá importar o leite, que

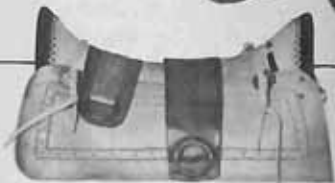
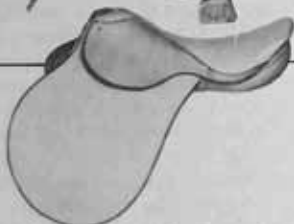
va defasado em 40 a 50%, quando ocorreu o tabelamento. Ademais, existe a dificuldade em controlar as cotações dos insumos, que abrangem cerca de 400 itens e representam 40% do custo de produção.

Por último, nada mais justo, em que pese as dificuldades conjunturais da agricultura no contexto econômico brasileiro, lançar um voto de crédito ao governo, pela coragem e determinação com que fez implementar as medidas do Plano de Estabilização Econômica. Cabe lembrar, contudo, que a execução das medidas apenas foi possível com aumento de reservas oriundas dos superávites comerciais dos últimos anos, onde os gêneros do setor primário representou quase 50% do total das vendas externas. Daí, a agricultura fazer por merecer um amplo apoio, com uma política de médio prazo de fomento da produção e sustentação da renda dos produtores.

além de provocar um dispêndio de dólares, estará importando um produto subsidiado.

Esperamos que o Governo se sensibilize com esta situação e procure ouvir os produtores. Por essa razão, a Associação Brasileira de Criadores realizou completo estudo para uma nova Política Nacional de Produção Leiteira. É uma proposta arrojada e consistente, densa em informações e subsídios. Essa proposta foi encaminhada aos Ministérios da Agricultura, Planejamento e da Fazenda e distribuída a Federações de Agricultura dos Estados, Associações de Registro Genealógico, Secretarias da Agricultura, Escolas de Agronomia, Agências de publicidade, Federação das Indústrias, Associação Comercial, Rotary Clube, Lions Clube, Cooperativas, órgãos de assistência técnica e extensão rural e imprensa. É uma proposta abrangente — não se restringe à produção: avança sobre melhoramento genético, reprodução, sanidade, manejo, alimentação — fatores essenciais no aumento da produtividade leiteira. Este trabalho está sendo publicado em partes em nossa Revista, podendo, entretanto, os interessados solicitarem separatas do mesmo, que serão remetidas sem ônus.

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033 - CEP 01224 - Av. José Cesar de Oliveira, 175 (CEAGESP) - fone: 831-7966 - Aberto até às 22 horas - CEP 05317 - S. J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3746 - CEP 13870 - SP - Rio de Janeiro: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377 - CEP 20931.

NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

ANO I - N.º 10 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — MARÇO — 1986

MOMENTO AGROPECUÁRIO

A redenção da agricultura deve começar agora

Não obstante ser recomendável aguardar um certo prazo de vigência do Plano de Estabilização Econômica para se analisar de forma mais cabal a sua repercussão sobre o setor agrícola, a título de exercício, MOMENTO AGROPECUÁRIO irá fazê-lo a seguir. De momento, constata-se que as medidas que compõem o pacote foram bem recebidas tanto pelos produtores e cooperativas, bem como pelas indústrias fornecedoras de insumos (sementes, fertilizantes, defensivos etc.) e demais fatores de produção (tratores, implementos, colheitadeiras etc.).

Para recheiar a presente avaliação, cumpre assinalar que a agricultura vem percorrendo um dramático caminho de descapitalização, como fruto da política econômica restritiva destes anos oitenta, para debelar uma persistente e sempre ascendente inflação. A política monetária restritiva trouxe duas consequências: a primeira, relativa aos cortes reais nos recursos alocados no crédito rural, que caíram mais de 50% nos últimos anos; a segunda, pela perda total dos subsídios, que culminou num aumento substancial dos encargos financeiros, corresponden-

te a uma insustentável variação plena da correção monetária somada com 3% ao ano. Por seu turno, a política fiscal também foi implacável com o setor, com o Imposto de Circulação de Mercadorias atingindo em importantes estados produtores com uma alíquota de 17%, inclusive em gêneros de primeira necessidade. Outros tributos, tais como o FUNRURAL (2,5%), PIS (0,75%) e FINSOCIAL (0,5%) mantiveram-se inalterados. Tudo isso sem contar com o confisco cambial do café e os contingenciamentos na exportação da soja.

Dentro de tal contexto, assistiu-se um aumento significativo do peso financeiro na planilha dos custos de produção da agropecuária. À guisa de demonstração, basta traçar uma comparação dos custos da safra 1980/81 com a de 1985/86, tomando como fonte de consulta os coeficientes técnicos e valores mostrados no Prognóstico Anual do Instituto de Economia Agrícola de Secretaria de Agricultura de São Paulo. Os números registram para as principais lavouras que fazem parte da safra de verão nacional (algodão, amendoim, arroz, feijão, milho e

soja), uma evolução de 10% para até 50% da participação dos encargos nos custos de produção.

O produtor foi lançado numa posição de extremo aperto, tendo que procurar qualquer saída a fim de reduzir o seu custo financeiro. A alternativa que rotineiramente era buscada conflitava diretamente com as recomendações técnicas, pois havia uma economia no uso dos insumos e no zelo dos tratores, com prejuízos na produtividade. Simultaneamente, também com o objetivo de diminuir os gastos com as correções monetárias mensais, que iniciavam tão logo o crédito era liberado, o agricultor passou a comprar da "mão para boca". Ou seja, retardava as aquisições dos insumos até o limite máximo possível, tendo de, em contrapartida, aplicá-los atropeladamente, face ao exíguo espaço de tempo existente.

Outra questão diz respeito ao período posterior à colheita, em que ocorre o grosso da comercialização da produção, quando as cotações tradicionalmente afrouxam ou o governo não dispõe de agilidade para absorver em tempo hábil as mercadorias e nível de preços mínimos.

Os produtores eram justamente obrigados a se desfazer de suas colheitas nesta fase, para atender os compromissos a vencer, sem contar com preços corrigidos pela correção monetária. Em seguida, as altas nas cotações, que provocavam o chamado choque dos gêneros agrícolas na inflação, ocorriam sempre quando o produto não mais estava nas mãos dos agricultores, mas sim dos intermediários.

Considerando a exposição feita até aqui, chegar-se-á facilmente à conclusão de que o Plano de Estabilidade Econômica refletirá favoravelmente para a agricultura. Haverá condições para planejar a atividade com certa garantia, antecipando com maior probabilidade o resultado econômico da exploração. Os riscos passarão a ser aqueles inerentes à atividade, relacionados a contratempos climáticos e ataques de pragas e doenças. A possibilidade de visualizar um horizonte maior, trará de volta os investimentos rurais, praticamente interrompidos nesta década.

Não se pode descartar, contudo, que a conquista de ganhos de produção por parte da agricultura de modo a superar o patamar de 50 milhões de toneladas de cereais e oleaginosas, estabilizados desde os anos setenta, em que pese o crescimento demográfico ocorrido posteriormente, virá somente através de medidas complementares. Ter-se-á de buscar um tratamento plurianual dentro dos mesmos objetivos do "Farm Bill" norte-americano, ou seja, com o governo dotando em seu orçamento recursos para sustentação da renda agrícola, via programas de crédito, preços mínimos e seguros.

Quanto aos preços mínimos, a política oficial a médio prazo deve ser de fixá-los em níveis que estimulem a produção, principalmente nos gêneros de consumo interno. O governo deve defini-los dentro de parâmetros que favoreçam o desenvolvimento de uma agricultura profissionalizada, com determinados índices de produtividade e custo de produção compatíveis. No caso específico dos bens exportáveis, o ideal é mantê-los alinhados com a paridade internacional.

Já o crédito rural deverá atender

preliminarmente alguns pontos cruciais. De um lado, é preciso uma oferta adequada de recursos para dar ao produtor nacional, no momento em estágio de baixa auto-suficiência financeira, o giro necessário para investir e aumentar a área plantada, e conseqüentemente a produção. De outro, no tocante a taxa de juros, que terá de ficar abaixo da de mercado, para não se correr o risco de sufocar a atividade. Deve ficar bem claro que a redução do ônus financeiro do agricultor propiciará maior competitividade ao produto nacional, que não esbarará em falta de paridade internacional, mesmo na conjuntura vigente em que as cotações mundiais estão deprimidas. Trata-se de um ponto importante, haja visto que o Brasil terá agora de continuar mantendo o superávit comercial, inclusive para alicerçar o Plano de Estabilização Econômica, que necessita de acúmulo de reservas cambiais. Afinal, o país retira 50% da receita com as exportações de gêneros agrícolas, mesmo sendo uma economia

fortemente industrializada, que é a oitava do mundo capitalista.

Os preços mínimos definitivos para a safra 1985/86

A Companhia de Financiamento da Produção divulgou os preços mínimos definitivos de 23 produtos agrícolas (Tabela 1), que serão válidos para a atual safra das regiões Centro-Sul e Norte-Nordeste. Os valores foram obtidos conforme solução encontrada pelo Conselho Interministerial de Preços, de acordo com a fórmula "pro rata tempore". Ou seja, tomou-se a correção monetária de fevereiro, de 14,36%, e posteriormente considerou-se o período correspondente de 27 dias, de um mês comercial de 30. Ficaram cancelados as correções dos dias 27 e 28, pois o governo já havia eliminado a correção monetária por decreto-lei.

A preocupação maior está centrada no fato de que se o preço de mercado estiver muito próximo do mínimo congelado, o governo terá

Tabela 1 — Preços Mínimos

Região/produto	Unidade de peso	Início de operação	Preço mínimo (Cz\$/Unid)
CENTRO-SUL (Safra 1985/86)			
Algodão em caroço	15 kg	01.02.86	71,85
Alho nobre (mela cura)	1 kg	01.11.85	6,15
Amendoim (água)	25 kg	01.12.85	73,50
Arroz sequeiro	60 kg	01.02.86	133,80
Arroz irrigado	50 kg	01.02.86	130,00
Aveia	1 kg	01.11.85	1,16
Centeio	1 kg	01.10.85	1,00
Cevada cervejeira	1 kg	01.11.85	2,05
Feijão (água)	60 kg	01.11.85	292,20
Girassol	40 kg	01.12.85	58,40
Mamona em bagas	60 kg	01.04.86	150,00
Mandioca (raiz)	1 t	01.02.86	345,56
Milho	60 kg	01.02.86	79,20
Rami	1 kg	01.09.85	5,59
Seda (casulo)	1 kg	01.09.85	20,55
Batata-Semente	30 kg	01.11.85	72,90
Soja	60 kg	01.02.86	125,40
Sorgo	60 kg	01.02.86	67,20
Trigo mourisco	1 kg	01.12.85	1,19
NORTE/NORDESTE (Safra 1985/86)			
Cera de Carnaúba	1 kg	01.08.85	7,89
Juta/Malva	1 kg	01.03.86	5,10
Sisal	1 kg	01.08.85	2,54
Semente de Juta	1 kg	01.04.86	8,50

de arcar com um volume maior de recursos para financiar a aquisição da próxima safra.

As estimativas são de um montante de Cz\$ 30 bilhões nos gastos com empréstimos do governo federal (EGF) e mais Cz\$ 17,5 bilhões com aquisição do governo federal (AGF).

Entretanto, convém destacar que muitos produtores poderão ter interesse na realização de operações de EGF, pois pagariam juros de 3% ao ano e teriam um prazo de 6 meses para vender a produção. Caso persista os atuais critérios de política agrícola, na hipótese de não encontrar preço compensador, eles poderiam vender ao governo, através de AGF, pelo preço mínimo.

Valores Básicos de Custeio dos cereais de inverno

Em relação aos números que foram calculados com inflação futura embutida para a safra de inverno, os novos Valores Básicos de Custeio (VBC) para o trigo, cevada, centeio e aveia, recalculados em cruzados e com correção monetária até fevereiro, tiveram uma redução média de 25% (Tabela 2).

Os levantamentos dos custos das lavouras de inverno foram efetuadas com base nos preços dos insumos registrados em outubro. O valor obtido foi reajustado mensalmente, bem como projetada uma inflação futura para os períodos de liberação das parcelas do custeio agrícola, isso porque os mutuários recebiam o dinheiro corroido numa média de 25%, em face da inflação.

O dinheiro será liberado pelos bancos em três etapas: no plantio (março e abril), na aplicação dos defensivos agrícolas e capinas e na colheita. O trigo sofreu uma alteração nos critérios de concessão do crédito de custeio. Agora receberá maior valor o produtor que comprometer-se com o uso de tecnologia avançada. O trigo irrigado receberá Cz\$ 4.319,95; o trigo de sequeiro Cz\$ 3.309,06, para utilizar tecnologia recomendada pelos técnicos do governo e os pequenos agricultores, que produzem de forma artesanal, Cz\$ 2.394,72. Para os demais produtores, o crédito de custeio será concedido pelo critério de produtividade por hectare.

Tabela 2 — Valores Básicos de Custeio
Culturas de inverno — safra 1986

Aveia		Centeio		Cevada	
kg/ha	Cz\$/ha	kg/ha	Cz\$/ha	kg/ha	Cz\$/ha
até 1.000	1.092,15	até 1.200	1.356,15	até 1.200	1.866,75
1.101 a 1.400	1.584,26	1.201 a 1.600	1.680,53	1.201 a 1.600	2.235,73
1.401 a 1.800	1.957,72	Acima 1.600	1.952,27	1.601 a 2.000	3.004,17
Acima 1.800	2.233,07			Acima 2.000	3.305,43

TRIGO

Nível	Valor Básico de Custeio	Limite de Adiantamento	Recurso Próprio Necessário
Sequeiro			
1	2.394,72	100%	—
2	3.309,06	80%	20%
3	3.309,06	100%	—
Irrigado			
4	4.319,95	80%	20%
5	4.319,95	100%	—

MERCADO DE PRODUTO

Nota explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** de negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (março-86) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas.

Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba do boi gordo em mar. 85 foi de Cz\$ 52,38; o **preço real**, a valores de mar. 86, será de Cz\$ 169,98, ou seja Cz\$ 52,38 x 3,245, pois a inflação no período de mar. 85-mar. 86 chegou a 224,5%.

No mês presente (março), que é a base da série real, o **preço real**, como era de se esperar, é igual ao **preço corrente**, tal como registram os gráficos.

BOVINOS DE CORTE

As exportações de carne bovina cresceram em 1985.

O Brasil exportou em 1985 o total de 536,7 mil toneladas de carne bovina (equivalente-carcaça), com uma expansão de 2,1% sobre o volume embarcado em 1984 (525,6 mil t). As vendas de carne bovina "in natura" aumentaram 22,2%, para 211,0 mil t, enquanto a exportação do produto industrializado mostrou um recuo de 7,7%, tendo alcançado 325,7 mil toneladas, cerca de 61% dos embarques totais. O preço médio da tonelada exportada em 1985 ainda apresentou ligeira queda em 1986 (1,2%), tendo sido de US\$ 979. Essa queda deveu-se sobretudo às dificuldades enfrentadas pelos exportadores de carnes industrializadas, que foram forçados a trabalhar com um preço médio 7,4% menor, apesar da diminuição do volume negociado com o exterior.

Os preços reais do boi gordo no estado de São Paulo, após o movimento fortemente altista iniciado em julho do ano passado e que elevou a cotação da arroba para mais de Cr\$ 300 mil (a valores de fev. 86) em novembro, iniciaram um movimento de baixa nos meses seguintes, por força da estabilização nominal dos preços de mercado. No final de 1985 e início de 1986, verificou-se a matança forçada de animais devido à continuidade da estiagem nos campos de produção, matança essa que propiciou a referida estabilização de preços.

Com a regularização do regime de chuvas em fevereiro, os pecuaristas reduziram momentaneamente a oferta, diante da perspectiva de maiores ganhos de peso dos animais a partir da maior produção dos pastos. Essa retração de oferta foi particularmente notada no Rio Grande do Sul, estado que sentiu em maior escala os efeitos da estiagem. Os frigoríficos do estado experimentaram, em algumas regiões, uma diminuição de abates em fevereiro de até 80% em relação aos elevados abates de dezembro do ano passado.

A análise da variação dos preços da pecuária no período jan. 85-jan.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE BOI GORDO



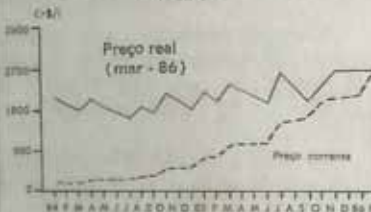
86 mostra uma distorção dos preços relativos. Devido à seca, os pecuaristas não puderam recompor o rebanho, o que "represou" os preços de animais mais jovens. Com efeito, enquanto os preços do boi gordo subiram 282% no período considerado, os preços médios de bois magros e bezerras cresceram 37% e 176%, respectivamente, contrariando a tendência clássica de um período de alta, quando normalmente o preço do boi gordo sobe menos que os demais.

LEITE

Preço do produto está muito defasado

Com as condições climáticas praticamente normalizadas, as pastagens apresentam sensível melhorias, permitindo que a produção leiteira comece voltar aos seus níveis normais. Produtores e usineiros aguardavam a reunião do Conselho Interministerial de Preços (CIP) a ser realizada em 25/fev., na qual deveria ser decidido novo aumento de preço para o leite especial. As reivindicações dos produtores eram para um aumento próximo a 70%, a julgar pelas planilhas de custos apresentadas. No entanto, mais uma vez, o setor leiteiro, que nos últimos anos tem permanecido na atividade em condições bastante adversas, foi

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE B



SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE ESPECIAL



frustrado. O CIP acabou cancelando a reunião e dado o congelamento dos preços a partir de 28 de fevereiro, não há uma perspectiva muito definida de correção de preços.

Com isso, o preço recebido pelo produtor de leite especial ficou congelado em Cr\$ 1,78 o litro e de leite tipo B em Cr\$ 3,21 o litro. A defasagem entre o custo de produção e o preço recebido pelo produtor poderá trazer como principal consequência a redução da oferta de leite.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE LEITE INDUSTRIAL



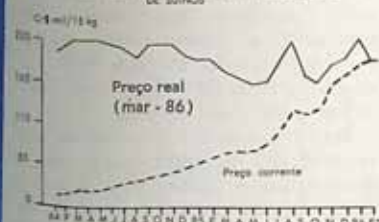
E tem sido essa a solução prevista pelos produtores para sensibilizar uma atitude mais realista por parte do governo. As importações de leite em pó ainda não foram contratadas. Espera-se para as próximas semanas maiores definições para o setor, permanecendo a pressão dos produtores e da própria sociedade sobre o governo.

SUÍNOS

Produção deverá crescer: rebanho maior.

Os resultados econômicos favoráveis à suinocultura nos últimos dois anos estão se refletindo em aumentos de oferta de animais neste início do ano, quando comparado com o mesmo período dos anos anteriores.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SUÍNOS



SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE FRANGO



SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE ALGODÃO



Muito embora alguns produtores com dificuldades na aquisição ou com estoques baixos de milho tivessem pressionando a venda de suínos antes do apronte para o abate, o aumento de oferta na região Sul é atribuído principalmente à expansão numérica do rebanho.

A maior oferta de suínos, combinada com o declínio dos preços do frango e a estabilização dos preços do boi, num quadro de queda sazonal do consumo, fato normal para o período, concorreram para a estabilidade de preços, a nível de suinocultor e recuos nas cotações dos principais cortes. A cotação do suíno, a nível de produtor do estado de São Paulo girava em torno de Cz\$ 180-190 a arroba. Tendo em vista as majorações registradas nos preços dos principais insumos formadores do custo final de produção, a lucratividade do produto mostrava-se comprometida.

As grandes indústrias apresentam-se com razoáveis estoques e dado o congelamento dos preços, o momento é de ajustamento, de maneira que, alguns frigoríficos no Rio Grande do Sul, suspenderam suas compras, aguardando definição no mercado.

AVES

Dificuldades de exportação em 1986.

O grande alojamento de pintos de corte em nov. e dez. de 1985, provocou um desajuste entre oferta e demanda de carne de frango nos dois primeiros meses deste ano, período de fraca demanda de carne, o que baixou os preços do frango vivo de Cz\$ 7,80/kg para até Cz\$ 7,00/kg. Após o período de carnaval, com a recomposição dos estoques dos distribuidores, o preço do frango

voltou apresentar reação, sendo cotado pela Associação Paulista de Avicultura (APA) em Cz\$ 8,30/kg. No início de março, os negócios centraram-se em Cz\$ 7,80/kg.

De acordo com a Associação dos Produtores de Pinto de Corte (Apinco) o alojamento de pintos em janeiro totalizou 100,9 milhões de unidades, nível recorde para o período, superando em muito a demanda estimada de 93 milhões de unidades. Com isso, a produção de carne em março está projetada em 130,9 mil t, volume considerado elevado e que fatalmente constituirá em fator de pressão sobre os preços.

A queda dos preços do petróleo prejudicará as exportações de frangos em 1986, pois mais da metade delas são destinadas ao Iraque, Arábia Saudita e Egito. Contudo, o Brasil tem procurado diversificar o mercado e há ainda uma tendência de crescimento nas vendas internacionais de frango em partes, que alcançaram, em 1985, 36,3 mil t e um preço médio de US\$ 1.270/t, enquanto o inteiro esteve cotado a menos de mil dólares a tonelada (US\$ 813/t).

Os dados finais de 1985 mostram que as exportações brasileiras de carne de frango totalizaram 273,0 mil toneladas, perfazendo uma receita cambial de 238,6 milhões de dólares, com uma queda de 5,0% e 11,3%, respectivamente, em comparação ao desempenho do setor exportador em 1984.

ALGODÃO

Preços externos estão abaixo dos praticados internamente

Pelo levantamento da Comissão de Financiamento da Produção (CFP), a produção nacional de algo-

dão em pluma deverá totalizar 588 mil toneladas, sendo 408 mil toneladas correspondentes a produção da região Centro-Sul e 180 mil toneladas, geradas na região Norte-Nordeste. Este volume adicionado ao estoque remanescente da safra passada (329 mil toneladas), perfaz uma oferta total de 917 mil toneladas na safra 1985/86. Trata-se de uma quantidade suficiente para atender a demanda do produto, estimada em 635 mil toneladas para este ano. Em vista disto e da proximidade da colheita, o governo decidiu suspender a realização de leilões do produto, a fim de não deprimir os preços internos em plena safra. Esta medida não deverá provocar problemas de suprimento, pois o setor industrial encontra-se bem abastecido, podendo aguardar com relativa tranquilidade a entrada de produto novo no mercado.

Acontece, porém, que existem muitas dúvidas com relação a qualidade do algodão a ser colhido nesta safra, devido à seca que castigou as principais regiões produtoras, o que poderá levar muitas indústrias a optarem por importações sob o regime de "draw-back". Estas, aliás, mostram-se compensadoras, pois os preços externos estão cerca de 25% abaixo dos preços praticados internamente, de Cz\$ 100 a arroba do algodão em caroço dos tipos mais finos. Por ora, entretanto, o setor industrial aguarda o desenrolar da colheita, para uma avaliação real das necessidades de importação de produto de melhor qualidade. Enquanto isto, na outra ponta do comércio, maquinistas e beneficiadores encontram dificuldade em estabelecer os preços de abertura da produção em caroço, após a suspensão dos leilões governamentais, já que estes vinham se constituindo no principal parâmetro de mercado. En-

tretanto, fontes ligadas ao setor, acreditam que dificilmente os preços romperão a barreira dos Cz\$ 100 a arroba, que superam amplamente o preço mínimo (Cz\$ 71,85).

AMENDOIM

Chuva durante a colheita poderá provocar aparecimento de aflatoxina

A nível da Bolsa de Cereais de São Paulo, neste ano, as cotações do amendoim continuam sem balizar um valor médio, com o mercado nominal refletindo a falta do produto para comercialização. Esta situação deve-se a alguns fatores dentre os quais destacam-se: a) quebra na produção paulista de cerca de 32%, totalizando apenas 154 mil t, provocando um rebaixamento acentuado na produção nacional, inicialmente prevista em 235 mil toneladas; b) retardamento do plantio nas principais regiões produtoras devido a seca, que esticou o período do "pico" de colheita de janeiro para fevereiro e março; c) retenção do produto nas zonas produtoras e também por atacadistas, no aguardo de uma evolução ainda mais favorável nos preços e d) retardamento da colheita paulista do produto devido a chuvas intensas nas áreas produtoras.

Entretanto, a persistência altista das cotações, considerada praticamente certa até o final de fevereiro, corre a partir de agora o risco de não se concretizar, devido à queda dos preços internacionais do óleo de amendoim, atualmente em torno de US\$ 530 a tonelada. Isso representa uma perda de cerca de US\$ 133/t em relação as cotações vigentes há um mês atrás e de aproximadamente US\$ 300/t em relação a de 6 meses atrás. Ocorre que o óleo de amendoim enfrenta forte concorrência

dos óleos de palma e gergelim no mercado mundial, que se encontra bastante ofertado. Além disto, as chuvas que estão ocorrendo poderão prejudicar a qualidade do produto, dificultando a colocação do grão no mercado externo devido ao excesso de umidade. Nestas circunstâncias, é altamente recomendável a secagem do amendoim, a fim de evitar o aparecimento da aflatoxina. Por ora, os negócios realizados com o amendoim tipo exportação situam-se em torno de Cz\$ 73-75 a saca, enquanto que o produto destinado à moagem industrial alcança preços próximos a Cz\$ 51,00-51,50/saca. Entretanto, devido a difícil conjuntura internacional, estes patamares de preços poderão sofrer recuos, o que poderá tornar o governo o principal comprador do produto nesta safra.

ARROZ

Safra do Maranhão reduz déficit interno

Até meados de dezembro, o mercado orizícola seguia com bastante firmeza, apresentando, inclusive, leve tendência de altas nas cotações. Isso decorria em função da baixa disponibilidade interna do produto, diante da longa estiagem que atingiu as principais regiões produtoras. Para dar um incremento na oferta, o governo optou em realizar importações do produto, convocando para a tarefa também a iniciativa privada. O atraso na internalização do produto, devido às dificuldades no fechamento de negócios, fretamento de navios, transporte e embarque, permitiu que os preços escalassem novos pontos de elevação. Houve, então, a necessidade de desovar estoques oficiais de arroz beneficiado, via COBAL, aos supermercados, a

um valor de Cz\$ 5,20 o quilo, em janeiro. A partir dessa medida, passou a minar uma calmia, com o segmento atacadista operando sob as estimativas da colheita, sem preocupar com o seu atraso.

Neste contexto, detectou-se uma reversão no mercado, que passou de comprador a vendedor, com a saca do arroz em casca dos estados Centrais sendo negociado a Cz\$ 140-150, e o agulhinha do Sul, a Cz\$ 160. Quanto ao arroz beneficiado, os preços giram em torno de Cz\$ 320-340 a saca, para o produto dos estados Centrais, enquanto o agulhinha alcança Cz\$ 370-380. As perspectivas, daqui para frente, são de que o mercado terá uma evolução morosa, tendo em vista a produção do Maranhão, estimada em 1,0 milhão de toneladas. Trata-se de um volume suficiente para garantir o abastecimento dos estados nordestinos, e também, para aliviar o déficit previsto entre a oferta e demanda nacional, de 1,4 milhão de toneladas.

As indústrias de beneficiamento de arroz estão descontentes com o preço congelado no varejo (Cz\$ 198 o fardo de 30 quilos para o tipo 2), que corresponde a Cz\$ 6,60 o quilo (fixado com base no produto importado e subsidiado pelo governo). A razão concentra-se em que, nestas bases, não haverá condição se pagar ao produtor acima de Cz\$ 110,00/sc 50 quilos em casca. Com o preço mínimo de Cz\$ 130,00/sc o governo comprará toda a produção.

CAFÉ

Acordo com a Colômbia garante conjuntura altista.

Os cafeicultores das principais regiões produtoras do país, até mesmo daquelas afetadas pela seca, estão dando total atenção nos tratos



culturais, níveis de adubação e controle de pragas, no sentido de alcançar maior produtividade. As expectativas são de que os preços persistam firmemente nos elevados patamares atuais. O Instituto Brasileiro do Café trabalha a partir de uma disponibilidade para a safra deste ano em torno de 26,2 milhões de sacas, uma vez considerada uma produção de 14,0 milhões e um estoque de passagem de 12,2 milhões. Para uma demanda entre 24-25 milhões, constata-se um déficit na oferta, dando margem a uma previsão altista a médio prazo. Há muito plantio de cafezais, motivado pelo favorecimento climático, com as chuvas que vêm caindo, fato que provocou um crescimento nos preços unitários das mudas de Cz\$ 1,00 para Cz\$ 4,00.

Nas bolsas internacionais, o mercado está extremamente nervoso, sensível às informações do Brasil, quanto a safra e a política de comercialização. O volume fixado para as exportações nacionais no primeiro trimestre (3,6 milhões de sacas), desde o início já era tido como praticamente certo de ser atingido, dada a escassez mundial. Doravante, a idéia do IBC é mantê-la ao nível de embarque mensal de 1,2 milhões de sacas, que proporcionaria uma receita de US\$ 4 bilhões no ano. Por sua vez, os preços ganharam novo fortalecimento, mesmo com a suspensão do Acordo Internacional, que deixou o mercado livre. Acontece que a Colômbia (segundo maior exportador), apesar de ter 11,5 milhões de sacas em estoque, comprometeu-se a não exportar mais do que 12 milhões de sacas neste ano (1 milhão de sacas ao mês), satisfeita com o faturamento esperado de US\$ 3,8 bilhões, ou seja, 153% superior ao obtido em 1985.

FEIJÃO

Safra de Irecê está disponível no mercado

Após dois meses de altas acentuadas nos preços do produto, devido as expectativas de escassez provocada pela estiagem do Centro-Sul, o mercado de feijão vem apresentan-



do um quadro de maior estabilidade nas cotações. Ocorre que as entradas do produto dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais estão em níveis satisfatórios ao atendimento da demanda, que sofreu uma retração devido aos altos preços que vinham sendo praticados. Assim, os preços acomodaram-se em patamares entre Cz\$ 420 e 450 a saca de 60 quilos, de acordo com a qualidade do produto, sem perspectivas de alterações positivas acentuadas em face da proximidade da colheita da safra de seca.

Entretanto, o mercado deverá permanecer firme, pois o equilíbrio entre a oferta e demanda do produto é delicado, passando a depender da boa evolução das lavouras de feijão daqui até o final de março, quando começam a ocorrer as primeiras colheitas da safra da "seca". As perspectivas de produção são da ordem de 1,5 milhão de toneladas, mas o ataque de pragas e doenças em algumas regiões produtoras poderá rebaixar um pouco o volume a ser colhido. Uma vez concretizado este fato, o governo deverá realizar importações do produto em volume equivalente ao montante das perdas, pois a safra nacional das águas (1,1 milhão de t) e das secas, cobre com pouca folga as necessidades da demanda, estimada em 2,4 milhões de t. No momento, entretanto, o abastecimento é relativamente tranquilo, pois a CFP detém estoques de cerca de 80 mil t de feijão-preto e de cerca de 100 mil t de feijão de cores. Além disto, a produção de feijão do Irecê, na Bahia, estimada entre 180-200 mil t, já se encontra disponível no mercado. Tudo isso facilita a acomodação do mercado frente às recentes medidas de congelamento de preços ditadas pelo governo.

LARANJA

Citricultores e industriais aguardam colheita em atraso

A negociação do preço da caixa de laranja (40,8 quilos) entre citricultores e industriais de suco mantém-se em compasso de espera, com a perspectiva de início somente a partir de junho, quando começará a safra. Acontece que as variedades de casca mole (tangerina, ponkan, mexerica etc.), colhidas mais cedo, foram destruídas pela estiagem. A maior produção comercial ficará por conta da laranja-pera (rio e natal), cuja florada está em desenvolvimento agora, com três meses de atraso. A Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo prevê uma produção de 140 milhões de caixas para a safra 1986/87, que representa uma quebra de 40% em relação a anterior. Uma vez confirmada tal projeção os prejuízos remontaram Cz\$ 1,8 bilhão.

No mercado internacional, as cotações do suco de laranja oscilam ao redor de US\$ 800 a tonelada, diante de um valor de US\$ 1.800 registrado há um ano. Existem basicamente dois fatores baixistas: o primeiro decorre do desempenho da safra norte-americana, que não vem sendo afetada por um inverno rigoroso, com as geadas e neves de outrora nos pomares; e o segundo, pela estimativa de 300 mil t de estoques acumulados pelo Brasil no final do ano safra (junho). A exportação excederá pouca coisa de 505 mil t, para uma produção de 850 a 880 mil t). Internamente, a nível de varejo, a dúzia do produto ficou congelado em Cz\$ 5,50. Não há risco de faltar laranja "in natura", uma vez que não há a médio prazo tendência de escassez na disponibilidade mundial de suco.

MANDIOCA

Preços mínimos servirão de parâmetros

O mercado de mandioca vive momentos de indefinição. Ocorre que

MILHO

Abastecimento será apertado em 1986

O mercado de milho que até o final de janeiro mantinha-se firme, passou, desde início de fevereiro, a caracterizar-se como fraco, com poucos compradores. A perspectiva de atraso da colheita da próxima safra motivou os grandes consumidores a cobrirem-se de estoques até abril, através de compras nas bolsas e de importações realizadas pelos exportadores de frango e que deverão estar sendo internalizadas já a partir de março. Com isso, a cotação de milho, a nível de produtor do estado de São Paulo sofreu ligeiro recuo para Cz\$ 90-95/60 kg contra Cz\$ 100-105/60 kg há um mês, mesmo assim, acima do preço mínimo congelado de Cz\$ 79,20/60 kg.

Apesar dessa relativa tranquilidade do mercado, a quebra de safra de milho e as expectativas de incremento do consumo de milho em 1986, perfazem uma necessidade mínima de importação de 4 milhões de t para manter o abastecimento sob controle. A safra nacional poderá alcançar 17 milhões de t (Centro-Sul — 14,3 milhões; safrinha — 700 mil e Norte e Nordeste — 2 milhões). Com a estimativa de 2 milhões de t de estoque inicial, a oferta total chegará a 19 milhões de t. O consumo de milho em 1985 foi estimado em 21,1 milhões de t e para este ano a previsão inicial é de 22 milhões de t. Com isso, o déficit é de 3 milhões de t, sem considerar a necessidade de um estoque de pelo menos 2 milhões de t para atender o abastecimento nos meses críticos da próxima entressafra (janeiro e fevereiro de 1987). O governo planeja um programa de compras externas de 3.720 t de milho.



SOJA

Ainda que as previsões do estoque final de soja em grão nos EUA venham acumulando sucessivas quedas (a estimativa atual é de 14,1 milhões de t), o volume é considerado bastante elevado, pesando para o prognóstico de preços deprimidos para soja na temporada 1986.

Os preços externos do óleo caíram fortemente no decorrer dos últimos meses, devido basicamente ao aumento da oferta mundial, à queda dos preços do óleo de palma da Malásia e de cortes nas importações de países importantes como a Índia. Os preços de farelo, embora mais firmes, estimulados pela acentuada queda nas cotações do dólar e melhoria do consumo, ainda não subiram o suficiente para compensar o forte declínio do óleo.



Internamente, a situação climática está praticamente regularizada em todas as regiões produtoras de soja. Reavaliações mais recentes apontam melhoria no potencial da produção nacional de soja, situando-a numa faixa superior a 12 milhões de t, em função principalmente de um aumento da área efetivamente plantada.

O mercado de soja mantém-se quase inativo, com a maioria dos produtores e compradores retraídos, senão para aguardar uma definição mais precisa da safra, para digerir as novas medidas de política econômica. Os poucos negócios antecipados realizados, situam-se ao nível de Cz\$ 135-140/60 kg para pagamento na segunda quinzena de março, para o produto posto no interior de São Paulo ou Paraná. Mas, à medida que a colheita intensificar-se, com a entrada plena da safra, a tendência é de os preços se contraírem até o patamar do mínimo oficial de Cz\$ 125,40/60 kg.

devido à seca, os preços da raiz elevaram-se acentuadamente, atingindo até Cz\$ 400 a tonelada. As indústrias, por sua vez, tiveram de reduzir o ritmo de aquisições, no aguardo de uma definição do governo quanto aos preços mínimos da farinha de mandioca. Esta situação decorre basicamente do fato da saca de 60 kg do produto estar sendo comercializado a Cz\$ 90. Tal valor está bastante abaixo do preço considerado pelas indústrias como necessário para cobrir os gastos com a compra de matéria-prima a Cz\$ 120 a saca. Nestas circunstâncias, os preços mínimos passam a ter importância fundamental, devendo constituir-se em parâmetro do mercado.

Vale lembrar que a situação atual das cotações da raiz é atípica, pois a colheita normalmente se eleva a partir de janeiro, imprimindo uma tendência baixista nas cotações. Este comportamento, entretanto, alterou-se neste ano com a estagem, que atrasou a colheita do produto. O arrancamento do produto da terra vem-se processando lentamente, o que reforça momentaneamente o quadro altista das cotações. As perspectivas são pouco favoráveis para o mercado de farinha, a médio prazo, pois a demanda deverá permanecer retraída, visto que os preços do arroz — seu principal sucedâneo — voltaram a estabilizar-se. Mas, por outro lado, os preços do amido de mandioca permanecem elevados, passando de Cz\$ 3,31 o quilo em janeiro para Cz\$ 3,35 o quilo em fevereiro, o que contribui para "segurar" os preços da raiz em patamares elevados, ainda por algum tempo.

MERCADO DE FATORES

FERTILIZANTES:

Perspectiva de maior consumo em 1986

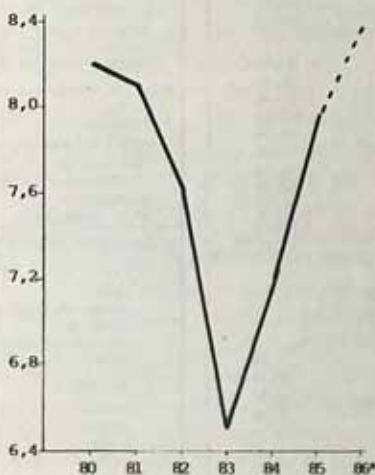
Após três anos de retração do mercado, o setor de fertilizantes no Brasil começou a apresentar a partir de 1984 melhoria de desempenho, com o consumo registrando sucessivos crescimentos. De acordo com levantamentos preliminares do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado de São Paulo (SIACESP), em 1985 as entregas de fertilizantes ao setor rural somaram 7,93 milhões de t, superando em 130 mil t o volume previsto pelo segmento e representando um crescimento de 5,7% sobre os 7,5 milhões de t colocados no mercado em 1984 (Gráfico).

Esse aumento acima das projeções iniciais decorreu da acentuada estiagem nos principais estados produtores da região Centro-Sul, provocando uma maior utilização de fertilizantes para o replantio das culturas atingidas pela seca. Os levantamentos realizados indicam que as culturas foram replantadas não só com adubos comprados no mercado neste ano, mas também com a utilização de estoques em poder dos agricultores, mostrando uma tendência de que o consumo em 1985 poderá ter chegado a 8 milhões de t.

Esse volume significaria uma expansão de utilização de adubos em 1985 da ordem de 6,7% sobre o volume consumido em 1984. O setor previa que os estoques dos agricultores, estimados em 600 mil t ao final de 1984, não seriam utilizados em 1985. Dessa forma, o consumo de adubos no país equivaleria ao volume de entrega pelas indústrias. Contudo, há estimativas de que os agricultores tenham encerrado o ano de 1985 com um estoque de cerca de 500 mil t, ou seja, quase 100 mil t a menos.

A seca continuou beneficiando as vendas de fertilizantes nestes pri-

Consumo efetivo de Fertilizantes
(em milhões de t)



* Previsão

Fonte: SIACESP

meiros meses de 1986, período no qual as compras são geralmente fracas. De acordo com o SIACESP, as entregas de adubos em janeiro cresceram 10,1% sobre o volume de igual período de 1985, com uma colocação no mercado interno de aproximadamente 435 mil t de fertilizantes, diante das 395 mil t em janeiro de 1985.

O aumento já era previsto porque a prolongada estiagem atrasou o plantio e o replantio de algumas culturas, adiando, conseqüentemente, a compra de adubos. As adubações de cobertura, que em épocas normais ocorreriam nos meses de novembro e dezembro, foram efetuadas no decorrer dos meses de janeiro e fevereiro.

Além disso, a elevação do preço do café está estimulando o agricultor a fazer uma adubação de recuperação até março (mesmo sabendo que as lavouras não irão produzir durante o ano), para a partir de setembro fazer adubação de produção, buscando garantir uma boa safra em 1987. As lavouras de feijão, igualmente danificadas pela seca, também deverão apresentar neste ano um plantio maior e melhor, representando, em decorrência, um maior consumo de adubo.

As previsões preliminares indicam que as vendas em 1986 deverão crescer no mínimo 5% em relação ao ano anterior, ou o equivalente a cerca de 8,4 milhões de t de adubos. No primeiro semestre, estima-se que as vendas ficarão acima do normal para o período, respondendo por 35 a 40% das entregas totais do ano. A cana, o café, a laranja e o trigo deverão impulsionar essas entregas na primeira metade do ano, porque os produtores dessas culturas estão capitalizados e poderão, dessa forma, adubar mais as lavouras prejudicadas pela seca. Para o segundo semestre, o setor conta com um estímulo da política governamental para a agricultura, para que se possa expandir a área de plantio, para o país sair da situação atual de importador de alimentos.

Há um ânimo por parte dos produtores de adubos de que as recentes mudanças econômicas no país serão benéficas ao setor, pois estimulará a maior produtividade e conseqüentemente o maior uso de insumos modernos. Todavia, paira a preocupação quanto ao congelamento de preços, pois este aconteceu justo no momento em que o CIP autorizaria os novos reajustes. Com isso, os preços congelados tem como base a tabela de 27/12/85, provocando para algumas matérias-primas, dentre as quais a rocha fosfatada, uma ampla defasagem entre o preço e o custo, afetando a produção. De qualquer forma, o setor espera conseguir uma negociação com o governo. Para os produtos que possibilitam margem mesmo com o preço cipado as entregas tem sido normais. Nos demais casos, há paralisação de vendas e negociação de novos preços entre as partes.

REGISTROS

Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço
Máquina, veículo e implemento*		
Arado de Alveca, 3/4 reversível (41 kg. lâmina de aço carbono)	un.	974,90
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	14.400,00
Caminhão Ford-F-11000, diesel	un.	180.932,30
Carreta 4 t c/carroceria, a/pneu, a/freio	un.	18.687,00
Colheitadeira p/grãos - MF. 3.640	un.	336.984,00
Colheitadeira p/grãos - MF. 5.650	un.	383.922,00
Corte de discos, 26 discos de 18"	un.	17.585,00
Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/caçamba	un.	91.262,57
Nipina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	176.211,00
Motor elétrico 3 HP trifásico - 4 p. blindado	un.	1.273,55
Planet 5 eixadas, tração animal (28 kg)	un.	583,65
Plantadeira manual, Líder Modelo A	un.	110,70
Pulvilheira costal, 7 a 8 kg de pó	un.	991,37
Pulvilizador costal, 18 litros	un.	457,13
Semeadora adubadora, 1 linha, tração animal	un.	2.397,63
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	86.860,99
Trator Massey-Ferguson, 81 CV	un.	116.688,89
Adubo e corretivo*		
Cloreto de potássio	t.	2.147,57
Fosfato natural moído	t.	191,13
Termofosfato	t.	1.715,00
Nitrocálcio Petrob. Conc. (27% N)	t.	1.695,00
Óxido	t.	2.584,74
Sulfato de amônio	t.	2.140,92
Nitrato de amônio	t.	1.989,49
DAP	t.	4.045,00
Superfosfato simples (nacional)	t.	1.550,84
Superfosfato triplo	t.	3.142,15
Calcário Dolomítico (Rio Claro e Piracicaba)	t.	155,75
Inseticida e fungicida*		
Aldrin 5%	sc 25kg	-
B.H.C. 12%	kg	-
1-10 (DIT Parathion)	kg	-
1-5-10 (DIT Parathion)	kg	-
Isoa Haver	kg	9,09
Ortozan-H-45	kg	49,78
Mavaca	ca 25kg	1.303,83
Quilicento de cobre 20%	kg	30,55
Quilicento de cobre 25%	kg	43,55
Sulfol 1,5%	kg	4,24
Sulfato de cobre	kg	21,10
Vacina e medicamento *		
Asuntal + Beganon	kg	249,88
Crescibon Pearson	lt	29,77
Penicilina Mycillin, frasco 400 mil unid.	fr	3,56
Tet-10	sc 25kg	1.479,78
Vacina contra brucelose	d.	1,64
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	7,50
Vacina contra carbúnculo latente	50 ml	-
Vacina contra febre aftosa (Inst. Biológico)	d.	2,43
Reção*		
1. Ave		
Pinto	kg	2,99
Fringa	kg	2,70
Pondeira	kg	2,73
Reprodutora	kg	2,70
Corta inicial	kg	3,27
Corta final	kg	3,15
2. Bovino		
Buena	kg	2,35
Reutengão	kg	2,02
Produção	kg	2,15
Tuono	kg	1,77
3. Suíno		
Inicial	kg	3,34
Crescimento	kg	2,71
Acabamento	kg	2,59
Reprodução	kg	3,62
Piso de um dia*		
Corta	un.	2,47
Postura	un.	5,95

Item	Unidade	Preço
Utilitário e ferramenta*		
Aplicador de formicida pó	un.	34,32
Arame farpado nacional	kg	7,87
Enxada Leconativa	m²	70,79
Enxada para cultivador, 16"	conj.	35,50
Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	38,12
Enxada Tupi, 2,5 libras	un.	-
Enxada 2 caras, 3 libras	un.	37,65
Foice 10", meia lua p/pasto	un.	32,46
Grampo para cerca	kg	8,90
Latao de leite, 50 litros	un.	269,00
Peneira para café, 70"	un.	50,05
Prego 17/21	kg	10,95
Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	11,57
Saco novo, batata (60 kg)	un.	7,37
Saco novo, café (100 a 110 l)	un.	-
Peça de reposição*		
Bico de pato c/asa, 18"	un.	64,20
Disco de arado, liso, 26"	un.	319,10
Preu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	2.010,43
Preu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	2.442,00
Animal de trabalho e produção*		
Besouro	un.	953,74
Boi magro	un.	2.089,89
Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	2.982,74
Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	3.903,84
Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	5.917,35
Boi carreiro novo	un.	4.434,66
Burro domado novo	un.	4.194,97
Alimento para animal*		
1. Farelo		
trigo	sc 30kg	40,00
caroço de algodão	kg	2,08
amendoim	kg	-
rampa de mandioca	kg	-
soja	kg	2,61
2. Farinha		
ovos	kg	3,67
sangue	kg	3,80
carne	kg	3,65
outra	kg	0,50
3. Outros		
Refinail	sc 50kg	84,42
Sal comum grosso	sc 50kg	53,60
Sulfato de manganês	kg	7,65
Torta de algodão	kg	2,40
Sal mineral	kg	24,38
Torta de amendoim	kg	2,30
Combustível e lubrificante*		
Gasolina comum, amarela	10 lt	47,00
Óleo diesel	10 lt	31,00
Óleo lubrificante SAE-30 18 linha	lt	18,00
Querosene	10 lt	31,90
Álcool hidratado	10 lt	31,90
Material de construção**		
Cal virgem	sc 20kg	13,10
Caibro de peroba (5x6cm, base 4,40cm) até 5m	m³	2.751,00
Tubo galvanizado p/água, 3/4, com costura 19mm	sc	22,09
Tubo galvanizado p/água, 3/4, sem costura 19mm	kg	18,57
Cimento Portland	sc 50kg	44,39
Folha de porta interna, lisa 35mm espessura	un.	610,00
Tábua de pinho (12 x 1 cm) de 3", 4,27m	dz.	1.100,00
Telha francesa de cerâmica (fosca)	milheiro	2.172,50
Tijolo comum	milheiro	315,00
Frete Cx\$/m³/t - 0,43		
Mão-de-obra p/dia - normal (44,00) - colheita (57,00) - manual (1.100,00)		
Salário mínimo - 804,00		
MTE -		
ODN - 106,40		

Fonte: * Instituto de Economia Agrícola

** Revista "A Construção de São Paulo"

Proposta da Associação Brasileira de Criadores para a nova Política Nacional de Produção Leiteira

1ª Parte

A Assessoria Técnica da Associação Brasileira de Criadores concluiu um extenso e minucioso trabalho sobre a pecuária leiteira e nela formula os pontos básicos para a implantação de uma nova política para o setor. É um dos mais profundos estudos feitos sobre o setor leiteiro e dele o Governo pode extrair, com segurança, os subsídios para instituir a política para a pecuária leiteira nacional. Na parte inicial, o trabalho aborda e esclarece todos os problemas envolvendo esse setor econômico. O trabalho esmiúça cada etapa do processo — a produção, o transporte, a industrialização e a distribuição. O estudo traz abordagem técnica e econômica. Na parte final, os técnicos trazem a tona as sugestões para melhorar a produção de leite no país e aumentar a oferta desse produto indispensável à dieta alimentar do homem. Por sua importância, a Revista dos Criadores inicia, neste número, a sua publicação, que prosseguirá nas duas próximas edições. O trabalho, como contribuição da ABC, também, está sendo entregue aos Ministérios da Agricultura, da Fazenda e Planejamento.

Introdução

Os produtores de leite tradicionalmente reconhecem como associada a sua atividade o atendimento da infância e da população.

A evolução da economia no entanto influiu nos custos de produção do leite afastando esse alimento do alcance de uma grande parte da população, que vem sofrendo reduções nos seus ganhos reais.

Para bem desempenhar sua função junto à sociedade os produtores proclamam não mais ser possível reduzir custos sob pena de se extinguir a produção. Se as populações carentes devem ser assistidas, outros caminhos precisam ser encontrados que não o sacrifício da produção.

O que se segue é uma proposta de como e porque alterar profundamente a forma como vem sendo tratado o problema do leite, adotando-se uma verdadeira política nacional do leite e dos laticínios e os motivos que impõem tais mudanças.

Quando isto ocorrerá, se em 1986, 87 ou mais não nos atemoriza, porque sabemos que cedo ou tarde esta orientação deverá ser tomada sem o que o BRASIL continuará longe do círculo dos países desenvolvidos. Continuará dependente das importações e dos favores daqueles que em seus países sabem cuidar desses problemas de abastecimento.

1 - Consumo

Através dos tempos o leite tem sido reconhecido como um dos mais importantes alimentos para a humanidade e em muitos países ele é considerado indispensável.

O leite obtido em adequadas condições de sanidade tem um valor inquestionável em todas as idades do homem. Consumido em estado líquido ou sob a forma de derivados do leite, entra na dieta do homem moderno da infância à maturidade e velhice.

As avaliações sobre o consumo de leite em geral abrangem o leite em espécie, acrescido do equivalente em leite consumido sob a forma de derivados como queijos, manteiga, yogurt, etc.. No mundo o consumo médio por pessoa é bem variado, dependendo dos hábitos alimentares, das possibilidades econômicas, da produção, clima, etc.. O quadro 1 mostra um levantamento elaborado pelo estudioso Otto Frenzel e publicado na Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes em 1979. Nesse quadro foram acrescentadas outras informações.

Consumo no Brasil

O verdadeiro consumo médio de leite no BRASIL é uma incógnita que dificilmente pode ser estimado. Temos dificuldades de toda a sorte para avaliar qual a produção anual no BRASIL, porque apenas o leite recebido em estabelecimentos sob fiscalização é controlado. Uma outra grande parte é consumida diretamente da

produção, sem controle estatístico. A origem das populações nas várias regiões do BRASIL também contribui para um consumo variado de acordo com diversificados hábitos e costumes.

Há citações de que o total de leite produzido em 1983 foi da ordem de 11 bilhões de litros (IBGE). No entanto pesquisando os dados publicados pelo Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal do MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, foi possível preparar um quadro que indica a produção controlada destinada ao consumo e industrialização no BRASIL em 1983. Se a essa produção for acrescido um volume de leite de consumo direto em estado cru, estimado segundo o desenvolvimento da pecuária nas diferentes regiões do BRASIL em 1168000 mil, teremos um total de 5,4 bilhões de litros de leite consumido fluido. Acrescido de mais 2,4 bilhões consumido sob a forma de derivados teremos uma produção obtida em 1983 de cerca de 7,6 bilhões de litros (quadro 2).

QUADRO N.º 1 CONSUMO DE LEITE FLUIDO EM ALGUNS PAÍSES DA EUROPA OCIDENTAL EM 1978 — URUGUAI E ESTADOS UNIDOS

Países	Por litro pessoa/ano	Por litro pessoa/dia
Almanha Rep.		
Federal	76,8	0,210
Áustria	59,5	0,217
Bélgica	54,0	0,147
Dinamarca	141,0	0,386
Espanha	120,0	0,328
Finlândia	270,0	0,739
França	56,0	0,153
Irlanda	202,0	0,553
Itália	57,0	0,156
Noruega	170,0	0,465
Holanda	90,0	0,246
Reino Unido	139,0	0,380
Suécia	170,0	0,465
Suça	114,0	0,312
Uruguai (2)	135,0	0,370
U.S.A. (3)	137,0	0,375

Otto Frenzel — Produção e Consumo de leite e derivados no BRASIL: 1979 — Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes — N.º 211, Vol. 35, pág. 9/14.

QUADRO N.º 2 PRODUÇÃO E DESTINO DO LEITE NO BRASIL EM 1983 (em 1.000 l)

	Produzido	Distribuído	Industrializado
Leite A	3.147	3.147	—
Leite B	472.746	326.739	—
Leite C e p/industrialização	5.986.183	3.512.279	2.490.813 (4)
Leite cru p/consumo direto (1)	1.168.000	1.168.000	—
Leite reconstituído (2)	—	317.451	—
Leite esterilizado (3)	—	129.098	—
TOTAIS	7.630.076	5.456.714	2.490.813

- (1) Consumo médio de kg 0,080 por pessoa por 365 dias de uma razoável parcela da população brasileira não atendida com leite pasteurizado (mais ou menos cerca de 40.000.000 de pessoas).
 (2) Com 3%, 2% e desnatado.
 (3) Integral, magro, semi-desnatado, desnatado.
 (4) Para o fabrico de leite em pó, queijos, manteiga, yogurt, etc..

(2) Rogick FA — Produção Higiênica do leite. Revista do Instituto de Laticínios Cândido Tostes — N.º 205, Vol. 4, ano 1979, pág. 39/40.

(3) Agricultural Statistics — 1983 — U.S. Dep. of Agriculture.

Com base no quadro 3 temos a distribuição dessa produção no BRASIL, segundo registros do MINISTÉRIO DA AGRICULTURA e estimativas de produção de leite cru para consumo direto, e bem assim com a distribuição da população brasileira, (segundo o IBGE) podemos estimar o consumo médio anual e diário de leite fluido nas diferentes regiões do BRASIL.

Para um consumo médio geral de 42,1 litros de leite por ano ou 0,115 l por dia em todo o país, temos variações por regiões que mostram um consumo infimo nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste e, um consumo razoável nas regiões Sudeste e Sul, que mostram um nível já até certo ponto satisfatório.

O consumo de leite equivalente em derivados no BRASIL é difícil de avaliar e não há forma humana de adivinhá-lo. O máximo que se pode concluir é que os

2,4 bilhões de litros destinados à industrialização acrescem 19,2 l de leite ao consumido fluido por habitante, por ano, ou 0,052 lts. por dia, elevando o consumo médio no BRASIL de leite fluido e equivalente em derivados para 61,3 l por ano ou 0,167 lts dia. Como provavelmente o maior consumo de derivados ocorre nas regiões Sudeste e Sul é possível admitir que nessas regiões o consumo total esteve ao redor dos 90,2 l e 84,7 l por pessoa por ano ou 0,246 e 0,231 l por pessoa por dia. No entanto o quadro permanece sombrio nas demais regiões, Norte, Nordeste e Centro Oeste, com consumos médios por dia e por pessoa de 0,067 litros, 0,048 l e 0,092 l respectivamente.

Dos derivados, o leite em pó tem maior utilização seguindo-se o leite condensado, queijos, manteiga e leites fermentados.

Para que se possa avaliar os níveis de consumo de leite fluido no BRASIL é útil citar qual o requerimento ideal em leite fluido para as condições brasileiras, publicado pela FAO em 1973 e que situavam em 81,7 litros por habitante, por ano. Evidentemente essas necessidades permaneceram em 1983, mostrando então

QUADRO N.º 3 PRODUÇÃO E CONSUMO DE LEITE/DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL 1983 (em 1.000 l)

REGIÕES	Leite A, B e C (1)	Leite reconstituído (2)	Leite esterilizado (3)	Leite cru (4)	Total consumido	População humana 1.000	Consumo médio hab/ano/l	Consumo médio hab/ano/l
Norte	3.449	2.610	—	109.000	115.059	6.817	16,878	0,046
Nordeste	134.916	7.471	29.201	290.000	461.588	37.609	12,273	0,033
Sudeste	2.691.043	295.147	93.670	433.000	3.512.860	56.683	61,973	0,169
Sul	851.550	11.762	6.227	303.000	1.169.539	20.077	58,252	0,159
Centro-Oeste	161.207	461	—	36.000	197.668	8.554	23,108	0,063
B R A S I L	3.842.165	317.451	129.098	1.168.000	5.456.714	129.660	42,107	0,115

(1) pasteurizado (2) gordura 2% e 3% Desnatado (3) Integral, magro, semidesnatado.

Leite tipo A = estados de São Paulo, Paraná e Sta. Catarina.

Leite tipo B = estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Goiás, Distrito Federal.

Leite tipo C = todos os estados, exceto Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

(4) Em cidades não atendidas com leite pasteurizado — Estimativa.

— FONTES — SERPAS e IBGE.

um déficit de 39,6 l por ano por pessoa na média geral, variável porém nas diferentes regiões, como vemos no quadro (4):

QUADRO N.º 4 CONSUMO DE LEITE FLUIDO, POR ANO POR HABITANTE

	Consumo verificado	Necessidade	Deficit
Norte	16,8	81,7	— 64,9
Nordeste	12,2	81,7	— 69,5
Sudeste	61,9	81,7	— 19,8
Sul	58,2	81,7	— 23,5
Centro Oeste ...	23,1	81,7	— 58,6
BRASIL	42,1	81,7	— 39,6

Causas de baixo consumo de leite

Certamente elas tem dois motivos principais: hábitos alimentares e disponibilidade. Em geral quando os hábitos alimentares exigem maior disponibilidade, evidentemente o homem acaba encontrando meios de produzir, de obter esse alimento. É o que ocorre nas regiões sudeste e sul do BRASIL, onde a origem das populações traz consigo hábitos diferentes daqueles observados nas demais regiões.

As condições de clima, sem dúvida tem influência, tanto que primeiro determinaram a localização de população com origem européia nos estados de sudeste e sul. Essas mesmas condições de clima facilitaram a criação de gado leiteiro propiciando maior produção de leite.

Como consequência da existência de maior produção de leite tivemos a instalação de indústrias compradoras de leite, seja para cuidar da distribuição do leite fluido, seja para industrializar os excedentes. Com o decorrer dos anos o entrelaçamento produção-indústria se fez de tal maneira que chegou a inverter a ordem desta citação e a localização de uma indústria compradora numa região tornou-se incentivo para o aparecimento de produção.

O fornecimento ordenado de leite pasteurizado, devidamente acondicionado foi também o grande motivo do maior consumo de leite fluido nas regiões sudeste e sul, onde um apreciável número de indústrias sediadas em numerosas cidades dele se incumbem, seja distribuindo leite comum, — especial — seja trabalhando com tipos de leite mais elaborados como o B e A. Evidentemente permanece o fornecimento de leite cru nas regiões onde o leite pasteurizado não está disponível, e até certo ponto ele compete ilegalmente em certas regiões por questões de preço e outras. Mas a verdade é que não sendo um comércio organizado, o leite cru é a forma de abastecimento adotada onde não existem usinas de pasteurização e acondicionamento do leite, com inconvenientes. Entre outros, cita-se a qualidade do produto, forma de acondicionamento, irregularidades nas entregas, a falta de risco de

transmissão de enfermidades. Na verdade, o leite cru ainda que não seja o mais consumido é o que está frequente na maioria das cidades brasileiras.

Um outro importante motivo limitante do consumo do leite, está no baixo poder

aquisitivo de uma grande parte da população. E aqui se inclui não só a população rural, cada vez menor, como boa parte da população de cidades do interior e a das periferias das grandes cidades. Hoje o quadro observado em inúmeras capitais e cidades do interior e que pode ser constatado a qualquer instante, mostra um limitadíssimo consumo de leite motivado pela falta de renda, senão, por miséria. Esse quadro tem suas cores mais pronunciadas nos estados do nordeste, norte e centro-oeste. As constantes e grandes migrações ocorridas nos últimos anos, no sentido norte-sul vieram mostrar as dificuldades vividas por essas populações que nos arredores da grande São Paulo praticamente repetem o estado de miséria de seus locais de origem.

QUADRO N.º 5 MORTALIDADE INFANTIL E PESSOAL DE SAÚDE EM VÁRIOS PAÍSES DO MUNDO

	Mortalidade infantil		Pessoal	de Saúde	Pop. p/	Dentistas
	Ano	Taxa (1)	Ano	Médicos	médico	
Japão	1981	7	1981	154.578	761	52.369
Holanda	1981	8	1979	25.947	541	—
Canadá	1980	10	1979	43.192	548	10.000
Austrália	1981	10	1977	26.140	559	6.200
Espanha	1981	10	1981	76.569	390	4.032
França	1981	10	1977	91.442	580	27.683
Estados Unidos	1982	11	1980	414.916	549	126.420
Inglaterra	1981	11	1979	78.649	711	—
Alemanha R.D.	1981	12	1978	33.894	494	9.709
Alemanha F.R.	1981	12	1980	139.431	442	33.240
Itália	1981	14	1979	164.555	345	—
Tchecoslovachia	1982	16	1981	43.246	354	7.676
Hungria	1981	20	1981	27.431	390	3.383
China (Formosa)	1979	24	1981	13.639	1.330	2.128
Portugal	1979	26	1979	18.088	544	484
União Soviética	1980	26/30	1980	995.600	267	—
Chile	1980	35	1979	5.671	1.926	1.477
Argentina	1979	39	1975	48.693	580	—
Venezuela	1974/5	47	1978	14.771	888	4.342
México	1976/7	61	1974	21.571	2.136	1.879
Colômbia	1973	77	1977	12.720	1.969	4.407
Brasil (2)	1976	81	1974	62.743	1.632	—
Peru	1970/75	114	1979	11.682	1.480	3.477
Ghana	1970	115	1981	1.665	7.245	95
África do Sul	1969/71	118	1978	14.526	1.806	2.369
Uganda	1969	120	1981	611	22.291	17
Tanzânia	1973	120/30	1977	960	16.282	45
Índia	1978	125	1981	268.712	2.545	8.648
Turquia	1974/75	125	1981	28.411	1.632	6.790
Argélia	1977	127	1979	6.881	2.780	1.483
Sudão	1973	144	1981	2.169	8.714	334
Bangladesh	1978	148	1981	10.065	8.908	248
Moçambique	1968	150	1980	309	33.883	96
Marrocos	1972	162	1981	1.153	17.906	17
Zaire	1955/7	165/177	1979	1.900	13.452	58
Nigéria	1965/6	178	1980	8.037	9.591	285
Afagnistão	1976/77	182	1981	1.215	13.467	110
Etiópia	1964/71	155/200	1980	428	72.582	16

Taxa (1) Por mil nascimentos.

Statistical Abstract of U.S. — 1984 — 104th Ed.

U.S. Dep. of Commerce — Bureau of the Census.

(2) BRASIL — 1982 = 171.585 médicos e 22.201 dentistas.

1980 = 1.226 habitantes por médico.

Consequências

Outra não pode ser a consequência de um permanente baixo consumo de leite para a população. Temos todo quadro normal de sub-nutrição e falta de resistência a toda sorte de infecções culminando com alta taxa de mortalidade infantil.

As previsões negativas que frequentemente aparecem nos jornais como:

- morrem diariamente por desnutrição no BRASIL 1.000 crianças de 1 a 6 anos;
- sobrevivem cerca de 12 milhões, mas por causa da desnutrição possivelmente 10 milhões serão débeis mentais;
- há uma diferença para menos em nossas crianças de 16% na altura e 20% quanto ao peso;
- forças armadas rejeitam alta percentagem de jovens por falta de desenvolvimento físico;

mostram que algo mais está interferindo na vida dos brasileiros e esse algo mais diz muito com sua alimentação onde o leite e seus derivados têm grande importância.

Não fosse só isso o quadro de mortalidade infantil observado no mundo e publicado em 1984 mostra bem o que precisamos fazer no Brasil para sairmos de posição tão incômoda — quadro 5.

Se em 1976 nossa taxa era de 81 mortos por 1.000 nascimentos hoje felizmente ela mostra forte tendência para descer, graças a vacinações em massa e a difusão de cuidados no tratamento das crianças, embora permaneça o quadro de desnutrição para crianças acima de um ano e para a juventude.

II - Produção

O volume do leite produzido anualmente no BRASIL, na realidade é totalmente proporcional ao que vem sendo solicitado pelo consumo. Se mais leite não é produzido, possibilitando um maior consumo médio por pessoa e a formação de estoques isso se deve exclusivamente à política de preços para a produção, adotada até aqui.

Do ponto de vista de capacidade de produção no entanto o quadro é bem diferente. Os criadores e os técnicos brasileiros podem dizer, já encontraram as fórmulas para produzir leite nos diferentes climas que dominam as regiões onde essa atividade vem se desenvolvendo.

O volume total de leite obtido em 1983, compreendendo cerca de 8 bilhões de litros deve ter sido produzido por cerca de 8 milhões de vacas. Mas como nem todas as vacas parem anualmente não é impossível que o número de vacas retido nos rebanhos produtores de leite no BRASIL ande na ordem de cerca de 12 milhões. Estas estimativas são feitas por falta de dados estatísticos. Mas se comparadas com o que ocorre nos EUA conclui-se que não estão longe da verdade.

Mercê de um trabalho coletivo, com a participação de um considerável número de técnicos e criadores os dados estatísticos mostram que nos EUA o número de vacas exploradas na produção leiteira caiu de 1968, com 13.115.000 vacas para 11.012.000 em 1982, elevando-se em 1983 para 11.066.000 vacas. Isso foi feito ao mesmo tempo em que aumentava a produção total de leite obtida no país, que em 1972 era de 32,8 bilhões de litros e em 1982 estava em 60,5 bilhões.

Essa revolução foi alcançada com a aplicação de técnicas hoje também ao alcance dos criadores e técnicos brasileiros.

No BRASIL não deve haver a preocupação de reduzir o número de vacas utilizadas na produção leiteira senão pelo afastamento das vacas mais parideiras e as de pouca produção. Se os criadores brasileiros simplesmente se movimentarem para obter menores intervalos entre-partos e procurarem mais leite por vaca nas condições econômicas permitidas pelo ambiente, certamente poderão em poucos anos duplicar sua produção. Para isso, no entanto, precisam de incentivo, confiança no ramo de atividade que os anime a investir e permanecer na atividade.

A quase totalidade do rebanho leiteiro brasileiro, explorado a partir do estado de São Paulo e norte do Paraná para o norte e centro do BRASIL, têm de maneira geral sangue de raças zebuínas puro ou de mistura maior ou menor, com raças leiteiras especializadas. Nos estados do sul, como sul do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o mesmo não ocorre, havendo predominância de raças européias.

A partir da década de 50 o BRASIL experimentou um considerável progresso no melhoramento genético dos seus rebanhos e isso pode ser comprovado pelos constantes registros de boas e crescentes produções seja em exposições de animais, em torneios leiteiros e mesmo em Controle Leiteiro. Se maior progresso não está sendo observado deve-se ao pouco estímulo econômico que existe para a atividade em geral. No entanto o progresso e os resultados de inúmeras pesquisas realizadas pelos institutos de pesquisas e universidades, conduzidos por um já considerável número de técnicos com avançados cursos de especialização no país e no exterior, estão mostrando que grandes e rápidos melhoramentos podem ser esperados a partir do momento em que haja estímulos seguros para a produção de leite.

Graças ao trabalho desenvolvido pelo MINISTÉRIO DA AGRICULTURA o BRASIL conta com associações de criadores especializadas no registro e melhoramento das várias raças de gado como zebuínas, holandesa, jersey, pardo suíça, guernsey, bubalinas e outras. O trabalho nessas entidades, sem dúvida bastante atualizado, mostra que, uma vez superadas dificuldades econômicas em seus próprios trabalhos e na produção de leite em geral, pode-se esperar uma rápida e benéfica influência na produção global.

Dificuldades do meio tem estimulado toda sorte de pesquisas na parte agrônômica, levando a obtenção de inúmeras variedades de capins e plantas forrageiras

para alimentação do gado, nos mais variados climas do BRASIL. O conhecimento dos bons resultados colhidos já é bem difundido. São inúmeras as propriedades onde se cultivam bons pastos e forrageiras e só não se amplia mais esta orientação porque os custos da exploração não permitem. A ensilagem de alimentos, para utilização em entre-safrá, bem como a fenação, são práticas razoavelmente conhecidas, e bem assim seus efeitos na produção do leite, mas que aguardam em nosso meio o momento para serem generalizadas.

Gado leiteiro

Dadas as dimensões continentais do BRASIL, com diferentes climas e culturas já se acham bem definidas as raças e cruzamentos que mais se adaptam. Conforme citado anteriormente, a experiência mostrou que existem a grosso modo duas regiões com condições climáticas definidas que possibilitam e aconselham o tipo de gado a utilizar. A de menor extensão é representada pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e sul do Paraná; a de maior extensão é representada por todo o BRASIL, com exceção dessas áreas.

No Sul, podem ser mantidos e explorados com relativa facilidade rebanhos formado por animais puros ou altamente selecionados, das raças Holandesa, Pardo Suíça, Jersey e outras. Os cruzamentos entre essas raças e outras de finalidade de produção de carne mostram boa adaptabilidade e quando devidamente selecionados, altas capacidades de produção. Os cruzamentos com zebuínos são úteis, desde que fique baixa a taxa de sangue indiano.

No restante do país, no entanto, o quadro muda de figura. Gado das raças leiteiras européias podem e vem sendo criadas com sucesso, embora necessitem estar cercadas de cuidados que só poucos criadores têm condições de oferecer. Esses rebanhos, formados por vacas das raças Holandesa, Pardo Suíça ou Jersey são mantidos e explorados principalmente com a finalidade de produzir reprodutores que são largamente utilizados em cruzamentos.

Um razoável contingente de gado de raças indianas, como Gir e Guzará, é criado, também, selecionado para a produção de leite, sendo não menos procurado para o fornecimento de reprodutores para cruzamentos.

No entanto, o gado produtor de leite, de maneira geral mantido e explorado na maioria das fazendas produtoras de leite das regiões de clima quente é o cruzado, isto é, com sangue zebu e de raças européias. Os criadores adotam as mais variadas formas de cruzamento com mais sangue desta ou daquela raça, sendo no entanto o mais adotado o regime do vai e vem, isto é, numa geração são usados reprodutores de raças européias e na seguinte os de raças indianas.

O melhoramento genético desses plantéis, sejam puros ou cruzados, está na de-

pendência do uso difundido da inseminação artificial, utilizando reprodutores provados melhorantes. Esse é o caminho mais indicado para influir na maior produtividade dos rebanhos. O BRASIL já tem condições técnicas para testar seus reprodutores faltando-lhe apenas os recursos necessários e o interesse para desenvolver tais trabalhos.

A prática da inseminação está relativamente difundida e pode ser estendida a quase todas as propriedades. Faltam porém os estímulos para que possa ser aplicada com interesse e vantagem para os criadores que não estão motivados a fazer investimentos nesse rumo. A obtenção sistemática e em número satisfatório de reprodutores melhorantes provados tecnicamente é o elo que está faltando para maior difusão da inseminação artificial.

Para esta última dificuldade o MINISTÉRIO DA AGRICULTURA agora começa a se preocupar e dependendo dos recursos com que contar talvez em alguns anos venha a conseguir resultados. Não se pode esquecer porém que o teste de um reprodutor demanda cinco anos de trabalhos.

Forrageamento

Estão longe os tempos em que bastava saltar as vacas para que buscassem alimentos encontrados nos campos e voltassem com bastante leite.

Hoje, com as limitações das propriedades e principalmente com o uso intensivo e prolongado por anos seguidos os produtores têm que cuidar das terras que dispõem para plantar capins para pastejo, culturas para formar reservas e suprimentos complementando os pastos. Nada mais de pastos nativos. Eles têm que ser arados, semeados, limpos de pragas, adubados se o criador desejar obter algum rendimento deles.

Felizmente as instituições de pesquisa no BRASIL, principalmente nas zonas sudeste e sul, encontraram incontáveis indicações para a obtenção de capins de numerosas variedades, aptos para diferentes tipos de terra e clima. Os serviços de assistência têm pleno conhecimento disso tudo e estão continuamente a orientar os criadores, através de contatos diretos, palestras, publicações. Os produtores por sua vez, em não pequeno número, absorvem e aceitam tais indicações, estando já bem conhecidas práticas recomendadas com as evoluções que ocorrem. Não poucos criadores têm suas próprias pesquisas e conclusões.

Não cabe aqui recomendar esta ou aquela variedade de capim para esta ou aquela terra ou clima, que são tão variados neste BRASIL, mas olhar o assunto como um todo onde se compreende que havendo interesse em desenvolver uma criação existem meios para ampará-la do ponto de vista agrônomo para formação de pastagens.

As reservas forrageiras para os períodos

dos críticos e para complementação nos casos necessários estão também bem estudadas e difundidas. São as capineiras, as culturas de cana, mandioca, batata doce, milho, soja, guandu, etc., etc.. Tipos de silos e de silagens temos também conhecidos e estudados seus efeitos. De fenação, embora útil e recomendada no exterior temos a experiência de que nos é pouco prática dadas as nossas condições climáticas quando chove normalmente nos períodos ótimos de corte.

Enfim, é fato conhecido entre os criadores que a produção de leite obtida em pastos cultivados e suplementada quando necessário resulta em menor custo para a produção e que sem reservas de verde ou silagem para os períodos de seca não é fácil manter boas produções.

No entanto mesmo tendo todos esses cuidados na formação e manutenção de pastos e reservas forrageiras, os criadores sabem que não podem dispensar o suprimento de alimentos concentrados para seus rebanhos se boas produções são desejadas. Em não poucos casos seja pelo clima, seja por dificuldade de pessoal, ou para obtenção de altas produções, o suprimento de concentrados frequentemente ocorre durante todo ano. Os criadores sabem e sentem que o fornecimento de concentrados representa sempre gastos adicionais, encarecendo o custo de produção, mas deles não podem fugir.

Entre os concentrados mais comuns temos os farelos de trigo, de torta de algodão, de soja, de amendoim. A estes concentrados costumamos incluir os produtos do milho, sob a forma de rolão ou fubá. São produtos encontrados no mercado, por todo BRASIL, em quantidades variáveis, mas sempre a preços crescentes.

Instalações e equipamentos

Importante também na produção de leite são as instalações indispensáveis para acolher o gado, tratá-lo, ordenhar as vacas, criar e abrigar os bezerros.

Por mais que se-pense em evitar gastos, não há como produzir sem contar com recursos e meios para tornar as tarefas de manuseio mais simples e ocupando o menos possível a indispensável mão-de-obra de leiteiros, retiradores, pessoal de campo, encarregados, etc.. Para isso há necessidade de se dispor de estábulos, locais de ordenha, currais, galpões, abrigos, cocheiras, casas, e o que, representa um investimento nos dias atuais, cercas, portais, cochos, etc.. Isto tudo exige não só recursos na instalação como na conservação.

Mas não bastam as instalações, precisa-se também de equipamentos que representem outro volume de recursos para aquisição e manutenção. Aqui se incluem os equipamentos de lavoura, para formação e conservação de pastos, culturas e para forrageamento, como tratores, arados, se-

meadeiras, roçadeiras, ensiladeiras, picadeiras, misturadoras, transportadoras, etc.. O equipamento de ordenha também aparece, limitado por baldes, filtros, baias, no caso de ordenha manual; mas incluindo conjuntos de ordenha mecânica nos casos de grandes produções concentradas.

Como é fácil concluir, para produção de leite não se pode esperar que bastem apenas vacas. É preciso algo mais até que se conte com um satisfatório volume de leite enchendo latões no decorrer de todo ano.

Mão-de-obra

Capítulo à parte na produção de leite é a mão-de-obra necessária.

Esta sem dúvida é a grande preocupação de todo produtor de leite, lembrando-se sempre que esta é uma atividade contínua que não pode parar aos domingos, feriados ou dias santos. Vai de 1.º de janeiro à 31 de dezembro.

Apesar de dificuldades ocasionais, a verdade é que os produtores de maneira geral conseguem realizar suas tarefas e continuar produzindo. Normalmente são boas as relações com o pessoal em serviço, a despeito dos problemas de relacionamento trabalhista onde são continuamente pesados direitos e deveres. Problemas sociais são também incluídos no trato diário com o pessoal que precisa morar na propriedade onde trabalham. Este fato é bem sentido na grande maioria dos produtores de leite, representando quase 80% do total que ou trabalham só, ou com a ajuda de uma ou duas pessoas.

A dificuldade de manter pessoal no campo dado o atrativo das cidades, constitui outro problema para os produtores. Isso complica a formação de ordenhadores, de pessoal prático na lida do gado tão indispensável nas propriedades produtoras. A formação contínua de pessoal deste nível e também os de encarregados e administradores constitui preocupação constante dos criadores que sempre esperam a colaboração das instituições de assistência para esse setor.

De qualquer maneira o item mão-de-obra na produção de leite é fundamental e normalmente pesa logo em segundo lugar entre as despesas com a produção de leite.

Custo de produção e inflação

Por tudo que foi descrito anteriormente é fácil concluir que o leite obtido e destinado ao consumo ou industrialização provém da mais variada gama de propriedades. Contam-se como produtores de leite fornecedores a partir de 4 ou 5 litros diários, até um poucos de dezenas de milhares de litros. Felizmente ainda não chegamos a situações como na Índia, onde há fornecedores de 1 litro diário e

onde o pagamento do leite fornecido é a vista, isto é no ato da entrega.

Quem tiver interesse em examinar os volumes de leite recebidos nas diferentes usinas, postos de refrigeração ou indústrias de laticínios localizadas por todo esse BRASIL, pertencentes a cooperativas ou organizações particulares, irá verificar que cada uma tem seu quadro próprio de distribuição de fornecimentos, predominando o número de pequenos fornecedores com menos de 100 litros diários, mas que nem sempre representam a maioria do leite recebido pois há fornecedores e muitos, de 150, 200, 500, 1.000 l e mais.

Assim, não há um fornecedor médio padrão no BRASIL, mas inúmeros e diferentes de uma para outra região ou município. Isto torna difícil indicar qual o fornecedor médio. Por outro lado, como a forma de explorar uma propriedade é muito individual, aumenta a dificuldade de se indicar qual o produtor médio. Estudos nesse sentido, pois, devem abranger por essas razões o maior número de propriedades, diversificadas o quanto possível. Lembra-se porém que embora o maior número de fornecedores seja de pequenos produtores, nem por isso o maior volume de leite provém dessas propriedades.

Onde se produz leite B, surge um outro problema, representado pelo excesso desta produção que não é distribuído como B, sendo esta sobra desclassificada para o preço do leite C. Não pouco leite cai nesta desclassificação embora contribua e muito para melhorar a qualidade do leite C.

Outro fator complicador é representado pelo excesso de leite sobre a cota. Embora venha sendo adotado o regime de preços diferenciados a cada três meses gerenciando esta situação de produção insuficiente, política do mínimo necessário, em muitas organizações continua vigorando o regime de cotas. Realmente esse regime só é recomendado para reger os casos de excesso de produção no período de safra. Isto entretanto leva a um preço de excesso que junto com o da cota contribui para abaixar o preço médio final.

Da forma como vem sendo mantida a política de preços os produtores ficam em dificuldade para programar sua produção pelo ano todo. A pecuária leiteira

pode obter preços de produção mais baixos se concentrar as parições para a entrada das águas, período de mais capim e com isso evitar o fornecimento de rações e forragem estocada no período seco. Baixando a produção na seca os rendimentos serão menores como as despesas. No entanto, o abastecimento das populações seria prejudicado com esses altos e baixos na produção e esta ficaria privada de um grande volume de leite fresco uma parte do ano. Também a indústria de laticínios seria altamente prejudicada por essa orientação, pois precisaria dispor de equipamentos de maior capacidade para absorver a produção das águas e a seguir ficar parcial ou totalmente paralisados na época de seca ou entressafra, por quatro ou cinco meses ou mais, sem dúvida encarecendo o beneficiamento e com problemas de pessoal como ocorreu em tempos passados.

O regime de cotas, adotado desde o começo da década de 50, obriga os produtores a programarem sua produção para o ano todo, preparando reservas de forragens para os meses em que os pastos secam. Para isso concentram as parições para o final da safra, afim de que as vacas produzam mais, no início das lactações, coincidindo com a seca. Os que fogem deste regime são penalizados pelo preço de excesso que sempre foi mais baixo que o da cota. Assim, com boa média de produção de cota o rendimento médio do ano é maior, o que não acontece quando a cota é baixa e maior volume de leite é vendido a preços inferiores.

A adoção do regime de cotas, sem dúvida, disciplinou a vida das indústrias de laticínios e o trabalho nas zonas produtoras. Um grande progresso foi sentido por todos do setor a partir do momento em que foi adotado o regime de cotas. Lamentavelmente a inflação se tornou um novo ingrediente nesse problema, exigindo uma adaptação do regime de cota com a contínua elevação dos preços. Voltar ao regime de preços mensais é extremamente perigoso e vai contra uma rotina que deu bons resultados durante muitos anos. Nesse caminho podemos chegar a situações como sentidas há meio século atrás quando os produtores entregavam o leite nas usinas sem saber por que preço o estavam vendendo. Isso hoje não mais pode ser admitido pela concorrência que

a produção leiteira sofre dos demais setores da agricultura.

A programação da produção leiteira em uma propriedade tem que ser anual e não mensal. As parições têm que ser programadas, conjugando datas de parição desejadas com limitados intervalos entre-partos; as pastagens só podem ser cuidadas nos momentos próprios relacionados com a marcha do clima durante o ano, chuvas, calor, frio. As reservas forrageiras, como silagem, exigem preparação de culturas de milho ou sorgo, plantio, trato, colheita e carga dos silos que decorrem em épocas fixas do ano, sem o que serão impraticáveis ou anti-econômicas. Outras culturas de forrageiras também estão sujeitas a esse regime, seja para as águas ou para a seca. O fornecimento de concentrados nos períodos de seca e para vacas de maior capacidade de produção podem ser feitos todo o tempo, mas é sabido o quanto ele encarece a produção.

Distribuição de custo

Ao examinar planilhas de custo de produção de leite, normalmente encontramos itens comuns, onde são classificadas as despesas. As quantias gastas em cada item, porém variam muito de uma para outra propriedade ou estudo. Considerando o que pode ser observado em quatro estudos feitos pelo Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (dois), por um criador isolado, sendo 2 de leite B e um de leite C e pela FAESP, vamos encontrar a seguinte variação de percentuais de gastos em relação a cada item, classificados na ordem de importância (ver quadro 6A).

Como é fácil observar, tais variações mostram a alimentação do rebanho, os gastos de mão-de-obra e os juros de créditos de custeio, estes últimos quando ocorrem, representando a maior parte do custo da produção. Os demais itens, embora fundamentais e indispensáveis, compreendem menos de 30% dos custos.

O quadro 6 — foi possível elaborar partindo do levantamento de uma propriedade que realiza esse controle há muitos anos e com todo rigor, pois é dirigida por seu proprietário, engenheiro agrônomo. Trata-se de produção de leite B, dos quais

QUADRO 6 — DISTRIBUIÇÃO DE CUSTOS EM PRODUÇÃO DE LEITE B — 1984/1985 em %

	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N
1. Alimentação — forragens e concentrado (1)	48,91	52,86	54,60	46,69	46,98	48,66	46,92	49,55	45,21	41,92	54,31	43,88
2. Salários e serviços (mão-de-obra) (2)	34,86	30,73	26,36	27,62	28,12	30,20	25,96	28,12	33,20	30,87	23,80	31,79
3. Medicamentos e vacinas	6,28	4,55	4,30	4,44	4,65	4,10	7,28	4,41	5,49	4,71	5,21	5,95
4. Reparo e conservação de máquinas e equipamentos	0,58	1,27	4,39	6,82	8,42	4,55	3,99	2,19	1,75	7,82	4,06	9,97
5. Depreciação de máquinas e veículos	1,48	2,50	2,40	2,39	2,30	1,91	1,72	1,49	1,58	1,25	0,90	0,94
6. Transporte do leite	2,14	1,93	1,72	2,34	2,25	2,33	2,39	2,24	2,73	2,40	1,88	1,82
7. Reparo e conservação de construções	1,03	0,91	1,40	0,41	0,55	1,58	1,25	5,11	4,91	0,16	0,08	0,22
8. Depreciação de benfeitorias	0,80	1,18	1,13	1,12	1,08	0,90	0,81	0,70	0,74	0,59	0,42	0,44
9. Outras despesas (3)	3,91	4,07	3,67	8,13	5,62	5,74	9,65	6,15	4,34	10,25	9,29	4,97

(1) = Sementes e mudas, defensivos, adubos e corretivos, rações compradas, combustível e lubrificantes.

(2) = Salários e serviços, funerais dos empregados, trabalho empresarial.

(3) = Caretos diversos, leite consumido na fazenda, despesas gerais inclusive juros bancários.

FONTE: Fazenda Piedade, Caçapava, Engenheiro Agrônomo MANOEL JOSÉ DE ALCANTARA.

QUADRO 6A

	Varição percentual
— 1.º Alimentação — forragens e concentrados	De 29,38 a 58,03
— 2.º Juros de crédito de custeio	De 2,23 a 29,30
— 3.º Mão-de-Obra	De 9,20 a 34,86
— 4.º Medicamentos e vacinas	De 1,03 a 7,28
— 5.º Depreciação de máquinas	De 0,90 a 5,73
— 6.º Transporte do leite	De 1,72 a 5,65
— 7.º Conservação de cercas e porteiras	De 0,08 a 5,11
— 8.º Sal comum e minerais	De 2,35 a 3,73
— 9.º Depreciação de benfeitorias	De 0,42 a 4,19
— 10.º Outras despesas	De 1,16 a 10,25

30% são canalizados para o abastecimento de leite C. Nesse quadro, os percentuais de gastos foram determinados nos meses de dezembro de 84 e nos meses de janeiro a novembro de 1985. Nesta propriedade o criador não recorre a financiamentos, razão porque não aparece a pesada alíquota de juros que às vezes inviabiliza outras organizações.

O item medicamentos e vacinas aparece com destaque no 3.º lugar das despesas, diante da composição racial do rebanho, formado em grande parte de vacas da raça holandesa, notadamente mais necessitadas de assistência veterinária do que o rebanho mestiço que compõe a maioria dos plantéis produtores de leite C.

Este quadro tem uma importância fundamental em qualquer estudo eis que representa com fidelidade a marcha da produção no decorrer de todo ano. A evolução dos gastos com alimentação mostra bem que não há picos sendo que as médias de percentagens aparecem mais altas de outubro a fevereiro, época que precede a safra, embora neste caso não se destaque períodos de safra ou entre safra. Esse período correspondeu a plantio de milho para silagem.

A produção média deste rebanho durante todos os 12 meses estudados foi de 1.232 litros diários, com variações mínimas de 1.006 litros em agosto e máxima de 1.515 litros em outubro.

O quadro 7 — mostra a distribuição de custos de produção de leite, segundo le-

vantamentos procedidos pela FAESP. Há diferenças nos itens considerados entre o trabalho comandado no Quadro 6A e este, isoladamente porque neste caso é considerada uma taxa de remuneração de capital não incluído no outro. Isso contribui para reduzir o percentual de gastos com a alimentação e demais itens. No entanto, se por exemplo for removido o item "remuneração do capital", só no mês de outubro, o item alimentação passa de 35,08% para 45,7 e o de salários de 24,37 para 30,89%.

Outro item que não aparece nas planilhas normais de custo de produção, mas que faz parte da exploração leiteira é representado pela venda de animais nascidos, criados e dos descartes. Este é sem dúvida o capítulo à parte que representa para o produtor diligente a porta de saída para suas dificuldades. Aquele que sabe bem dispor dos machos nascidos, ou dos descartes que precisa fazer ou que cria novilhas de substituição melhores, no final acaba garantindo uma renda que também é extremamente variável de uma para outra exploração.

Evolução dos preços de insumos

Um dos motivos de aflição dos produtores e que lhes dificulta a exploração é a contínua ascensão dos preços dos in-

sumos indispensáveis à produção. É marcante o fato de que há um sério descompasso entre a evolução do preço tabelado do leite e dos insumos. Estes vêm aumentando a cada mês, às vezes a cada quinzena ou semana, e os do leite, a cada dois ou três meses depois. Nesse intervalo, até que os novos preços do leite equilibrem a situação houve uma descapitalização e uma vez feitos os reajustes, já nova marcha de ascensão dos preços dos insumos está ocorrendo.

Examinando-se a evolução dos preços num período de um ano, alguns fatos mostram como vem sendo difícil e preocupante a condução econômica de uma produção de leite. Assim, considerando-se os preços de janeiro e dezembro do leite C para o produto (no final de 1985 e não de todo fornecimento do mês) temos um índice de reajuste de 241,5%; para o leite B a situação foi melhor — índice de 306,3% (janeiro a janeiro).

No entanto o quadro para os insumos muda bem de figura no item alimentação que mais pesa no custo. Tivemos índices de 433,0% para o farelo de trigo, de 325,0 para farelo de soja, de 345,2 para o farelo de algodão e de 227,3 para o milho.

O sal comum mostrou um índice de 208,8 e o sal mineral de 201,2%.

No item mão-de-obra, os índices são mais razoáveis, variando entre 218,1 e 252,3%. Já com relação aos medicamentos, os índices variaram de 192,4 para a vacina anti-aftosa até 314,3 para o Penta Pentabiotico.

Lucro e administração

Na prática, nos casos de produções médias diárias abaixo de 50 ou 100 litros diários, estes são obtidos como fruto do trabalho de seu proprietário com a ajuda de familiares e um ou outro empregado. A renda total obtida em muitos casos mal atinge um salário mínimo para as despesas do proprietário.

Desde que se pense em aumentar a produção, como é indispensável, a inclusão de uma parcela de lucro na planilha de custos é imprescindível. Isto se aplica principalmente porque há um investimento sempre embutido na produção, pois o rebanho tem custos altos, o mesmo se dizendo com o valor das terras, benfeitorias, máquinas, equipamentos e veículos. Eis porque pensar em aumento de produção sem lucro é mera ilusão. São grandes as atrações do mercado financeiro, sem os riscos da produção, sujeitas a doenças no rebanho que de um momento para outro pode comprometer a renda de meses ou, da má condição do tempo, com secas ou chuvas excessivas. Os produtores que venderam seu rebanho e fizeram aplicações certas, em geral não estão arrependidos.

Em propriedades maiores, comuns na produção de leite B e raras no leite C, de maneira geral se incluem os gastos com a administração nas despesas de salários, um percentual variável para remunerar o trabalho do proprietário que está à frente do empreendimento e o dirige. Esta parcela, no entanto não pode ser confundida com lucro.

QUADRO 7 — DISTRIBUIÇÃO DE CUSTOS NA PRODUÇÃO DE LEITE C — 1985 em %

	Fevereiro	Junho	Outubro
1. Alimentação	36,15	35,57	35,08
2. Salários	21,37	23,25	24,37
3. Remuneração de capital (1)	24,22	22,70	21,09
4. Transporte do leite (2)	5,70	6,16	5,65
5. Medicamentos	3,47	3,73	3,42
6. Conservação de benfeitorias	3,47	1,45	3,82
7. Depreciação de máquinas e implementos	3,20	3,66	3,00
8. Depreciação de benfeitorias	1,25	1,45	1,32
9. Despesas gerais	1,15	1,52	1,37

(1) Inclui máquinas e implementos, benfeitorias, terra, rebanho e capital circulante.
(2) 1.º e 2.º percursos.

FONTE: Federação da Agricultura do Estado de São Paulo — FAESP, Departamento Econômico.



Em sessão solene a posse do Conselho Técnico da ABC foi dada pelo Gen. Diogo Branco Ribeiro, seu vice-presidente.

Tomou posse no dia 20 de fevereiro, às 10 horas, o Conselho Técnico da Associação Brasileira de Criadores. Presidiu a posse, o vice-presidente da ABC, general Diogo Branco Ribeiro, que fez a apresentação dos membros do Conselho. O ritual foi rápido. O presidente do Conselho e diretor técnico da ABC, o agrônomo Manoel de Barros Alcântara, esclareceu que a principal missão do Conselho será a de auxiliar as decisões técnicas da diretoria executiva e também oferecer subsídios às decisões políticas da ABC. No dia da posse, transformada já na primeira reunião, os membros do Conselho decidiram que se reunirão de 90 em 90 dias — havendo convocação extraordinária havendo necessidade.

Já na primeira reunião, o Conselho Técnico teve que decidir uma questão delicada, trazida por um dos conselheiros e diretor do Serviço de Controle Leiteiro, o médico-veterinário Fidélis Alves Neto, que

expôs a questão, submetendo-a à apreciação dos membros do Conselho: um criador da raça Holandesa, Variedade Vermelha e Branca, tem uma vaca excepcional. Na primeira lactação, ela apresentou uma lactação extraordinária. No primeiro controle da segunda lactação, a vaca voltaria a exibir performance excepcional. Porém, na segunda pesagem, feita pela inspeção, houve um problema: a vaca ficou doente e com febre alta. Foi suspensa a pesagem de inspeção e o controle foi feito dias depois em visita rotineira. Porém, o animal ainda apresentava uma produção abaixo do seu potencial, já que as sequelas da doença ainda permaneciam. Sentindo-se prejudicado pela doença, o criador sugeriu que o Serviço de Controle Leiteiro atribuisse, para efeito de contagem da lactação total, a média da pesagem anterior e a posterior. Mas sua pretensão esbarrava no Regulamento do Controle Leiteiro, que admite atribuir a média extraída da

- Pela ABC - Conselho toma p decisões

pesagem de inspeção e do dia normal da visita do controlador.

Porém, como lembrou Alves Neto, não era uma questão simples: estava em jogo o recorde da raça Holandesa, Vermelha e Branca. Se se fosse aceita, para efeito da pesagem, o segundo mês como a média da primeira e da terceira lactações, essa vaca poderia bater o recorde e ganhar o Balde de Ouro. E se fosse respeitada a pesagem feita, o total da lactação ficaria inferior à produção da recordista atual. Por considerar a questão extremamente delicada, os conselheiros votaram pelo respeito ao regulamento do Controle Leiteiro, ou seja, decidiram pela aplicação do Regulamento em vigor. E autorizaram o Serviço de Controle Leiteiro a fazer uma observação em sua ficha, mencionando a doença que prejudicou a lactação. Os conselheiros justificaram a decisão, argumentando que era perigoso abrir exceção para preservar o bom nome do Serviço de Controle Leiteiro.

Subsídios à diretoria

Após essa importante decisão, o conselheiro e pecuarista Francisco Jacintho, de Presidente Prudente, pediu esclarecimento sobre as atribuições do Conselho Técnico. Quis saber, por exemplo, se o Conselho Técnico poderia discutir as questões

Eng.º Agr.º Manoel José de Alcântara, Presidente do Conselho, Gerente Técnico da ABC e produtor de leite, em Jambuí, SP.

Dr. Alexandre J. Louis Doveley, especialista em avicultura

Dr. Antonio Carlos Gouveia, especialista em reprodução animal e clínica geral.

Dr. Carlos do Amaral Cintra, diretor de Fomento da Associação Brasileira de Cavalos da Raça Mangalarga e pecuarista em Amparo, SP.

Dr. Fidélis Alves Neto, chefe do Serviço de Controle Leiteiro da ABC

Eng.º Agr.º Francisco Jacintho da Silveira, pecuarista em Presidente Prudente, SP.



ho Técnico osse, com importantes

de políticas para o setor e os problemas conjunturais de mercado. Alcântara entende — outros conselheiros concordaram — que, além de discutir e decidir sobre casos levados pela diretoria executiva e pelo Departamento Técnico, o Conselheiro poderia levar assuntos para a discussão e se a diretoria considerar pertinentes pode tomar as decisões.

Assim, esclareceu Alcântara, no caso da política e questões conjunturais, o Conselho Técnico pode oferecer subsídios à diretoria. Por considerar que a sua denúncia era grave e portanto a diretoria da ABC deveria pronunciar-se, Jacintho colocou a questão da importação de carne à discussão pelos conselheiros: O pecuarista informou que há setores do Governo dispostos a autorizar a importação de carne de países que subsidiavam a exportação para fazer cair a inflação.

Jacyntho advertiu sobre o risco que o país corre se essa medida se consumir. Essa carne — da Comunidade Econômica Européia — pode chegar a um preço irrisório. E isso implica em baixa de preço generalizado no mercado interno, preveniu. O outro conselheiro, Alexandre Develey, concordou com o perigo e acrescentou que essa importação colocaria em risco não só a pecuária de corte como também à suinocultura e à avicultura. "Seria nociva à pecuária de corte e para a avicultura e suinocultura seria devastador.

Isso porque, apesar do prejuízo que causa, o boi pode ser mantido vivo nas pastagens. O mesmo não ocorre com a avicultura e suinocultura, cujo abate não pode ser adiado. No caso das aves, com 45 dias de engorda e no caso dos suínos com 5 meses. E se o abate não ocorrer nesse período haverá prejuízos totais ao setor. Não há margem de manobra: passou o prazo de abate, os prejuízos vão se acumulando dia a dia e de forma irreversível. Então, é preciso alertar o governo sobre esse risco".

Manoel de Barros Alcântara, também concordou, lembrando que o consumidor hoje está mais preocupado com o preço e não com a qualidade do produto. Ele cita o caso do leite. "O leite B, muito melhor, custa quase o dobro do C. E com isso o seu consumo tem declinado violentamente. Então, estou certo de que, se essa carne, de baixa qualidade, for colocada no mercado, o consumidor irá preferir", explicou.

Jacyntho lembrou que, se essa decisão for tomada, o novo Governo quebra o acordo anterior, no qual o Governo havia assumido o compromisso de só importar carne de países que não subsidiavam o produto. "Não nos opomos à importação criteriosa, mas não de países que subsidiavam o produto. A curto prazo, essa opção pode ser um ótimo remédio para combater a inflação. Mas a médio prazo haverá efeito devastador à pecuária, avicultura e suinocultura", esclareceu. (Veja na íntegra, na página seguinte, a sua opinião sobre os efeitos dessa importação).

Após as discussões, os conselheiros decidiram que a diretoria da ABC

deverá procurar outras entidades para, juntas, apresentarem suas reivindicações ao Governo e fazer a advertência sobre o risco dessa decisão ao país. Além disso, os conselheiros consideraram importante fazer artigos para serem publicados na Revista dos Criadores e em outros órgãos de imprensa, alertando sobre o risco dessa decisão.

Onofre Carvalho, outro membro do Conselho e representante do Ministério da Agricultura, prometeu levar o alerta ao Serviço Nacional de Produção Animal, órgão do Ministério da Agricultura, pedindo para que os técnicos façam também estudos aprofundados sobre as implicações dessa importação. Carvalho considerou importante as entidades ligadas ao setor rural fornecer ao Serviço subsídios apontando sobre os riscos embutidos na decisão de se importar carne subsidiada.

Já o conselheiro Roberto Arruda Cano, levantou, na reunião, outra questão: o acesso dos produtores ao estoque de milho do Governo. Segundo ele, os avicultores e suinocultores têm dificuldade em disputar o leilão promovido pela CFP em Bolsas. Segundo ele, os produtores têm que enfrentar grandes empresários. Assim, ele considera importante o Governo facilitar o acesso dos produtores aos estoques de milho.

Veja a seguir os pronunciamentos do pecuarista e conselheiro da ABC Francisco Jacintho da Silveira sobre as consequências da importação de carne subsidiada e também do conselheiro e médico-veterinário dr. Carlos do Amaral Cintra sobre a importância da instalação do Conselho Técnico da ABC.

Dr. Geraldino Dias da Silva, Presidente do Sindicato dos médicos veterinários.



Dr. Onofre Pereira de Carvalho, representante do Ministério da Agricultura.



Eng.º Agr.º Osmany Junqueira Dias, pecuarista em São José do Rio Pardo.



Eng.º Agr.º Roberto de Arruda Cano, do Departamento Econômico do Badesp e suinocultor na região da Itu, SP.



Dr. Walter Battiston, chefe do Serviço de Registro Genalógico e do Procrusa.



O problema das importações de carne

FRANCISCO JACINTHO

Essas importações seriam o desastre de nossa pecuária, avicultura e suinocultura.

As importações de carnes bovinas foram sempre combatidas pelos produtores, sobretudo porque elas vieram sempre acompanhadas de significativos subsídios governamentais, que fazem essas carnes trazerem depressão nos preços do mercado interno.

Nos últimos anos os produtores obtiveram do governo a promessa de não mais subsidiar eventuais importações, como também não importar carnes de fontes cujas exportações de carnes são subsidiadas. Esta última parte visa diretamente o Mercado Comum Europeu que dispõe nos últimos anos de elevados estoques de carnes de baixa qualidade e que, para forçar a saída dessa mercadoria, concede subsídios tão elevados que reduzem seu preço até a menos da metade dos valores normais.

Os países do Mercado Comum Europeu desde muitos anos têm enormes excedentes de laticínios. Cansados de sustentar subsídios altos e constantes a exportação desses produtos, decidiram reduzir o rebanho leiteiro num plano de 5 anos. Assim cada produtor foi obrigado a anualmente sacrificar uma porcentagem de seu rebanho leiteiro, plano esse que deve terminar em 1987. O resultado foi a formação de elevados estoques de carnes no frio, que têm se mantido em torno de 700 mil toneladas. São carnes inferiores de

difícil colocação no mercado interno ou externo. Para forçar a saída são obrigados a vendê-las com elevados subsídios. O comprador tem sido sobretudo a União Soviética e a atração é o preço baixo; são carnes com 2 ou mais anos no frio, na maioria dos casos.

Temos notícias de que alguns setores do novo governo pretendem importar essas carnes do Mercado Comum Europeu no 2.º semestre, para deprimir os preços na entressafra, visando o controle da inflação. Seria uma medida de verdadeiro desespero e que teria consequências gravíssimas na pecuária, suinocultura e avicultura nacionais.

Essas importações de carnes inferiores e baratas momentaneamente baixariam os preços do mercado interno de maneira desastrosa para os produtores. Os pecuaristas seriam atingidos mais fortemente no setor de confinamento, prática que vem colaborando significativamente para o abastecimento da entressafra; a pecuária de pasto sofreria menos porque o custo do pasto é muito mais baixo do que o do cocho. Os maiores sacrificados seriam os avicultores e suinocultores. Caídos os preços do boi, cairão os do frango e da carne de porco. Esses dois setores que têm um custo alimentar muito alto, e têm os dias contados para o abate, não têm capacidade

de resistência e entrariam em colapso.

Nosso país tem importado carnes do Uruguai, principalmente sob o regime "draw-back", isto é, carnes para a indústria, que são vinculadas à exportação de enlatados. Teoricamente elas não entram no consumo interno e é preciso haver uma rigorosa fiscalização para que assim seja.

Os produtores serão muito prejudicados e conseqüentemente desestimulados com qualquer importação de carne em que haja subsídio. No Mercado Comum eles subsidiam os produtores com farelo de soja fornecido pela metade do preço do mesmo no Brasil e depois subsidiam para exportar a carne pela metade de nossos preços. Podemos concorrer com essas carnes? Essas importações seriam o desastre de nossa pecuária, avicultura e suinocultura.

É preciso que o nosso governo se manifeste claramente sobre o assunto. Os pecuaristas que confinam bois para a entressafra estão em total insegurança. Pois essas importações, se ocorrerem, reduzirão seu trabalho de engorda em confinamento para a entressafra num enorme fracasso. O produtor precisa ter segurança de que a última hora o Governo não lhe tire o tapete.

No mesmo caso estão a suinocultura e a avicultura nacionais.

A ABC amplia seu quadro de colaboradores

Dr. Carlos do Amaral Cintra(*)

O convite que recebemos para participar do Conselho Deliberativo da ABC muito nos honrou, tanto por podermos colaborar com essa Associação, cujo prestígio e trabalho são longamente reconhecidos em todo o país, como pelo alto nível dos companheiros de conselho, homens que vêm dando provas de eficiência e competência em suas atividades particulares e públicas.

A ABC, instalando seu Conselho Deliberativo, amplia seu quadro de colaboradores com técnicos com profundos conhecimentos profissionais especializados.

São atribuições do Conselho dar

contribuições e suporte as decisões Técnicas da Diretoria Executiva e levou a esta subsídios para sua política de aperfeiçoamento e ampliações de serviços, frentes aos objetivos da Associação.

A Diretoria Executiva, composta de empresários, do mais alto gabarito, com atribuições diversas e definidas pelos Estatutos terá a disposição um corpo Técnico profissional destacado, tanto para ensulcos quanto para apresentação de pareceres e sugestões.

É, ainda, importante salientar que a Diretoria da ABC, sendo bastante abrangente em suas atividades, com

manifestações contundentes em amplos setores da atividade agrícola, é um exemplo a ser seguido por todas as Associações congêneres, através das federações, na luta para o estabelecimento de uma real "Política Agrícola".

(*) Dr. Carlos do Amaral Cintra, é médico-veterinário e proprietário da Fazenda Boacina, em Amparo, SP. É diretor de fomento da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. É um dos fundadores da Associação Paulista de Criadores de Charolês e da Associação Brasileira de Canchim. Foi também, diretor da Sociedade Rural Brasileira e Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp).

Conselho técnico e deliberativo da ABC

Presidente:

Eng.º Manoel José de Alcantara

Vice-Presidente:

Médico Vet. Walter Battiston

Secretário:

Méd. Vet. Antonio Carlos Gouveia

Membros do Conselho:

Bovinoecultura de Corte:

Eng.º Agr.º Francisco Jacintho da Silveira

Bovinoecultura de Leite:

Eng.º Agr.º Osmany Dias

Suinoecultura:

Eng.º Agr.º Roberto Arruda Cano

Equideocultura:

Méd. Vet. Carlos do Amaral Cintra

Controle Leiteiro:

Méd. Vet. Fidelis Alves Neto

Avicultura:

Méd. Vet. Alexandre J. Lovis Devey

Empresas de Insumos Agropecuários:

Méd. Vet. Geraldino Dias da Silva

Forrageiras de Inverno

Está em cima da hora!

A grande maioria de nossas pastagens são constituídas de gramíneas tropicais, com baixa resistência ao frio e à geada. Com a chegada do inverno, as pastagens secam, ficando os rebanhos na dependência de feno e silagens que oneram bastante a atividade do fazendeiro. Existem, porém, algumas espécies de gramíneas que resistem ao frio e se prestam ao pastoreio e corte, mesmo nas condições adversas de nosso clima. Entre elas destacamos:

AVEIA PRETA

Forrageira de inverno que melhor comportamento apresentou depois de vários anos de observações em campos experimentais do Rio Grande do Sul, de onde é originária, e pelos excelentes resultados apresentados nos Estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, de acordo com informações que nos foram fornecidas por associados que a utilizaram e que ficaram entusiasmados com sua produção de massa verde, justamente quando as pastagens se encontravam totalmente secas. Toda a nossa semente quando adquirida, passa por um duplo e rigoroso exame de controle, não só de pureza, como também de germinação. Essa é a nossa norma de procedimento com relação as nossas sementes quando postas à venda, maior ainda, é a nossa vigilância quando se trata da Forrageira de Inverno — AVEIA PRETA, de nossa exclusiva revenda.

Plantio

O período para plantio vai de março a maio. Por esta razão, recomendamos aos nossos associados que plantem já, garantindo desta forma, alimentação para o gado na seca (inverno) que se aproxima, e pelo que se sabe, será rigoroso.

Vantagem

- Utilização racional da terra, máquinas, implementos e mão de obra;
- Produção excelente de forragem verde, rica em proteínas e minerais;
- Resistente ao frio, suportando bem as temperaturas mais baixas, adaptando-se aos climas mais variados;
- Produção de carne e leite, estável o ano inteiro;
- Aumento da cota de leite;
- Aumento da fertilidade do rebanho e da natalidade de bezerras.

Por ser rica em proteína digestível e sais minerais, a AVEIA PRETA muito apreciada pelo gado, permite a rebrota rápida, proporcionando de 3 a 4 cortes por ano. O primeiro corte poderá ser dado de 40 a 60 dias após o plantio, quando a Aveia atingir 50 cm, aproximadamente. O corte deverá ser feito a 5 cm do solo.

A AVEIA PRETA pode ser aproveitada para o corte ou pastoreio. Neste último caso, deverá haver um bom controle no sistema de rodízio. Num período de 6 meses, dando-se 3 a 4 cortes, a Aveia produzirá, aproximadamente 25 a 30 toneladas de massa verde por hectare.

PECUÁRIA DE LEITE

Nos últimos anos em contato com diversos produtores de leite, temos sentido o entusiasmo com que estes se referem aos resultados obtidos com o emprego da AVEIA PRETA no período da seca, para a produção econômica de leite, existindo, inclusive, um grande número de fazendeiros que, graças ao emprego da AVEIA PRETA têm obtido maior produção de leite durante a seca, do que nas águas.

Observação: Com o objetivo de se prolongar o período de produção de massa verde, é também interessante e aconselhável que a AVEIA PRETA seja consorciada com o

selhável que a AVEIA PRETA seja consorciada com o Azevém. Nesta consorciação de Aveia com Azevém, a aveia produz mais rápido, porém, em fins de agosto ou começo de setembro, o Azevém passa a dominar permitindo que o aproveitamento da massa verde vá até novembro, meados de dezembro.

AZEVÉM

A exemplo do que ocorre nos países de pecuária adiantada, é considerado em nosso meio como a forrageira anual que mais se presta para a formação de pastagens. Deve ser semeado de março em diante, em solos médios e argilosos, por não produzir em terras arenosas demasiado secas. Pode ser semeado também, nas áreas em que é plantado o arroz, desde que bem drenadas, mediante simples revolvimento do terreno. O aproveitamento máximo do AZEVÉM verifica-se geralmente em meados do inverno e na primavera. Pode ser consorciado com uma leguminosa como o Trevo Vervelho ou Subterrâneo, proporcionando uma pastagem rica e nutritiva. A adubação fosfatada, na base de 250/300 kg por hectare lhe é extremamente favorável, residindo na carência de fertilização adequada a causa da demora de seu crescimento em muitos cultivos. Planta que se ressemeia espontaneamente no ano seguinte, o AZEVÉM é recomendado por sua palatabilidade, poder nutritivo, resistência ao pisoteio e produção abundante de massa verde durante meio ano, aproximadamente.

Conсорciação: Azevém 12 kg + Aveia Forrageira 60 kg p/ha.

— Azevém 12 kg + Trevo Vermelho 5 kg p/ha.

LEGUMINOSAS

A grande deficiência das pastagens brasileiras é proveniente quase sempre, da ausência

de leguminosas. Estas, além de aumentar o teor de proteínas das pastagens, retiram o Nitrogênio do ar, fixando-o em suas raízes e, conseqüentemente, enriquecem o solo. Para isto entretanto, as sementes devem ser inoculadas. Existem leguminosas que resistem bem aos invernos mais rigorosos, ocasião em que a maioria das gramíneas secam, constituindo-se num valioso auxiliar para a alimentação do gado. Entre elas destacamos:

ALFAFA MOAPA ou CRIOLA

É recomendável, sempre que possível, o plantio dessa excepcional leguminosa, muito justamente conhecida como a rainha das forrageiras. Resistente à seca e ao frio, essa planta, além de ser das que mais fixam o Nitrogênio do ar, proporciona uma massa verde abundante, rica em proteínas, minerais e vitaminas, sendo indicada para a alimentação e engorda rápida de todas as espécies de animais. É semeada em linhas equidistantes de 20 a 25 cm, com as sementes levemente cobertas de terra. As épocas mais aconselhadas para o plantio são março/abril e setembro/outubro, sendo necessários 30 kg de sementes por hectare. Em boas condições de plantio, a ALFAFA propicia de 6 a 8 cortes anuais.

TREVO BRANCO LADINO REGAL

Excelente para pastoreio, consorcia-se muito bem com Azevém, Festuca, Falaris, Cornichão e outras leguminosas. A folhagem desse Trevo, muito apreciada pelos animais em geral, é de ótimo valor nutritivo. Além de extraordinária forrageira, é melhorada do solo, facilitando o desenvolvimento das plantas que com ele convivem.

Consortiação: Azevém 15 kg + Trevo Branco Ladino 3 kg p/ha.

— Azevém 15 kg + Trevo Branco Ladino 2 kg + Cornichão 8 kg p/ha.

TREVO VERMELHO — KENLAND

Excepcionalmente rústico, comporta-se como anual ou bi-anual, dependendo dos dias de chuva na estação quente. Requer solos soltos, profundos e que não sejam demasiadamente úmidos. Pode ser semeado de março a maio, empregan-

do-se 8 kg de sementes por hectare. Aproximadamente 90 dias após o plantio estará produzindo uma forragem tenra e de alta palatabilidade, excelente para pastoreio direto, feno e corte. O PH ideal para esse tipo de Trevo situa-se entre 6 e 6,5 mas, produz igualmente em solos com 5 a 5,5 de PH.

Consortiação: Azevém 25 kg + Trevo Vermelho 5 kg p/ha.

— Aveia 80 kg + Trevo Vermelho 5 kg p/ha.

— Centeio 60 kg + Trevo Vermelho 5 kg p/ha.

— Festuca 15 kg + Trevo Vermelho 5 kg p/ha.

Recomendações para o plantio

— Não exagere na área de plantio se não tiver condições de fazê-lo adequadamente. São preferíveis 5 hectares bem feitos e com êxito, do que 50 hectares perdidos.

— Antes de semear prepare bem a terra. As forrageiras exigem terras destorroadas, pulverizadas, firmes. Em terras soltas é difícil evitar que as sementes se enterrem demasiadamente, prejudicando a germinação.

— Observe a profundidade máxima de 2 cm para as sementes demasiado pequenas, como Trevos etc. e de 3 cm para as maiores, geralmente cereais forrageiras como Aveia, Centeio etc.

— Para maior segurança, semeie cedo, na época adequada. Não plante, porém, a semente em períodos secos em que o solo não contenha umidade suficiente para favorecer a germinação das sementes. Plante logo depois de uma chuva.

— Use sementes classificadas e isentas de inço. Procure adquiri-las em casas especializadas e de confiança. Meros intermediários não têm condições de preparar boas sementes. Daí aquela garantia ABC.

— A adubação é importante. Realize-a de acordo com a análise da terra. Esta pode ser analisada pelos Laboratórios especializados dos governos estaduais e das companhias de adubo.

— **UM QUILO VALE POR DOIS!** Cada quilo das sementes vendidas pela ABC, devido à seleção a que são submetidas, vale por dois das sementes comumente comercializadas.

ERVILHACA

Leguminosa anual de boa rusticidade e de excelente qualidade devido seu alto teor protéico, é conhecida também como "Avica" ou "Vica". Cresce em forma de touceira com grande produção de massa verde, com excelente resultado quando consorciada junto às gramíneas. Muito indicada como adubo verde, chegando a incorporar 60 a 60 kg de N₂/ha. Requer um solo fofo e bem arejado, com boa dosagem de matéria orgânica. Não suporta solo com muita umidade nem muito alcalino.

Para se ter melhor aproveitamento no inverno, semear cedo, de março a abril. Fazer consorciação com cereais de inverno para ser utilizado como forragem verde, feno ou em pastoreio direto. Semear à máquina, 25 a 30 kg/ha. e a lancha de 40 a 45 kg/ha. Em terras férteis, o seu aproveitamento se dá após 3 meses da data da semeadura.

Consortiação: Ervilhaca 30 kg + Aveia 60 kg p/ha.

— Ervilhaca 30 kg + Centeio 60 kg p/ha.

— Ervilhaca 25 kg + Azevém 20 kg p/ha.

PASTO SECO + PREMIPHOS = BOI GORDO URÉIA



PREMIPHOS Uréia é um produto que foi desenvolvido para o período da seca. Contém todos os elementos indispensáveis e coadjuvantes, para que nos períodos críticos do ano, quando as pastagens já estão secas e com menor valor nutritivo seu rebanho mantenha o equilíbrio nutricional obtendo sua manutenção e ganho de peso.

(Na entre-safra a grande opção para estocagem do boi em pé)

São Paulo

Rua Hungria, 664 — c. 51 — 5.º andar
CEP: 01455 — Fone: (011) 815-5311

Patrocínio Paulista — SP

Praça Dr. Altino Arantes, 1431
CEP: 14.410 — Fone: (016) 745-1411

Presidente Prudente — SP

Av. Brasil, 1607 — CEP: 19.100
Fones: (0182) 33-4653 - 22-3077

Campo Grande — MS

Rua Bahia, 1741
CEP: 79.100 — Fone: (067) 382-8866



Técnica em Nutrição
Mineral

O ano será bom?

Depende do Governo

Entre os pecuaristas de corte o otimismo é nítido — mas, ao mesmo tempo, de apreensão. Todos os indicadores para o setor conduzem a uma análise otimista para a pecuária de corte: falta de estoque interno, recuperação do poder aquisitivo da população e o mercado externo, um pouco adverso, mas garantido, com boas perspectivas de expansão — sobretudo porque o Brasil, produzindo carne no pasto, tem competitividade, desde que o concorrente não lance mão de subsídios.

Mas, para contrapor a essa análise, existe uma área de incertezas — uma nuvem escura a desconcertar qualquer análise, otimista ou pessimista. É o Governo, como sempre. Com ótimas cartas nas mãos, os pecuaristas acham que, se as regras lógicas forem respeitadas, ganham o jogo. Porém, se o Governo resolver mudar tudo? Assim, apesar das ótimas cartas, o futuro é nebuloso — e tudo está, novamente, nas mãos do Governo.

O Governo pode, até o final da safra, não fazer estoques. Pode, por outro lado, tabelar os preços. E, também, limitar as exportações. Mas, as hipóteses de ações nocivas, imediatistas, podem não parar aí. Há um outro perigo: a importação de carne. E o mais grave — carne subsidiada do Mercado Comum Europeu. O Mercado Comum Europeu está abarrotado de carne — fruto do programa de redução da produção de leite. Nesse programa, os dirigentes do Mercado Comum Europeu obrigaram os criadores a abaterem as vacas velhas e menos produtivas.

É um programa que só terminará no próximo ano. Isto porque, com o descarte de vacas mais velhas e das piores em produção, a oferta de

leite não refluíu — reduziu-se o número de animais em produção mas ganhou-se em produtividade. Assim, pode continuar esse programa.

Esta carne é altamente subsidiada e pode chegar a um preço até a um terço ou mais inferior ao da cotação internacional, que está baixa. O pecuarista Francisco Jacintho da Silveira, que faz parte do Conselho Técnico da ABC fez um alerta a esse respeito na reunião do Conselho Técnico no dia 20 de fevereiro. Segundo Jacintho, há setores do Governo Federal favorável à importação dessa carne, sob o argumento de que com ela é possível fazer abaxiar de imediato, a inflação. Assim, o compromisso assumido pelo governo federal com os pecuaristas, a de não importar carne de países que oferecessem subsídios ostensivos, como o MCE, está ameaçado de ser rompido.

E as consequências dessa decisão, se consumada, podem ser catastróficas para a pecuária, avicultura e suinocultura: pode desorganizar esses setores, levando os produtores à falência. Os novos tecnocratas, como os antigos, ameaçam recorrer a medicamentos que podem debelar a doença mas também conduzir o paciente à morte. Os resultados, a curto prazo, podem ser positivos — com a queda da inflação. Mas, a longo prazo, é a destruição da pecuária nacional — uma das maiores riquezas nacionais.

Leite — como incentivar

Na pecuária leiteira, a situação é semelhante. Até agora, não há nenhuma notícia de programa de estímulo à produção. O Governo decidiu lançar um programa de dis-

tribuição de leite à população carente. É uma decisão louvável — o leite é um alimento imprescindível. Ele está relacionado com a própria saúde do homem.

Porém, há um problema crucial. Sem leite, é impossível fomentar a distribuição a qualquer programa mais extenso. Então, antes de tudo, o Governo precisa instituir um programa de estímulo à produção. O setor leiteiro pode oferecer esse produto — mas precisa de estímulo. Hoje, do setor agrícola, a pecuária leiteira é a que está em pior situação, descapitalizada e sem perspectiva.

A Assessoria Técnica da ABC produziu um dos mais completos trabalhos sobre a pecuária leiteira. O trabalho aborda todas as questões da pecuária leiteira — produção, industrialização, transporte, comercialização e consumo. É um trabalho sério — sem excentricidade com o desfile de vacas, transformadas em misses, em passarelas de hotéis de luxo 5 Estrelas. Não é essa a realidade da pecuária de leite no Brasil: a situação é de penúria.

Então, a pecuária de leite precisa ser encarada com a seriedade que ela merece. Assim, a ABC, através do Departamento Técnico, preferiu produzir um trabalho sério, desnudando todos os males que afetam a produção. É a contribuição do órgão para que uma nova política para o leite seja instituída pelo Governo e com ela seja possível oferecer esse alimento à população carente. Pela importância do trabalho e mais do que isso, pela necessidade de que uma política para o setor leiteiro seja instituída, o trabalho está sendo publicado pela Revista dos Criadores em três edições, começando neste número.

VENDO: NELORE, 2 ANOS, 8 PALMOS DE ALTURA POR 12 DE COMPRIMENTO.

Boi pra mais de metro, forte e robusto.

Uma beleza que se venderia muito melhor pelos seus 500 quilos de perfeita saúde.

Na verdade, desde que inventaram a balança, a simples idéia de comprar gado a olho pode ser abolida.

E, no Brasil, isso tem muito a ver com a Filizola.

Afinal, a Filizola já soma cem anos de trabalho e pioneirismo. Sempre investindo na tecnologia da precisão, no desenvolvimento de novos produtos.

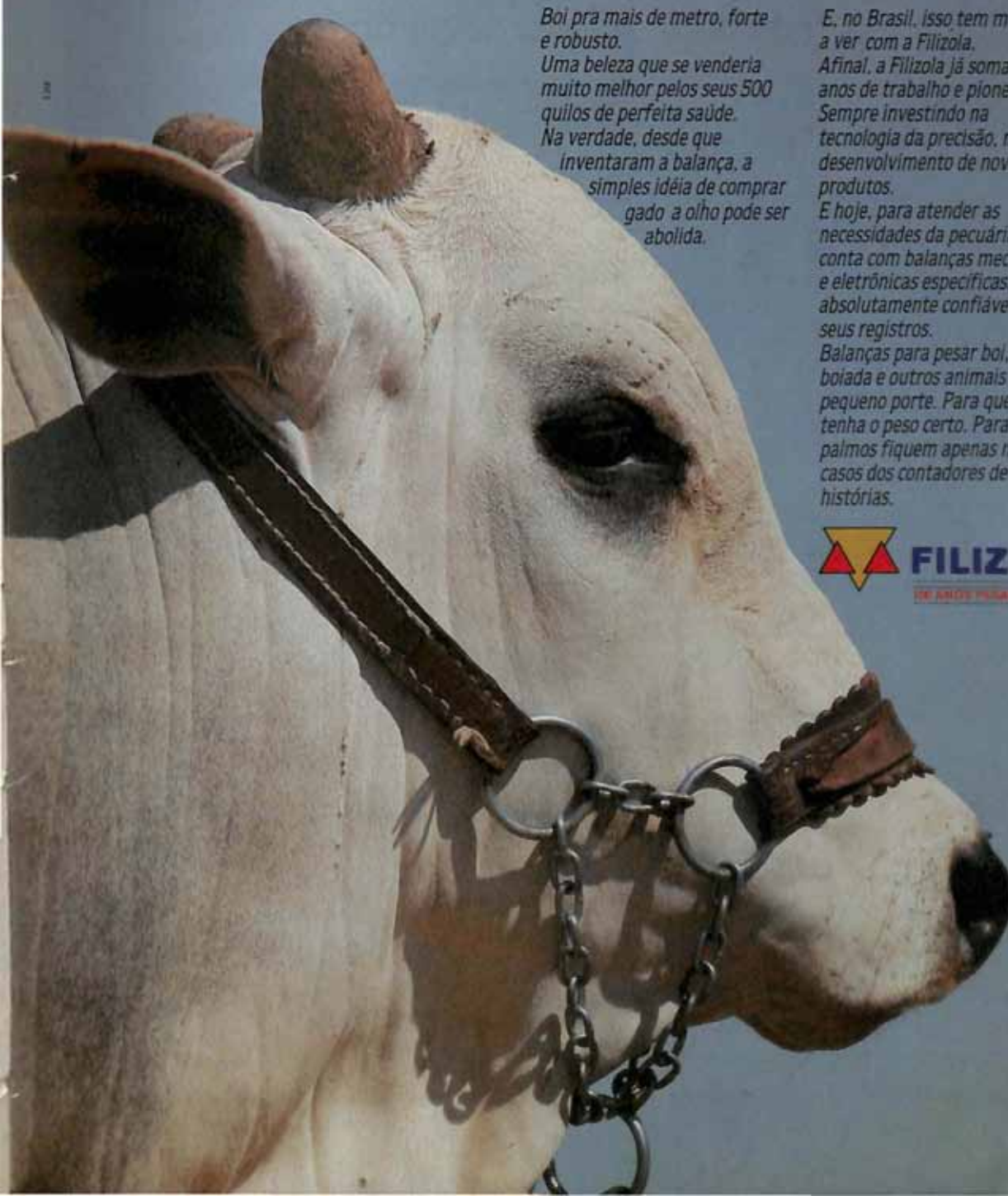
E hoje, para atender as necessidades da pecuária, ela conta com balanças mecânicas e eletrônicas específicas, absolutamente confiáveis em seus registros.

Balanças para pesar boi, pesar boiada e outros animais de pequeno porte. Para que a vida tenha o peso certo. Para que os palmos fiquem apenas nos casos dos contadores de histórias.



FILIZOLA

100 ANOS PIONEIRISMO E QUALIDADE



O produtor de leite e o pacote econômico

SONIA DIETRICH PAES LEME

"Os produtores de leite estão otimistas, esperançosos e engajados no novo sistema econômico do País, mas o Governo Federal tem de entender que o produtor de leite não pode sofrer com o não reajuste do produto, isto porque esta defasagem fará a Fazenda trabalhar no vermelho", palavras de Custódio Afonso, filho e sócio de Custódio Cabral de Almeida que ocupa, atualmente, o cargo de Membro do Conselho Técnico de Pecuária da Sociedade Nacional de Agricultura, além de ter sido o primeiro Presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B seção Rio de Janeiro, e criador de gado leiteiro há 19 anos sofrendo, no decorrer deste período, muitas das altas e baixas da pecuária leiteira brasileira.

Segundo Custódio Afonso, muitos pecuaristas estão plenamente de acordo com esta medida do Governo em congelar os preços, pois defendem que quem produzir melhor será, portanto, melhor remunerado, atingindo não só a pecuária leiteira mas sim à todas atividades no âmbito geral. "Até que enfim a capacidade e a eficiência serão devidamente remuneradas".

O Ministro Fumero ao anunciar o pacote econômico anunciou o aumento de três produtos, entre eles o leite, e no dia seguinte anulou esta informação. "É preciso reconhecer que a empresa agropecuária já vinha trabalhando no vermelho devido ao fato de o último reajuste ter ocorrido há quatro meses e, para contrabalançar esta defasagem, seria necessário ou o reajuste propriamente dito ou a revisão de 'algumas medidas' que não chegam a elevar o preço do produto mas um risquinho proporcionar o aumento da produção". É importante que todos os setores deem esta cota de contribuição ao Governo e, mesmo que essa defasagem não seja recuperada, o produtor já foi beneficiado com o congelamento porque, pelo menos, agora terá como planejar seu capital (gastos/lucros) para daqui a um ano.

Uma das medidas mencionadas acima, seria a anulação do leite-coto-leite-excesso, taxado pela Sunab, que é uma das maneiras de evitar o acúmulo do leite in-

tura na época das águas, isto é devido ao fato de os criadores de bovinos de corte, nesta época, enviarem sua produção excedentes para as cooperativas de suas regiões, colaborando para o acúmulo do produto e agravando o problema da falta de infra-estrutura para a distribuição de maior quantidade de litros de leite ao mercado consumidor. "Os produtores de corte procuram uma renda adicional mas acarretam um prejuízo aos produtores tradicionais". A pecuária de corte, se for anulada esta taxa, ficará em alta porque será possível gerar um capital mensal além de regular a venda das arrobas para o corte.

A segunda medida seria, em alguns Estados, a anulação do ICM cobrado ao pecuarista. "O Brasil é o único País que cobra imposto sobre o leite que é um dos alimentos básicos para o Homem (não só no leite como também cobra em cima da venda do bovino de corte). Os produtos tidos como supérfluos deveriam subsidiar o leite com o aumento de, por exemplo, um cruzado em cada unidade adquirida pelos consumidores em geral, sendo que esta quantia em nada pesaria no orçamento diário dos mesmos."

Por fim, todas estas revisões nas leis iriam convergir para a melhoria do rebanho que, através de um planejamento, seria possível executar a melhoria das pastagens, a formação de piquetes, e a melhoria do manejo e da bagagem genética com a compra de bons touros. O produtor terá condições de, como este novo pacote econômico, saber com certeza o capital que será empregado, daqui a tantos meses, quando adaptado as respectivas metas e objetivos.

Um problema que atinge o Estado do Rio de Janeiro é que algumas, senão a maioria, das cooperativas pagam apenas 60% do preço total do leite B e 40% a preço de leite tipo C, alegando que não foi possível a venda de toda a produção, repassando este prejuízo ao produtor, quando o próprio Governo Estadual poderia adquiri-lo a preço integral, em nome do projeto que defende o leite das crianças carentes. A pecuária fluminense se

apoiava, basicamente, nas atividades para a produção de leite e seus derivados. E dentro do recém projeto criado pelo Governo Federal, semelhante ao do Governo do Rio de Janeiro, que consiste em oferecer leite para as crianças brasileiras de baixa renda, todo o leite excedente poderia, também, ser comprado e distribuído, já devidamente industrializado em leite em pó, evitando a importação do mesmo. "Se forem adotadas estas medidas irão atingir diretamente a pecuária leiteira, cujo o incentivo fará, possivelmente, o Brasil, a curto prazo, ter a condição de abastecer todo o mercado interno".

"Eu creio que o importante é estabelecer uma posição de verdadeira remuneração ao produtor, assegurando-lhe uma renda real. Com o congelamento de todos os preços é possível, tanto para o Governo quanto para nós produtores de leite, de ser estabelecida uma taxa média de remuneração ao produtor rural, isto se for seguida a conduta de calcular o custo de produção, individualmente, das diversas áreas de atividades agropecuárias. O produto final seria a verdadeira margem de lucro do produtor". O IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — é um órgão que já executa este levantamento juntamente com as Secretarias de Agricultura dos Estados em convênio com uma série de produtores das respectivas regiões. "Portanto se assim ocorrer, acredito que irá haver o incentivo àqueles que são deficientes no seu processo de trabalho e, em contra-partida, aos que são bem estruturados o incremento à produção". Os índices de produtividade no Brasil está na casa de dois litros dia/ano enquanto em Israel é de vinte litros dia/ano por vaca em lactação.

O mais importante é saber que, a partir de primeiro de março, o Brasil passou a entender que é um País de Homens produtivos e aquele que não produzir não irá sobreviver, porque a moeda se tornou estável, a correção monetária estinguida acabando, portanto, com o lucro do atravessador e a idéia de que seria possível ganhar a vida facilmente. E trabalhando que se alcança o verdadeiro ideal de nossas vidas.

Na próxima edição desta revista sairá a cobertura completa da 1.ª Exposição Estadual do Cavalo Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro, que foi transferida do Casa-Shopping para o Fazenda Clube Marapendi, na Barra da Tijuca, mantendo a mesma programação anunciada anteriormente, realizando-se nos dias 16 a 20 de abril do corrente ano.

Para até o mês de janeiro de 1987, o Núcleo contratou os Sr. George Avelino, como Diretor Administrativo, e o Sr. Sérgio Lima Beck como Diretor Técnico, que estão atendendo os associados diariamente na sede do Núcleo em São Cristóvão ou pelo telefone 284-6779.

A garantia do produto está no nome: Manguinhos

O Laboratório Manguinhos está no mercado desde 1912 quando, neste e no ano seguinte lançou, respectivamente, as vacinas de número 1 — Carbúnculo Sintomático — e de número 2 — Carbúnculo Hepático —. A partir do desmembramento do Instituto Manguinhos, em 1930, foi fundada a Produtos Veterinários Manguinhos Ltda., mantendo-se em termos de instalações, muito bem aparelhada, mas, com o crescimento da procura, tornou-se limitada em sua produção e, portanto, sem condições de concorrer no mercado. Em um período de 4 anos, tanto a área administrativa quanto a de pesquisas, foram reestruturadas com a finalidade de melhor atender ao mercado e conservar a credibilidade do consumidor na marca Manguinhos. "O Laboratório, durante o período das reformas, esteve praticamen-



Dr. Alberto Henrique

te parado a nível de novas pesquisas, sendo assim, a Empresa se auto-sustentou com os produtos que vinham se posicionando no mercado devido, única e exclusivamente, a qualidade Manguinhos", completou o Diretor da Produtos Veterinários Manguinhos Ltda., Dr. Alberto Henrique.

Atualmente, por ser uma Empresa de médio porte, compete (deslealmente) com as multinacionais, por isso, enfrenta um grande problema com a política de taxação dos preços aplicada pelo CIP (Conselho Interestadual de Preços) "que tira a média a âmbito geral, quando deveria fazer o discernimento entre as empresas nacionais e estrangeiras de pequeno e médio porte aqui instaladas". A Manguinhos, por exemplo, para toda e qualquer produção tem de testar, aprovar e fabricar o medicamento, enquanto as multinacionais importam toda a tecnologia bastando apenas entrar no mercado, sendo que, por vezes, pode ocorrer a não adaptação do produto ao meio ambiente.

Um outro problema que também afetou a Empresa foi que, há 3 anos, o Ministério da Agricultura baixou uma portaria obrigando o uso de gelo no transporte de medicamentos, acarretando o aumento do custo de fabricação em torno de 60%, além do "deserédito dos consumidores que concluíram estar caindo a qualidade do produto por nunca ter sido necessária esta conduta para o transporte".

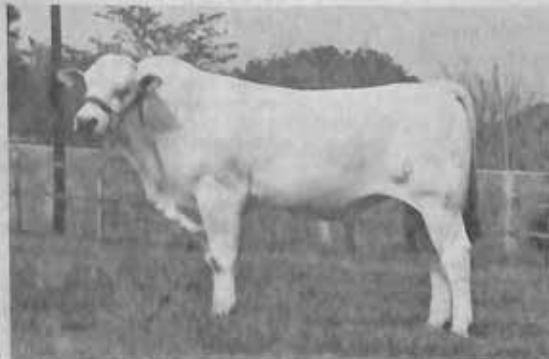
No início deste ano a Manguinhos lançou três novos produtos que completam a linha de medicamentos para a pecuária — setor mais forte da Empresa —, são eles: o Tetramisol, vermífugo aplicado nas espécies bovina, caprina e suína; ADE Manguinhos, vitamina que proporciona a melhora do rebanho com a fertilidade e engorda; e a vacina Manguinhos contra

L
MARCA

FAZENDA BELA ALIANÇA Prop.: Arnaldo Landgraf

End.: Rua Duque de Caxias, 1757 — Fones: (0195) 61-1206 - 61-1204 (Fax) PIRASSUNUNGA - SP

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE MANGALARGA MARCHADOR E MARGHIGIANA



Venda permanente de reprodutores meio sangue e 3/4

a Gangrena Gasosa, bastante semelhante à que já existem no mercado só que esta é específica para o problema devendo ser aplicada anualmente em todo o rebanho — esta enfermidade pode ser adquirida através de um ferimento, castração ou até após um ato cirúrgico. "É importante não haver a confusão entre a Gangrena Gasosa e a Manqueira".

A participação dos produtos Mangueiros em feiras e exposições, a partir deste ano, irá se tornar uma constante, a fim de promover uma maior aproximação da Empresa com o público consumidor, visando melhor esclarecer quaisquer dúvidas que, por ventura, se apresentem a respeito do medicamento. **A GARANTIA DO PRODUTO ESTÁ NO NOME: MANGUEINHOS.**

Para maiores informações sobre os medicamentos da Produtos Veterinários Mangueiros Ltda, escrever para o Sr. Alberto Henrique à Rua Francisco Manoel, 91 — Caixa Postal 1420 — CEP: 20.911 — Tels.: (021) 284-6533 — Rio de Janeiro - RJ.

Implantada a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento no Rio de Janeiro

Tomou posse no dia 2 de janeiro último, o Sr. José Antonio de Souza Batista no cargo de Secretário Geral da recém criada Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, sendo que uma de suas principais tarefas será a organização do Município em áreas agrícolas, através de uma série de medidas e que, atualmente, já estão em plena implantação.

O primeiro passo dado em direção as metas desta Secretaria, já foi iniciado com o estudo e a adaptação à atual realidade, juntamente com o IPLAN-RIO, do antigo decreto que estabelece as zonas agrícolas do Município do Rio de Janeiro, abrangendo as áreas de Santa Cruz, Campo

Grande, Jacarepaguá, parte da Barra da Tijuca, Sepetiba, Guaratiba e Itaguaí. Na conclusão desta revisão será efetuada a consolidação da zona agrícola do Município.

Outra questão importante para o sucesso deste projeto é o levantamento de todos os rios e canais do Município para, de acordo com o volume das águas, serem devidamente dragados ou açoreados com a finalidade de evitar as inundações e a consequente perda das lavouras. Os primeiros rios a serem tratados são os rios São Fernando e Itá localizados na região de Santa Cruz. Este trabalho está sendo desenvolvido juntamente com a Secretaria de Planejamento e a SERLA — Superintendência Estadual de Rio de Lagoas.

Para cada agricultor que procurar a Secretaria haverá uma pessoa devidamente instruída a informar de como e qual o melhor produto a ser desenvolvido na respectiva região, sendo que, para tanto, foi preparado o estudo da terra em convênio com as instituições que já atuam neste setor. Os produtores também poderão contar com uma frota de implementos agrícolas funcionando em regime de rodízio e de acordo com a necessidade do agricultor.

Toda esta estrutura montada e o consequente aumento da produção irão convergir para um só ponto: a comercialização. A Secretaria, portanto, está montando um esquema de abastecimento nas áreas mais carentes do Município e com os preços, obrigatoriamente, abaixo 10% no preço de mercado. Estes postos serão confeccionados em pré-moldados acompanhando o sistema de montagem dos "Brizolões", sendo que os locais para a instalação dos mesmos serão sugeridos pelas associações de moradores. A rede privada também terá a autorização de utilizar estes pontos de venda, desde que acompanhe a tabela de preços implantada pela Secretaria.

Paralelamente, serão feitas as chamadas "promoções" onde serão oferecidos aos consumidores, nos diversos bairros do Município, um produto de primeira qualidade com o preço a 20% mais barato quando comparados à tabela vigente.

Esta conduta irá eliminar o atravessador, sendo que a própria Secretaria fará este papel, mas sem visar o respectivo lucro. A primeira promoção teve lugar na praça do Lido, em Copacabana, onde o produto oferecido foi o café comercializado a Cz\$ 67,00 o quilo. Dentro deste item — promoções — será lançado o FRANGO-RIO e, posteriormente, os produtos oriundos da suinocultura, portanto, incrementalmente mais estas duas atividades agropecuárias.

Devido a complexidade deste projeto a Secretaria, por ventura, pode perder o controle dos preços, por isso, irá incentivar as associações de bairro a fiscalizar a comercialização no seu espaço correspondente, além de que, o próprio órgão a cada dia irá instalar-se, em uma das diversas feiras livres do Município, com balanças eletrônicas, onde o consumidor terá a condição de verificar e, se necessário, reclamar o peso pago aos feirantes. "Um fato curioso verificou-se no primeiro dia desta medida, pois vários produtos que foram conferidos acusavam pesos acima do solicitado no ponto de venda", afirmou o Secretário Municipal de Agricultura e Abastecimento.

Em suma, este projeto visa as áreas mais carentes do Município com a meta de, até o final deste ano, estar com 50 mercados instalados e funcionando, 3 ou 4 postos de assistência técnica agrícola com o atendimento permanente e dentro da zona rural e, por fim, com a total pavimentação das estradas, com ênfase à região de Serrinha do Medanha, de onde irá escoar a maior parte da produção do Município.

Leite - Raça - 30 anos de seleção



Filhos de Rancheiro da Cal

Fazenda Calciolândia - Arcos - MG - Fone: (037) 351-1267
Fazenda Serrinha - Betim MG - Fone: (031) 335-6100

RANCHEIRO DA CAL

CONHAQUE VIRBAY

As primeiras 17 filhas, em primeira cria produziram a média de 2.741 kg/lactação.

BELA VISTA II

4.318 kg na 3.ª lactação. Irmãs, filhas e sobrinhas com lactações superiores a 3.000 kg.

K.S. VIRBAY: GRANDE RAÇADOR
— Teve 15 filhas no rebanho em 1.ª lactação, com produção média de 2.567 kg.

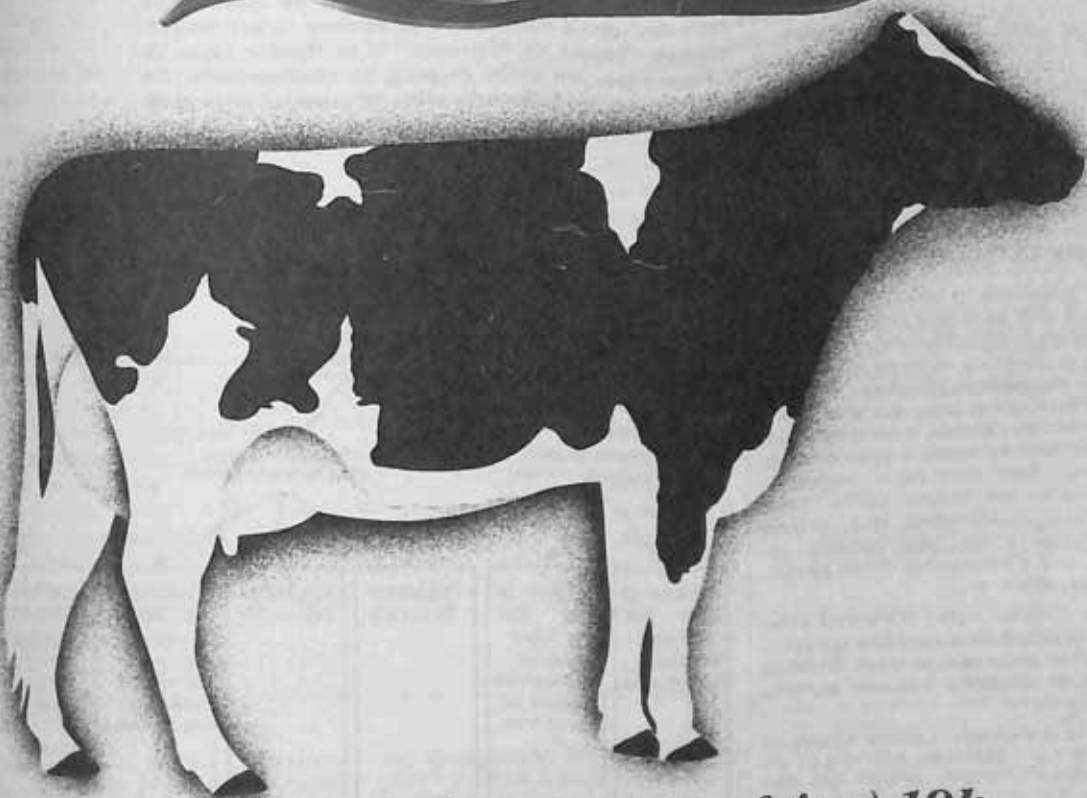
JARDA — Produziu 4.000 kg/lactação. Mais de 30 irmãs com lactação superior a 2.000 kg.

BOMBAIM ROXONA — Filho de BOMBAIM o melhor touro leiteiro do Brasil e ROXONA Recordista Mundial em 1964. Produziu numa lactação 5.400 kg. Vaca padrão de úbere e tetas.

BELA VISTA — Recordista Mundial em 1965 com 5.035 kg e 5,78% de gordura. Vaca padrão de úbere e tetas.

Quality

husta



Dia 22/maio/86 - (quinta-feira) 19h
Parque da Água Branca - São Paulo - SP

O melhor padrão genético em HPB.
40 animais de extraordinários "pedigrees" que serão colocados à venda por
duas tradicionais fazendas criadoras de gado Holandês.

No Quality você terá uma oportunidade inigualável de adquirir fêmeas de alta
produção, doadoras de embrião, produtos de transferência de embrião, machos
T.E. cujas mães têm produção acima de 10.000 kg em duas ordenhas.

Quality é qualidade em GENÉTICA - PRODUÇÃO - REPRODUÇÃO.
5 pagamentos mensais s/acrêscimo

FAZENDA SÃO JOSÉ
GUILHERME WALTER SOARES CALDAS

FAZENDA PAU D'ALHO
MARGUERITE DUTILH

Informações:
(011) 543.3300

Djalma B. de Lima
organização de leilões



Alimentação de bovinos na entressafra (II)

Manuel Enrique Ruiz, Luiz Roberto Lopes de S. Thiago e
Fernando Paim Costa *

Na última edição, a Revista dos Criadores abordou os aspectos da montagem da infra-estrutura para a alimentação de bovinos na entressafra. Neste número, abordamos "Fontes de Alimentos" e os tipos e raças de bovinos que melhor respondem, em ganho de peso, ou confinamento. No próximo número, o último capítulo falaremos sobre os manejos mais apropriados para a alimentação dos bovinos na entressafra.

FONTES DE ALIMENTOS

De preferência, o local de engorda de bovinos deve ser o mais próximo possível das fontes de subprodutos agroindustriais, a fim de minimizar os custos relacionados com o transporte de alimentos. Por outro lado, se a maior parte dos alimentos é produzida na fazenda, a localização dos currais deve ser anexa a estas áreas de culturas. Estas áreas talvez estejam representadas por lavouras (milho, sorgo, mandioca, cana-de-açúcar, etc.); capineiras (capim elefante, sorgo forrageiro, milho, etc.) e leguminosas (feijão guandu, leucena, alfafa, etc.).

Em qualquer região, existe uma variedade de subprodutos e resíduos agroindustriais, bem como uma infinidade de outras fontes de alimentos, conforme representado na Fig. 4.

A Fig. 4 evidencia o grande número de alimentos que podem ser utilizados na alimentação de bovinos. Embora não exista um interesse prático em listá-los nesta publicação, convém ressaltar que as várias fontes de alimentos possuem propriedades nutricionais diferentes, e, para ilustrar este ponto, uma pequena lista de resíduos e subprodutos agroindustriais é mostrada na Tabela 1.

Infelizmente, na região Centro-Oeste do Brasil, os subprodutos ricos em energia, listados na Tabela 1, não estão disponíveis, com exceção do sebo, que não pode ser usado em níveis superiores a 8% da ração total. Níveis maiores podem trazer dificuldades para a mistura dos diversos ingredientes da ração. Portanto, outras fontes ricas em energia devem ser identificadas. O melaço, até pouco tempo disponível em grandes quantidades, é hoje em sua maior parte utilizado para a produção de álcool, o que deixa a escolha reduzida a grão de cereais, tubérculos e raízes.

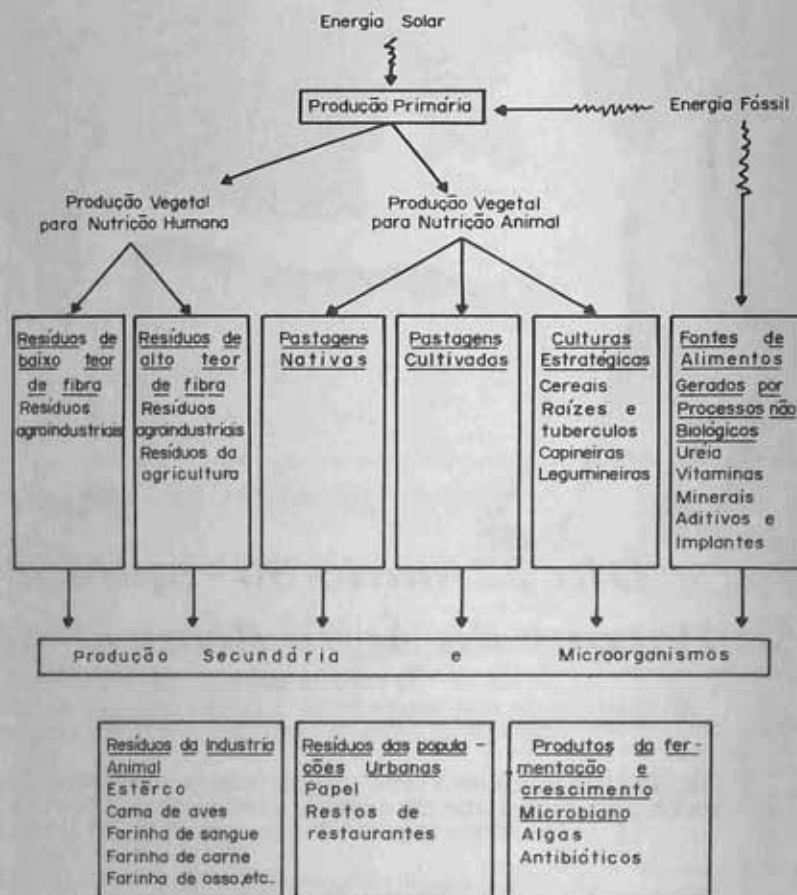


FIG. 4. Esquema geral ilustrando a diversificação de fontes de alimentos que podem ser utilizados para bovinos confinados.



Bovino cultura

TABELA 1. Alguns resíduos e subprodutos tropicais da agroindústria, utilizáveis na alimentação de bovinos.

1. Fontes Ricas em Energia	Energia Digestível Mccl./ kg de MS
Babo	8,13
Melço	3,47
Polpa de laranja	3,01
Refugos de banana	3,00
Polpa de café	2,61
2. Fontes Ricas em Proteína	Proteína Digestível % da MS
Torta de algodão	36,2
Torta de semente de laranja	40,1
Copra (Torta de óleo)	18,6
Cama de aves	22,3
Farinha de sangue	62,3
Farelo de trigo	17,8
3. Fontes Fibrosas	% de MS no momento do uso
Bagaço de cana	90,0
Ponta de cana	23,0
Pé de milho seco sem grão	85,0
Sabugo de milho	90,4
Palha de milho	88,9
Palha de arroz	80,8
Farelo de abacaxi	85,3
Palha de trigo	80,0
Folhas de batata doce	18,0
Casca de cacau	16,6
Folhas de banana	20,5
Talco de banana	5,6

Fonte: Ruiz (1974)

Com respeito às fontes ricas em proteína (Tabela 1), as de origem vegetal são as mais comuns, considerando que, na região Centro-Oeste do Brasil, grandes áreas são destinadas ao cultivo da soja (principal produto) e algodão. Particularmente no Estado de Mato Grosso do Sul, onde é cultivado o trigo, o farelo deste cereal poderia estar prontamente disponível. Por outro lado, considerando o volume de atividade dos abatedouros da região, existe um potencial para produção de fontes proteicas de origem animal, como as farinhas de carne, de sangue e conteúdo do rúmen. Particularmente as fontes de farinha de sangue e do conteúdo do rúmen estão sendo perdidas. O custo do processo de obtenção destes produtos, devido ao seu alto teor de umidade, é o aspecto limitante na sua utilização.

Finalmente, as fontes fibrosas são as mais abundantes na região Centro-Oeste do Brasil. Para ilustrar este ponto, a Tabela 2 mostra as principais culturas da região, com suas respectivas produções, bem como a época de colheita das mes-

mas. O objetivo de fornecer a época de colheita é ajudar a planejar um esquema de alimentação durante todo o ano, envolvendo: a) pastejo durante parte do ano, associado com a utilização de resí-

duos de agricultura no restante do período, e b) alimentação com subprodutos e resíduos da agricultura durante todo o ano (Tabela 2).

Com base na informação da Tabela 2 e nos coeficientes da Tabela 3, uma estimativa do potencial de produção de resíduos agroindustriais, de importância para a região Centro-Oeste, é mostrada na Tabela 4.

Como era de se esperar, muitos dos resíduos agrícolas mostrados na Tabela 4 são de natureza fibrosa e, por isso, úteis em sistemas de alimentação para época de seca, apenas com o objetivo principal de reduzir as perdas do peso vivo, ou, no máximo, mantê-lo.

A imensa quantidade de resíduos fibrosos da agricultura (17-18 milhões de t/ano), disponível na região Centro-Oeste do Brasil, justifica a necessidade de se procurarem meios para aumentar a eficiência de sua utilização. As fontes ricas em proteína estão também presentes em quantidades significativas. Por exemplo, em 1982, 1.548.215 bovinos foram abatidos no Estado de Mato Grosso do Sul (Mato Grosso do Sul 1983). Com uma produção de aproximadamente 70 kg de farinha de carne por cabeça, o potencial de produção deste suplemento protéico poderia ultrapassar as 100.000 t/ano. A produção de farinha de sangue, por sua vez, poderia alcançar níveis de até 3.670 t, assumindo uma produção de 3,6 kg de sangue seco por animal (Hart 1975).

5. ANIMAIS

O desempenho animal, durante o confinamento, é influenciado pelos seguintes fatores:

5.1. Antecedentes nutricionais

Independentemente de o animal ser engordado em pastagens (estação das chuvas) ou com ração baseada em subprodutos, o produtor deve sempre procurar obter animais magros e em condições de restrição alimentar, porém com boa formação de esqueleto, capaz de sustentar uma musculatura farta e abundante. Desta forma, estará reunindo menor preço do animal com capacidade de ganhar peso

TABELA 2. Principais culturas da região Centro-Oeste do Brasil em 1982¹

Culturas	Área (ha)	Produção (t/ano)	Principais meses de colheita
Arroz	1.930.144	339.315	dez. - abr.
Soja	1.341.087	1.537.361	fev. - mai.
Milho	1.156.830	257.902	dez. - jun.
Feijão	392.145	24.319	mai. - dez.
Trigo	163.999	120.000	jul. - set.
Algodão	86.682	60.933	fev. - abr.
Cana-de-açúcar	75.733	1.511.641	mai. - nov.
Amendoim	9.178	10.659	dez. - fev.

¹Mato Grosso do Sul (1983)

Fonte: Fundação INCE (1983)



TABELA 3. Coeficientes utilizados no cálculo de produção de resíduos e subprodutos agroindustriais, apresentados na Tabela 4.

Resíduos e subprodutos agroindustriais	Coeficientes	Referências
Palha de arroz	1091 kg/ha ¹	Ruiloba & Ruiz (1979)
Farelo de arroz	13% do arroz com casca	Ruiloba & Ruiz (1979)
Palha de soja	Proporção semente: palha = 1,1:1,0	FAO (1979)
Palha de vagem de soja	Proporção semente: palha = 0,9:1,0	FAO (1979)
Torta de soja	79% da semente	Breslin (1975)
Pê seco de milho sem grão	Proporção palha: grão = 1,92:1,0	Ruiz & Lescano (1984)
Sabugo de milho	Proporção sabugo: grão = 1:4	Gohl (1975)
Palha de feijão	906 kg/ha ¹	Ruiz et al. (1980)
Palha de trigo	Proporção palha: grão = 1:1	FAO (1979)
Palha de algodão	Proporção palha: algodão = 3:1	FAO (1979)
Casca de algodão	Proporção casca: torta = 0,54:1,0	Morrison (1959)
Torta de algodão	47% da produção de algodão	Payne & Smith (1975)
Resíduo da fiação de algodão	7% dos fardos de algodão	Clementino (1983)
Ponta de cana	25% da planta ¹	Ruiloba & Ruiz (1979)
Bagaço de cana	35% do colmo	Ruiloba & Ruiz (1979)

¹Base matéria fresca

rápida e eficientemente, após cessado o período de restrição alimentar. Esta capacidade de o animal apresentar taxas de ganho de peso maiores que aquelas normalmente esperadas é conhecida como crescimento compensatório (Wilson & Osbourn 1960). Entretanto, tal capacidade pode ser prejudicada, se o animal sofrer restrições nutricionais muito intensas

ou prolongadas (Villares 1978). Um exemplo do crescimento compensatório é oferecido na Tabela 5.

Os dados da Tabela 5 mostram que, após cessar o período de restrição nutricional, os novilhos apresentaram uma taxa de crescimento bastante anormal, diferente daquele padrão proposto por Huxley (1972). Entretanto, para serem alcança-

das estas taxas de ganho de peso, deve ser oferecida aos animais uma alimentação de qualidade adequada. Também pode ser observado na Tabela 5 que, apesar da ocorrência do fenômeno do ganho compensatório, os animais testemunha levaram menor período de tempo para atingir o peso de abate do que os animais que sofreram restrições nutricionais.

TABELA 4. Potencial de disponibilidade e algumas características nutricionais de subprodutos agroindustriais da Região Centro-Oeste do Brasil.

Alimentos	Disponibilidade 1.000 t/ano	DMSIV ¹ %	PB ² %	CPC ³ %	Referências
Arroz					
- palha	2.105	41,4	4,7	57,2	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiloba & Ruiz (1979)
- polidor	315	70,1	13,6	21,3	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiloba & Ruiz (1979)
Soja					
- palha	2.150	45,5	4,8	71,9	Mato Grosso do Sul (1983), FAO (1979), Pires et al. (1980)
- vagem sem grãos	1.384	-	-	-	Mato Grosso do Sul (1983), FAO (1979)
- torta	1.868	-	44,0	-	Mato Grosso do Sul (1983), Breslin (1975), Morrison (1959)
Milho					
- pe seco sem grão	4.952	35,4	2,9	84,9	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiz & Lescano (1984)
- sabugo	645	29,0	2,4	83,0	Mato Grosso do Sul (1983), Gohl (1975), Johnson & Pezo (1975)
Feijão					
- palha	355	46,0	4,1	68,8	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiz et al. (1980)
Trigo					
- palha	519	33,5	3,7	81,0	Mato Grosso do Sul (1983), FAO (1979), Pires et al. (1980)
- farelo	-	-	16,4	-	Morrison (1959)
Algodão					
- palha	435	26,9	-	71,5	Mato Grosso do Sul (1983), FAO (1979), Levy et al. (1980)
- casca	37	-	3,9	-	Mato Grosso do Sul (1983), Morrison (1959)
- torta	68	-	36,1	-	Mato Grosso do Sul (1983), Morrison (1959), Payne & Smith (1975)
- resíduo da fiação	10	52,2	7,3	55,8	Mato Grosso do Sul (1983), Clementino (1983), Arndt et al. (1980)
Cana-de-açúcar					
- pontas	1.292	70,0	3,8	36,0	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiloba & Ruiz (1979)
- bagaço	1.764	36,7	1,8	81,4	Mato Grosso do Sul (1983), Ruiloba & Ruiz (1979)

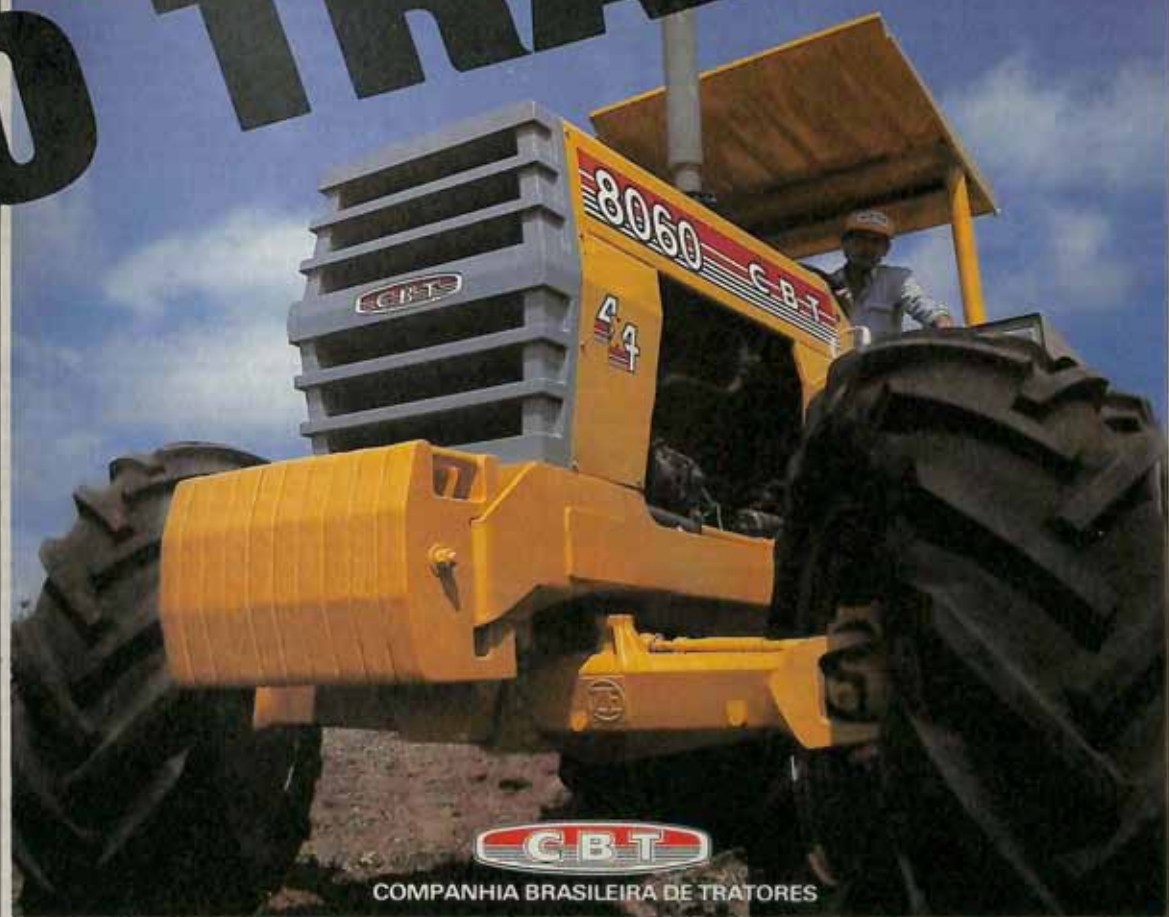
¹Digestibilidade da matéria seca "in vitro"

²Proteína bruta

³Centaúdo da parede celular

O TRATOR

8060



CHEGOU O TRATOR

Está no mercado o CBT 4x4 - O TRATOR. Depois dele, o campo não será mais o mesmo. Desenvolvido no Brasil, para as condições brasileiras, o 8060 4x4 é o trator que a agricultura estava precisando: robusto, versátil, produtivo e econômico.

E a CBT não deixou por menos. A maior tração do mercado juntou o melhor aproveitamento da tração dianteira. Resultado: uma performance muitos pontos à frente.

Veja só algumas das suas características: tração nas quatro



rodas com o revolucionário eixo de tração dianteira ZF, motor Mercedes Benz de 110 cv, insuperável conforto para o operador, o menor raio de giro na categoria e o exclusivo sistema CBT de acionamento de tração dianteira - um simples toque manual liga ou desliga o conjunto com o trator em movimento.

E há muito mais para você conhecer. Vá até um Concessionário CBT ou solicite uma visita. Depois disso, seu campo não será mais o mesmo.

TABELA 5. Ganhos compensatórios em novilhos com peso vivo inicial de 209 kg, em kg/cab/dia¹.

Tratamento	Período em semanas		
	1-12	13-24	25-até abate ²
Sem restrição nutricional	1,21	1,27	1,06
Restrição nutricional durante as primeiras 12 semanas	0,48	1,52	1,24
Restrição nutricional durante as primeiras 24 semanas	0,51	0,59	1,49

¹ Baseado em dados publicados por Hironaka & Kozub (1973).² Os animais foram abatidos quando o peso de 489 kg foi alcançado, necessitando de um total de 230 dias para o grupo testemunha (sem restrição nutricional), 262 e 298 dias para os grupos de 12 e 24 semanas de restrição nutricional, respectivamente.

TABELA 6. Médias de peso inicial, final e taxas de ganho diário, expresso em kg, e dias para atingir o peso de abate.

Tipos	Peso inicial	Peso final	Ganho	Dias
Compacto	146 b ¹	428	0,894 a	315
Convencional	182 a	436	0,888 a	287
Alto e comprido	192 a	448	0,981 a	262

¹ Médias seguidas da mesma letra nas colunas não diferem estatisticamente (P<0,05)

TABELA 7. Efeito de raças nas taxas de ganho de peso de novilhos.

Raças	Taxas de ganho kg/dia
BRASIL ¹	
Guzerã	0,86
Nelore	0,78
Canchim	0,85
Charolês	0,92
COSTA RICA ²	
Brahman x Crioulo	1,20
Charolês x (Crioulo x Brahman)	1,17
Brahman x Santa Gertrudes	1,16
Crioulo x Crioulo) x (Brahman x Brahman)	1,02
Romo Sinuano x Angus	0,95
CUBA ³	
Charolês x Brahman	1,18
Brown Swiss x Brahman	1,06
Holandês x Brahman	1,05
Santa Gertrudes x Brahman	1,04
Brahman x Brahman	0,98

5.2. Tipo

Existe uma opinião, comum na literatura, de que animais altos e compridos apresentam maiores taxas de ganho de peso do que animais do tipo convencional ou compacto. Um ensaio realizado por Macedo (1978) mostrou esta tendência, conforme ilustra a Tabela 6.

De modo geral, para sistemas de engorda, devem ser escolhidos animais com ossatura bem desenvolvida, vivacidade, pêlos lisos, pesando aproximadamente 300 kg e com idade variando entre 2 a 2 1/2 anos (Santana et al. 1979).

Convém lembrar que a conformação é um fator importante na escolha do animal para a engorda, mas não tanto quanto a proporção da parte comercializável, isto é, a relação músculo, osso e gordura. Estes parâmetros virão a ter maior importância no Brasil, a partir do momento em que forem adotadas normas para a classificação da carcaça bovina.

5.3. Raças

Dentre os fatores que afetam o desempenho animal, a raça é um fator importante. A Tabela 7 mostra a comparação entre as raças puras, mestiças e cruzamentos do gado Europeu versus Zebu. Em geral, em condições de alimentação de qualidade moderada a alta, o gado europeu apresenta melhor desempenho do que o gado Zebu, e os mestiços apresentam um ganho de peso de 10 a 20% superior aos raças puras. Este último fato estimulou bastante o uso do chamado cruzamento comercial, que consiste na união de duas raças (européia x zebuina), objetivando um produto que deverá ser mais produtivo do que a média de ambos os pais em termos de: a) crescimento mais rápido, b) maior velocidade de ganho de peso.

5.4. Idade

Normalmente, o peso vivo aumenta com a idade. Desde que o peso da carcaça aumente com o peso vivo, pode-se também esperar uma correlação positiva entre o peso da carcaça e a idade. Este é o caso, quando animais de diferentes idades mas com o mesmo peso vivo são comparados (Levi et al. 1967). Assim, na escolha de animais para a engorda a partir de um lote uniforme (em relação ao peso vivo), preferência deve ser dada aos mais velhos, considerando que os abatedouros pagam o boi em função do peso de sua carcaça.

Por outro lado, excluindo-se a ocorrência prévia de restrição nutricional, a eficiência de conversão dos alimentos em carne é inversamente proporcional à idade. Isto quer dizer: animais mais jovens apresentam uma conversão alimentar melhor do que animais adultos, pelo fato de que a produção de matéria gorda de estocagem, no animal adulto (gordura e sebo), requer 2,5 vezes mais energia do que a produção de tecidos de formação (músculo).



culos e ossos), no animal jovem. Isto fica claro pelos resultados mostrados na Tabela 8, em que novilhos de dois anos de idade, pesando inicialmente 292 kg, apresentaram uma taxa de ganho de peso 16% maior do que a de novilhos de um ano de idade, pesando inicialmente 194 kg, mas às expensas de um consumo de matéria seca 50% superior, isto é, mostrando uma conversão alimentar inferior.

Portanto, para engordar em pastejo direto (sistema extensivo), seria razoável escolher animais mais erados, entretanto, em sistemas intensivos em confinamento, a escolha deveria cair sobre os animais jovens. Nesta última condição, os animais jovens apresentarão um ganho de peso mais eficiente do ponto de vista econômico, devido a sua menor exigência alimentar. Este fato é bem ilustrado na Fig. 5.

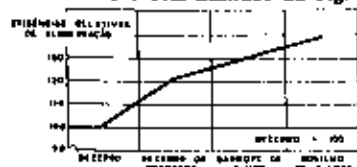


FIG. 5. Exigência alimentar para bovinos em diferentes idades (Williams 1967).

5.5. Sexo

A literatura apresenta muitos dados comparando o desempenho de animais inteiros, castrados e novilhos. Alguns exemplos são mostrados nas Tabelas 9 e 10.

De acordo com os dados destas Tabelas, os animais inteiros apresentaram um ganho de peso de cerca de 15 a 16% superior aos animais castrados, e estes últimos, por sua vez, mostraram uma taxa de crescimento superior a das novilhas em, aproximadamente, 12%.

No Brasil, Tundisi & Lima (1974), trabalhando com novilhos da raça Nelore, mostraram superioridade de 12% no ganho de peso dos animais inteiros quando comparados aos castrados, animais esses abatidos aos 18 meses de idade. Entretanto, quando a engorda foi feita com animais mais erados (36 meses de idade), o efeito da castração não reduziu significativamente o ganho de peso em relação aos animais inteiros (Silva et al. 1975). Portanto, considerando as facilidades de manejo em currais de novilhos castrados, em relação aos inteiros, e o fato de que no Brasil os animais iniciam a fase de terminação com, aproximadamente, 20-35 meses de idade, a prática da castração é recomendada. Além disso, animais castrados apresentam uma carcaça de melhor qualidade.

Segundo os dados da Tabela 9, animais emaciulados tardiamente (24 meses) apresentaram um melhor ganho de peso do que aqueles emaciulados aos 2 e 12 meses de idade. Entretanto, Pereira et al. (1976) não observaram diferença entre uma emaculação precoce (1.^a semana de vida do bezerro) ou tardia (1,5 a 2 anos de idade). Estes últimos autores, inclusive, recomendam a castração precoce, a fim de evitar maior stress no animal.

TABELA 8. Performance de novilhos Zebus de duas idades, em regime intensivo de alimentação baseada em melaço, bagaço e uréia (período de 129 dias).

Especificação	Novilhos jovens	Novilhos velhos
Número de animais	15	33
Idade inicial (meses)	12	24
Peso inicial (kg)	194	292
Peso final (kg)	278	390
Canho diário (kg)	0,654	0,762
Conversão alimentar	7,4	8,6
Consumo de MS/100 kg de peso vivo/dia		
Melaço	1,79 kg	
Bagaço	0,60 kg	
% NPN do nitrogênio total	54%	

Fonte: Clavo (1974)

TABELA 9. Comparação entre novilhos Nelore inteiros e castrados, com relação ao ganho de peso (idade inicial, 3 meses).

Tratamento	Peso vivo (kg)		Ganho de peso total (kg)
	Inicial	Final	
Inteiro	78	503	425
Castrado aos 2 meses de idade	82	442	360
Castrado aos 12 meses de idade	75	420	345
Castrado aos 24 meses de idade	74	464	390

Fonte: Roverso et al. (1969)

5.6. Níveis e qualidade da proteína

Nos países tropicais, a proteína é o mais crítico em qualquer sistema de alimentação, devido a sua escassez e alto custo. Este fato ocorre especialmente em sistemas de alimentação baseados em re-

síduos agrícolas, pois estes materiais são muito pobres em proteína bruta (N x 6,25), como evidenciado na Tabela 4.

As necessidades de proteína são dependentes das taxas de ganho de peso desejadas. A Fig. 6 mostra o relacionamento entre a taxa de ganho de peso e o consu-

TABELA 10. Comparação entre o ganho de peso de novilhos castrados e novilhas, nas condições de confinamento nos E.U.A.

Sexo	Tratamentos			
	1	2	3	4
Novilho castrado (kg/cab/dia)	0,840	1,008	0,990	0,817
Novilhas (kg/cab/dia)	0,740	0,858	0,917	0,740
Diferença relativa (%)	13,5	17,5	8,0	10,4

Fonte: Dyer & O'Mary (1974)



mo de proteína (na forma de farinha de peixe), num experimento usando novilhos confinados e alimentados com uma ração com altos teores de melão e bagaço (Ruiz 1983).

Se uma fonte de proteína de alta qualidade, tal qual a farinha de peixe ou a torta de soja, for substituída pela uréia, ocorrerá um decréscimo do nível de desempenho animal. Isto é devido, principalmente, a uma ineficiência da utilização da amônia (NH_3) liberada pela uréia, no rúmen. A Fig. 7 ilustra este fenômeno, que foi observado em novilhos Zebu alimentados com palha de arroz (1,1 kg de



FIG. 6. Ganho de peso e eficiência proteica, como função do consumo de proteína por novilhos (300-400 kg de peso vivo) alimentados com altos níveis de melão (Ruiz 1983).

MS/100 kg de PV/dia) suplementada com melão, de forma a fornecer um total de 5,2 Mcal de energia metabolizável por 100 kg de PV/dia. A fonte de proteína natural foi a farinha de peixe.

A proporção de uréia a ser utilizada em sistemas de alimentação depende de uma análise econômica, que indique o nível capaz de balancear redução de ganho de peso com redução no custo da dieta, quando a uréia é usada (Fig. 7).

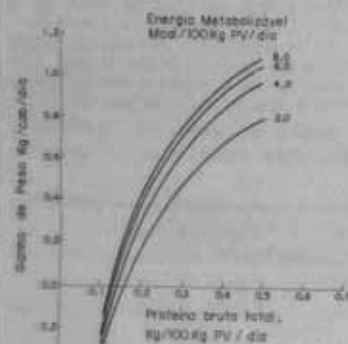


FIG. 7. Ganho de peso de novilhos alimentados com níveis variáveis de proteína bruta total e uréia (Ruiloba et al. 1978).

Entre os dois extremos de fontes proteicas utilizadas (uréia e farinha de peixe), existem muitas outras fontes (ver Ta-

TABELA 11. Performance de novilhos alimentados com melão-uréia "ad libitum" e suplementos com farinha de peixe ou cama de aves.

Variáveis	Farinha de Peixe	Cama de aves
Número de novilhos	36	33
Peso inicial (kg)	281	277
Peso final (kg)	429	380
Ganho de peso diário (kg)	0,98	0,68

Fonte: Preston et al. (1970)

bela 1), as quais provocam diferentes respostas animais. Por exemplo, na Tabela 11, farinha de peixe e cama de aves são comparadas e, de acordo com os dados, a cama de aves parece ter 70% da eficiência da farinha de peixe.

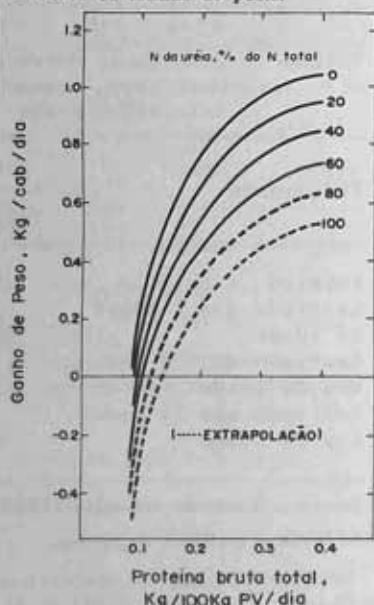


FIG. 8. Relação entre o ganho de peso e o consumo de energia e proteína. Fonte: Ruiloba & Ruiz (1978).

A Fig. 8 mostra que, se um animal recebe uma dieta deficiente em energia, um pequeno aumento no seu nível causará uma significativa melhora no ganho de peso. Entretanto, níveis adicionais de energia causam uma redução gradativa do ganho de peso.

5.7. Níveis e fontes de energia

Um outro componente nutricional importante a ser considerado é a energia, exigida em grandes quantidades em qualquer esquema de alimentação. A maioria dos resíduos agrícolas e todas as pastagens (durante o período da seca) são muito pobres em digestibilidade, o que pode caracterizá-los como alimentos grosseiros e de baixa produção energética. Para suplantar este problema, existem duas possíveis

soluções: suplementar com alimentos ricos em energia, tais como: melão, raiz de mandioca, raiz de batata doce, grãos ou caldo de cana. Outra forma consiste em tratar estes alimentos grosseiros com alcalis, como a soda cáustica (Martin et al. 1974; Thiago et al. 1981; Thiago & Kellaway 1981).

Independente do método a ser usado, a taxa de ganho de peso aumenta, à medida que aumenta o consumo de energia, como ilustra a Fig. 8.

5.8. Implantes

Existem muitas informações sobre o uso de aditivos capazes de estimular o crescimento, alguns dos quais são utilizados na forma de implantes. Vários trabalhos já foram realizados e, na sua maioria, mostram um efeito positivo do tratamento no ganho de peso.

Em uma farta relação de resultados de implantes em novilhos castrados, citada por Preston & Willis (1974), não houve alteração no consumo dos alimentos, embora tenha havido aumentos nas taxas de ganho de peso, resultantes, conseqüentemente, de melhor conversão alimentar.

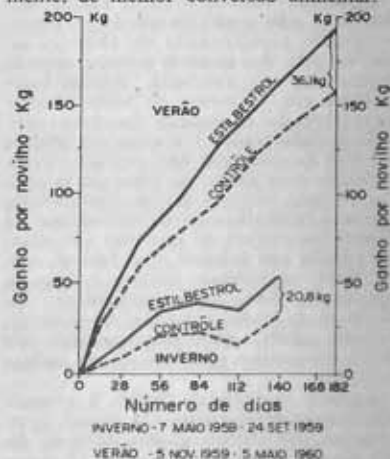


FIG. 9. Respostas ao dietilestilbestrol em novilhos Zebus de 2 anos de idade, em pastejo.

Fonte: Quinn et al. (1960).

A Fig. 9 ilustra o efeito de implante com dietilestilbestrol (DES), no ganho de peso de novilhos em pastejo.



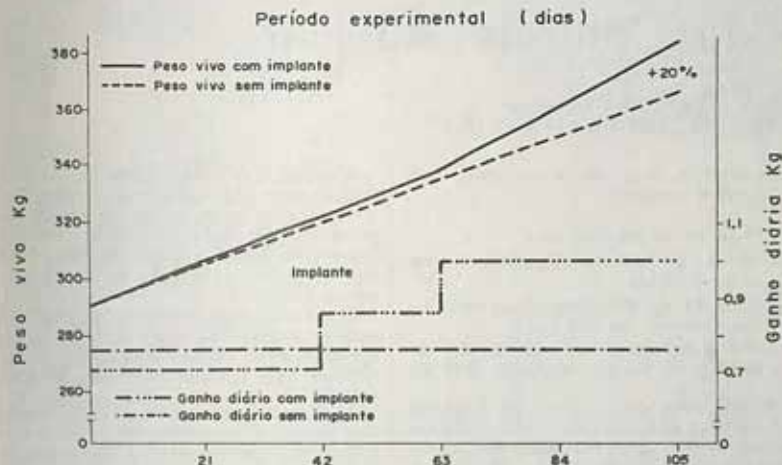
Como pode ser observado na Fig. 9, o implante provocou um maior índice de crescimento dos animais, principalmente na época de melhor nível nutricional (verão).

Aparentemente, as maiores respostas ao uso de implantes ocorrem com novilhos castrados (2 a 3 anos de idade), embora eles também tenham sido utilizados em animais inteiros e novilhas. Williams

(1983) recomenda o uso de implantes em animais inteiros, principalmente porque eles parecem reduzir as características masculinas, facilitando o manejo. Este autor observou um menor desenvolvimento dos tecidos, menor produção de testosterona e carcaça de melhor qualidade (marmoreio). Com novilhos inteiros, Preston & Willis (1974) observaram que poucos trabalhos foram realizados, mas, comparativamente, as respostas a implantes foram muito mais variadas e menores do que as encontradas para novilhos castrados.

Um outro exemplo do uso de implantes (Ralgro) em novilhos castrados do tipo zebuino, alimentados com melaço, bagaço e uréia, é apresentado na Fig. 10. A diferença no peso final entre novilhos implantados ou não, foi de 20% (a firma comercial estima uma diferença de 18%). Em animais inteiros confinados, Williams (1985) achou que o Ralgro melhorou o ganho de peso em 8% em relação a testemunha sem implante. Outras formas comerciais citadas pelo mesmo autor mostram ganho de 5 a 11%, para implantes com Symovex e Compodex, respectivamente.

Outros resultados indicam nenhum efeito dos implantes, o que é, provavelmente, devido à pobre qualidade dos alimentos, tais como aquelas encontradas em pastagens tropicais.



Fonte: Clavo (1974).

FIG. 10. Efeito do anabolizante Ralgro na taxa de ganho de peso de novilhos castrados, alimentados com melaço, bagaço e uréia.

Saúde tem nome

**CRED
MED**

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 5º and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO

Capítulo II

Quando algo de melhor começa a aparecer

VICENTE DE PAULA M. PELOSO
Méd. Vet. e ex-professor de produção
animal da UFRRJ.

É preciso encontrar um caminho científico de desenvolvimento tecnológico vertical do rebanho, paralelamente ao crescimento horizontal. Do contrário, cresce lentamente a produção, mas a produtividade estaciona com reflexos econômicos negativos para cada segmento do criatório e para o Brasil como um todo.

No Capítulo II do artigo sobre bovinocultura de corte — "Quando algo de melhor começa a aparecer" — escrito pelo médico veterinário e ex-professor da produção animal da UFRRJ, Vicente de Paula Mendes Peloso, publicado à página 32, edição de novembro, número 670, da Revista dos Criadores houve a troca da palavra estaciona por estaciona, na terceira linha da introdução, em negrito, mudando o sentido do tex-

to. A introdução correta é: "É preciso encontrar um caminho científico de desenvolvimento tecnológico vertical do rebanho, paralelamente ao crescimento horizontal. Do contrário, cresce lentamente a produção, mas a produtividade **estaciona**, com reflexos negativos para cada segmento do criatório e para o Brasil como um todo".



Alimentação da vaca leiteira no Controle Auxiliar

Engenheiro agrônomo
MANOEL JOSÉ DE ALCANTARA *

Procurando esclarecer os criadores interessados no recebimento dos serviços de orientação da alimentação do seu rebanho, quando o mesmo está sob o Controle Auxiliar, analisaremos um caso concreto deste tipo de serviço.

Suponhamos que o nosso controlador de leite, ao fazer a sua visita na propriedade, constatou que a média da produção das vacas em lactação foi de 15 kg de leite por dia, com 3,5% de gordura e que o peso vivo das vacas foi calculado em 500 kg.

Anotou também em seu relatório a alimentação que o criador estava fornecendo às vacas e o seu custo, conforme anotação abaixo:

	Custo Cz\$/dia
— 10 kg de grama batatais (pasto)	1,30
— 13 kg de capim elefante picado (cocho)	0,52
— 5 kg de cana inteira picada (cocho)	0,67
— 20 kg de cevada úmida (cocho)	3,00
— 4,5 kg de ração comercial (cocho)	8,21
— 50 g de sais minerais no concentrado	0,28
— 30 g de sais minerais à vontade (no cocho)	0,17
— 30 g de sal comum à vontade (no cocho)	0,02
Valor total	14,17

Informou ainda o criador que, se necessário para a composição da mistura de concentrados, ele dispunha de farelo de trigo, rolão de milho e sais minerais C.V.A. — Base.

Estes dados são enviados ao nosso escritório em São Paulo para os estudos técnicos do arraçamento.

Consultando as tabelas de alimentação de gado leiteiro, constatamos que, para a produção média deste rebanho, os animais necessitam ingerir em 24 horas o relacionado abaixo:

- 15 kg de matéria seca (3% no máximo do peso vivo do animal)
- 1,04 kg de proteína digestível
- 8,70 kg de nutrientes digestíveis totais
- 68 g de cálcio
- 51 g de fósforo

Calculando-se os valores alimentícios contidos nos alimentos fornecidos às vacas

pelo criador, chegamos a conclusão que os mesmos contém:

- 14,52 kg de matéria seca
- 1,57 kg de proteína digestível (excesso de 0,53 kg)
- 10,16 kg de nutrientes digestíveis totais (excesso de 1,46 kg)
- 72,9 g de cálcio (excesso de 4,9 g)
- 42,45 g de fósforo (faltando 8,55 g)

Efetuada-se os cálculos, na tentativa de calcular uma ração que atenda às necessidades em proteína digestível e em energia, com um menor custo, em primeiro lugar estabelecemos valores em pesos fixos aos volumosos e quanto à cevada úmida, visando poder balancear o arraçamento, diminuímos na metade a sua administração.

Os cálculos indicam que, com o uso dos volumosos constantes do quadro 1 e mais a cevada úmida, os déficits de proteína digestível e nutrientes digestíveis totais jamais seriam complementados com o uso da ração disponível no comércio, a não ser que a mesma fosse calculada para atender especificamente este rebanho.

A maneira de conseguirmos satisfazer os déficits será utilizarmos dois alimentos concentrados com teores diferentes de proteína digestível e nutrientes digestíveis totais, tais como o farelo de trigo, o rolão de milho ou o fubá de milho, conforme quadro 1.

Como podemos verificar, analisando o quadro acima, falta nesta ração aproximadamente 10 g de cálcio, que poderá ser suprido com o fornecimento de 25 g de calcita.

Analisando os custos dos arraçamentos, isto é, o fornecido pelo criador e o calculado, verificamos uma economia por dia e por vaca de Cz\$ 4,33.

Se considerarmos que o criador possui 100 vacas no leite e que os custos são analisados a cada 30 dias, ele deixará de gastar Cz\$ 12.990,00 no período, se estiver disposto a seguir a nossa orientação e a fazer a sua ração na fazenda.

Este foi apenas um exemplo do que pretendemos orientar no item alimentação da vaca leiteira, com a implantação do Controle Auxiliar.

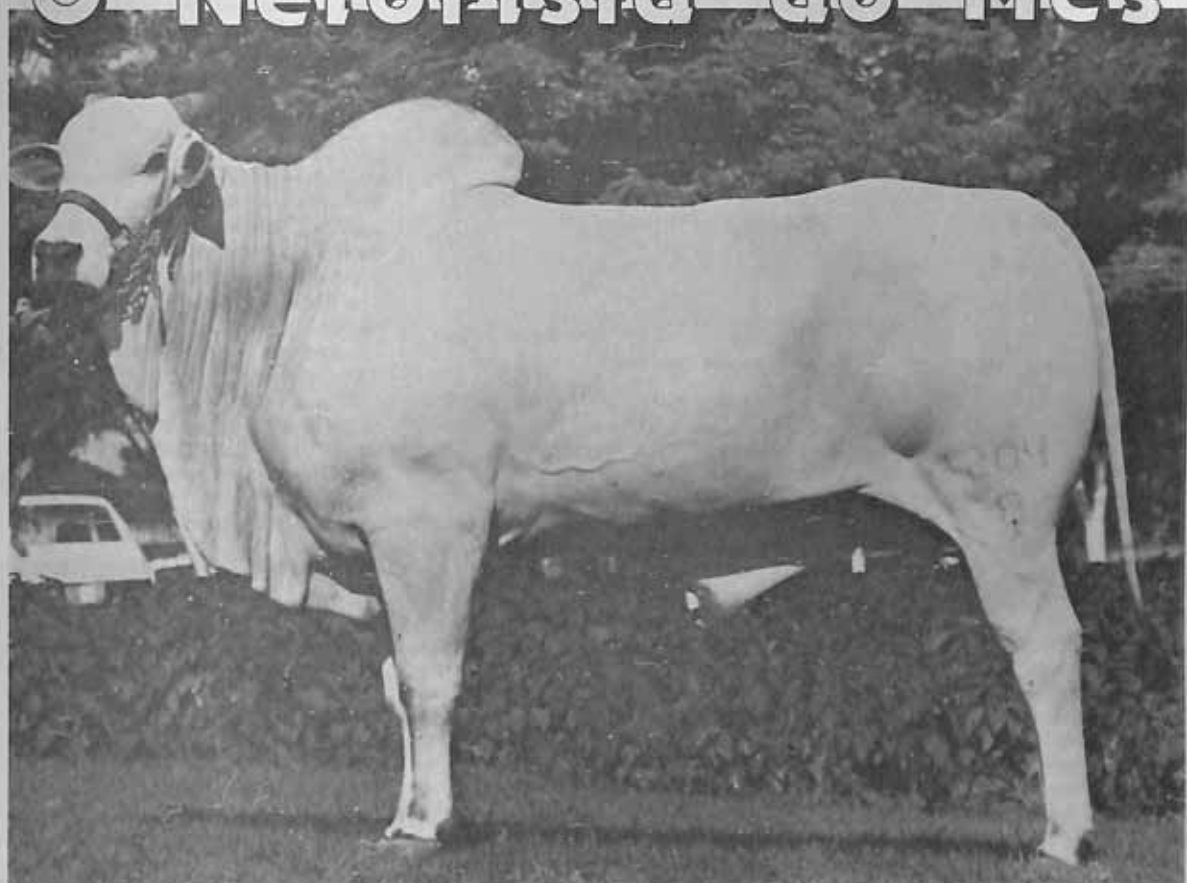
* Diretor do Departamento Técnico da Associação Brasileira de Criadores.

QUADRO N.º 1

Necessidade em 24 horas, para vaca com 500 kg de peso vivo, produzindo 15 kg de leite, com 3,5% de gordura, após o 3.º mês de lactação

	M.S. kg	P.D. kg	N.D.T. kg	Ca g	P g	V. Cz\$
	15,00	1,04	8,70	68	51	
Ração calculada p/esta vaca						
Alimentos volumosos						
— 10 kg de grama batatais (no pasto)	1,80	0,14	0,99	4	3	1,30
— 15 kg de capim elefante picado (cocho)	3,07	0,15	2,17	19	10,5	0,54
— 5 kg de cana inteira picada	1,39	0,07	0,81	3,5	4	0,67
— 10 kg de cevada úmida	2,39	0,32	1,60	7	12	1,50
Alimentos concentrados						
— 3,122 kg de rolão/milho	2,66	0,17	2,06	0,9	8,1	3,51
— 1,729 kg de farelo de trigo	1,56	0,19	1,07	2,2	22,3	1,73
— 72 g de C.V.A. Base 1,5% na ração				15,3	11,1	0,40
— 30 g de C.V.A. Base no cocho c/ sal comum				6,3	4,6	0,17
— 30 g de sal comum						0,02
TOTAL	12,87	1,04	8,70	58,2	75,6	9,84

O Nelorista do Mês



OSIRIS DA TERRA BOA — Grande Campeão Expoinel/84 em Uberlândia — Grande Campeão Uberaba/84.

Um entusiasta da Raça Nelore

José Luiz Niemeyer dos Santos, criador em Guararapes, Estado de São Paulo, iniciou a seleção do rebanho nelore da fazenda Terra Boa há 22 anos e hoje tem um dos melhores plantéis da raça no país.

Um entusiasta da raça Nelore, Niemeyer foi diretor, vice-presidente e presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. O criador constata, animado, que a qualidade zootécnica do Nelore, além do progresso nos rebanhos de elite, tem se difundido extraordinariamente nos últimos anos, contribuindo para um expressivo ganho de produtividade do gado de corte de todo o país, no qual a participação

da raça Nelore Niemeyer "estima em 70%". A difusão extraordinária da raça Nelore nos últimos 20 anos, massificou o grande melhoramento genético conseguido pelos selecionadores, homogeneizou o rebanho por cima. Hoje o melhoramento do Nelore não é visível apenas nos rebanhos de gado fino, mas em milhões de cabeças de gado de corte em todo Brasil", observa entusiasmado o entrevistado.

O rebanho Nelore da Fazenda Terra Boa

Niemeyer assumiu a administração da fazenda Terra Boa em setem-

bro de 1963, encontrando um pequeno plantel de Nelore. Nesta época, a raça Nelore, até então um pouco esquecida, despertava a atenção dos pecuaristas. "Até a década de 50 a raça Nelore foi preterida por outros zebuínos, mas a partir dos anos 60, houve um grande entusiasmo pelo Nelore, reforçado pelo extraordinária benefício que essa raça recebeu da importação de reprodutores e matrizes da Índia. Entre todos os zebuínos, foi o Nelore que se beneficiou mais com essa importação, graças à qualidade extraordinária dos reprodutores desta raça que entraram no país nessa ocasião."

O entusiasmo pelo gado Nelore



Lote de novilhas — reserva da Fazenda Terra Boa.

contagiu a pecuária de corte do Brasil e Niemeyer, que se iniciava como pecuarista, não foi exceção. Partindo de um núcleo de fêmeas, adquiridas por seu pai em 1957 na Fazenda Experimental de Sertãozinho da Secretaria da Agricultura, Niemeyer iniciou a implantação e seleção do Nelore da Terra Boa. Nos primeiros anos comprou animais de vários selecionadores, Torres Homem Rodrigues da Cunha, Orestes Prata Tibery Jr., Durval Garcia de Menezes, Eduardo Duvivier; esses animais adquiridos juntaram-se ao núcleo já existente e formaram a base do rebanho. Uma das vacas adquiridas em 1968 na Fazenda Indiana, ainda permanece no rebanho da Terra Boa, é Nágua da Indiana, mãe de Osiris da Terra Boa, Grande Campeão na EXPOINEL-84, em Uberlândia e na Exposição Nacional de Gado Zebu de Uberaba no mesmo ano.

Em 1971 a Fazenda Terra Boa introduziu a inseminação artificial, adquirindo 200 doses do touro Chummak. Niemeyer vê na inseminação artificial, um instrumento indispensável para o selecionador. "A inseminação artificial é uma das principais razões para a evolução extraordinária da raça Nelore, que mais do que qualquer outra, soube utilizar esse recurso técnico."

Além da inseminação artificial que permitiu ao rebanho da Terra Boa ter acesso aos melhores touros do país, Niemeyer faz referência especial ao touro Hoder da Santa Cecília, Comprado de Torres Homem Rodrigues da Cunha em 1970, bezer-

ro recém nascido, Hoder, filho de Chummak e Cachopa VR, revelou-se um extraordinário reprodutor. Utilizado inicialmente em monta natural no rebanho da fazenda e enviado aos 30 meses para a Central de Inseminação Artificial Lagoa da Serra, onde permaneceu até sua morte, se tornou recordista na venda de sêmen. "Hoder produziu mais de 100.000 doses de sêmen, praticamente tudo foi comercializado, nenhum touro foi mais provado. Hoder, o touro 100.000 vezes provado, morreu em 1984, deixando milhares de filhos, que continuam a difundir o sangue nobre de seu pai."

O trabalho de seleção

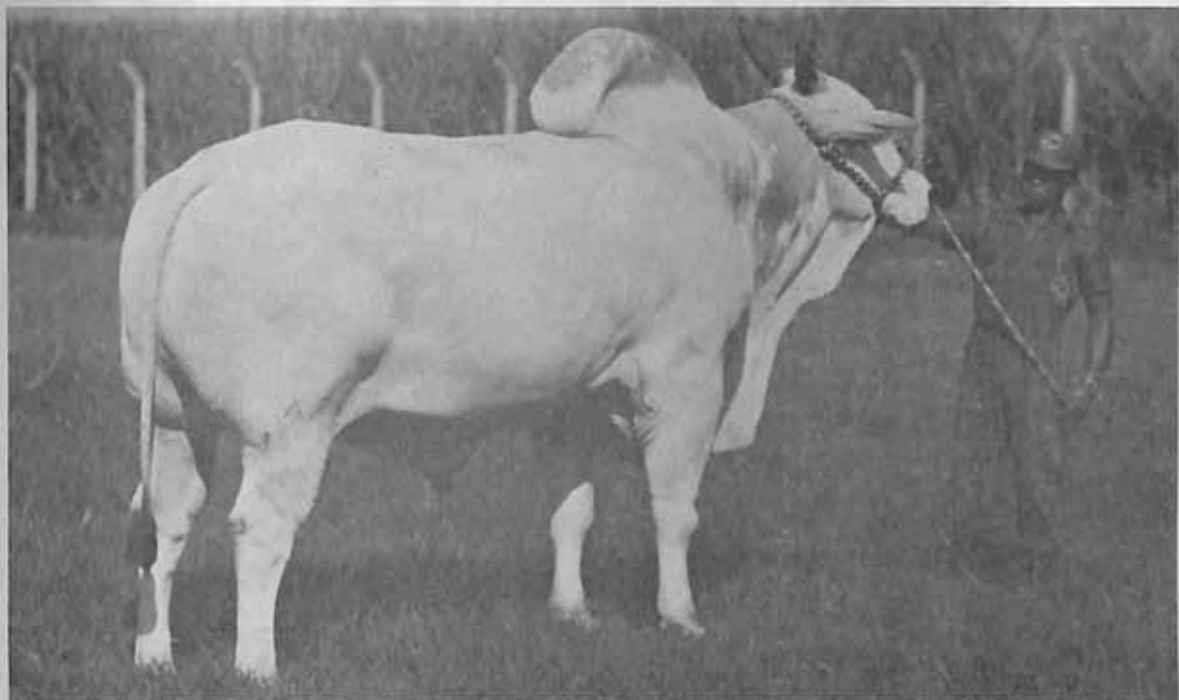
O rebanho da Fazenda Terra Boa é de 200 matrizes em produção; esse número é o ideal, na opinião do criador, para o tipo de trabalho desenvolvido. Esse rebanho é mantido em 200 matrizes através de uma rigorosa seleção das novilhas e de um descarte anual de vacas. Uma novilha para entrar no rebanho deve ser superior à média deste, o que é avaliado visualmente e pelo controle ponderal, além disso, deve estar prenhe após um regime de monta natural de 3 meses. Anualmente é promovido um descarte no rebanho; as matrizes excedentes são vendidas a outros criadores e quando não servem para reprodução vão para o frigorífico. Nesse descarte, leva-se em consideração critérios como fertilidade, habilidade materna, tamanho, conformação, caracterização racial e idade.

Um touro só é utilizado intensamente no rebanho, tanto em inseminação artificial como em monta natural, após ser testado num número reduzido de fêmeas.

Todo rebanho é escriturado zootecnicamente desde sua implantação e submetido a um rigoroso controle sanitário. O ganho de peso dos produtos é controlado oficialmente



José Luiz Niemeyer dos Santos junto a um grupo de bezerros Nelore PO.



HODER DA SANTA CECILIA — mais de 100.000 doses de sêmen vendidas.

desde 1968 inicialmente pela A.B.C. e já há alguns anos pela Sociedade Rural Brasileira, delegada da A.B.C.Z., em São Paulo.

A comercialização dos produtos

Os machos desmamados, após a desmama, são submetidos à uma seleção, aqueles que não servem para reprodutor, são castrados e destinados à engorda. Aproximadamente 10% de cabeceira vai para o lote tratado com ração, e se destina às exposições e leilões. O restante é mantido em regime de campo e vendido como reprodutor.

No ano passado, Niemeyer se associou a um grupo de criadores, Organização Mario de Almeida Franco, Alberto Laborne Valle Mendes, Claudio Sabino Carvalho, Fahd Jamil e Irmãos, para promoção do leilão "Noite dos Campeões", realizado anualmente durante a Exposição Nacional do Zebu, em Uberaba. Esse leilão, onde são vendidos animais de cabeceira dos 5 plantéis, é realizado num recinto próprio, construído pelo grupo ao lado do Novotel

em Uberaba. Este ano a "Noite dos Campeões" será no dia 1.º de maio. Além desse leilão, Niemeyer participa do "LECONEL", realizado durante a Exposição de Ourinhos, SP, juntamente com os criadores: Agro-

pecuária Bom Jesus, Mauro C. Mesquita, Wernet Jost, Grupo VR, Fernando L. Coalhato e SEMWI, cuja proposta, é também oferecer o melhor, com toda garantia para o criador.



Sede da Fazenda Terra Boa.

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil

Durante 9 anos Niemeyer participou ativamente da diretoria da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. Foi diretor, vice-presidente e presidente de 1973 a 1982. O criador ressalta a importante contribuição da entidade à pecuária nacional. "A Associação tem uma tradição na defesa dos interesses da nossa pecuária de corte. No que se refere à pecuária seletiva, a entidade promoveu a raça Nelore e realiza anualmente, há 15 anos, a Exposição Internacional do Nelore, certame exclusivo da raça, importante como mostra pecuária e como evento associativo, reunindo criadores de todo Brasil e do exterior."

A Fazenda Terra Boa

A Fazenda Terra Boa tem uma área de 2.160 ha e, além do gado Nelore de seleção, explora a engorda de bovinos e as lavouras de milho e cana. A área destinada à agricultura corresponde aproximadamente à 30% da área total da fazenda. A lavoura de milho é de alta produção, em torno de 5 ton. de milho em grão

por ha, o produto é destinado parcialmente ao custeio do gado e a maior parte é vendido. A produção de cana é entregue à destilaria Unialco, em Guararapes.

Embora a atividade mais importante, em área ocupada e em volu-

me de recursos financeiros, seja a engorda de bovinos, Niemeyer se diz apaixonado pela seleção do gado Nelore.

Os amigos e colaboradores

"Sempre contei com a ajuda de colaboradores dedicados, como José Alves Campos, que trabalha conosco há 30 anos. Amigos que tive a felicidade de encontrar em todos esses anos, muito me incentivaram e me ajudaram. Amigos como José da Silva, o "Dico", sempre pronto a me dar uma mão, orientando-me com a experiência e o conhecimento de quem dedicou toda sua vida à raça Nelore."

"Hoje tenho a satisfação de poder dizer que o Nelore da Terra Boa vai muito bem. A qualidade melhora de geração para geração, mostrando que a seleção está sendo bem conduzida. Os nossos animais fazem bonito nas exposições, a comercialização vai bem e os compradores voltam sempre satisfeitos para novas aquisições. Em todos esses anos foram poucas as decepções, fiz muitos amigos, valeu a pena!"



Lote de fêmeas que irão a leilão na "Noite dos Campeões".



Tourinhos que irão a leilão na "Noite dos Campeões".

Ou você dá ou você mata o seu lucro.

A subnutrição ataca o rebanho de forma lenta e gradual. Até que um dia ela liquida com o seu lucro.

A causa você já sabe: as pastagens estão carentes de quase todos os nutrientes básicos. E só um suplemento mineral cientificamente balanceado pode compensar essa deficiência.

Sal Mineral Purina oferece a dose certa de macro e microelementos vitais para garantir: **reprodução de alto nível, maior ganho de peso, mais produtividade e menor tempo para o abate.** É um produto testado e aprovado para a sua



Purina

Sal Mineral
Purina
Bovinos



MODO DE USO

SAL MINERAL PURINA é dev-

pastagem, com uma fórmula ideal para resolver cada problema. Quem garante é a maior experiência mundial em nutrição animal. De Sal Mineral Purina. Com ele o seu lucro cresce e se multiplica.

Consulte o seu Revendedor Purina ou entre em contato diretamente com o nosso escritório central.



Purina
Alimentos Ltda.

Av. Nações Unidas, 13.797
Bloco III - 18º andar - Morumbi
Tel.: (PABX) 531-7755
CEP 04794 - São Paulo - SP

O Fazendeiro do Mês



Sítio Sabiá, seleção de Holandês e produção de leite B

Em 1972, um advogado da Capital Paulista procurava uma fazendinha, motivado pelo desejo de ter um refúgio onde se abrigasse da agitação paulistana nos fins de semana, e propiciasse aos seis filhos menores o ensejo de se desenvolverem próximos à natureza, isto é, crescerem com mentalidade ecológica. Adotou como premissa que a propriedade não distasse além de 100 km da Capital, e, mineiro que passara a primeira infância cercado das montanhas de Belo Horizonte, fixou sua preferência na região bragantina, na vizinhança das Gerais. Propenso já a fechar negócio com uma fazenda de 110 alqueires paulistas, soube, pelo corretor que havia um sítio de 20 alqueires paulistas, junto ao asfalto da rodovia Capitão Bardufno, a 15 quilômetros de Bragança Paulista, e cuja sede estava em construção. Movido pela curiosidade, o Dr. Márcio lá foi com o corretor conhe-

cer o tal sítio, e lá chegou encantado-se com a paisagem. No dia seguinte o negócio estava fechado, nascendo o Sítio do Sabiá, que hoje, com sua área ampliada, tem 70 alqueires.

A instalação do sítio

Ultrapassada, inicialmente, a fase de construção da sede, e feitas as instalações de recreação, verificou o Dr. Márcio que sobrava área. Foi quando ressuscitaram lembranças da infância: algumas vaquinhas malhadas não enfeitariam a paisagem? Suas ocupações profissionais eram, à época, intensas na Capital Paulista e vivia-se a atmosfera do chamado "milagre brasileiro"; encomendou a uma empresa de projetos agropecuários um estudo de viabilidade de exploração de leite B, atendendo à vocação da região. Otimista nas projeções, o projeto, como lo-

go viria a verificar, extrapolava as condições naturais do Sítio, pelo que foi o Dr. Márcio forçado a ampliar sua área, adquirindo glebas vizinhas, o que desacelerou o término das instalações definitivas do exploratório do leite. Assim, somente em abril de 1975 entraram no sítio as primeiras vacas holandesas, 30 matrizes, ao invés das 70 que tinham sido previstas, explicando-se essa redução pela impossibilidade de atender, na época, à alimentação de maior rebanho. Posteriormente, com mais racional aproveitamento das áreas, o rebanho paulatinamente foi aumentando, com a aquisição de mais 10 cabeças uruguaias, e a importação de 16 bezerras canadenses, em 1978. Em síntese, essa é a história do atual plantel Holstein do Sítio do Sabiá, que, hoje estabilizado, oscila de 170 a 180 animais.

Diz o Dr. Márcio que, além da exploração do leite B, sempre foi seu



Lote de vacas adultas.

objetivo puxar do marco zero um criatório, mediante uma rigorosa seleção do rebanho Holstein. Além das matrizes PO e POI inicialmente adquiridas, o Sítio do Sabiá formou o Holando-Brasileiro, contando o plantel com 63 fêmeas GHB. Na ordenha mecânica, diariamente são mantidas de 70 a 75 vacas, havendo de 25 a 35 vacas secas. O plantel é mantido em regime de semi-confinamento, ou seja, com alimentação no cocho, mas com os animais soltos em piquetes. Para efeito de manejo, alimentação e tratamentos, o plantel é dividido nas seguintes categorias: a) bezerras até 2 meses, mantidas em baias individuais, com acesso a solário; nessa fase o desmame é feito com leite integral; b) bezerras, de 2 a 5 meses, mantidas em baias coletivas de 4/5 cabeças, com acesso a piquetes de capim; até esta fase, as bezerras têm no feno de alfafa o único volumoso; c) dos 6 aos 7 meses, as bezerras são deslocadas para outra divisão, para se adaptarem gradativamente ao volumoso de silagem de milho e/ou capineiras de Napier ou Camerum; d) dos 7 aos 16 meses, as bezerras integram o lote considerado de novilhas; inicia-se o controle dosaios, e a primeira inseminação ocorre aos 16/17 meses de idade, desde que a no-

vilha tenha 370 kg de peso; e) vacas secas; f) vacas em lactação.

O gado

No correr dos anos, houve rigorosa seleção das progênes. Além do controle leiteiro oficial de todas as vacas em lactação, são feitos dois outros controles mensais, com intervalo de 10 dias, para o ajustamento da ração balanceada. Nos

últimos 3 anos, a média diária do lote de vacas em lactação varia na faixa de 20 a 23 kg. O intervalo entre parições, de 12 a 14 meses, sendo-se as vacas em lactação 60 dias antes da data prevista de parição. O Sítio mantém permanentemente um touro jovem do próprio criatório, para cobertura da fêmea que após duas inseminações artificiais não tiver prenhez positiva. O sêmen utilizado é predominantemente norte-americano, selecionado com base nas provas publicadas pelo "Registered Holstein Sire Performance Summaries", publicação semestral da Holstein Association. Na inseminação das novilhas, há o cuidado de escolher-se sêmen de touro cujo produto facilite a primeira parição, e em todos os casos, atenção é dada às características de úberes, aprumos, caixa e capacidade leiteira. A supervisão do rebanho é feita pela esposa do Dr. Márcio, D. Dora, e sempre contou, desde o início, com a colaboração do médico veterinário Augusto Bellini de Andrade Filho, e seus auxiliares diretos, sobretudo o administrador, José Joaquim Freire, e o chefe do pessoal do leite, responsável pelas inseminações, preparo dos animais, Francisco Crispim. A eles o Dr. Márcio atribui relevante papel no sucesso alcançado com o criatório e exploração do leite.

Diz o Dr. Márcio, que a estabilização do rebanho poderia ter sido



Funcionários encarregados da produção de leite.



Piquetes de garanhões do Haras.

apressada, se nos primeiros anos tivesse ido para o atual sistema de manejo, com o semiconfinamento dos animais, sistema este que permitiu o aproveitamento para alimentos das áreas antes usadas para rotação de pastagem. Desde 1980, a utilização das áreas específicas está definida. As instalações leiteiras e do criatório, estábulo, maternidade, bezerreiro, piquetes de confinamento, silos, fábrica de ração, galpão de máquinas, etc., ocupam cerca de 73 hectares. Todo o volumoso é do Sítio; anualmente são produzidas 900 a 1.000 toneladas de silagem de

milho, plantado numa área de 55 hectares; no inverno, as vacas em lactação recebem aveia forrageira; 12 hectares são reservados para capineiras de Napier-elefante e Cernum. O Sítio conta com um sistema de irrigação por aspersão, com a captação de água do ribeirão das Araras, que delimita um de seus lados. Até 1985, o feno de alfafa era adquirido fora, estando prevista sua produção no próprio Sítio, a partir do corrente ano.

Tudo controlado

O controle sanitário, produtivo e reprodutivo, bem como o contábil e administrativo do Sítio é feito através de um microcomputador, cujo programa foi especialmente elaborado, com base nos anos de experiência, pelo engenheiro José Luiz Galileo Gagliardi; esse programa recebeu o nome de Lactaplus, e já está sendo utilizado por outros criadores. As informações são centralizadas na Capital Paulista, com o auxílio inestimável da secretária do dr. Márcio, senhorita Edna Vieira de Carvalho, que talvez seja a maior fã das vacas holandesas do Sítio do Sabiá.

Exposições e Leilões

Estabilizado o rebanho e formado já o GHB, o Sítio, que até então só

vendia tourinhos de alta linhagem, passou a comercializar também fêmeas, desde 1983, e presentemente seus produtos figuram regularmente nos leilões mais reputados, como, por exemplo, o das Mais Mais, da Primavera, do Outono. Hoje o prefixo Melísio está em Alagoas, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, além do Estado de São Paulo. Já na XVIII Exposição Agropecuária e Industrial da Zona Bragantina de 1983, o Dr. Márcio obteve o prêmio de melhor expositor e melhor criador, apresentando, em todas as categorias, apenas animais de seu criatório, prefixo Melísio. Finalmente, em 1985, iniciou-se o trabalho de transferência de embriões, para acelerar o aproveitamento do fator genético das melhores reprodutoras eméritas que o Sítio tem.

Os equinos

O Sítio sempre teve cavalos da raça Mangalarga para passeio e recreação. Nos dois últimos anos, atendendo ao entusiasmo dos filhos, foi remodelado o haras do Sítio. Seleccionadas algumas das antigas matrizes da raça Mangalarga Paulista, iniciou-se o criatório da raça Árabe, e Anglo-Árabe. O setor hípico está sob a supervisão de sua filha Elisa e marido Paulo de Freitas Guima-



Garanhão Árabe sendo exercitado.



Potranca Árabe

O Fazendeiro do Mês

rões, apaixonados adeptos do hipismo, que contam, ainda, com a colaboração de Márcia e Jorge, filhos do Dr. Márcio. O encarregado dos animais é José Orlando Barbosa. Essa atividade floresce rapidamente, e, no momento, além dos animais do criatório, o Sítio costuma receber, periodicamente, como pensionistas, alguns cavalos de salto, em fase de descanso.

Outras atividades

Encara o Dr. Márcio que num País com as características do Brasil atual, pesa sobre qualquer propriedade rural, independentemente de sua dimensão, uma hipoteca social, sendo inadmissível manter a terra desaproveitada; assim, reserva áreas para o plantio de arroz, feijão, hortaliças e frutos para atender as necessidades dos residentes no Sítio. Preocupa-se, ainda, com o trabalho dos filhos dos empregados que estão chegando à adolescência, e por isso já visualiza a abertura de novas frentes; nesse quadro, a mais



O nascente criatório de cabras alpinas.

recente novidade é o início de um criatório de cabras leiteiras, da raça Alpina, não estando afastadas outras atividades a serem implementadas

paulatinamente, desde que não sejam fáceis, pois, como disse o Dr. Márcio, o que é fácil não tem graça...

Transceptor TT-109/8.

Agora, é o campo que tem a última palavra com o Transceptor TT-109/8. É totalmente transistorizado, para uso fixo e móvel. Até 8 canais de operação com 150 watts de saída.

AGORA O CAMPO TEM VOZ ATIVA.

Transceptor Ôrion.

Com o Transceptor Ôrion, você entra em campo da rádio comunicação avançada. É totalmente transistorizado, para uso fixo e móvel. Potência de saída: 100 watts. Monocanal. Intraco. A empresa mais comunicativa do campo.



Telecomunicações Intraco Indústria e Comércio Ltda.
Rua Costa Aguiar, 1279 - Cep: 04.204 - Fone: 274-7022
Telex (011) 33062 THC-BR - São Paulo - SP

FLAUS: ARACATUBA-SP 23.8044; ASSIS-SP 22.3418; AUCARANA-PI 22.0223; BARRERAS-BA 811.2285; BELÉM-PA 222.9618; BELO HORIZONTE-MG 332.1865; BOA VISTA-RR 224.1515; BRASÍLIA-DF 223.8325; CAMPINAS-SP 43.1876; CAMPO GRANDE-MS 380.7120; CLUSMA-MT 322.5150; CURITIBA-PR 293.5414; FORTALEZA-CE 224.0603; GOIÂNIA-GO 241.3095; MACAPÁ-AP 222.0087; MACEIO-AL 223.4619; MANAUS-AM 234.1269; MONTES CLAROS-MG 221.3802; NATAL-RN 221.3330; PORTO ALEGRE-RS 41.5923; PORTO VELHO-RO 222.2809; PRESIDENTE EPITÁCIO-SP 81.1046; PRESIDENTE PRUDENTE-SP 22.2434; RECIFE-PE 224.5827; RIBEIRÃO PRETO-SP 625.5856; RIO BRANCO-AC 224.5138; RIO DE JANEIRO-RJ 208.2842; SALVADOR-BA 243.3599; SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP 31.3451; SÃO LUÍS-MA 221.4095; TERESINA-PI 222.8347; TRÊS LAGOAS-MG 521.3330; VITÓRIA-ES 227.2722; UBERLÂNDIA-MG 235.6184



Dimensionamento de grades de discos

Eng.º Agr.º GASTÃO MORAES DA
SILVEIRA

As grades de discos foram desenvolvidas basicamente para destorroar o solo após a aração; isso não foi muito antes que grades maiores e mais pesadas fossem concebidas para lavar, bem como para pulverizar. Hoje temos no mercado grades com discos de diâmetro até 1,30 m, com pesos totais excedendo 9.000 kg e com largura de corte de 9 m, ou mais.

A largura do corte é o produto do número de discos pelo espaçamento entre eles. A profundidade de penetração é função do diâmetro e espaçamento dos discos e do peso sobre cada disco e da concavidade dos discos. Assim, existem grades largas pulverizando uma camada fina, ou grades relativamente estreitas lavando fundo ou desbravando terrenos;

porém, ambas pesando o mesmo e requerendo a mesma força de tração.

A aplicação correta de uma grade é função principalmente do peso por disco, isto é, o peso total da grade dividido pelo número total de discos que suportam o referido peso. Há uma escala muito vasta de pesos por discos entre os muitos tamanhos, tipos e desenhos de grades. Normalmente tais pesos por discos variam desde 45 a 700 kg por disco, de acordo com o tipo de trabalho a ser desenvolvido.

DIMENSIONAMENTO E APLICAÇÃO

Para facilidade de classificação, os vários pesos por disco e as distâncias entre

eles estão divididos em três grupos: lavração profunda ou desbravamento de terrenos, lavração normal e lavração superficial ou pulverização.

As grades para lavração profunda ou para desbravamento de terras têm, normalmente, pesos por disco que excedem 225 kg e diâmetro de disco que estão acima de 76 cm (30"). As grades para lavração normal têm, normalmente, discos de 66 (26") a 76 cm (30") de diâmetro e pesos por disco de 90 a 225 kg. As grades para pulverização são normalmente consideradas com discos de diâmetro de 61 cm (24") ou menos e com pesos por disco abaixo de 90 kg.

Para se calcular a força de tração necessária, na barra de tração do trator, adota-se a seguinte regra prática: peso por disco acima de 225 kg — multiplica-se o peso da grade por 1,75; peso por disco entre 90 e 225 kg — multiplica-se o peso da grade por 1,5; peso por disco abaixo de 90 kg — multiplica-se o peso da grade por 1,25.

Nas grades tipo Rome, a penetração máxima de seus discos é de aproximadamente um terço do diâmetro dos discos que equipam o implemento. Assim, uma grade equipada com discos de 76 cm penetrará até um máximo de cerca de 25 cm.

Para calcular a produção horária das grades, multiplica-se a largura efetiva de corte (expressa em metros) pela velocidade em quilômetros por hora e divide-se tal produto por 12,12. O resultado será expresso em hectares por hora. Tal produção está baseada numa eficiência de 82,5%.



Grade niveladora no preparo final do solo.



As grades de discos surgiram como ferramentas de pulverização após a aração. Pequenos discos dispostos em sentidos opostos em dois eixos convergentes eram puxados por dois e depois por quatro ou mais animais de tração. Quando mais animais eram usados na mesma barra, ou quando estes, mais tarde, foram substituídos por tratores, mais se aumentou o comprimento de cada sistema de discos, para se obter uma melhor utilização da força de tração aplicada. Chegou-se a um ponto, que a largura tornou-se excessiva para o tipo de trabalho que se desejava realizar.

Para contornar este problema, parte do comprimento dos sistemas opostos na frente foi transferido para sistemas opostos, mas na parte de trás, dando origem às chamadas grades em "tandem". Como a força de tração disponível continuava a aumentar, a cada sistema se adicionavam discos e a grade tornava-se cada vez mais larga.

O sistema em "tandem" tinha uma desvantagem que era a da faixa de terra não lavrada no meio dos quatro sistemas de discos. Tal desvantagem foi superada por uma ligeira modificação do projeto original. O sistema dianteiro e traseiro de um dos lados foi retirado e adaptada uma dobradiça ao outro sistema, obtendo-se, assim, a grade tipo "off-set" ou deslocada. Neste caso, os sistemas opostos, em vez de serem direito e esquerdo, passavam a ser dianteiro e traseiro.

Este tipo de equipamento foi desenvolvido, inicialmente, para trabalhar debaixo de plantas críticas nos pomares do Estado da Califórnia nos USA. Foi designada de deslocada ou "off-set" porque, devidos às características de projeto incorporadas na barra de tração, a grade podia trabalhar lateralmente em relação ao trator, sob as árvores, deixando o trator no meio das linhas, evitando maiores prejuízos às plantas.

Como os tratores no geral se tornaram mais populares, as fazendas maiores e as estradas de melhor qualidade, muitas vezes pavimentadas, tornou-se necessário que as grades fossem montadas sobre rodas o que facilita o transporte e, em alguns casos, permite um preciso controle na profundidade de trabalho.

OS DISCOS

Basicamente existem dois tipos: os lisos e os recortados. Para efeito de ilustração, admitamos que um disco de 75 cm de diâmetro trabalha a uma profundidade que põe em contato com o solo 50 cm de perímetro do disco. Admitamos que a espessura do disco é de 10 mm, e que o mesmo suporta o peso de 250 kg. Tal disco estará exercendo uma pressão de

Tabela 1: Aplicação de grade em função do peso do disco

Diâmetro dos discos	Peso da grade dividido pelo número de discos	Aplicação
76 cm ou mais 66 a 76 cm 61 cm ou menos	225 kg ou mais 90 a 225 kg 90 kg ou menos	Lavração profunda ou desmatamento de terrenos Lavração normal Lavração superficial ou pulverização

Tabela 2: Força da Tração na Barra

Peso por disco	Fórmula para FB kg
225 kg ou + 90 a 225 kg 90 kg ou -	Peso da grade $\times$ 1,75 = FB kg Peso da grade $\times$ 1,5 = FB kg Peso da grade $\times$ 1,25 = FB kg

250 kg dividido por 50 vezes 1 cm, ou 5 kg/cm². Ou seja:

$$5 \text{ kg/cm}^2 = \frac{250 \text{ kg}}{50 \text{ cm} \times 1 \text{ cm}}$$

Por outro lado, se existirem as mesmas condições para o caso de um disco que tenha metade de seu perímetro efetivo removido por meio de chanfros, haverá não 50 cm de perímetro mas 25 cm do perímetro efetivo em contato com o solo. Então a equação passa a ser:

$$10 \text{ kg/cm}^2 = \frac{250 \text{ kg}}{50 \text{ cm} \times 1 \text{ cm}} \times 2$$

Nestas condições, onde a penetração, ou aptidão para cortar matos rastolho ou terra em descanso, é a finalidade principal, as grades devem ser compradas com discos recortados. Por outro lado, se a resistência à abrasão for o fator principal, talvez os discos lisos sejam mais re-

comendáveis. Um mau juízo será não ligar à forma dos discos, lisos ou recortados.

Os discos recortados promovem sempre melhor pulverização do que os lisos, talvez ao contrário que muitos agricultores julguem. O disco liso, ao cortar um solo com torrões grandes, promove apenas um impacto em cada torrão, ao passo que o disco recortado atua como uma serra de dentes e continua a desintegrar o torrão enquanto este estiver em contato com ele.

Quanto ao custo inicial das grades, considerar que 30% do peso total deve ser representada pelos discos, eixos e mancais, componentes que se desgastam ou que se partem e que promovem parada do trator enquanto aguarda reparações. As grades devem ter também maior vida útil, não uma ou duas safras sem reparação geral. Devem durar mais de cinco anos e muitas vezes ultrapassar a vida do trator.



Grade com pequena largura de corte e elevada profundidade de trabalho.



Assistência
técnica

NOGUIMAQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agrícolas
R. Guacurus, 1192 — Lapa
TEL.: (011) 65-5714

ABCZ encerra a 42.^a Prova de Ganho de Peso

A Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) encerrou, dia 18 de janeiro último, a 42.^a Prova de Ganho de Peso no Centro Nacional de Avaliação de Touro Zebuínos, em Uberaba, MG. Essa prova faz parte do Planejamento de Melhoramento Genético da Zebuínocultura — Prozebu e visa identificar, dentro do conjunto de teste, aqueles indivíduos que devem ter seu uso intensificado como reprodutores por serem portadores de genótipos superiores para ganho de peso. Essas provas vêm sendo realizadas desde 1972: já foram realizadas 42 e uma já está em andamento.

Na última prova, iniciada no dia 15 de agosto e encerrada no dia 18 de janeiro, com duração de 140 dias, participaram 26 reprodutores — 5 da raça Guzêra e 21 da raça Nelore, ambas na categoria PO. Os animais provados são provenientes do Controle do Desenvolvimento Ponderal. Participaram reprodutores da Fazenda Eldorado, de Cravinhos, SP; da Organização Mário de Almeida Franco, de Uberaba, MG; da Agropecuária Maloan, de Ribeirão Preto, SP; de Cláudio Sabino de Carvalho, de Uberaba, MG; de Newton Camargo Araújo, Uberaba, MG.

Tendo como parâmetro o índice 100, a Fazenda Eldorado teve o reprodutor Guzêra Foguete da Eldorado, filho de Gosmal, com 104 kg de ganho de peso nos 140 dias da prova e média de 849 kg/dia, classificado, com índice 108,8, como Elite. Outro seu reprodutor — Genúlio da Eldorado, filho de Brasília, com 98,2 com índice 98,2, classificou-se como regular. Essa empresa participou apenas com dois animais.

Já a Organização Mário de Almeida Franco, que participou com 3 reprodutores Guzêra e 4 Nelore, obteve, para seus animais, duas classificações de Elite, 2 Superior, 2 Regular e 1 Inferior. Os dois reprodutores classificados como Elite são da raça Nelore: Fonema-MF, filho de Hercules-MF, com 107,9, e Frevo-MF, filho de Moldado da P.2, com índice 108,3. Como Superior, foram classificados Funil-MF, filho de Moldado da P.2 e da raça Nelore, com 101,2 e Festivoz-MF, filho de Recurso-MF, Guzêra, com 103,4.

Da Agropecuária Maloan, que participou com 7 exemplares, foram classificados como Elite, 3 reprodutores e Superior 1, além de 2 Regular e 1 Inferior. Como Elite, foram classificados Globulo, filho de Gim de Garça, com 110,5; Gabão, filho de Gim de Garça, com 110,8 e Gafanhoto, filho de Gim de Garça, com 109,3 e como Superior, Gelol, filho de Gim de Garça, com 100,3.

Cláudio Sabino de Carvalho, que participou com 5 animais, classificou 1 como Elite, 2 Superior, 1 Regular e 1 Inferior. Como Elite, classificou Chambalam POI Naviraí, filho de Padam PO de Naviraí, com 108,3 e como Superior Chaurã POI de Naviraí, filho de Tagore, com 104,1 e Chaledu POI de Naviraí, filho de Thelu POI de Naviraí, com 102,0. Newton Camargo de Araújo, que participou com 5 animais, classificou 1 como Superior, 3 Regular e 1 Inferior. Como Superior, foi classificado Lathã da Eur., filho de Nagori POI BR, com 100,0.

TOSQUIADEIRAS



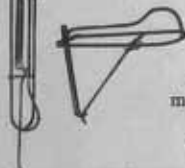
Oster Sunbeam

(e outras marcas)

Para eqüinos, bovinos, ovinos, cachorros, úberos.

VENDAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PEÇAS E AFIAÇÃO DE PENTES

PORTA SELAS



Construído em ferro redondo, pintado com tinta martelada. Mantém a sela arcjada evitando o bolor.

- * ESTOJO METÁLICO P/ TOSQUIADEIRAS.
- * TESOURAS PARA CRINA; CASCO DE OVINOS; TOSQUIAS ETC.
- * HIPÔMETROS

DESPACHAMOS PARA TODO BRASIL
SOLICITE NOSSO CATÁLOGO

OSTER COMERCIAL E TÉCNICA LTDA.

(04010) R. Domingos de Moraes, 348
sobre loja 16 (próximo à estação Ana
Rosa do metrô) - Tel.: (011) 575-3993
- 572-4284 - São Paulo - SP

Média das Raças

Das provas, participaram 5 Guzêra, com idade inicial de 385 dias e final 540 dias e peso inicial de 283 kg. No final, o lote de Guzêra apresentou peso final, depois de 104 dias, de 407 kg, com ganho de peso de 124 kg durante a prova e média de 887 g/dia, e peso calculado para 550 dias de 415 kg. Entre os Nelore, participaram 21 reprodutores, com idade inicial de 375 dias e final 530 e peso inicial de 231 kg. Ao final, a média atingiu peso final por reprodutor de 378 kg, com ganho de peso durante o teste de 147 kg e ganho de peso médio diário de 1.050 kg e peso ajustado aos 550 dias de 391 kg.



TÊM COISAS QUE NÃO DÁ PARA ENGOLIR.

Principalmente se forem inteiras. Mas a Nogueira desenvolveu uma completa linha de máquinas agrícolas que vão desde DESINTEGRADORES, PICADORES E MOEDORES, até ENSILADEIRAS e COLHEDEIRAS DE FORRAGENS que transformam o milho, sorgo, napiê, cana etc. em alimentos picados ou triturados, proporcionando uma ração rica e homogênea.

Mas além de proporcionar uma melhora na qualidade do trato animal, as máquinas Nogueira são muito mais resistentes e racionalizam mão-de-obra, pois são facilísimas de serem operadas, podendo ser acionadas por motores elétricos,

diesel, gasolina e também por tomada de força de tratores.

Portanto, quando você pensar em equipamentos para agilizar e melhorar a alimentação de bovinos, equinos, suínos, aves, pense um pouco mais e decida-se pela qualidade e experiência das MÁQUINAS AGRÍCOLAS NOGUEIRA.



Sinônimo de máquinas agrícolas

IRMÃOS NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas e Motores
Matriz: Rua 15 de Novembro 781 • Caixa Postal 7 • CEP 129
• Itaipira S.P. BRASIL • Tel. (019) 3393-3319
Telex (019) 2380 INOG-1

Os mochos e as pelagens e o Gir Leiteiro na ABCZ

FRANCISCO TEATINI

A ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu) é a Entidade dos selecionadores de Zebu e eu respeitavelmente, não devo criticar, porque, sem dúvida, ela vem prestando muitos e importantes serviços à classe.

Mas, às vezes, fico matutando: "Porque será que a ABCZ concordou em formar o Nelore mocho e o Nelore vermelho?" Qual é o argumento técnico para aceitar o Nelore vermelho? Por causa da pelagem? Porque não se interessou em coordenar objetivamente a formação da raça Gir leiteiro? A origem e a índole Gir na Índia, toda vida foi para lá. Porque uma entidade como a ABCZ foi contra? Nunca se interessou? Nunca quis saber?"

Nesse ponto, arrisco uma consideração: — Não teria sido muito mais importante aceitar, incentivar a formação e o melhoramento do Gir Leiteiro? ou mesmo considerar em separado a raça Gir Leiteiro? — Está claro que seria muito melhor.

O que é mais importante: Ser mocho ou ser leiteiro? Ter pelagem vermelha ou preta ou ser leiteiro? E falo ainda com respeito e sinceridade: "A verdade é que a ABCZ deveria ter aproveitado a boa tendência do Gir para leite e a participação de muitos produtores de leite, inclusive muitos de Uberaba e formado a raça Gir Leiteiro."

Não sou de pedir venia mas vou pedir para contestar:

"Acabou prejudicando muitos criadores que abandonaram muitas vacas gir boas de leite, por chifres altos que foram para o corte ou para cruzamento e se perderam".

Veja aí um paradoxo: A ABCZ aceita despigmentação nas partes sombreadas do Zebu e com isto, aceita a despigmentação em úbere e tetas, ignorando que úberes despigmentados que "machucam" não curam mais... Em Calciolândia onde passamos mais de 15 anos trabalhando em seleção de úberes, veias mamárias e tetas, sabemos o que isto significa... a teta escura é preferida.

Sinceramente, isto significa, o desconhecimento e consequentemente o desinteresse por parte de Técnicos pelo leite e a bem da verdade muitos não acreditavam no Gir Leiteiro.

Seria também importante trabalhar para formar o Indubrasil leiteiro e iríamos melhorar muito o cruzado.

A ABCZ criou a raça Nelore vermelho e formou diversas raças mochas. Pois bem, isto significa o que? Que significado zootécnico isto tem? A ABCZ nunca se interessou pelo Gir Leiteiro. E agora?

O MOCHO NO MUNDO NÃO TEM NENHUM SIGNIFICADO

Qual é o significado zootécnico que existe no caráter mocho?

Estou aqui com os livros de raça da FAO, revendo bibliografias e falando a verdade: "O mocho no mundo pouco representa ou nada representa. Nem para leite e nem para corte. O Zebu mocho não existe na Índia. É um caráter que não é originário do Zebu."

Poucas raças mochas existem na Europa, talvez menos de 1% do rebanho europeu. São raças de pequeno porte e pouco leite. Parece que não trouxe benefício para o melhoramento genético do mundo e apareceu por acaso ou vieram alguns exemplares para o Brasil. A ABCZ criou o Nelore mocho, que pesa menos do que o Nelore padrão. Para que?

Fizeram o Gir mocho, este sim, está ficando maior, porque eles estão aproveitando tudo que tem no Indubrasilado, mas leite... nunca farão, porque o caráter mocho é anti-leite. As vacas amarelonas indubrasiladas são maiores do que o Gir. E com touros Gir mochos, caminha-se para o Gir mocho... que é um Gir com sangue de Indubrasil. Aí vai dar certo. Está bom.

O Mocho brasileiro pode também ter vindo de uma raça chamada mocho Nacional, que deixou de existir, pois terminaram com ela pelo fato de ser pequena e não contribuiu em nada. Não trouxe menor intervalo entre parto, não trouxe melhoramento genético, nada de peso e nada de leite.

Mas nada disto a gente pode ser contra.

Não sou contra a formação destas raças porque o criador brasileiro é bom selecionador.

Se a ABCZ tinha o objetivo de ganhar dinheiro como eu acho é muito louvável. Aí justifica-se. Ganhar dinheiro é importante. É uma justificativa da ABCZ, que eu aceito como válida, porque precisamos de Entidade forte, mas... daí, deixar o

Gir Leiteiro à própria sorte!... Foi um erro.

Preste atenção: Se houvesse apoio hoje, teríamos 10.000 vacas Gir leiteiras registradas, com lactações superior à 2.000 kg.

Recusaram chifres altos, orelhas secas, pernas finas e paradoxalmente aceitaram úberes e tetas despigmentadas e tinham "vergonha do úbere".

AINDA HÁ TEMPO

Embora prejudicado ainda pode-se encontrar muitas vacas gir espalhadas por este Brasil a fora, que servem para serem "Fôrma" do Gir Leiteiro. Esta é a tendência do Gir. Puxa vida. Eu sei que é. Fazer o Gir Leiteiro é fácil e não tem mistério.

Em Calciolândia temos cruzadas, holandesas PO, tivemos suíço muitos anos e sei sinceramente que o Gir leiteiro é bom e necessário ao Brasil.

Estas vacas gir cobertas por touros altamente leiteiros, poderão melhorar muito. Agora entretanto, é necessário uma força muito maior da ABCZ.

Éla tem que descer do seu pedestal e começar com o Gir Leiteiro. Preparar os seus Técnicos para estudarem como se melhora o leite, aprenderem como se melhora o úbere, as tetas do Zebu e suas correlações... Assentar com calma e estudar com os selecionadores de Gir leiteiro, porque eles estão nos seus cantos tranquilos, calmos e organizados, mesmo porque tem que ser assim e, porque enquanto se vivia a orgia da imposição da raça, eles constrangidos, se submeteram, não discutiram e apareceram no "frigor dos ovos" bem na frente dos demais.

Com jeito se pode conversar com eles. O importante, é: AUMENTAR O REBANHO GIR LEITEIRO URGENTE. É um dever da ABCZ, porque a verdade é que quem quer trabalhar com rebanho de corte procura o Nelore que é muito melhor para corte.

Lamento escrever, mas estou sendo sincero e honesto.

Vejo que os novos Técnicos da ABCZ nada sabem do Gir Leiteiro, da sua história, dos seus problemas, das vantagens do leite e mesmo do seu valor e tudo sabem sobre o Nelore e o Gir tipo corte e outras raças. É necessário agir. AINDA HÁ TEMPO.

Agropastoril dos Poções Ltda. Apresenta



Herdade Cobalto Reg. 0246	—	Herdade Cadillac	Seta Caxias
			Herdade Alteza
	—	Herdade Prata	Herdade Bronze
			Herdade Tiroleza

**Um nome que dispensa maiores comentários
Sua descendência lhe comprova ser dos MAIS
RENOMADOS RAÇADORES DA ATUALIDADE**

Prop.: ARTHUR SOUTO MAIOR FILIZZOLA
Fones: (031) 223-1630 (Res.) e (041) 233-8175 -
233-8422 (com.)

IMPRESSIVE JAY VLF



PEPPY LEO BUBBLY VLF



PRODUTOS MESTIÇOS
À VENDA



FAZENDA REGINA

Município de Itatinga - S.P. - Fone: (0149) 54.1480

SYLVIO WAGH ABDALLA

Esc. Av. Paulista, 2073 - Edifício HORSIA II
23º andar - conj. 2303 - Fone: (011) 287-4555

COBERTURAS
À VENDA

2.º LEILÃO DA TRADIÇÃO

MARCAS W E JB - WALDIR JUNQUEIRA DE ANDRADE
respondemos pelo que vendemos!

Por que tradição?

As Fazendas Sant'Ana, Aparecida e São Pedro, através das marcas W e JB, colocam à sua disposição a possibilidade de adquirir produtos e métodos oriundos de um criatório com 150 anos de tradição na formação e seleção da plantão, comprovadamente leiteiros, desde o Sul de Minas até Lins - SP.

Início no aumento sua produção de leite incluindo W e JB em seu rebanho!

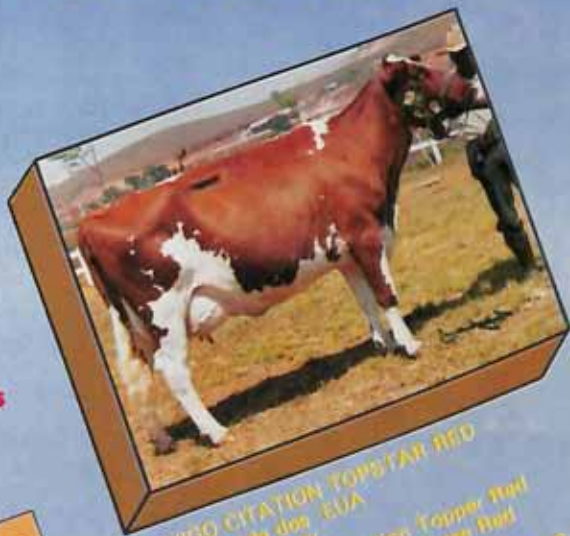
**NESTE LEILÃO SERÃO OFERECIDAS 200 CABEÇAS
HPB, HVB, CRUZADAS, PC e PO.**

Segão:

- 120 novilhas com prenhez positiva
- 60 vacas em lactação
- 20 machos em ponto de monta (PC e PO)

PROGRAMAÇÃO

- 11 horas, apresentação dos animais
- 13,30 horas, início do leilão.



VIGO CITATION TOPSTAR RED
Importada dos EUA
Nasc. 21.10.71
Pai: Brandford Citation Topper Red
Mãe: Heauland Citation Rose Red
Produção própria
4a 8m - 2x - 365d - 8.360kg 202g 3.7
GRANDE CAMPEÃ NACIONAL 1982
TOPSTAR é uma das matrizes
doadoras de embriões
da Fazenda Sant'Ana. Filhos de sua
produção e de outras doadoras de alto
potencial genético estarão sendo
ofertados neste 2º Leilão da Tradição.



ORGANIZAÇÃO



INFORMAÇÕES:

FAZENDA SANT'ANA - FONE: (0145) 22-1764
ESCRITÓRIO FONES: (0145) 22-1196 22-1094
PROGRAMA FONE: (011) 262-8377

Local do leilão:
FAZENDA SANT'ANA
Km 3 da Rodovia Lins/Sabino
LINS - SP

COMERCIAL (UNIC) DE ANIMAIS LTDA.
EM SÃO PAULO
Rua Costa Germano, Jundiaí, 251
Telefone: (011) 242-6377

Barba

AGRICOLA E COMERCIAL S.A.

Fazenda São Sebastião do
Paraíso
Prop.: Dr. Roberto Calmon de
Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng. Agr. José
Wilson Baião
Fone: 83-1431 e 83-1728
Cx. Postal 36 - CEP-13690
Descalvado - SP

**À 15 ANOS CRIAMOS SELECIONAMOS E REALIZAMOS CONTROLE LEITEIRO
OFICIAL DA A.B.C. DE TODO NOSSO PLANTEL**



HIGIOLOGIA ARLINDA BESITA

GHB R. 1590

1.ª - 2,11m 2x 319d 5539 kg 211 kg G 3,82% LM

2.ª - 4,1m 2x 280d 5.519 kg 212 kg G 4,08% LM

3.ª - 5,3m 2x 317d 6.182 kg 241 kg G 3,88% LM

Controle Oficial da A.B.C.

LADI STARLITE DESCALVADO

PC GC - R - SP 161 500

1.ª - 2,5m 2x 340d 6.273 kg 238G 3,79% LM

Controle oficial da A.B.C.



DESTAQUES DE NOSSOS ANIMAIS NO CONTROLE LEITEIRO

REPRODUTORA EMÉRITA	LIVRO DE MÉRITO	LIVRO DE ESCOL
2	99	37



LOTE DE FÊMEAS

LOTE DE FÊMEAS



VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS E NOVILHAS



PO — 16 meses



PC GC2 — 16 meses



PC GC2 — 17 meses

ALGUNS DE NOSSOS BEZERROS À VENDA

Sítio do Sabiá

Criador: Márcio Elísio de Freitas



Crioula Senator do Melísio — GHB/1.884 e a 1.ª fêmea nascida por inseminação artificial em 27-2-76; Reprodutora Emérita, tendo gerado de novembro/77 a novembro/85, 9 produtos, tendo encerrado a última lactação com 7.956 litros.

MELÍSIO INDIRA — HBB/B 72.527 — 3a 9m, PO, Campeã Bezerra na VI FEAPAM de Ribeirão Preto/1983; Campeã Novilha Menor na Expo Bragança 1983; Campeã Novilha Maior XIX Expo Bragança 1984, com inscrição em LM e LE.



WODIA MELODY MIDAS — HBB/B 60.024 POI, canadense, importada quando bezerra; com duas inscrições em LE e uma em LM.



Fev 86

Vista parcial do bezerreiro



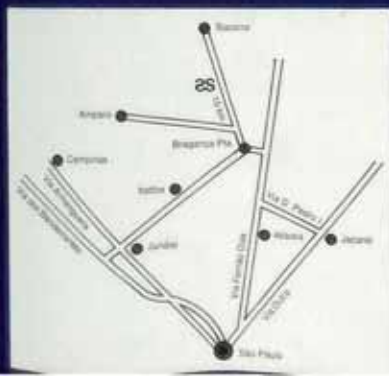
MELÍSIO MARCUS INDIRA JETSTAR
— HBB/A — 33.996, nascido em
24-7-85, exemplo dos tourinhos em
venda permanente no Sítio do Sabiá.



Lote de novilhas

Rebanho classificado pela Associação Brasileira de Criadores de
Bovinos da Raça Holandesa e submetido ao Serviço de Controle
Leiteiro.

Bairro das Araras tel: 433-0952
Bragança Paulista SP
Em São Paulo tel: 524-4400 ramal 418



HOLANDES
PRETO E
BRANCO P
GHB - POI
PREFIXO
MELISIO

29

Venda permanente de reprodutores e matrizes



FAZENDA AMERICANA

ROD. CASTELO BRANCO km 234 — ITATINGA — SÃO PAULO

Prop.: Zeid Sab



MAMINA



MILICIA



LIBIA { **Fantástico**
Libia

Venda Permanente de Reprodutores

End. p/ corresp.: Rua Rodrigues do Lago, 475 — Fone: (0149) 22-0815 — Bctucatu - SP

Fazenda Americana

ROD. CASTELO BRANCO km 234 — ITATINGA — SÃO PAULO

Prop.: Zeid Sab



MANDUCA { Fantástico { Colosso
Guariba Eva { Fantástica



OMÃ { Ibero { Colosso
Lady { Kibela
905 { Kassud
Magita



MADA { Autêntico { Eva
Rosinha {



REPRESENTANTE DE VENDAS NO VALE DO PARAÍBA

JOSÉ LEME FIGUEIREDO

Sítio da Saudade — Lorena — tel.: (0125) 52-1484

MEIO SÉCULO DE SELEÇÃO GIR LEITEIRO -FB

TODO REBANHO EM CONTROLE LEITEIRO OFICIAL

CONHEÇA REPOLHO RGD - 405



É descendente de grandes produtoras, veja só os resultados oficiais:

- a mãe, GUAMA, teve uma lactação acima de 3.600 kg, três acima de 4.200 kg e uma acima de 5.200 kg; ganhou 4 Livros de Mérito e alcançou a Categoria de Longevidade de produção de leite;

- a avó materna, PITANGA, produziu já na 1.^a cria 3.399 kg, de leite e sucessivamente 5.284 kg, 5.614 kg e 5.633 kg, recebendo Livro de Mérito em todas as lactações.

Continuando, vamos verificar se os pais e avós foram capazes de transmitir suas aptidões leiteiras:

- a irmã materna, LAGOSTA, já faz parte da Categoria de Longevidade com a marca de 27.509 kg de leite;

agora as irmãs paternas:

- NOVATA, é recordista de produção de leite na classe D (adulta de 5 a 6 anos) com 6.418 kg;

- CALDEIRA, é a Campeã Mundial Gir Leiteiro, detentora do Balde de Ouro com a produção de 7.748 kg. Em 6 lactações alcançou 31.590 kg, com média de 5.265 kg de leite por lactação, obteve 5 Livros de Mérito e está inscrita na categoria de Longevidade.

Venha conhecer os descendentes de REPOLHO e comprove tudo o que dissemos.

REPOLHO

ZITO
GUAMA

GIR LEITEIRO - FB É MAIS LEITE, É MAIS CARNE

RESULTADOS OFICIAIS DO SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

**681 INSCRIÇÕES NO LIVRO DE MÉRITO
41 INSCRIÇÕES NO LIVRO DE ESCOL
97 INSCRIÇÕES NA CATEGORIA DE LONGEVIDADE
6 RECORDISTAS
2 MEDALHAS DE OURO E O "BALDE DE OURO"**



ESTAMOS COMPLETANDO 10
ANOS DE TRABALHO
PIONEIRO COM
ORDENHADEIRA MECÂNICA
NO GIR LEITEIRO.
TODO O REBANHO ESTÁ
PLENAMENTE ADAPTADO.
OBTIVEMOS ÊXITO TOTAL.

**COLETA E VENDA DE SÊMEN
AGROPECUÁRIA LAGOA DA
SERRA
PECPLAN-BRADESCO**

**FAÇA-NOS UMA VISITA, NÓS TEMOS O REPRODUTOR
QUE O SEU REBANHO ESTÁ NECESSITANDO**

GIR LEITEIRO - FB - MOCOCA

O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO

**KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA
Estrada Mococa-Cajuru, Km. 295 - Município de Cajuru
Fone (0196) 55-0801 - Telefone Rural - Canoas-SP
(telefonista 101) 98-1164 - Mococa-SP - Fone (0196) 55-0085
São Paulo-SP - Fone (011) 36-1681**

NOVA OPÇÃO

Agro Pastoril dos Poções

Orgulha-se em dizer

GIR É ISTO...



PREMNATH

Prop.: Arthur Souto Maior Filizzola

Fazenda dos Poções

Município JEQUITIBÁ - MG

Fones: (031) 223-1630 Res. (041) 233-8175 e 233-8422 Com.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES



Ocaucu

AGRÍCOLA E COMERCIAL S.A.

FAZENDA SANTA FILOMENA
Fones: (011) 288 e 298 (Ocaucu)
Prop.: Dr. Roberto Calmon de
Barros Barreto
Resp. Técnico: Eng.º Agr.º José
Wilson Baião
Fones: 83-1431 e 83-1728
Cx. Postal 36 - CEP: 13690
DESCALVADO — SP



DISTANTE -

Reg. D3851

Nasc. 30-8-83.

Pai: ANKAI A.S.K.T.A.

Lote de machos
filhos de Ankai



**VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS DE
QUALIDADE PRONTOS PARA SERVIR**

Produtos P.O. e P.O.I.

1986

Feirão São Francisco



ATENÇÃO: A APREÇOÇÃO SERÁ
PELO VALOR DA PARCELA MENSAL

02. MAIO
04. MAIO

19h (SEXTA-FEIRA)
NELORE P0 e P01 - NELORE MOCHO

19h (DOMINGO)
MANGALARGA
MANGALARGA MARCHADOR
JUMENTOS PÊGA

CRIADORES:

JOÃO HUMBERTO A. CARVALHO
CLAUDIO SABINO CARVALHO
RICARDO GOULART CARVALHO
HUMBERTO GOULART CARVALHO
RUBICO CARVALHO
CARLOS JOSÉ GOULART CARVALHO
HEBER CREMA MARZOLA
JOSÉ JORGE PENNA NETO
ANTONIO ALBERTO DE BARROS
VANIA LEIVA CECÍLIO PÁVEL
MARCO ANTONIO ANDRADE BARBOSA

ZENDA SÃO FRANCISCO

6 - ROD. UBERABA-SÃO PAULO



F

JC



1986 - Ano Internacional da Paz



Rua Melo Palheta, 301
CEP 05002 - SP
Tel. (011) 872-1722
Telex 1123216 RMTE-BR

Fazenda Terra Boa continua vendendo CAMPEÕES



**Excelente lote de novilhas presente ao II Leilão
"Noite de Campeões" dia 1º de maio de 86 no Novotel - Uberaba - MG**



TARIMBA DA TERRA BOA, por Osiris x Mara da Terra Boa, Reservada Campeã em Cordeiro 85 e Grande Campeã em Campos 85.
Adquirida no 1.º Leilão Noite dos Campeões pelo Criador Cesar Manoel de Souza.

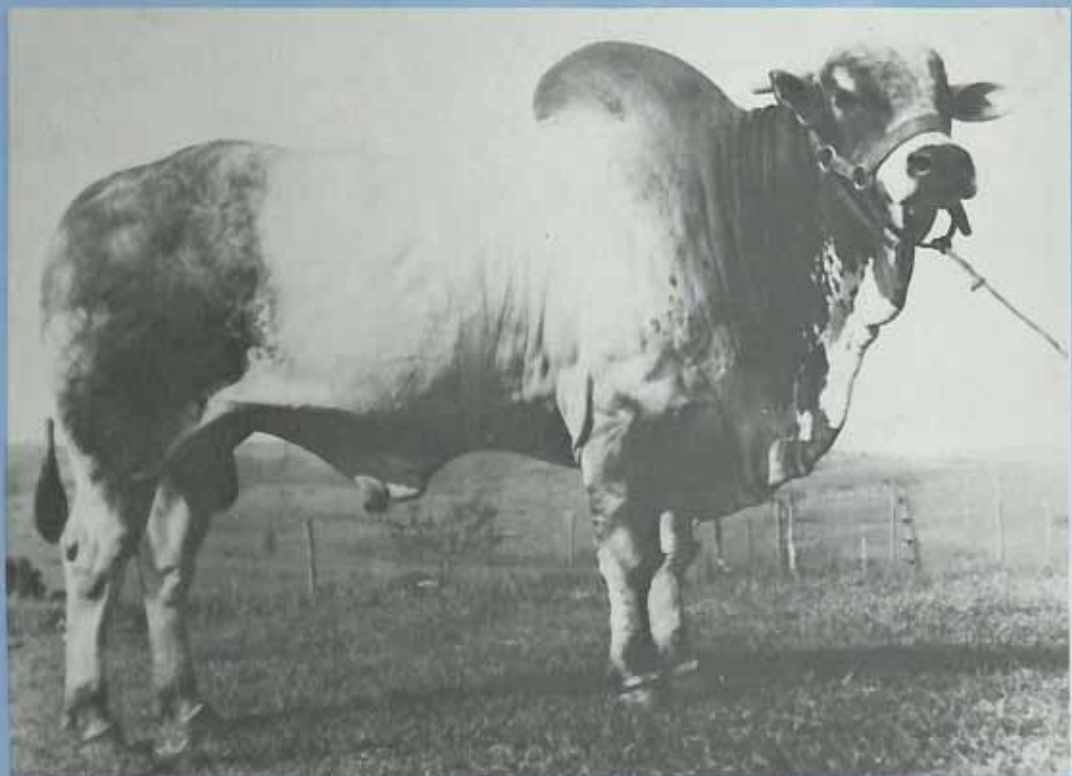
Fazenda Terra Boa

GUARARAPES - SP - Fone: (0186) 61-1132

José Travassos dos Santos - José Luiz Niemeyer dos Santos

Escritório — São Paulo — Al. Ministro Rocha Azevedo, 471 — CEP 01410 — Tels.: (011) 282-0587 e 64-9058

I LEILÃO DUMÚ



30 de março de 1987

20 horas

60 filhos de DUMÚ (P.O. e P.O.I.)



MAKSoud PLAZA
SÃO PAULO
(011) 291-2233



FZC
Rua Dona Germaine Burchard, 251
Tel.: 262-8377 - CEP 05002
São Paulo - SP

"SUPLEMENTO DA ELITE DO REBANHO NACIONAL"

Informações: (011) 543.3300

São Paulo - (011) 815.5311
Pres. Prudente - (0182) 33.4267
Patrocínio Paulista - (016) 745.1411

Djalma B. de Lima
Organização de vendas



I Nelore Mater



Nossa homenagem às grandes mães da Raça Nelore do Brasil

Nasceram bem.
Produzirão melhor.

Finalmente!
Elas estão juntas num só leilão.
Apartadas nos melhores plantéis da raça,
após cumprir os requisitos de qualidade
exigidos, elas estão reunidas no I Nelore
Mater.
Bem nascidas, seus produtos serão ainda
melhores.
Comprando boa procedência você vai
lucrar na produção.

50 fêmeas selecionadas

Participantes:

Alberto Labarne Vale Mendes
Achilles Scatena Simone
Adir do Carmo Leonei
Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos
Carpa - Cia. Agropecuária Rio Pardo
José Luiz Niemeyer dos Santos
José Carlos Prata Cunha
Luiz Vieira de C. Mesquita e Irmãos
Torres Homem Rodrigues da Cunha
William Koury



Clube Paineiras Marumby
Av. Dr. Alberto Perfeição, 350
São Paulo - SP

28/julho/86 - 20h

5 pagamentos sem juros



"SUPLEMENTO DA ELITE DO REBANHO NACIONAL"

Informações: (011) 543.3300

São Paulo - (011) 815.3311
Pres. Presidente - (011) 33.4262
Patrocínio Paulista - (011) 245.1411

Djalma B. de Lima
Presidente do Clube

CANIL "PITTI"

Seleção de cachorro **FOX PAULISTINHA**

Venda Permanente de Reprodutores



Prop.: **RODRIGO KOURY**

Cx. Postal n.º 120 — Fone: 0144 — Esc. 61-1825 — Res. 61-0173
CEP 17400 — GARÇA — S. Paulo

Seleção de carneiros **SANTA INÊS**



ESTÂNCIA JANDAIA

Criador: **WILLIAN KOURY FILHO**

End.: Cx. Postal 120 — Fone: 0144 — Esc. 61-1825 — Res. 61-0173
GARÇA - S. Paulo

O QUE É BOM MERECE SER ESPERADO!

CHENGAR POI DA ZEBULÂNDIA

**Recordista Nacional de preço no
LEILÃO ESPECIAL V.R. - SÃO PAULO**



Prop.: Antonio Carlos Poli

São Paulo — tel.: (011) 831-2622

Fazenda São José

Município de Dourado - São Paulo

**CHENGAR POI DA
ZEBULÂNDIA**
Reg. 740 Nasc. 18-8-1984

Karvadi - 13 - imp
Rg. 3987

Sairang POI VR
BE 749

Taj Mahal I
Rg. 3050

Jalma 2700 VR
AB 3842

Taj Mahal Imp
Reg. 2822

Cora Imp
C-5655

Karvadi - 13 imp.
Reg. 3987

Fillara SC 1107
J 8351

Karvadi 13 imp.
Chillara 72 imp
B 2693



Um lote de tão boas matrizes merece esperar pelo sêmen de um raçador tão nobre como será este garrote.

A Fazenda São José está reservando suas melhores fêmeas para serem inseminadas com o sêmen de **CHENGAR POI DA ZEBULÂNDIA**.

Anote este nome: **CHENGAR**.

Você ainda vai ouvir falar muito sobre ele.

LUDY DE GARÇA - OPÇÃO NACIONAL

Agora também internacional

Este animal foi escolhido entre inúmeros outros por técnicos americanos para servir os plantéis americanos a partir de 1986. Foi considerado como "A MELHOR CARÇAÇA DE NELORE DO BRASIL".

Nos exames realizados foi constatada a sua excepcional fertilidade com média de 303 ampolas congeladas por coleta. Todos os exames de sanidade exigidos pelos técnicos foram negativos confirmando a excepcional qualidade do animal escolhido para tão importante aprimoramento zootécnico nos Estados Unidos.



**FUNDAÇÃO BRADESCO
PECPLAN**

MATRIZ: Cidade de Deus - Vila Yara - Osasco - SP - Tel.: (011) 801.8102
ou 804.5144 - CEP: 06.000 - Telex: 0011174219 BSCDE
CENTRAIS DE TECNOLOGIA DE SEMEN
UBERABA - MG, BR 500 - km 505 - Fax: São João del-Rei, SP/Uberaba -
Tel.: (0341) 322.3231 ou 323.2302 - CEP: 38.100 - Telex: 00341 2622
MOSEARD DO SUL - RS, BR 150 - km 408 - Ca. Postal: 129 - Tel.: (055)
231-2301 - CEP: 97.500 - Telex: 05501 3724

LUDY DE GARÇA

A Carcaça desejada por todos os neloristas.
Reg. 6740 — Nasc.: 18.12.80 — Peso ao nascer: 35 kg.
Peso na Exposição de Uberaba/85: 1.129 kg.
Atualmente — 52 meses — 1.165 kg.

PREMIAÇÕES

- 1981 — Campeão Bezerra em Ourinhos - SP.
— Campeão em Marília - SP.
— Campeão Bezerra em Bauru - SP.
— Campeão Júnior em Bauru - SP.
1982 — Campeão Júnior em Marília - SP.
— Campeão Júnior em Bauru - SP.
— Campeão Júnior em Ribeirão Preto - SP.

- 1984 — Campeão Touro Jovem e Grande Campeão em Barretos - SP.
— Campeão Touro Jovem e Grande Campeão em Uberlândia - MG.
— Grande Campeão em Presidente Prudente - SP.
— Grande Campeão em Ribeirão Preto - SP.
— Grande Campeão em Ourinhos - SP.
— Grande Campeão em Bauru - SP.
— Grande Campeão em Avaré.
— Reservado Grande Campeão em Marília - SP.
1985 — Campeão Sênior em Uberaba - MG.
Atingiu aos 49 meses — 1.100 kg.
Peso oficial na Exposição de Bauru/84.
Recorde de peso de todos os tempos.



Criadores e proprietários:
JAIME NOGUEIRA MIRANDA
JAYME SANTOS MIRANDA

- Garça - SP

Quarter Horse Appaloosa

CONVIDADOS:

Ademosar Luiz do Carmo Leonel
Haras Bandeirantes
José Américo Ribeiro dos Santos
José Lourival de Lima
Nicolau Pinfildi Neto
Ricardo Gasperi Bombonati
Roberto Dedini e outro
Rui Fernando Pinotti

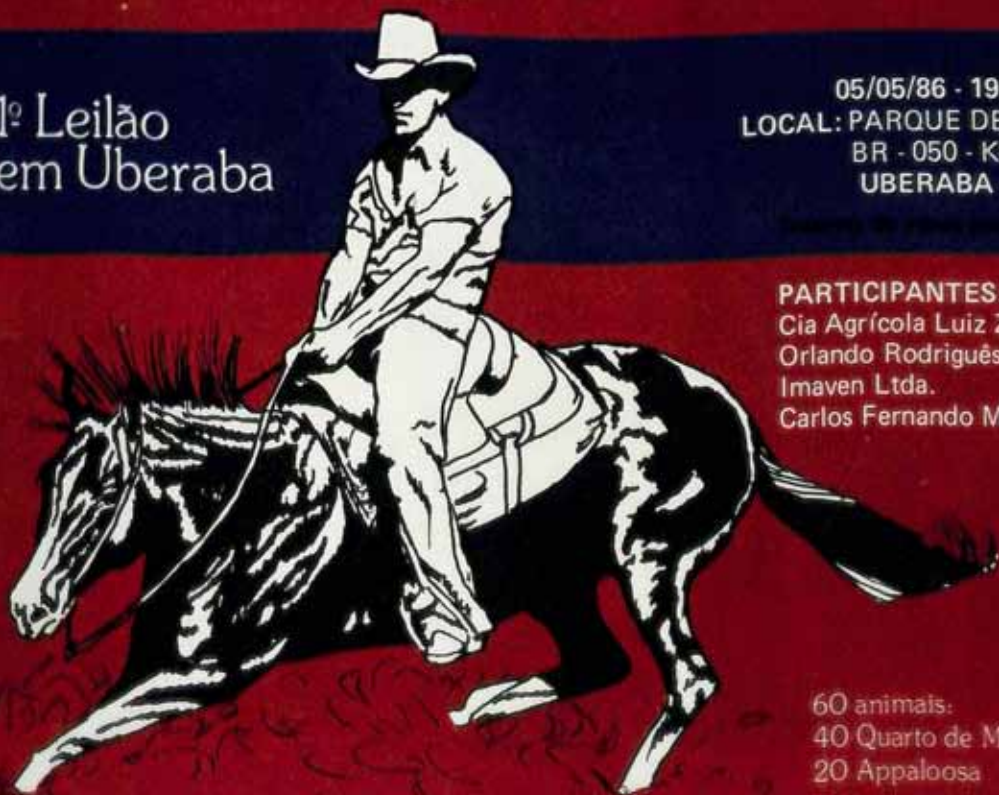
Classic

1º Leilão
em Uberaba

05/05/86 - 19:30 HS.
LOCAL: PARQUE DE LEILÕES VR.
BR - 050 - KM 182
UBERABA - MG.

PARTICIPANTES:

Cia Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos
Orlando Rodrigues Filho
Imaven Ltda.
Carlos Fernando Malzoni e outros.



60 animais:
40 Quarto de Milha
20 Appaloosa



LIDICE DA FORTALEZA

P.7386 *Fêmea *08.12.82
TWO EYED SAN x DIRTY BERTIE



MARENGO IMAVEN

P.9004 *Macho *01.12.83
GALA DO TEMPERO x SOCKS RICHARD



NEW LOVE

P.9011 *Macho *11.02.84
TWO EYED SAN x SCIROCCO MAID



NICE FORTALEZA

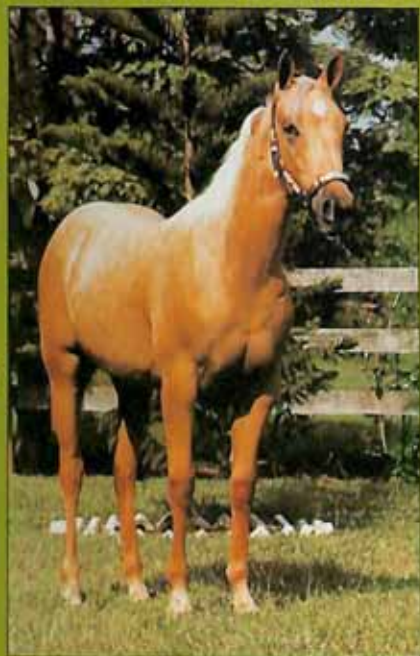
P.9010 *Fêmea *11.01.84
TWO EYED SAN x HEROINA DA FORTALEZA



Appaloosa Classic:
*ca de autênticos campeões,
 plantéis consagrados.*

JESSICA ELAINE RC

P.10723 *03.01.85 *Fêmea *Baio Amarelho
 CALWA (P.1136) × SMOKY ELAINE (P.1282)



SEVILLA DONNA RC

P.10724 *24.11.84 *Fêmea *Alazão
 LEOLATCH (P.1328) × MONA LISA (P.1100)



CALWA

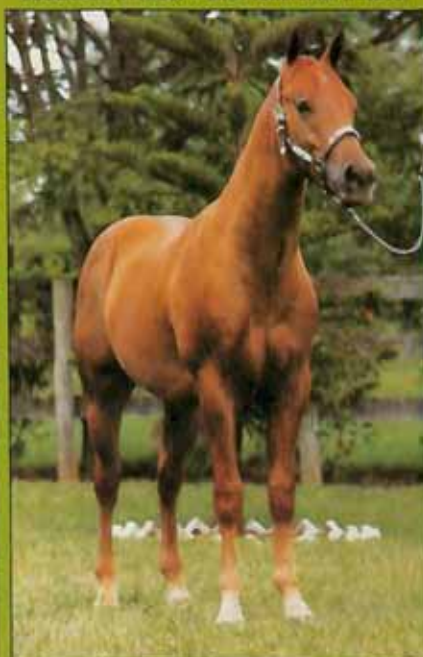
P.1136 *22.05.71 *Importado *Garanhão *Alazão
 DOUBLE BID (AQHA 59386) × CLOVIS DECK (AQHA 151083)



FOTOS: ANIELLO

EL CID do RC

P.9764 *13.09.84 *Macho *Alazão
 LEOLATCH (P.1328) × LADY KARINA RC (P.4610)



SILVER MOON RC

P.10727 *01.12.84 *Macho *Alazão
 CALWA (P.1136) × JOJO STEEL (P.689)



CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

Fazenda Santo Antonio do Rio Claro
 Lençóis Paulista - SP • Fone: (0142) 63.0903 • Rod. SP 255 Km 291



CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS
 estará participando do V Leilão Marca Taça,
 a ser realizado no dia 29 de abril,
 no Jockey Park, em Uberaba.



VERDAN DA INDIANA – POI

B.867 * 05.08.74

THANJAVUR-IMP. (RG. 5235) x PARDJAB POI da INDIANA (0.7291)



N. VAREDO 4770 do RC

RGN.4770 * 12.06.84

VAREDO POI da INDIANA (B.824) x HYDERABAD 1075 do RC (BD.2540)



ARRAN POI 53 do RC

RGN.53 * 25.08.84

VAREDO POI da INDIANA (B.824) x BARDYA POI da INDIANA (BA.6868)



AIJAL POI 56 do RC

RGN.56 * 25.11.84

VAREDO POI da INDIANA (B.824) x BARNIA POI da INDIANA (BA.6869)



NALINI 4854 do RC

RGN.4854 * 14.08.84

HEDU da PAGADOR (B.3144) x GAUHIATI 729 do RC (BA.6917)

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

Fazenda Santo Antonio do Rio Claro – Lencóis Paulista – SP • Fone: (0142) 63.0903 • Rod. SP 255 Km 291



UM GRANDE CAMPEÃO NA
NOITE DOS CAMPEÕES,
64 MESES - NETO DE
CHUMAK E TAJI - 10
CAMPEONATOS

FREEDON MJ DO SABIÁ
Reg. C-800



LOTE DE NOVILHAS QUE A FAZENDA DO SABIÁ APRESENTARÁ NO 2.º LEILÃO
NOITE DOS CAMPEÕES — NOVOTEL — UBERABA — MG — 1.º DE MAIO
ÀS 19 HORAS.



FAZENDA DO SABIÁ

CAPITÓLIO: Rodovia MG 59, km 267

Tel.: (035) 561-1687

BELO HORIZONTE: Av. João Pinheiro, 146 - Tel.: (031) 201-4545



Noite dos Campeões

Novotel—Uberaba

1º Maio

5ª f. 19h.

O MELHOR NELORE EM LEILÃO



O Leilão "Noite dos Campeões" notabilizou-se logo em sua primeira edição, como um dos mais seletivos de 1985.

Suplantou todas as expectativas numa fase onde o mercado estava estabilizado, concorrendo com outros eventos de maior relevância.

Pelo nível dos plantéis, esta 2ª edição com certeza será coroada de pleno êxito, quando estarão disponíveis àqueles que buscam qualidade, o fruto seletivo do trabalho de 5 criadores que dignificam o Nelore.

DURANTE A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE UBERABA

80 LOTES DE MACHOS
E FÊMEAS - PO e POI
5 PAGAMENTOS SEM JUROS

ORG. MÁRIO DE ALMEIDA FRANCO
ALBERTO LABORNE VALLE MENDES
CLAUDIO SABINO CARVALHO
FAHD JAMIL & IRMÃOS
JOSÉ LUIS NIEMEYER DOS SANTOS

 **FUNDAÇÃO BRADESCO**
PECPLAN

A MELHOR
GENÉTICA

FAZENDA GARCIA LTDA

PROP: ALCEBIADES PAES GARCIA

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DA RAÇA CHIANINA



JAPÃO EGAS

[CORSÁRIO EGAS

[NAFANTA

GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA UBERLÂNDIA - 85

RODOVIA RIO FÉRBURGO - KM 6 MUNICÍPIO DE MAGE - RJ

EA

A FAZENDA

APRESENTA EM SEU 2.ºGRANDE

LEITE — CARNE

150 novilhas prenhas — 30 touros

Ótima oportunidade para iniciar

Participe

para conhecer de perto

CRIADOR: A Fazenda Duas Barras convida-o para

OS ANIMAIS ESTARÃO EM



PROP.: EDUARDO A. ALCANTARA

RUA MASSARU UCHIDA, 904 - FONE: (0443) 52-1263

STO. INÁCIO - PARANÁ

DUAS BARRAS

EA

LEILÃO DA RAÇA PITANGUEIRAS

— RUSTICIDADE

— 10 eqüinos — 10 mulas.

seu plantel da raça Pitangueiras

a raça Pitangueiras

seu 2.º leilão Pitangueiras da marca - EA

EXPOSIÇÃO A PARTIR DAS 9 HORAS



SERÁ REALIZADO EM SANTO INÁCIO - PR
Rod. PR 317 - Km. 82 - em 12-4-86 às 12 horas.

III LEILÃO FAZENDA BERRANTE

Quarto de Milha

26 de Abril
1986
11 horas

**Renato Eugênio de Rezende Barbosa
e seus convidados:**

Adão Leveno de Medeiros - Fazenda Entre Rios
Aldo Pedreschi F. - Haras Nevada
Carloman Maia de Oliveira - Haras Santo Antonio
Carlos Raul Consoni - Haras Bonfim
Dino Tofini - Haras Itaquere
Fernando Muniz de Souza - Estância Shalakó
Geraldo Ribeiro de Souza - Haras GR
Heraldo Pestosa - Haras 4 Irmãos
Jacinto Ferreira e Sá - Haras Jota Sá
João Demétrio Callat Jr. - Haras Carrera
José Carlos Delfim Miranda - Pruden Haras
José de Castro Aguiar - Haras Aquarius
José Lourival de Lima - Haras Barra Bonita
Marco Aurélio Valhira de Azeu - Haras Quarto de Milha
Plínio de Rezende Kiehl - Fazenda Santa Carolina
Ricardo Rezende Barbosa - Haras Torção de Ouro
Rodolfo Rosas Neto - Haras Recanto
Roy Moraes Terra - Haras Terra
Serafim Meneghel - Haras S M
Sérgio L. R. Nogueira - Fazenda e Haras Palmares

aguardam sua presença.

4 pagtos. s/juros

onstrução
partação
ras



FAZENDA BERRANTE

Rod. Raposo Tavares, Km 455 - Assis - SP - Fone: (0183) 22.1986

Mangalarga

Alô Amigos



Com que satisfação digo novamente isso — 90 dias sem o nosso bate papo, heim? Vocês sentiram? De minha parte posso lhes assegurar que isso me serviu como mais uma prova sincera de como amo meus amigos, de como gosto de conversar com vocês. Mas, estou colocando tudo novamente nos eixos, com algumas melhoras, para que assim o nosso convívio mensal seja melhor recompensado pelos três meses que estivemos distanciados. Estou novamente aqui, à disposição de todos.

Sciacca (o Chico) e eu já estamos em plena feitura do Anuário dos Criadores (21) e pretendemos inscrevê-lo como o melhor de todos até então. Se você ou vocês quiserem participar será uma honra para nós (e trarão uns "cruzadinhos" a mais pra gente, não é?!) Todavia, em caso contrário, comuniquem-se, falem comigo, dêem-me notícias, perguntem, contem, falem do cavalo "fofoquem, pois, é disso que o povo gosta, é disso que o povo quer".

Concordam?

Abraços,

L. Noronha

Mangalarga... indo brasa



HINDU DO ALEGRE (Turbante J.O. e Nevada T) 14 vezes Campeão e 2 vezes Reservado Campeão. Prop.: Irmãos Pupo, Amparo - SP.

• Poxa! Estou aqui de volta para restabelecer o meu contato com vocês que digam de passagem, me fez sentir bastante falta nestes 90 dias de "abstinência" mangalarguista.

• Diz o refrão popular: Enquanto o pobre descansa, carrega pedra. Absolutamente certo este conceito porque acredito, sempre e sempre é bem aplicável.

• Parei para cuidar de uma edição especial comemorativa ao aniversário desta minha humilde seção que prefiro, com a devida licença de vocês dizer, nossa.

• Gente querida, a edição saiu, circulou entre todos aqueles que vivem o mundo do Mangalarga. Não sei se agradou. Esforcei-me para que tal acontecesse.

• O trabalho foi extenuante, repleto de variações à medida que a edição crescia. Passo a palavra aos meus queridos amigos. Gostaram? Fui mal? Poderia repeti-lo no final do ano?

• Bem, bem, bem, não sei qual o caminho que deverel enveredar sem primeiro ouvi-los. Comunicuem-se, por favor. É só o que lhe peço.

• Elogiem, critiquem, apresentem sugestões. Desde já estou agradecendo.

• Mas, retornemos a trilha normal do nosso bate-papo com as notícias que tenho, neste início de temporada.

• Faleceu Dr. Alípio Ferreira de Castro, extraordinário criador, com seleção formada em Santa Mariana, no Paraná. Dr. Alípio, além de ótimo companheiro, criador, foi acima de tudo um cidadão exemplar, magnífico chefe de família. De marcante simpatia, meu querido amigo, foi-se. A regra da vida é implacável. Até breve Dr. Alípio.

• Quem sabe, um dia estaremos todos juntos novamente. Oxalá, oxalá...

• Roberto Gusmão, prefiro citá-lo sempre de preferência como grande criador de mangalarga e não como notável



Roberto H. Gusmão, Dr.

político, como de fato o é, não é mais o nosso Ministro da Indústria e Comércio. Brilhou. Fez muito.

• Agora Roberto exonerou-se do cargo para candidatar-se a uma cadeira da nova Constituinte.

• Paulo Sergio Portugal Graciano é o novo Presidente do Instituto Brasileiro do Café. Escolha certa, perfeita. Paulo o meu, o nosso querido amigo, sabe das coisas principalmente sobre a rubiácea nativa deste país, que agora, parece, vai indo bem.

• Como vêm, um sal outro entra. Ambos, porém, para o nosso maior orgulho de mangalarguistas fazem parte ativa do meio. Roberto e Paulo são dois grandes vencedores — Abraço-os contente, acreditem.

• O Leilão de Orpheu José da Costa, Palace, São Paulo, estabeleceu novo recorde de preços.

• A tropa apresentada pelo famoso criador foi de fato uma das melhores que vimos ultimamente. O sucesso está sempre interligado com a qualidade. Em qualquer setor de eventos, negócios, etc.

• Eis aí a razão fundamental do bom êxito. Orpheu deu mostras e provas que este fato é realmente incontestável.

• Lembrem-se do seu leilão (alis, mesma data: 3 de março) de Árabs quando levou à Água Branca uma réplica perfeita de seu afamado Haras Império e brindou-nos com aquele "Show" de beleza, organização e consequentemente recorde de preços até então?

• Agora aconteceu conosco. Aconteceu com a nossa querida Raça Mangalarga. Orpheu projetou, mandou brasa e todos assistiram aquilo que jamais poderiam supor pudesse acontecer. Preço médio de: 269 paus "per capita", ou seja 269 mil cruzados.

• Falar mais o que? Prefiro resumir tudo que de bom aconteceu em apenas duas palavras: Parabens, obrigado. Nesta edição entretanto, maiores detalhes sobre a grande noite da famosa marca O.J.C.

Mangalarga sensacional no norte do país, em São Luiz do Maranhão... e de Nelson Frota



Maurício Pimentel, Ivan Aídar, Nelson Frota e Antonio Nelson.

Sob os auspícios da Sociedade Rural do Maranhão e com o apoio da Secretaria do Governo daquele progressivo Estado, foi realizada na segunda quinzena de janeiro p.p., a II SEMANA DO CAVALO MARANHENSE.

A bonita mostra competitiva da raça teve a julga-la o competente Técnico paulista, Chefe do Stood Book da ABCCRM, o Dr. Eduardo B. Marchi. Vários criadores das mais diversas partes do País estiveram presentes, prestigiando assim o certame que o notável criador Dr. Nelson Nagen Frota, Secretário da Fazenda do Maranhão e grande adepto da raça, promovia naquela ocasião. Realizado no Parque Independência, a Comissão do evento tendo à testa o entusiasmo do Sr. Secretário da Fazenda recebeu criadores de São Paulo dentre os quais citamos: Dr. Felipe Lacerda, atual Presidente da ABCCRM, Dr. Eduardo B. Marchi (que foi o juiz), Sr. Luiz Antonio do Amaral Jorge (Totonho), Sr. e Sra. Clodoaldo Antonangelo, Ivan e Lucia Aídar, Luiz Eduardo Batalha e Sra., (Ronise) William G. Mira e Elias Faria e Nelson Rosseti.



William G. Mira, Normando Farias, Luiz Antonio (Totonho) e Ricardo.

Da Bahia: Elizete e Maurício Pimentel, Carlos Tourinho de Abreu, José Henrique Ramos, Edgar Machado, Carlos Eduardo Freire de Carvalho.

De Pernambuco: Fernando Brasileiro, Carlos Pontual e quase a totalidade dos bons criadores do lindo Maranhão e alguns outros de Estados vizinhos. Não só a movimentada, (muito bem, diga-se) organizada Exposição foi o ponto de grande atração.

Paralela a ela foi realizado o II Leilão de Equinos. Tudo maravilhoso, gente! Foram estabelecidos novos recordes de preços e como não podia deixar de acontecer o Mangalarga novamente liderou esse sucesso. Com 13 machos e 25 fêmeas totalizou Cz\$ 1.839.000 cruzados com médias de Cz\$ 42.000 cruzados para o primeiro e de Cz\$ 51.770 para as fêmeas. A recordista foi ESTAMPA DA PRATA do criador paulista José Pedro Toledo Piza adquirida por José Lins Braga



Dr. Ivan Antonio Aídar e sua esposa Lucia.



Luiz Eduardo Batalha, Clodoaldo Antonangelo (Tatinho) e Eduardo B. Marchi.



Normando Faria, Nelson N. Frota, Hugo Saraiva e Paulo Tenório.



Dr. Atilio (Tioca) e grupo de criadores balanos.



Tatinho, Aparecidinha, Paulo e Maria Inês Pimentel e Lucia Aida — Cores, alegria, Maranhão!



Grupo "Bumba meu Boi".



Arlonis Siqueira, Presidente da Sociedade Rural Maranhense e sra., com a sra. D. Olga Nagen Frota, genitora de Nelson N. Frota.

de Vitória do Mearim, Maranhão, por Cz\$ 150.000 cruzados. O macho foi para Daniela Dualibi que comprou Heroi do Trevo (Uriel F. S.) do criatório do ótimo criador paulista Raul Veiga de Barros Filho.

O local do leilão foi o Centro Littero Recreativo Português em São Luiz, um clube moderno, acolhedor, gostoso. Na Exposição os principais prêmios foram conquistados por Magnum do Rancho Branco do já afamado Haras 2 N, a Campeã Mimosa J.O. do mesmo criatório. Magnum foi o campeão cavalo jovem e Poker-T foi o campeão sênior e Reservado Grande Campeão. Pertence também ao Haras 2N, assim como Alumínio 2N, Campeão Potro. Como vêm o Haras 2N "papou" quase tudo com muita justiça aliás. O plantel 2N é, já disse isso antes, um dos melhores do Brasil e está crescendo, crescendo... Olho nele!

Bem gente amiga, não pude comparecer aquela maravilha toda que prefiro chamar de **grande festa**. Percebam o meu entusiasmo. Ele me foi transmitido pelo excelente amigo e profissional Paulo Pimentel, da PROGRAMA COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS LTDA. (que foi o organizador do leilão) e diretor da Pegasus, assim como Dr. Atilio D'Angieri Netto, outra figura excepcional. Pelas fotos, acredito, vocês se sentirão como me senti, contaminado pela bondade, elegância e vontade de vencer daquele povo irmão, daquela terra abençoada que serviu de berço do nosso corajoso, competente e hoje idolatrado Presidente de todos os brasileiros, S. Excia. Dr. José Sarney. De minha mesa de trabalho ainda um pouco entristecido por não ter podido ir mas super contente porque o **MANGALARGA "DEU CERTO"** no Maranhão, quero e devo congratular-me com todos vocês.



Lucia Aida e Aparecidinha Antonangelo dançam animadamente com componente do "Bumba meu Boi".



Tioca, Dr. Marchi (gostaram?) e Lucia Aida.



Uma das fases cerimoniais do "BUMBA".



Aspecto do Leilão. Em primeiro plano o Governador do Estado, Dr. Luiz Rocha e o chefe da Casa Civil, Dr. Teixeira.



Nelsinho Rosseti e Dr. Marchi.

Com o brilhante governador Luiz Rocha e todo o seu esplêndido secretariado, onde desponta o Sr. Secretário da Fazenda, o meu novo velho ou meu velho novo (acho que ambos se encaixam bem) Dr. Nelson Nagen Frota; um brasileiro como poucos, um mangalarguista emérito e sobretudo uma figura humana que segundo testemunho de muitos é realmente fraterna, sensacional.



Deputado Federal Francisco Coelho e Sra.



O Governador Luiz Rocha, Ricardo Murad e outros dirigentes do monumental certame.

Na lindíssima Mansão do Nelson houve recepção a todos. Muita festa "Bumba meu Boi"! Elegância, banquetes, bebidas, danças, confraternizações.

Estou contente, repito, e esta matéria produzo-a com a maior satisfação porque vejo a minha raça querida progredindo, não somente no aspecto técnico como também pelas presenças, pelas aquisições naturais de gente do porte daqueles que no Maranhão lutam e adoram o nosso querido cavalo. No próximo ano estarei aí de corpo e alma. De alma, pelo menos, tenho certeza.



O Governador Luiz Rocha admirando um excelente produto exposto no grandioso certame.



Poker T — Campeão Cavalo Sênior.



Magnum do Rancho Branco — Campeão Cavalo Jovem.



Luminio do Haras 2N — Campeão Potro.



Mangalarga...ndo brasa



**Olinto Marques
de Paulo**

• Quando redigia estas linhas estávamos na ante-véspera do Leilão Tibagi-Marjan de Olinto Marques de Paulo. Tenho, porém, certeza de tudo de bom, de sensacional tenha acontecido, como aliás sempre se repete a cada leilão do dono do extraordinário Charmoso J.O., de Parâmetro J.O. e de uma das melhores e mais famosas tropas do Brasil.



Ignácio Peres Lopes

• De Miami Beach, Estados Unidos, recebo gentil cartão do querido amigo Ignácio Peres Lopes (Durango R.S.).



Clodoaldo Antonangelo

• "Um passarinho" segredou-me aos ouvidos: Lalo, a

Diretoria que o Dr. Clodoaldo Antonangelo (Tatinho) está formando é super magnífica.



**José Fernando
Bouchinhas, Dr.**

• O secretário, José Fernando Bouchinhas, um dos prováveis, o tesoureiro, os vices, as comissões são todos pessoas do mais elevado gabarito técnico.

• Tatinho é o que sempre disse e continuarei dizendo com a certeza de que não erre. Um moço que nasceu para liderar, com sabedoria, simpatia e democracia. (esta, prá valer realmente).

• Sempre é bom repetir, somos pródigos em possuir "gente fina e gente fina é outra coisa", dizem. Sai o magnífico Dr. Felipe, entra o magnífico Tatinho.

• Duas tristes comunicações. Morreram dois excelentes raçadores conhecidos e provados de Norte ao Sul do País.

• Trovador F.S., do ótimo e tradicional criador Dr. Fausto Simões, e Kibon J.O., propriedade do Dr. Jaffer Felício Jorge, em Paranavai, Paraná.

• Como vêm, a gente fica 90 dias sem uma comunicação mais direta e quando se começa há que se dar notícias tristes, desagradáveis como esta acima e outra mais como por exemplo:

• Dias antes do Natal, faleceu em Jundiá, São Paulo, o Sr. Sebastião Rosa, pai do amigo de todo o mundo que é o Zoé. Eu que conhecia o Sr. Sebastião desde longa data (imaginem vocês Zoé é meu amigo, felizmente há mais de 40 anos) senti muito, mas muito mesmo. A sociedade e o núcleo de mangalarguistas perderam um grande servidor. Descanse em paz Sebastião.

• José Eduardo Kuntgen extinguiu totalmente seu mui-



**José Eduardo
Kuntgen**

to bom plantel de Mangalargas com Haras situado em Jundiá, SP.

• Um grupo de 5 criadores adquiriu a famosa tropa J.K. e até o bonito Haras Inca o Zé Kuntgen passou à frente, porém para outras pessoas, segundo consta, radicadas na cidade de Espírito Santo do Pinhal.

• No Leilão majestoso do Orpheu tive a grata satisfação de rever alguns amigos que não via há tempos.

• É claro que quando isso acontece a gente sente-se mais feliz e vê a vida com novos horizontes mesclado com as mais lindas cores.



**Carlos Eduardo F. de
Barros Faria, Dr.**

• Caco. Quem não se lembra dele? Carlos Alberto Freire de Barros Faria, sim senhores, aquele notável criador que formou uma não menos notável tropa, estava lá.

• Gordo, queimado do sol, irradiando juventude e simpatia. Os ares da Fazenda (Caco está morando na própria) parece fazer-lhe um bem incomum. Trocamos um grande abraço e percebi, podem anotar, um dia vamos ter novamente o Caco conosco, forjando novos Pagodes J.O., Pluminha, etc.



SHOW DE RAÇA E

Batido o novo recorde de vendas



Armandinho e Cristina. Participação jovem, constante.



O bonito casal Paulo Toscani e Imá.



Maneco (Pulmann) e Alípio P. Marques de Oliveira, agora vovô (debutando).



Tereza, Monica, Claudia e Phelipe Spielmann.



Sr. e Sra. Roberto Ferreira do Amaral (Sonia) e... eu.



Sr. e Sra. Armando Machado Borges (Edy).



Zito, o craque Campeão Mundial de futebol drincando comigo.



Ariel Cardoso Gaioli, um dos criadores que será dos melhores. Marquês! Ao seu lado Roberta Homem de Mello.



Dr. Jaffer, Zézé. Paranavai presente. Muita distinção.



Ricardinho Alenço (Fandango RAA) — Norton, St Germaine, Santo Colomba S. Piter, etc e notável criador.



Nelson Frota, um pouquinho sério, cansado. Efeitos de sua maravilhosa festa em S. Luiz?



Ivan e Batalha, dois baluartes da nossa querida raça.



Um público calculado acima de 2.000 pessoas compareceram não conseguiram entrar, infelizmente. Boa

BELEZA NO PALACE

no suntuoso leilão OJC



Orpheu José da Costa. Que coisa heim?
O homem sabe das coisas mesmo...

Para uma diminuição de seu famoso plantel, hoje já afamado, também com a sua própria marca, o criador Orpheu José da Costa leiloou 50 produtos numa noite de segunda-feira no Palace, Moema, São Paulo. O homem (Orpheu) parece possuir uma "bola de cristal" pois assim como no seu Leilão de Árabes, de há um ano atrás, (por sinal no mesmo dia) acertou em cheio. Na mosca. Desta feita foi além. Desafiou quem não poderia desafiar: os promotores do remate, ou seja a Djalma B. Lima, que tem uma vivência, uma capacidade de cálculos incríveis, pelo uso e prática da profissão quase que diariamente. Pois bem, Orpheu novamente predisse o que aconteceria no tocante a números públicos etc... etc... Eis pois o que o "craque"

criador agora devidamente diplomado "craque" calculador, achava que dava... e deu! Vejam Só:

EGUAS	— Total vendido: Cz\$ 8.328.000,00
	Animais: 27
	Média: Cz\$ 308.444,00
POTRAS	— Total vendido: Cz\$ 3.324.000,00
	Animais: 13
	Média: Cz\$ 255.692,00
CAVALO	— Total vendido: Cz\$ 840.000,00
	Animais: 1
POTROS	— Total vendido: Cz\$ 1.044.000,00
	Animais: 9
	Média: Cz\$ 116.000,00

Família Spielmann. Nelson ouviu um amigo. Em primeiro plano, Eliane Costa e sua bonita amiga que também ornamentou a memorável reunião.



eu ao Palace. Segundo observadores de 400 a 600 pes-Mangalarga! Boa Orpheu José da Costa!



Mangalarga...ndo brasa

Bom final de semana para a comercialização de Eqüinos

Elio Sacco

No último fim-de-semana — dias 15 e 16 (sábado e domingo) — foi realizado o XXII Leilão Oficial da Raça Mangalarga, promovido pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga e coordenado pela empresa Djalma B. de Lima, Organização de Leilões.

O evento aconteceu em São Paulo, no Parque Sálvio P. de Almeida Prado (Água Funda) e colocou à venda 183 animais, dentre machos e fêmeas, de vários criadores.

O grande destaque do Leilão ocorreu no sábado, dia 15, quando a fêmea Liberdade RS, do criador Elio Sacco, foi vendida para Dino Vitti, de Tatui (SP), por Cz\$ 192 mil.

Mas não foi apenas Liberdade RS o destaque deste XXII Leilão. A presença maciça de novos criadores, inclusive alguns de Santa Catarina, foi marcante: cerca de 65% dos com-



Elio Sacco, Dr.

pradores não são membros da ABCCRM, o que significa que o Mangalarga, além de ser bom para quem cria, também é um ótimo investimento.

Este leilão comercializou um total de Cz\$ 6,7 milhões, com as seguintes médias:

POTRAS	— Cz\$ 30.240,00	por 50 animais	— total Cz\$ 1.962.000,00
ÉGUAS	— Cz\$ 40.989,13	por 92 animais	— total Cz\$ 3.771.000,00
POTROS	— Cz\$ 22.727,27	por 33 animais	— total Cz\$ 735.000,00
CAVALOS	— Cz\$ 33.375,00	por 8 animais	— total Cz\$ 267.000,00

José Oswaldo diz obrigado

A Bandeira Maior do nosso sempre crescente criatório (sem limites até), José Oswaldo Junqueira pedo-me que através de humildes linhas mensais, agradeça a todos aqueles que têm trabalhado para a Raça Mangalarga, quer no aspecto técnico de seleção, como a todos os veículos de publicidade especializados que deram a raça e em especial à sua criação (J.O.) a fantástica e merecida atenção.

José Oswaldo solicitou-me que destacasse a figura ilustre do Dr. Arthur Pagliusi Gonzaga, não só como ótimo criador que é, como também pelos seus artigos, seus estudos, sempre envolvendo a nossa querida raça, que todo o mundo sabe serem de extraordinária valia e muitíssimo boa orientação àqueles que adota-



José Oswaldo Junqueira

ram o Mangalarga como a espécie eqüina que melhor convém.

Dr. Arthur estuda, faz e ensina, enfatizou José Oswaldo.

Está dado o recado e tenham certeza, faço-o com a maior alegria e satisfação porquanto, mesmo sem a licença de vocês considero-me "móveis e utensílios" do meio. Falei e carimbo "emriba".



Arthur Pagliusi, Dr.

Mangalarga...ndo brasa



MARCHA TROTADA



• Não posso assegurar, mas contaram-me que 70% da Diretoria do futuro Presidente Tatino será composta de criadores jovens.

• Sempre é bom lembrar entretanto que se o Mangalarga hoje ostenta uma posição sólida, brilhante e talvez a maioria dos criadores dela (Mangalarga) é que se esforçaram e conseguiram colocá-la dentre as primeiras raças equinas do mundo.

• Mas o Dr. Clodoaldo, líder nato, condutor emérito, saberá mesclar e formar o seu "time" da melhor maneira possível.

• Recebi, (em dezembro) graças a Deus muitos cartões, cartas e telefonemas desejando-me Boas Festas e Bom Ano. Como o tempo já se vai um tanto longe e como infelizmente não tive a oportunidade de agradecer-lhes resumo tudo num simples obrigado, e que Deus os proteja e lhes dê tudo de bom.

• O nome (Nelson Frota) é realmente uma parada. Atente nesta mesma edição, detalhes com bonitas ilustrações da última Exposição de São Luiz do Maranhão, culminando com recordes de preços estabelecidos no Norte do País.

• Vejam, pensem e depois digam se tenho razão ou não. O Mangalarga vai bem no sul, no leste, oeste, centro, nordeste e norte do Brasil. É realmente assombroso!



Celso Silveira Mello, Dr.

• Dr. Celso Silveira Mello Filho, Dr. Pedro C. Leoni estão e com a mais justa das razões felicíssimos com as



DARDANO O.J.C., por Garimpo do JEK e Dança J.O. — um dos melhores reprodutores da raça.

produções do notabilíssimo Maestro do JEK e do Campeão Nacional Fugalaça da Nova Prata.

• Falando em Nova Prata pergunto: seu Oswaldo, Oswaldinho, Marcos, onde estão? O que me contam? Estou com saudades. Precisamos conversar. Vocês estão no meu coração. Qualquer dia destes pego uma condução qualquer e parto para Araçatuba.

• Vejam, vocês, conhecido criador que deixou de criar (Mangalarga) depois quase voltou, agora parece que volta mesmo, já está se preparando uma nova fase entre nós. Uma dica? Não fazem ainda dois anos que ele acabou a tropa. Aguardemos.



Nelson Frota

• As produções de Dárdano O.J.C. são mesmo colossais. Vi-as, gostei e continuo cada vez mais gostando do grande raçador dos Irmãos Codogno.

• Com pouco tempo de seleção o Haras 2N de Pedreiras, Maranhão, já está se inscrevendo como um dos melhores do País.

• Nelson Frota esteve no Leilão O.J.C. e comprou. Deve ter estado no Leilão do Olinto e deve ter Marcos, o que me contam.

• Uma notícia alegre: Lula e Dulce, grandes amigos meus, já são papais pois em pleno Carnaval (8) nasceu o lindo e saudável garotinho DIOGO GUILHEN MARQUES DE OLIVEIRA. O "meu eterno" Presidente Dr. Alípio e a rainha da simpatia, estão os dias, as horas e os minutos, com o primeiro netinho que já deve ser um dos sócios da ABC-CRM. Parabéns.

• Ivan Antonio Aidar, aquele criador brilhante fazendeiro, modelo e sobrinho do famoso (meu amigo, sim) Badih Aidar, adquiriu quatro sensacionais matrizes do "xará" Lalo Junqueira Neto.

• Uma boa Ivan, muito boa mesmo. A tropa 53 soube através dos anos se impôr e é hoje sem favor algum, uma das mais destacadas do País.

Mangalarga...ndo brasa



LAÇO R.B., Pai: Cisne R.B., Mãe: Brejauva. Marcos e Silvana ao lado do ótimo raçador que foi cedido ao novo (futuro magnífico) criador Nerci Santos em Mato Grosso.

A FALA DO CRIADOR



Marcos Berti
Sítio Panorama
Campinas - SP

Iniciamos nossa criação há mais ou menos três anos, quando precisamos de éguas para formação de tropa para a fazenda no Mato Grosso. Como gostamos muito de alguns animais, resolvemos começar a criar em Campinas.

Hoje possuímos 20 animais, sendo 10 matrizes e para o tamanho do Sítio, achamos que é o número de matrizes ideal.

Das que mais gostamos em nosso plantel destacamos: Castanhola da Matta, Justiceira RB e Luana RR.

Dos criadores novos que estão se destacando, gostaria de citar no Mato Grosso dois novos criadores que estão che-

gando para ficar, Sr. Nerci Santos e Sr. Fernando Alves Ribeiro.

No Sítio os cavalos estão aos cuidados do Pedro Soares e na parte veterinária ao Dr. Martim E. Rettore.

Das reprodutoras que gostaria de possuir no nosso plantel destacamos: Miragem RN e Foguinha RN.

A respeito do nosso futuro presidente da ABCCRM Dr. Clodoaldo Antonangelo (Tatinho) podemos dizer que estamos muito confiantes num trabalho sério assim como o trabalho feito pelo Dr. Felipe Lacerda.

Mangalarga...ndo brasa

De última hora, uma notícia sensacional

A excelente fêmea **CARRERA J.P.S.** que em 1984 sagrou-se Campeã Potra na Nacional realizada no Parque da Água Funda, São Paulo, foi pontuada há dias pelo Dr. Eduardo Benedito Marchi e alcançou 98 pontos constituindo-se desde então a nova recordista da Raça. Seu proprietário, o meu amigo e aplicado criador **José Pedro Gonçalves Franco da Silva**, Fazenda Boa Vista, em Igarapé do Tietê, S.P., como não poderia deixar de acontecer ficou eufórico deslumbrado com a notável



**José Pedro Gonçalves
Franco da Silva**

marca atingida pela sua **CARRERA J.P.S.** que é filha de Turbante J.O. e de Alfa do Paraíso.

Dias após o memorável fato foi então levada ao criador José Pedro (por conhecido médico veterinário paulista) uma oferta tentadora, a maior de todas em todos os tempos. Cruzados, muitos cruzados.

Zé Pedro sorriu amarelo, sentou-se (talvez para não cair) "andou" ... e simplesmente disso **NÃO**.



Carrera JPS por Turbante JO x Alfa do Paraíso — Campeã Potra — VI Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga — Água Funda — São Paulo — 1984.

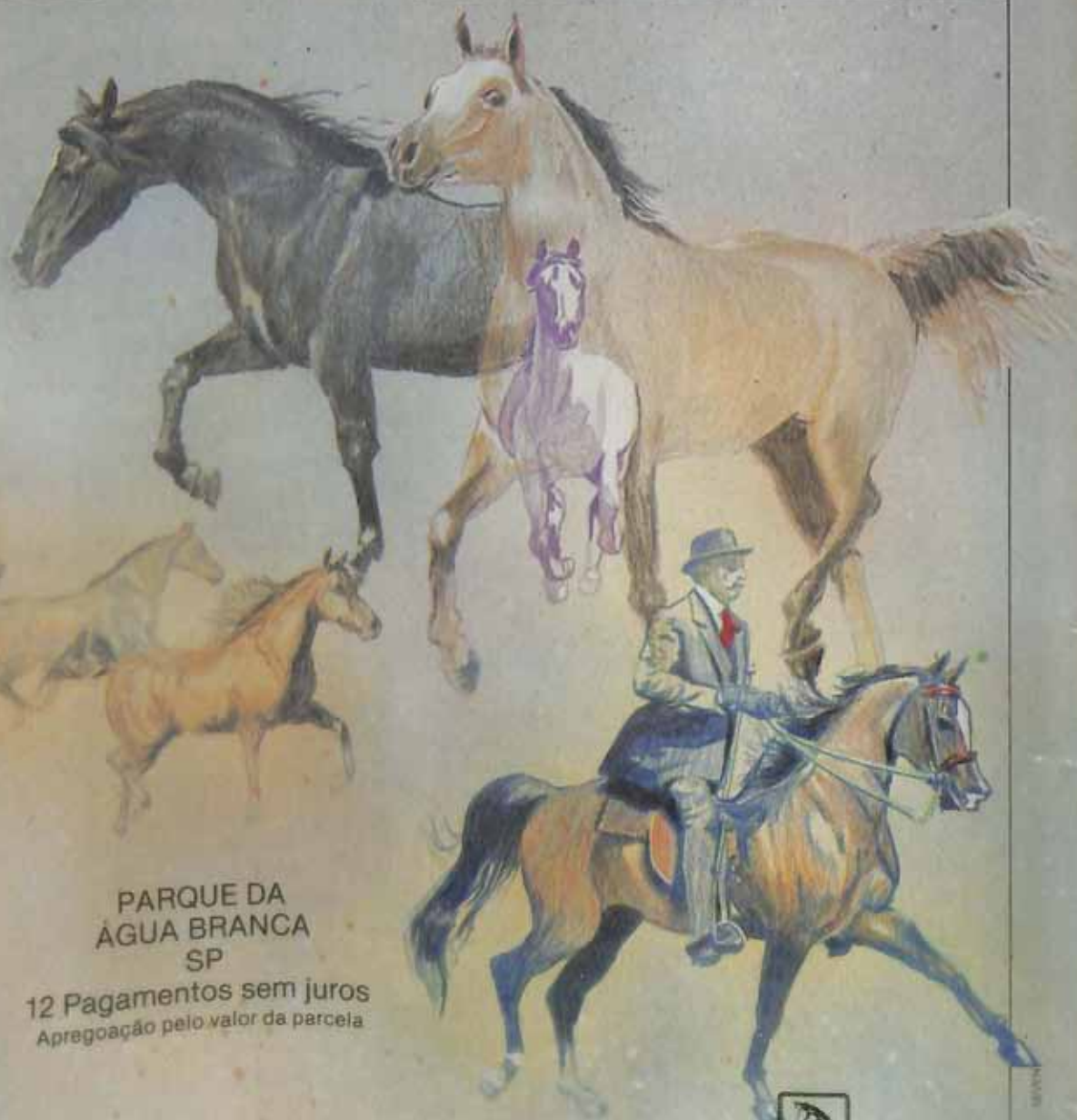
LEILÕES DE MAIO

17/5 - 14:00 HS
MISTIÇOS DE
SANGUE ÁRABE

{ 30 FÊMEAS
25 MACHOS

18/5 - 14:00 HS
PURO SANGUE
ÁRABE

{ 25 FÊMEAS
30 MACHOS



PARQUE DA
ÁGUA BRANCA
SP

12 Pagamentos sem juros
Apreçoção pelo valor da parcela



REMATE

Fibra, um importante componente da forragem

SUMÁRIO

I — Como a fibra está relacionada com a qualidade da forragem?

- 1 — O que é fibra?
- 2 — Que são FDN e FDA?
- 3 — Gramíneas versus leguminosas
- 4 — A fibra pode ser um ingrediente chave das rações

II — Nitrogênio não protéico e proteínas desviadas

- 1 — Proteína desviada
- 2 — Proteína desviada digestível
- 3 — Proteínas superprotegidas
- 4 — Digestão da proteína nos ruminantes
- 5 — Utilização do amoníaco no rume
- 6 — Necessidades protéicas dos ruminantes
- 7 — Proteção das proteínas contra degradação ruminal
- 8 — Proteínas desviadas produzidas naturalmente
- 9 — Proteção das proteínas dietéticas durante a elaboração
- 10 — Proteção química das proteínas
- 11 — Superproteção

- 12 — Resposta dos ruminantes às proteínas desviadas

- 13 — Respostas à proteína desviada nos pastos verdes

- 14 — Proteína desviada e a ingestão de alimentos

- 15 — Eficiência da síntese da proteína microbiana

- 16 — Alteração de microorganismos no rume

- 17 — Retenção de protozoários no rume

- 18 — Digestibilidade dos microorganismos ruminais

- 19 — Disponibilidade da cadeia ramificada e de ácidos mais graxos

- 20 — Tipo de fermentação

- 21 — Necessidade de glicose e metabolismo dos ruminantes

- 22 — Aminoácidos da proteína desviada

- 23 — Falta de resposta aos suplementos de proteína desviada

III — Capim-gramafante — nova gramínea para as pastagens do Brasil.

VI — Dr. Ernesto Ranali — um grande lutador contra as plasmoses dos bovinos importados.

Nos dois trabalhos a seguir, pesquisadores norte-americanos discutem vários aspectos importantes da fibra, a sua terminologia atual e suas relações com o valor nutritivo dos alimentos volumosos.

1. COMO A FIBRA ESTÁ RELACIONADA COM A QUALIDADE DA FORRAGEM?

Três criadores de gado leiteiro estão em certo momento discutindo a qualidade de sua "haylage" de alfafa. Em todos os casos, a alfafa foi cortada na primeira floração e, testada, revelou 20% de proteína bruta (PB). Contudo eles divergiram largamente em teor de fibra. Em um continha 40%, noutro 19% e no último 22% desse componente.

Como essas grandes diferenças podem ter ocorrido se o estágio de maturidade e de PB são similares? Trata-se de um erro de análise? Não, pois cada criador obteve um resultado de análise da fibra bem diferente, respectivamente de fibra detergente neutro (FDN), de fibra detergente ácido (FDA) e de fibra bruta (FB).

Isto enfatiza a confusão que pode ter origem na terminologia corrente da fibra. Como esta é um importante componente dietético que influencia a ingestão de alimentos, a digestibilidade, a produção e composição do leite, vamos lançar uma vista de olhos mais acurada no assunto.

Que é fibra?

Dependendo do nosso critério, a fibra pode ter várias definições. Na planta, a fibra se refere aos componentes estruturais que formam a membrana (parede) da célula vegetal, fazendo com que a planta tenha rigidez e proteção. Quimicamente, ela representa os constituintes mensuráveis da membrana celular: lignina, celulose, hemicelulose e pectina.

Não obstante, para a vaca, a fibra deve ser definida em termos nutricionais. Fibra é a parte digerida lentamente dos alimentos, que ocupa espaço no rúmex. A não ser que moída, a fibra requer a mastigação para reduzir as partículas e isto para que elas possam passar para o trato digestivo facilmente.

Nutricionalmente, a fibra contém lignina, celulose e hemicelulose. A lignina é indigerível e diminui a digestibilidade de outros componentes da fibra. É o fator primário que limita a digestibilidade da fibra. A celulose e a hemicelulose são fibras porque têm baixas taxas de digestão em comparação a outros nutrientes, tais como o amido, a proteína e a gordura.

O antigo sistema de análise de alimentos era o processo aproximado, no qual,

a matéria seca era dividida em proteína bruta, fibra bruta, extrato livre de nitrogênio (ELN), extrato etéreo (gordura bruta) e cinzas. A fibra bruta e o ELN representam a fração carboidratada da planta forrageira. A fibra bruta mede o resíduo alimentar, insolúvel, após sucessivos aquecimentos em álcalis e ácidos diluídos. Procurou-se estimar a porção indigestível dos alimentos.

No caso dos ELN procurou-se representar a fração de carboidratos mais facilmente digestível.

Infelizmente, o sistema aproximado deixa de separar os carboidratos de acordo com seu valor nutritivo. Muitas vezes o ELN é menos digerível que a fibra bruta porque a lignina está incluída na fração do ELN. A fibra bruta deixa de conter completamente alguns dos componentes da parede da célula vegetal (lignina, celulose e hemicelulose) que representam as porções menos digestíveis dos alimentos. Deade que uma grande porção da fibra bruta pode ser digerida, as análises aproximadas não propiciam uma distinção adequada entre as partes digestíveis e indigestíveis dos alimentos.

Que são FDN e FDA?

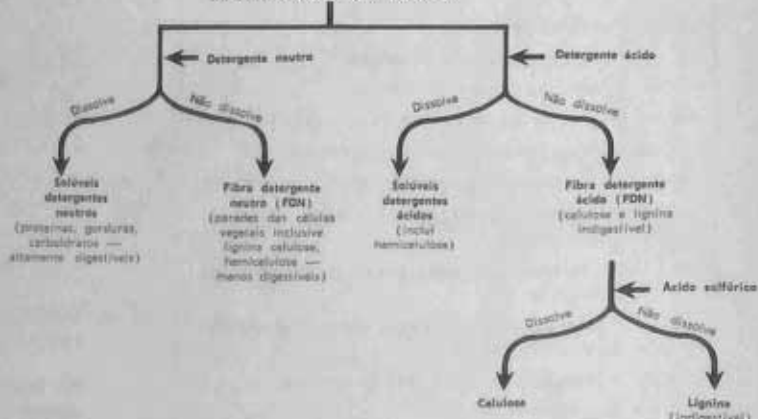
O sistema detergente da análise dos alimentos, desenvolvido por Van Soest (ver

a figura) separa a planta em importantes frações nutricionais. Os detergentes são usados para dissolver proteínas, gorduras e hidratos de carbono. Esses solúveis detergentes neutros representam a porção altamente digestível dos alimentos e consistem de gorduras, proteínas, nitrogênio, nitrogênio não protéico (NNP), amido, açúcares, pectina e minerais solúveis.

A porção do alimento não solúvel em uma solução detergente neutra é chamada fibra detergente neutro (FDN). Assim a FDN, uma estimativa das membranas vegetais inclui lignina, celulose e hemicelulose. As soluções detergentes ácidas dissolvem a hemicelulose (mais facilmente digerível) levando a um resíduo que contém lignina (indigerível) e celulose. Isto é chamado fibra detergente ácido. A FDA pode ser ulteriormente separada para determinar o teor de lignina.

Assim, o processo detergente permite-nos separar a matéria seca do alimento em componentes digeríveis e indigeríveis. A FDN é mais estreitamente relacionada com a ingestão de alimentos do que a FDA porque ela contém todos os componentes da fibra que ocupam espaço no rúmex e são lentamente digeridos. A FDA é um indicador melhor da digestibilidade da forragem porque contém uma proporção mais elevada de lignina que é a fração fibrosa indigerível. A FDN sempre estará em maior quantidade que a FDA porque esta não contém hemicelulose.

MATÉRIA SECA DO ALIMENTO



Gramíneas versus leguminosas

Que diferença há em componentes da fibra entre gramíneas e leguminosas? As leguminosas geralmente são mais pobres de FDN do que as gramíneas ou capins (ver o Quadro).

A composição em células solúveis altamente digeríveis está em porção maior (50 a 60%) na matéria seca na alfafa do que nos capins (30 a 45%). Isto explica porque as leguminosas geralmente são mais digeríveis que as gramíneas, elas contêm menos fibras e mais elementos solúveis digeríveis.

O conteúdo de FDN mais baixo das leguminosas também explica porque elas resultam tipicamente em maior ingestão do que os capins. Há menos fibra ocupando espaço no rúmen, o que limita a ingestão. Os teores elevados de FDN diminuem as taxas de digestão e a passagem que depois limita a ingestão.

As diferenças no teor de FDA dos capins e leguminosas em fases semelhantes de maturidade da forrageira são pequenas. Os valores de energia estimados geralmente são mais elevados nas gramíneas, desde que num mesmo nível de FDA elas têm um conteúdo de lignina inferior que as leguminosas. Porém, os capins são muito mais lentamente digeríveis do que as leguminosas, de sorte que como a passagem do alimento para o canal digestivo se acelera com os níveis elevados de ingestão (vacas leiteiras com elevada produção), a digestibilidade é deprimida em maior extensão para as gramíneas. Isto se reflete nos níveis mais elevados de FDN.

A silagem de milho e a alfafa em início de maturação podem conter níveis semelhantes de FDA, com valores de energia estimados similares em elevados níveis de ingestão devido a menores depressões da digestibilidade da alfafa. Mas a alfafa pode ter um potencial mais elevado de ingestão desde que o teor de FDN seja inferior (40 versus 51%). O uso da FDN e a FDA oferece meios para comparar a composição da fibra das plantas dos volumosos comuns e relacioná-las com a ingestão e a digestibilidade na vaca leiteira.

Que relações existem entre os componentes das fibras das plantas e a fase de maturidade da forrageira? Em geral, à medida que as forrageiras amadurecem:

1. Aumenta a FDN, a FDA e a lignina.
2. Diminuem os solúveis das células.
3. As taxas de digestão e de passagem diminuem.

Essas alterações estão relacionadas com reduções na digestibilidade e ingestão, à medida que a forrageira amadurece. As forrageiras de maturação precoce possuem elevado potencial de ingestão devido ao seu baixo conteúdo de FDN e taxas elevadas de decomposição de partículas, de digestão e de passagem do rúmen.

A digestibilidade elevada relaciona-se com três fatores:

1. A fração de células solúveis digeríveis é grande.
2. Uma grande fração da FDN é potencialmente digerível.
3. A velocidade da digestão da FDN é grande.

Quadro 1. As várias frações da fibra em leguminosas e gramíneas comuns

Forrageiras	Porcentagem da matéria seca				
	Células solúveis	FDN	FDA	FB	Lignina
Alfafa					
fim do per. vegetativo	60	40	29	22	7
começo da floração	58	42	31	23	8
meio da floração	54	46	35	26	9
plena floração	50	50	37	29	10
Trevo vermelho	44	56	41	29	10
Trifólio, cornichão	53	47	36	31	9
Capim-cervadilha					
fim do per. vegetativo	35	65	35	30	4
fim da floração	32	68	43	37	8
Capim-pé-de-pomar					
fim do per. vegetativo	28	72	45	37	9
Timóteo					
fim do per. vegetativo	45	55	29	27	3
meio da floração	33	67	36	31	5
fim da floração	30	70	40	33	7
Silagem de milho bem graneada	49	51	28	24	4

Fonte: U.S.-Canadian Tables of Feed Composition.

O aumento da fibra bruta ocorre na medida em que a maturidade progride, mas não separa a planta em frações que possam relacionar-se facilmente com a depressão da ingestão e da digestibilidade.

Com o antigo sistema de análise de alimentos (análise aproximada) a fibra bruta não media toda a fibra dos alimentos por não incluir toda a lignina e hemicelulose. Hoje o sistema de Van Soest, em que a fibra é medida como FDN e FDA, tomou seu lugar.

A FDN está relacionada negativamente com a ingestão e digestibilidade das forrageiras. A FDA está associada mais estreitamente com a digestibilidade. Desde que esses componentes da fibra são influenciados pela maturidade da forrageira e as espécies dessas plantas, elas podem ser usadas para prever a qualidade desses alimentos.

O valor da fibra comumente tem sido usado para determinar o valor da energia dos alimentos e para manter um nível dietético mínimo necessário para prevenir a depressão da gordura do leite. Entretanto, agora a fibra está sendo considerada mais acuradamente e a FDN e FDA estão sendo atualmente avaliadas para:

1. avaliar as relações com a ingestão da matéria seca digerível e a produção de energia do leite;
2. uso potencial, juntamente com a forma física do volumoso, na avaliação da fibra efetiva da dieta;
3. uso no cálculo relativo dos valores alimentares para determinação do preço do feno e
4. formulação direta de dietas para gado leiteiro mediante análise de fibras.

II. A FIBRA PODE SER UM INGREDIENTE CHAVE DAS RAÇÕES

Um criador teve problemas com suas novilhas de primeira cria. Elas decaíam rapidamente após terem atingido as produções máximas de leite de mais de 27,2 kg. Como tinham dois anos de idade estavam no grupo de animais que recebiam uma ração misturada total e assim foi possível fazer uma verificação rápida.

A ingestão de matéria seca estava conforme as recomendações do NRC (Conselho Nacional de Pesquisas dos EUA). A proteína e os minerais apresentavam valores acima das especificações desse órgão, tanto em quantidades como em porcentagens. Entretanto, a ingestão de energia era marginal, especialmente quando a ingestão de matéria seca estava abaixo da média do grupo. Isto poderia ocorrer mais provavelmente entre as vacas jovens, menores, com 454 kg em média do que entre as velhas, maiores, pesando em média 536 kg.

Com uma fibra detergente ácido (FDA) de 21,2%, esse nível era elevado na ração mista total e o criador temia que sua ração fosse muito rica em fibra.

Conforme a definição, as forrageiras ou volumosos são alimentos mais ricos em fibra e mais pobres de energia e são uma fonte econômica de nutrientes. É necessária bastante fibra para manter a digestão no rúmen. Porém, à medida que o conteúdo da fibra torna-se mais elevado, os níveis de outros nutrientes ficam menores, especialmente a energia.

Três tipos de fibra podem ser analisados e reportados quando os alimentos são testados:

- A fibra bruta (FB) que é a porção insolúvel do alimento em um tratamento

alcalino e ácido fraco e que consiste de celulose, uma porção de lignina e outros carboidratos indigeríveis.

• A fibra detergente ácido (FDA) que consiste de lignina, celulose, cinza insolúvel e proteína não aproveitável (FDA-N) que é insolúvel em uma solução detergente ácida.

• A fibra detergente neutro (FDN) que consiste da fração de FDA mais hemicelulose. A FDN é o mesmo que as membranas ou paredes celulares de uma planta.

Em geral a FDA é igual a 1,2 vezes a fibra bruta, ao passo que a FDN é igual a 1,5 vezes a FDA. Em outras palavras, se uma forrageira como a alfafa tem 30% de fibra bruta, ela poderá ter cerca de 36% de fibra detergente ácida ou 54% de fibra detergente neutro.

A fibra é um elemento que trabalha contra nós quando avaliamos a qualidade de uma forrageira. Quanto mais elevado o teor de fibra, mais baixos são os níveis de energia e proteína da planta (Quadro 1).

Quadro 3. Proporções de volumosos para grãos baseadas em níveis de fibra da forragem

Fibra da forragem		Ração	
FDA,	FB,	Forragem,	Grãos,
%	%	%	%
30	24	65	35
36	30	53	47
42	34	45	55
50	40	40	60

* Aumento da ministação de grãos de 3 para 5 por cento se usar uma mistura de grãos rica de fibra.

Quando as rações contêm mais "fatores negativos de estimulação do rume" como alimentos úmidos, silagem finamente picada, grãos ricos de amido ou ração com muito grão, é necessário contar com mais fibra para manter a ruminação, a acidez

no Quadro 3. Por exemplo, se o volumoso existente apresenta 30% de fibra detergente ácido ou 24% de fibra bruta (dependendo do laboratório de análise) então a matéria seca dessa ração conterá cerca de 65% de volumosos e 35% de grãos.

Sempre que a forragem contenha mais fibra, será necessário dar mais grãos para o atendimento das necessidades de energia. Contudo, se a ministação for de volumosos de qualidade superior (30% de FDA) não se deve aumentar os grãos. Isso poderá resultar em problemas de inapetência, acidez do rume e baixa porcentagem de gordura no leite.

As partículas da ração também podem ser um fator. As silagens podem ser feitas com fragmentos muito reduzidos (Quadro 4, segundo resultados de Wisconsin).

A ministação de matéria seca da forragem na quantidade de 2% do peso vivo da vaca não garante que seja dada bastante forragem não picada. Como guia, 2,270 kg de forragem de 2,54 a 3,17 cm de comprimento podem manter a taxa de gordura elevada e estimular 600 minutos do tempo de ruminação com a FDA adequada. Investigadores de Illinois estão medindo o tamanho médio das partículas da forragem a fim de determinar o número necessário em rações mistas totais.

Aqui vão algumas recomendações:

1. Calcular o nível de fibra das rações, usando preferentemente a fibra detergente ácido.

2. Determinar se os níveis de fibra estão "corretos" para o nível de produção do gado e o tipo de alimento usado (Quadro 2).

Quadro 1. Qualidade da forrageira e valores de fibra *

Forrageira	Fibra bruta, %	FDA, %	FDN, %
leguminosa antes da floração	acima de 19	abaixo de 31	abaixo de 40
leguminosa no meio da floração	13-16	36-41	47-51
leguminosa em plena floração	abaixo de 13	além de 41	acima de 51
gramíneas no começo dos cachos	13-18	33-39	55-60
gramíneas com cachos	8-12	39-41	61-65

* base, 100% da matéria seca.

Para calcular o conteúdo energético das forragens podem ser usadas fórmulas nas quais a energia líquida para lactação (EL-1) é dada em megacalorias por libra (543 g) de matéria seca (Mcal/lb). Assim:

- Leguminosas: EL_1 (Mcal/lb = $1,044 - (0,0125 \times FDA\%)$)
- Gramíneas: EL_1 (Mcal/lb = $1,085 - (0,0150 \times FDA\%)$)
- Silagem de milho: EL_1 (Mcal/lb = $1,044 - (0,013 \times FDA\%)$)

A FDA deve ser expressa à base de 100 por cento da matéria seca, antes de se usarem as fórmulas. Os valores líquidos de energia da lactação também são expressos à base de matéria seca.

A fibra é útil quando mantém a porcentagem de gordura do leite, a função do rume e a digestibilidade. O Conselho Nacional de Pesquisas dos EUA sugere um mínimo de 17% de fibra bruta ou 21% de fibra detergente ácida na matéria seca total da ração. Pesquisadores da Georgia (EUA) sugerem 35% de fibra detergente neutra. No caso do criador citado inicialmente havia 21% de FDA.

Então, qual era o seu problema?

Alguns produtores e nutricionistas confundem-se com os valores do NRC considerando-os como ótimos e não como mínimos. Os mínimos ajustes sugeridos para a fibra detergente ácida sob vários sistemas de arração estão condensados no Quadro 2.

Quadro 2. Valores mínimos de FDA com base na matéria seca total

Condição dos alimentos	FDA (%)
Todos úmidos, ensilados	21
Alguns secos com silagem	19-21
Secos (fenos e mistura de grãos)	17-19
Grãos ministrados duas vezes ao dia	19-21
Comedouros eletrônicos de grãos ou ração misturada	17
Milho rico de umidade	19-21
Mistura de grãos secos com sub-produtos de grãos	17-21

normal do rume e um fluxo do rume desejável.

Um segundo meio para utilizar valores da fibra é estabelecer proporções entre volumosos e grãos. Pesquisadores de Michigan sugerem as proporções mostradas

3. Considerar a forma física da fibra.

4. Determinar a qualidade da forragem, baseada no valor da fibra.

A solução para o criador inicialmente mencionado neste artigo era simples. Ele substituiu 3,632 kg de espigas de milho

Quadro 4. Ingestão e forma da forragem

Forragem kg de MS	Forragem corrigida* kg de MS	Tempo de ruminação - m/24 h	% de gordura no leite
8,0	2,5	554	2,8
7,9	3,4	592	2,9
12,2	3,8	601	3,5
7,7	3,9	659	3,0
11,8	5,1	676	3,5
11,3	5,7	719	3,3

* Os níveis de forragem corrigida refletem a quantidade e o comprimento das fibras, sendo uma indicação da habilidade da forragem para estimular a ruminação e a produção de saliva pelo animal.

ricas de umidade (que na realidade era uma "snaplage" contendo palha de milho e algumas folhas, por 3,632 kg de milho debruilhado seco. Ele também começou a dar "haylage" de alta qualidade (34% de FDA) ao invés de ministrar menos "haylage" de qualidade inferior (39% de FDA).

As novilhas de dois anos que pariram dentro de menos 100 dias responderam rapidamente, produzindo 1,4 a 3,2 kg de leite a mais. Infelizmente, as vacas mais novas que tinham sido ordenhadas por mais de 100 dias não responderam e foram transferidas para um grupo mais jo-

vem. O criador dará a essas vacas mais jovens uma outra oportunidade (lactação) para que elas mostrem sua "verdadeira habilidade".

I. Shaver, Randy D. & Mertens, David R. — How is fiber related to forage quality? *Hoard's Dairyman*, 130 (9): 534 e 555, 1985.

II. Hutjens, Michael F. — Fiber can be the key ingredient in ration. *Hoard's Dairyman*, 130 (7): 438-9, 1985.

Notas da Redação: Os dois AA do trabalho I são, respectivamente, assistente de pesquisa e cientista de pesquisa da Universidade de Wisconsin, Madison e U.S. Dairy Forage Research Center. O A.

do título II é colunista habitual da Seção de Alimentação da revista *Hoard's Dairyman*.

* O termo "Haylage" parece não ter correspondente em português. Trata-se de um tipo de silagem feita com espigas e parte superior do pé de milho. Contém baixo teor de umidade.

** O processo de determinação da fibra por detergente ácido devido a Van Soest (1963) foi publicado com o título "Use of detergents on the analysis of fibrous feeds II. A rapid method for determination of fiber and lignin. J. Agr. Chem. 46 (5): 529.

II - Nitrogênio não protéico e proteínas desviadas

Proteína desviada é aqui definida como proteína dietética que passa intacta do rúmen para o duodeno.

Proteína desviada digestível é a porção da proteína desviada que se hidrolisa no intestino delgado e é por este absorvida. Proteínas superprotegidas são as que não se fermentam no rúmen, nem se digerem no intestino delgado.

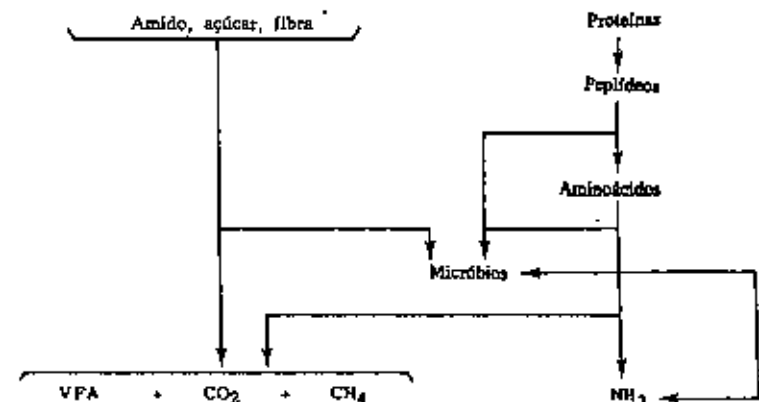
Para pôr em relevo a importância dos animais monogástricos com referência aos ruminantes na produção de carne tem-se alegado a aparente ineficiência destes últimos em comparação com os primeiros para aproveitar os alimentos ricos de proteínas. Entretanto, estudos recentes indicam que, com um correto equilíbrio dos nutrientes digestíveis, os ruminantes são, potencialmente, sumamente eficientes como utilizadores de alimentos protéicos em diversas situações agropecuárias, incluindo a utilização de sub-produtos das indústrias, pobres de proteínas.

A eficiente utilização da proteína e do nitrogênio-não-protéico (NNP) pelos ruminantes, em todo sistema de produção, dependerá do conhecimento que se tenha dos princípios fundamentais subjacentes e é disto que nos ocuparemos neste trabalho. Neste estudo, todavia, são acentuadas as necessidades de proteínas dietéticas que saem inalteradas do rúmen e ficam disponíveis para a digestão. Estas são denominadas proteínas desviadas para diferenciá-las das proteínas fermentadas no rúmen e do total de proteínas digestíveis disponíveis (que inclui a proteína desviada digestível, mais a proteína microbiana digestível) e que Burrough e cols. (1971) chamaram de "proteína metabolizável".

A digestão da proteína nos ruminantes

Nos diferentes sistemas de produção, os ruminantes se alimentam de muitos tipos de hidratos de carbono, proteínas e outros alimentos vegetais e animais. Quase todos os carboidratos digestíveis se fermentam, essencialmente, pelos meios

Gráfico 1. Esquema dos caminhos de degradação dos hidratos de carbono e proteínas no rúmen



métodos, convertendo-se em ácidos graxos voláteis (AGV), mais metano e dióxido de carbono (Gráfico 1). As proteínas se fermentam, convertendo-se nos mesmos produtos finais e, além disso, em amoníaco. No entanto, os peptídeos e os aminoácidos são intermediários e podem ser utilizados na síntese das células microbianas. O amoníaco é absorvido diretamente, através da parede do rúmen ou sai deste órgão com a fase líquida do líquido digestível e se incorpora na proteína microbiana. Não obstante, a proteína dietética não se degrada por completo e parte dela passa intacta até o abomaso ou coagulador e o duodeno, de onde se digere por hidrólise enzimática (Gráfico 2).

As proteínas microbianas, dietéticas e endógenas que saem do rúmen sofrem digestão e absorção no intestino delgado. Toda proteína que sai do intestino delgado pode ser fermentada por microrganismos no ceco e no colo ou ser excretada nas fezes, mas admite-se que, em geral, a proteína microbiana que se produz neste

órgão não é aproveitável para o animal na forma de aminoácidos.

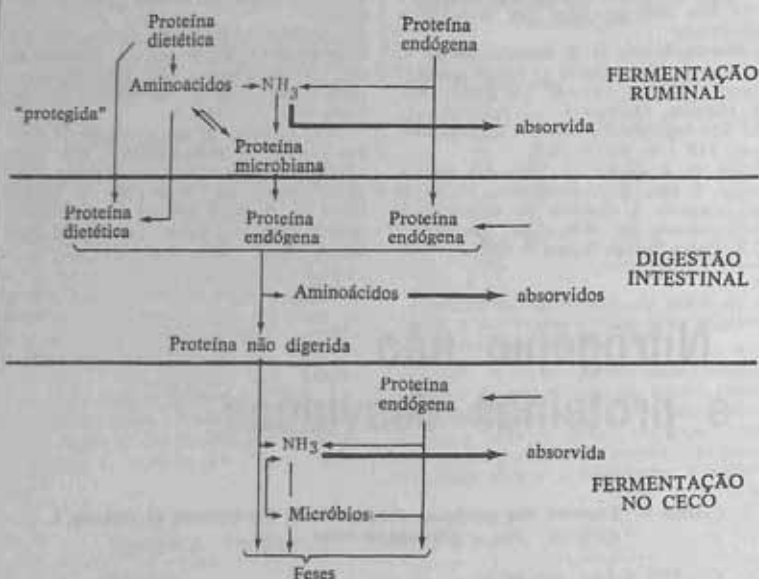
Os fatores que influem na absorção e no fornecimento de aminoácidos aos tecidos dos ruminantes são portanto complexos e não são bem conhecidos. Alguns fatores são indicados no Quadro 1 e Gráfico 2.

Utilização do amoníaco no rúmen

Os peptídeos, aminoácidos e amoníaco formam o material nitrogenado de partida para a síntese das células microbianas. Muitas espécies de microrganismos ruminantes utilizam intensamente o amoníaco como fonte de N para a síntese de seus elementos nitrogenados. Entretanto, é preciso esclarecer dois pontos:

1. Algumas das espécies de organismos que se encontram no rúmen exigem peptídeos ou aminoácidos pré-formados. Quando estes não são ministrados na ração e se acham em baixa concentração no fluido ruminal, alguns microrganismos podem

Gráfico 2. Degradação e digestão da proteína dietética no ruminante



Quadro 1. Fatores que influem na disponibilidade de aminoácidos procedentes do tubo digestivo

Rúmen	Proteína microbiana	Disponibilidade de substrato fermentável Eficiência do crescimento bacteriano Composição específica da comunidade bacteriana Morte ou destruição de microorganismos e subsequente fermentação no rúmen Velocidade de troca no rúmen
	Proteína dietética que escapa da fermentação	Balço de microorganismos Solubilidade da proteína Tamanho das partículas e forma física do alimento Ingestão voluntária de alimento Velocidade de troca no rúmen pH
Intestino delgado		Digestibilidade dos microorganismos Digestibilidade da proteína desviada Digestibilidade das secreções endógenas Velocidade do fluxo do líquido digerível (que influi na eficiência da digestão)
		Presença de parasitos e microorganismos no intestino delgado

desaparecer do rúmen, alterando-se o equilíbrio das espécies. A quantidade total de proteína sintetizada ou a eficiência da síntese microbiana (g proteína/kg de matéria orgânica fermentada — MOF —) pode ser portanto alterada. Talvez haja uma redução do rendimento protéico quando a concentração amoniacal é baixa, por exemplo menos de 80 mg N/l (Satler & Slyter, 1972). A consequência prática destes resultados é que, quando a concentração amoniacal é inferior a 80 mg N/l (quando a velocidade da fermentação é rápida a ganho crítico pode ser todavia mais elevada) os microorganismos ruminais podem ter deficiências de amoníaco e se considera que respondem facilmente aos suplementos dietéticos de NNP. No ruminante em pastejo esta si-

tuação se produz menos freqüentemente do que se poderia esperar já que os ovinos e em menor medida os bovinos têm uma notável capacidade para selecionar materiais de elevado conteúdo de N nas pastagens de má qualidade (Loosli & McDonald, 1968).

2. Inclusive quando os nutrientes não são limitadores no rúmen, o sistema ruminal talvez não forneça proteína microbiana suficiente para satisfazer as necessidades de uma produção máxima. Nestas condições, uma produção elevada dependerá do fornecimento adicional de aminoácido exógeno ao duodeno (como, por exemplo, ministrando proteína desviada). Embora as vacas lactantes possam ser mantidas com rações isentas de proteínas (Virtanen, 1966), para obter uma pro-

dução de leite máxima ter-se-á que fornecer, em forma de proteína, 20% de nitrogênio dietético (Virtanen, 1967).

Necessidades protéicas dos ruminantes

Em outros tempos, as necessidades protéicas dos ruminantes e a avaliação do valor protéico dos alimentos para ruminantes baseava-se na proteína bruta digestível (N x 6,25), mas ultimamente esse método foi, até certo ponto, desacreditado (Miller, 1973). O emprego do conceito de proteína bruta digestível surgiu, em grande parte, devido a que se considerou que o animal podia obter seus aminoácidos essenciais da proteína microbiana produzida no rúmen a partir do amoníaco e isso eliminou a necessidade de um requisito específico quanto à proteína dietética. Isto, por sua vez, conduziu à indicação de que os ruminantes produtores de carne e leite, a partir de rações pobres de proteínas e ricos de carboidratos, podiam utilizar intensamente materiais nitrogenados não protéicos (p. ex. a uréia). Estes conceitos tendem a modificar-se à luz dos últimos resultados das investigações, as quais indicam que quando as necessidades de aminoácidos dos ruminantes são elevadas, a proteína microbiana aproveitável é insuficiente. Isto indica que as necessidades de aminoácidos devem ser expressas em termos de aminoácidos absorvidos pelo animal (ou seja, proteína desviada digestível, mais proteína microbiana digestível).

As necessidades protéicas ou de aminoácidos estão, no entanto, influenciadas por vários fatores como p. ex. a condição fisiológica do animal, a velocidade de crescimento e a produção, influenciada pela ingestão de calorias metabolizáveis, a composição corporal influenciada pela história nutritiva anterior, a proporção de diversos aminoácidos absorvidos, a eficiência da produção de proteína microbiana e sua disponibilidade líquida, os tipos de fermentação ruminal no que afetam a produção, a disponibilidade de ácidos graxos voláteis que são glicogénicos (ácido propiónico, valérico e isobutírico) e as necessidades de glicose.

As necessidades protéicas dos ruminantes não são constante mas variam em relação aos diferentes estados de produção ou fisiológicos (veja-se o Gráfico 3, no qual a linha de pontos indica o grau de incorporação da proteína microbiana em a proteína tissular). Sempre que a energia metabolizável não seja limitante, os microorganismos do rúmen são capazes de fornecer proteína suficiente para a manutenção, o crescimento lento e a prenhez precoce, mas não para o crescimento rápido, a prenhez tardia ou as primeiras lactações.

Pelos motivos citados, as necessidades de proteína dos ruminantes não podem ser expressas simplesmente como proteína digestível bruta (N x 6,25) em uma ração determinada. Por conseguinte, será necessário avaliar as necessidades de N em termos da quantidade de NNP e de aminoácidos-N que necessitam os micróbios do rúmen e da quantidade de proteína

CATERPILLAR USA MATEMÁTICA PARA FALAR PORTUGUÊS CLARO.

Estamos falando de matemática financeira, a que mais interessa para quem investe num trator.

Aí a Caterpillar toma a palavra para falar do aproveitamento da potência. Cada vez mais importante devido ao preço do combustível.

Como se sabe, apenas uma parte da potência no volante do motor é utilizada como trabalho útil — através do implemento engatado na barra de tração.

Para começar, na transmissão, as perdas nos tratores de rodas podem chegar a 14%, enquanto que nos de esteiras, equipados com transmissão direta de engrenagens deslizantes, a perda é de, no máximo, 12%.

As bombas hidráulicas que acionam os implementos consomem aproximadamente a mesma potência em ambos os tipos de tratores, até 4%.

E mais. Nos tratores de rodas, a média de perda de potência, devido à patinação, resistência ao rolamento e atrito com

o solo, é muito alta, cerca de 35%, mesmo considerando os vários tipos de pneus e lastreiros empregados. Nos tratores de esteiras, devido à sua maior capacidade de tração, as perdas relativas à patinação e atritos dos componentes das esteiras não passam de 8%.

Por aí já dá para perceber que o aproveitamento da potência do motor num trator de esteiras é muito superior.

Agora, é só uma questão de soma.

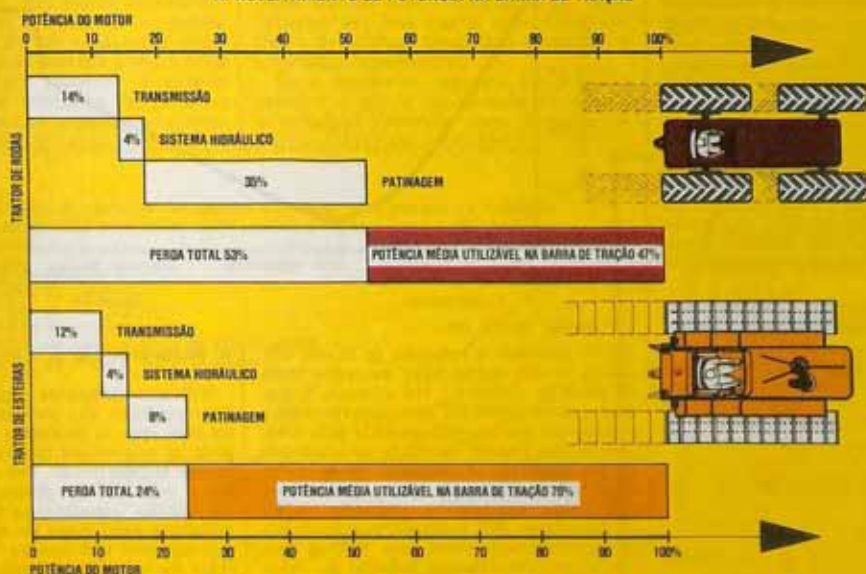
As perdas de potência desde o volante do motor até a barra de tração de um trator de rodas são, em média, de 53%, enquanto que, no trator de esteiras, a soma das perdas fica em torno de 24%.

Exemplificando, o D4E SA tem disponível 74 HP na barra de tração para uma potência no volante de 97 HP (uma perda de 24%). Um trator de rodas com os mesmos 74 HP na barra de tração deverá ter uma potência no volante do motor em torno de 140 HP (devido às perdas de 53%), muito superior à do trator de esteiras, porém sem o mesmo aproveitamento.

Toda essa matemática concorre para diminuir os custos de produção através de um menor consumo de combustível e, consequentemente, com menor custo por hectare preparado.

Ainda existe um último número muito importante. A Caterpillar tem 80 anos de tradição na agricultura. Para aumentar o seu lucro todos os dias.

APROVEITAMENTO DE POTÊNCIA NA BARRA DE TRACÇÃO



TRATORES DE ESTEIRAS: A OPÇÃO AGRÍCOLA MATEMATICAMENTE CORRETA.

CATERPILLAR
Seu investimento em valor.



desviada digestível que necessita o animal. Não obstante, os inúmeros fatores que influem em tais necessidades tem que conhecer-se bem o objeto de aplicar estes dados.

Proteção das proteínas contra a degradação ruminal

Chalmers & Syngé (1954) e Annison (1956) estabeleceram que a solubilidade das proteínas é o principal fator que rege o grau de decomposição da proteína dietética do rúme. Também intervêm entre outros fatores a velocidade do fluido ruminal (Quadro 1). Quando a velocidade do fluxo que sai do rúme é rápida, algumas proteínas dietéticas sumamente solúveis podem sair do rúme intactas. Ao contrário, há proteínas relativamente insolúveis que podem ser degradadas quando ficam muito tempo retidas no rúme e por conseguinte, como explica Sutherland (1976) a velocidade do fluxo que deixa o rúme exerce uma influência considerável sobre a quantidade de proteína desviada (tal como é aqui definida) de uma ração.

Como alguns protozoários podem ingerir partículas sólidas de alimento, estas podem contribuir para a decomposição da proteína em partículas insolúveis e o grau em que isso ocorre dependerá da biomassa total de protozoários existentes na pança (Lenga, 1956). Também existem importantes diferenças entre os bovinos e os ovinos já que, em geral, os ovinos moem os alimentos de forma mais completa ao mastigá-los e, por conseguinte, criam uma superfície mais ampla de proteína disponível para a colonização pelos microorganismos.

Os reflexos da goteira esofágica também permitem que as proteínas dietéticas se convertam em proteínas diretamente aproveitáveis para o animal. Isto foi utilizado por Orskov & Benzie (1969) para a ministração de suplementos proteicos a cordeiros em crescimento.

Proteínas desviadas produzidas naturalmente

As proteínas desviadas são produzidas naturalmente nas rações ou podem ser produzidas mediante diversas manipulações químicas ou físicas.

A solubilidade das proteínas da maioria das espécies forrageiras varia muito, segundo a fase de atividade vegetativa e as condições ambientais (Quadro 2). Hume & Purser (1974) observaram que a degradação ruminal das proteínas do trevo nos ovinos diminuiu de 74% no material verde para 45% no material maduro. Nestas plantas recém cortadas ministradas aos ovinos, o conteúdo de proteínas desviadas era reduzido (MacRae, 1976). Até 60% da proteína dos pastos são convertidos em uma solução quando são mastigadas (Reid & cols., 1962), o que indica seu caráter sumamente solúvel.

Proteção das proteínas dietéticas durante a elaboração

Muitos dos processos de conservação das forragens (p. ex. a dessecação ao sol, a dessecação por jacto de ar com pressão ou a congelação) diminuem marcadamente a solubilidade das proteínas. A ensilagem (a não ser que seja precedida de sopro) geralmente resulta em diminuição do conteúdo de proteínas desviadas no material final (Goering & Waldo, 1974).

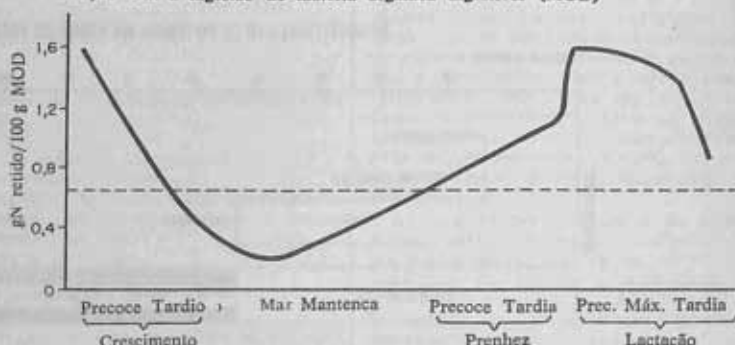
O tratamento térmico protege as proteínas dietéticas para os ruminantes, mas é importante que se empreguem as temperaturas e tempos de tratamento térmico apropriados, segundo os alimentos em causa. Sem embargo, frequentemente desconhecem-se as condições ótimas. Os efeitos da temperatura sobre o conteúdo de N solúvel, a digestibilidade do N e a retenção de nitrogênio nos cordeiros alimentados com alfafa seca figuram no Quadro 3. Um tratamento térmico a mais de

riável de proteína desviada nas farinhas resultantes.

• Proteção química das proteínas

As proteínas também podem ser protegidas quimicamente contra a fermentação ruminal utilizando-se, entre outras substâncias, taninos, aldeído fórmico, glitraldeído, glioxal e tetramina-exametilênica (aldeído fórmico tratado com caseína (Ferguson & cols., 1967)). Como se dispõe de proteína desviada barata, produzida naturalmente, o tratamento químico das proteínas dietéticas é provavelmente antieconômico. No entanto, o tratamento químico ou térmico pode encontrar aplicação em alguns países em desenvolvimento, nos quais as farinhas de sementes oleaginosas costumam ser preparadas sem calor e as farinhas de pescado são preparadas a partir de pescado seco ao sol, já que as proteínas dessas farinhas são muito solúveis.

Gráfico 3. Efeito da condição fisiológica sobre a possível retenção de nitrogênio em relação com a ingestão de matéria orgânica digestível (MOD)



Fonte: Orskov, 1970.

160 °C diminuiu a retenção de N nos cordeiros, o que indica uma superprodução de proteína dietética. No entanto, à medida que se produzia esta superproteção, pôde-se ver que era influenciada pela composição das plantas de alfafa no momento de sua colheita. O conteúdo de açúcares influi sobre o grau de danos produzidos pelo calor, causando a chamada reação de Browning. Por exemplo, o aquecimento de farinhas de carne com melão provocou uma considerável redução do valor biológico da proteína em consequência da reação de Browning, como indicam os resultados do ensaio de crescimento de frangos.

Na mistura de alimentos têm-se utilizado técnicas que incluem a moagem, a granulação, a enroscagem, divisão em partículas menores, a subdivisão, a micronização e o corte em lâminas muito delgadas e estes processos influem na quantidade de proteína desviada que contém uma ração, devido às alterações provocadas nas características tanto físicas como químicas nas modificações subsequentes nos tipos de fluxo digestível (Thomson, 1972). O tratamento térmico, durante a extração com solventes ou a pressão das sementes oleaginosas, traduz-se por uma quantidade va-

• Super-proteção

Vários tratamentos podem ocasionar a superproteção das proteínas nas farinhas, ou seja, que as proteínas no intestino delgado se convertam inteiras ou parcialmente em indigestíveis. Por exemplo, Kempton & cols. (1976) observaram que 100% da caseína tratada com formaldeído não passavam pelo rúme de cordeiros e dessa porcentagem unicamente 70% eram digeridos no intestino delgado.

Resposta dos ruminantes às proteínas desviadas

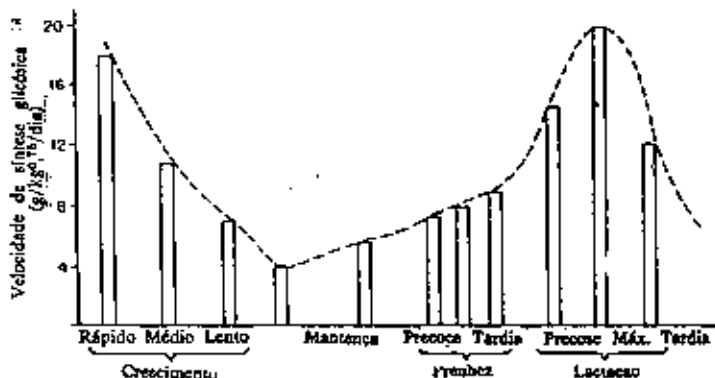
As primeiras respostas comunicadas, relativas aos aminoácidos adicionais ministrados no duodeno dos ovinos, foram as de Egan & Moir (1965). A ingestão voluntária de forragens grosseiras proteicas por ovinos adultos foi estimulada pela inclusão de aminoácidos no duodeno. Obtiveram-se também respostas quanto ao crescimento da lâ com a introdução intra-duodenal de proteínas e a ministração de proteínas protegidas (Ferguson, 1975).

Em condições práticas, Preston & Willis (1970) foram os primeiros a de-

mostrar que a ingestão de alimentos e o crescimento podem ser estimulados incluindo proteína desviada em uma ração (farinha de peixe), juntada a uma dieta pobre de proteína. Orskov e cols. (1973) obtiveram resultados semelhantes ministrando rações de cevada em grânulos a cordeiros.

Os estudos realizados com rações de fibra pobre em proteína nesses laboratórios também demonstraram que a ingestão de alimentos e o crescimento dos cordeiros são frequentemente limitados pela disponibilidade de proteína dietética. Utilizaram-se cordeiros jovens alimentados com rações compostas de 70% de casca de aveia, 30% de Solka-Floc (celulose pura de madeira) e minerais. Juntaram-se 2 a 4% de uréia (suficiente para fornecer bastante N para a fermentação microbiana) e diversas combinações de caseína (que se degrada inteiramente no rumo) e caseína tratada com aldeído fórmico (HCO-caseína) (Gráfico 5). Quanto à ingestão total de alimentos e velocidade de crescimento, a resposta foi muito melhor com a caseína tratada com formaldeído junto com uréia que com a caseína solúvel ou a uréia só. Em outros experimentos, ministraram-se a cordeiros a mesma ração basal mais 2% de uréia com quantidades graduadas de caseína e de caseína tratada com aldeído fórmico. A medida que aumentava o conteúdo de proteína desviada, aumentava a ingestão de alimentos, mas o máximo foi com 10% de ca-

Gráfico 4. Velocidade de síntese de glicose nos ovinos em diferentes condições fisiológicas



Fonte: Kempton, 1976 (dados inéditos); Snel e Leng, 1973; Anonim. y Linsell, 1964; Bergman y Hogue, 1967.

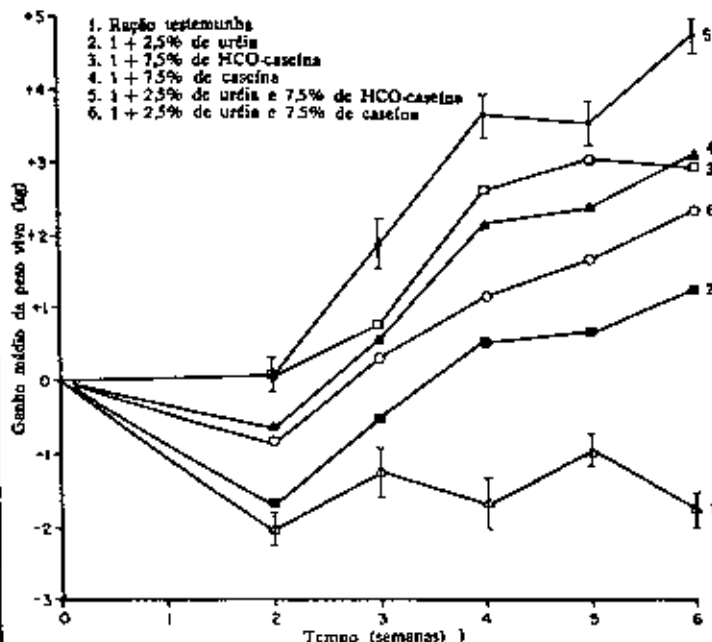
seína tratada com formaldeído na ração (Gráfico 6). Nas rações com maior conteúdo de celulose significativas obtiveram-se resultados semelhantes.

Estes resultados indicam que o status proteico e não o enchimento do rumo é a principal limitação para ingestão em rações pobres de proteínas.

Respostas à proteína desviada nos pastos verdes

Existe uma certa evidência de que as proteínas, nas pastagens novas de crescimento rápido, podem ser tão solúveis que muito pouca proteína dietética atrevesse o rumo (Mac Rae, 1976); consequen-

Gráfico 5. Crescimento de cordeiros alimentados com uma ração baseada em forragens proteicas¹ suplementada com uréia, HCO-caseína, caseína e uréia e HCO-caseína



¹ 70% de casca de aveia + 30% de celulose pura de madeira.

NÃO ESPERE POR UMA CHANCE PROFISSIONAL: CRIE VOCÊ MESMO A SUA OPORTUNIDADE TPD/IOB

20 maneiras de criar novas chances.

TPD/IOB: Carta de Postul. • Contabilidade e Demonstrações Financeiras • Direito Imobiliário • Custos • Administração de Imóveis • Processo Civil • Advocacia Criminal • Cedência, Crédito e Cobrança • Marketing • Gerência • Mercadologia • Comunicações Verboais • Processo do Trabalho • Crescimento Empresarial • Secreária Executiva • Carta de Liderança • Administração da Matéria • Auditoria • Código Penal • Vendas • Análise dos Demonstrativos Financeiros • Prática da Franquia nas Empresas.

Previdência o cupom abaixo, solicitando maiores informações, sem compromisso, e envie o máximo para o caso postal 45.323 (CEP 04032) - B. Paulo - SP

TPD/IOB: _____
Nome: _____
Empresa: _____
Cidade: _____
Endereço: _____
Tel.: _____ CEP: _____
Cidade: _____ Estado: _____

mente, algumas vezes, os ruminantes produtores em pastejo podem sofrer deficiências de proteínas (Leng, 1975) o que se traduz por uma reduzida ingestão de alimentos e uma baixa produção. Os primeiros estudos realizados nesses laboratórios indicaram que o crescimento dos cordeiros em pastejo pode ser estimulado ministrando aos animais uma refeição que contenha farinha de pescado (Archer e cols., 1976).

A proteína desviada e a ingestão de alimentos

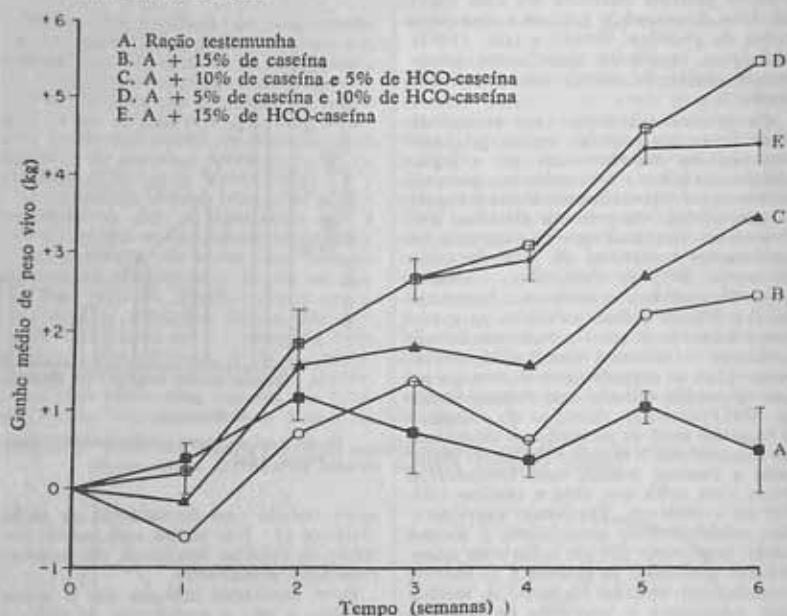
O efeito da proteína desviada em todas as rações utilizadas nestes laboratórios (Universidade de Nova Inglaterra, Austrália) ajustou-se, em grande parte, mediante a estimulação da ingestão de alimentos (Gráfico 7) como indica a relação linear existente entre a ingestão de alimentos e a velocidade de crescimento com todas as rações utilizadas em ambos os estudos.

O RUME E OS FATORES METABÓLICOS QUE INFLUEM NAS NECESSIDADES DE PROTEÍNAS DESVIADAS

• Eficiência da síntese da proteína microbiana

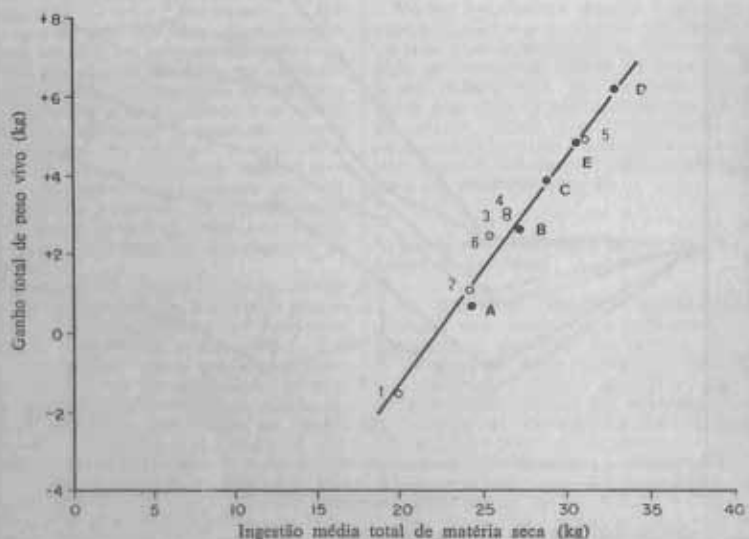
A eficiência da síntese da proteína microbiana, expressada como quantidade de aminoácidos microbianos disponíveis pa-

Gráfico 6. Crescimento de cordeiros alimentados com uma ração baseada em forragens grosseiras suplementada com caseína, HCO-caseína e quantidades graduadas de caseínas e HCO-caseína



1. 70% de casca de aveia e 30% de celulose pura de madeira. madeira.

Gráfico 7. Relação entre ingestão total de matéria seca e o ganho de peso vivo dos cordeiros alimentados com as rações resumidas nos Gráficos 5 e 6



selaria
SÃO JOSÉ
são paulo

Qualidade
e
Tradição

Av. Santo Amaro, 655 -
Fones: 543-5859 - 61-8234
CEP 04505 - SÃO PAULO

ra sua absorção no intestino delgado por unidade de matéria orgânica fermentada no rúme (MOF) tem que influir notavelmente nas necessidades de aminoácidos dietéticos.

São muitos os fatores que influem nesta eficiência (Quadro 1), entre eles a ingestão de alimentos, o tipo de alimentação, a idade do animal e a espécie utilizada ou a técnica experimental. Para cada kg de MOF, calcula-se que entre 15 e 35 gramas de N saem do rúme dos ovinos em forma de proteína microbiana (Thomas, 1973). É difícil relacionar grande parte deste trabalho com a situação de alimentação prática já que muitos destes dados foram obtidos com animais que consumiam 85 a 95% de ingestos alimentares *ad libitum*. Em algumas rações a restrição desses ingestos altera notavelmente a composição específica das comunidades microbianas. Isto se produz, por exemplo nas rações baseadas em cereais, nas quais, uma restrição dos ingestos de alimentos se traduz no aparecimento de uma grande população protozoária (Eadie & Mann, 1970). Parece que, inclusive com regimes de alimentação *ad libitum*, a disponibilidade de proteína microbiana por kg de MOF varia e é evidente que isto constitui um fator que se deve considerar quando se formulam as rações.

• Alteração de microrganismos no rúme

A quantidade de proteína microbiana disponível para a digestão intestinal dependerá da eficiência do crescimento microbiano, o qual é afetado pela velocidade de degradação das células microbianas no rúme. Quanto mais permaneça o microrganismo no rúme, mais facilmente ele ficará danificado e digerido na pança, com a consequente diminuição do efluxo de microrganismos. Os danos e a degradação dos microrganismos são provocados pela depredação por parte de protozoários que ingerem ativamente as bactérias e pela infecção de bacteriófagos e micoplasmas (Hoogenraad & cols., 1967). A morte dos protozoários e bactérias pode ser precedida de notáveis alterações nas condições ambientais do rúme (Leng, 1976). Os microrganismos mortos são substratos para outros microrganismos e se fermentam para converterem-se em AGV, amoníaco e metano. Tem-se demonstrado que no rúme se produz um ciclo interior ($\text{NH}_3 - \text{N} \rightarrow \text{N}$ microbiano $\rightarrow \text{NH}_3 - \text{N}$) o que sugere que pelo menos 30% da biomassa microbiana se degrada continuamente no rúme (Nolan & Leng, 1973).

• Retenção de protozoários no rúme

Parece que os protozoários não abandonam o rúme em quantidade proporcional a sua concentração no fluido da pança (Weller & Pilgrim, 1974; Leng & Preston,

1976; Baigent & cols., 1976). Se estes organismos não saem do rúme, é provável que se reponham nesse órgão, pois seu número varia dia após dia. Esta reposição no rúme reduzirá a disponibilidade de proteína microbiana para o animal.

• Digestibilidade dos microrganismos ruminais

Com frequência tem-se considerado que a digestibilidade dos microrganismos do rúme é constante. No entanto, os resultados conseguidos recentemente indicam que a digestibilidade dos micróbios ruminais no intestino delgado pode oscilar de 30 a 70% (Smith, 1975). Isto exercerá um acentuado efeito sobre a proteína desviada que os animais necessitam para uma produção ótima.

• Disponibilidade da cadeia ramificada e de ácidos mais graxos

Há indícios de que a cadeia ramificada e os AGV mais fortes são fatores essenciais para o crescimento de alguns microrganismos ruminais nos animais que recebem rações pobres em proteínas, a ingestão de alimentos e a velocidade de fermentação foi possível estimular suplementando as rações com esses materiais (Hemsley & Moir, 1963). Os ácidos valérico e isobutírico também são glicogênicos e parte da maior ingestão de alimentos pode ser atribuída a seus efeitos aminoácidos estimulantes.

• Tipo de fermentação

A eficiência do crescimento microbiano no rúme pode variar segundo o tipo de fermentação, como indica a proporção molar de AGV. Tem-se comunicado rendimentos microbianos mais elevados nas rações nas quais a proporção de propionato é elevada (Jackson & cols., 1971) mas trata-se de um ponto discutível. A presença de protozoários entodionômorfos no rúme tem sido associada com um tipo de fermentação rica em butirato e pobre em propionato (Schwartz & Gilchrist, 1975).

Havendo protozoários pode haver dificuldades para a produção animal: uma quantidade menor de proteína microbiana aproveitável e uma necessidade maior de glicogênese já que é absorvido menos propionato. O efeito geral pode ser um requisito maior de proteína dietética. Isto só se converterá em fator limitante se a disponibilidade de proteína dietética é baixa e as necessidades dos animais elevadas.

Quadro 2. Solubilidade de várias farinhas ou farelos protéicos

Farina ou farelo	Solubilidade, % fermentada
Carne	30
Pescado	20-80
Soja	20-70
Lupino	65
Caseína	100
Caseína tratada com formaldeído	0-10
Amendoim	65
Amendoim tratado com formaldeído	20
Amendoim aquecido	20
Semente de linho (aquecida)	20
Semente de algodão (aquecida)	20
Alfafa desidratada	40
Feno de alfafa	60
Trevo fresco	75
Trevo seco	45
Azevém	65-100
Silagem	70-80
Silagem arejada	50-70
Cereais	30-50

Nota: Os valores podem variar consideravelmente entre as amostras segundo grande número de variáveis que devem ser consideradas exclusivamente como orientação.

NECESSIDADE DE GLICOSE E METABOLISMO DOS RUMINANTES

• Ação recíproca entre as necessidades de glicose e de aminoácidos

As respostas à proteína desviada talvez se devam completamente a uma ministration maior de aminoácidos essenciais para o animal. Nos resultados obtidos por estes laboratórios muitas provas indicam que, pelo menos em parte, a resposta pode ser atribuída à ministration de aminoácidos glicogênicos que podem contribuir para satisfazer as "necessidades" de glicose. Este é um ponto sumamente importante, já que significa que as respostas às proteínas de elevada qualidade ou de má qualidade, definidas em termos de composição aminoácida, podem ser semelhantes e, também, que podem ser obtidas respostas a outros materiais glicogênicos, tais como o propionato e os carboidratos que escapam da fermentação ruminal.

Dispõem-se de estudos recentes sobre o metabolismo da glicose (Leng, 1970; Lindsay, 1970) e por isto este assunto somente será aqui discutido muito sumariamente. Não é possível determinar diretamente as necessidades de glicose dos ruminantes. Dá-se como certo que as necessidades e a velocidade de síntese guardam uma estreita correlação, já que qualquer síntese extra, não necessária, pode ser muito dissipadora do ponto de vista energético, posto que a glicogênese é cus-

tosa em termos de necessidade de energia. A síntese da glicose nos ruminantes relaciona-se com a ingestão de energia digestível (Judson & Leng, 1968), a fase de crescimento, a fase de prenhez e a lactação (Gráfico 4).

Em geral parece que a glicose não é absorvida em quantidades importantes, salvo no caso de animais que recebem rações baseadas em cereais, p. ex., milho (Armstrong, 1972). Os maiores precursores da glicose nos ruminantes são o ácido propiônico e os aminoácidos; entretanto, vários dos substratos (p. ex. os ácidos ramificados e ricos de gordura, etc.) também podem contribuir em pequena, mas importante, medida (Leng, 1970).

Quando as necessidades de aminoácidos são elevadas, as velocidades de síntese glicósica são elevadas (Gráfico 4). O tipo de requisitos, quando à glicose, parece muito com o correspondente dos aminoácidos, o que indica que parte da necessidade aparentemente elevada de aminoácidos pode referir-se aos precursores da glicose. Por conseguinte, ao contrário do que se afirmava anteriormente (Leng, 1970), é possível que, em condições nas quais a produtividade seja potencialmente elevada, os ruminantes encontrem dificuldades para sintetizar suficiente glicose, especialmente com rações relativamente pobres de proteínas. Durante o crescimento e a lactação pode haver necessidades competidoras de aminoácidos para a síntese glicósica e para a deposição protéica. O ponto importante que convém sublinhar aqui é que nos ruminantes em crescimento, em gestação ou em lactação existe uma forte demanda de aminoácidos para a deposição protéica e tanto de aminoácidos como de propionato para a síntese glicósica. A importância central da glicose manifesta-se pelo fato de que 20 a 30% das calorías digestíveis disponíveis para os ovinos podem passar através do fundo glicósico (Judson & Leng, 1973).

• Aminoácidos da proteína desviada

A probabilidade de que parte das respostas obtidas com os suplementos de proteínas dietéticas possa ser atribuída à mineração de materiais glicogênicos implica que a composição em aminoácidos essenciais de proteína desviada talvez não seja tão vital como antes se admitia. Por exemplo, obtiveram-se velocidades de crescimento iguais em bezerros alimentados com rações pobres de proteínas complementadas com um suplemento de farelo de sementes de algodão ou de farinha de peixe (Djajaneegara e cols., 1976).

Explicação da falta de resposta aos suplementos de proteína desviada

Entre os trabalhos publicados há muitos estudos que registram uma falta de resposta à "proteção" das proteínas na ração para ruminantes. Os motivos podem estar no tipo de ração e em seu preparo, nos níveis de alimentação ou no estado produtivo dos animais. Em muitos casos, grande parte da proteína é insolúvel naturalmente e o nível de proteína desviada na chamada ração "testemunha" já é suficiente.

Por exemplo, as proteínas de farinha de peixe contêm, em geral, níveis elevados de proteína desviada e no entanto são muitos os investigadores que examinaram os efeitos do tratamento dessas farinhas com o formaldeído. Ademais, quando as rações "protegidas" e "não protegidas" são ministradas na forma de grânulos, as rações testemunhas podem conter também níveis elevados de proteína desviada devido ao aquecimento e por conseguinte, não se observam respostas ao tratamento.

Unicamente são possíveis respostas à proteína desviada quando as necessidades de aminoácidos não foram satisfeitas e por isso não se pode esperar quando os animais se acham em condições de baixa produção, como p. ex. os ruminantes não ges-

tantes, não lactantes, quase adultos ou adultos, nos quais as necessidades protéicas são reduzidas ou a ingestão calórica se acha limitada.

Conclusões

Tratamos de demonstrar as relações mútuas entre as necessidades dos ruminantes de aminoácidos e de glicose. É evidente que as recomendações do passado sobre as necessidades de proteína dos ruminantes eram excessivamente simples e exigem hoje uma revisão.

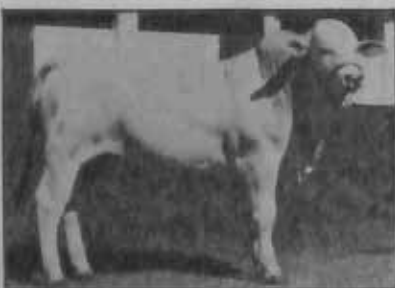
As recomendações atuais quanto ao conteúdo protéico das rações para o crescimento e a produção de leite dos ruminantes baseiam-se em estudos efetuados com rações experimentais que continham importantes quantidades de proteína desviada. As rações concentradas contêm proteína desviada e, além disso, tendem a manter sistemas microbianos eficazes no rúmen, com o que se reduz ao mínimo a necessidade de proteína desviada.

Especialmente hoje é evidente que as necessidades de proteína não podem ser determinadas adequadamente em termos de proteína bruta digestível. As necessidades estabelecidas desta forma se aplicam exclusivamente às condições particulares nas quais tenham sido determinadas. Não têm aplicação geral e com frequência tornam-se inadequadas.

As necessidades de proteína dos ruminantes têm que ser expressas em termos de:

- quantidades de aminoácidos essenciais absorvidos por unidade de energia digestível;
- quantidades de precursores glicogênicos ou seja, aminoácido glicogênico e ácido propiônico em particular) por unidade de energia digestível;
- quantidades mínimas de aminoácidos essenciais em relação aos precursores glicogênicos.

Nas recomendações acerca do conteúdo protéico de uma ração para ruminantes é preciso considerar:



TOURINHO 3/4 MARCHIGIANA - NELORE
ZAIRO DE ITAPEVA
REG. A7636 - NASC. EM 14.12.83
DESENVOLV. PONDORAL

IDADE DIAS	AO NASCER	205	365	550	730
PESO KG	36	355	528	724	901
GANHO DIÁRIO KG/DIA	—	1,660	1,352	1,252	1,187

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO MARCHIGIANA - NELORE

FAZENDA CERRADO DE CIMA

ISRAEL SVERNER

ITAPEVA - SP - km 266 da Rodovia SP 258

ENTRE CAPÃO BONITO E ITAPEVA

SELEÇÃO E VENDA DE REPRODUTORES

MARCHIGIANA PO E CRUZADOS 7/8 E 3/4

INFORMAÇÕES:

EM S. PAULO: (011) 548 0083

TELEX 011.22388

EM ITAPEVA: (101) PEDIR TAQUARI VAI *RAM. 24

A NOITE (0155) 221425

a. a porcentagem de proteína dietética que se degrada insuficientemente no rúmen e se digere no intestino delgado;

b. a disponibilidade de N no rúmen (ou seja, o nível de amoníaco ruminal);

c. o tipo de fermentação;

d. a influência da composição específica da comunidade microbiana do rúmen sobre a quantidade e digestibilidade da proteína microbiana que chega ao intestino.

A avaliação dos alimentos, como fonte de proteína para os ruminantes deve ser feita em termos de:

a. disponibilidade de N na forma de amoníaco e aminoácido para os micróbios ruminais;

b. disponibilidade de proteína desviada no intestino delgado e suas digestão;

c. capacidade da proteína para fornecer aminoácidos essenciais e precursores glicocídicos.

A adequação do tratamento dos alimentos também tem que ser avaliada em virtude desses fatores.

Em condições aplicadas estas estipulações podem ser difíceis de satisfazer, mas todo intento de ensinar, investigar ou praticar que ignore ou interprete mal estas complexidades torna-se necessariamente inadequado. É provável que a forma prática de formular rações ótimas quanto à proteína, do ponto de vista nutricional e econômico, exigirá investigações ou um método de mensuração comparativa no sistema de produção ou um amplo ele-

mento de empirismo. Sem embargo, os fatores considerados anteriormente devem oferecer uma base racional para estes enfoques. Acentuemos que os princípios desenvolvidos devem ser aplicados a todos os sistemas de alimentação e em particular aqueles que utilizam subprodutos agroindustriais pobres em proteínas. As principais considerações são: (i) que é necessário assegurar-se, primeiramente, que os microrganismos ruminais não tenham limitações quanto ao N (ou seja, amoníaco) e (ii) que o animal não tenha limitações quanto aos aminoácidos (glicocídicos ou essenciais).

A resposta dos ruminantes que recebem rações pobres em proteínas à proteína suplementar de desvio se traduz em uma ingestão maior de alimentos e é determinada facilmente nos ensaios de alimentação. Não é fácil determinar a adequação de N para os microrganismos em condições práticas mas, em geral, pode-se fazer isso relativamente com pouco custo, mediante adição ordinária de 2 a 4% de uréia aos alimentos (outras formas baratas de NNP totalmente disponíveis bastarão também para este fim; p. ex. esterco de aves). A estes níveis é pouco difícil que se produzam problemas de toxicidade e esta estratégia pode ser, por conseguinte, utilizada sempre que se suspeite de que existe deficiência de N solúvel.

Em todos os países há uma grande necessidade de avaliar os farelos e farinhas proteicas disponíveis no comércio, com o objetivo de determinar seu valor potencial como alimento para os ruminantes.

O ensaio de crescimento de cordeiros aperfeiçoando em nossos laboratórios pode ser um dos meios de obtê-lo em condições normais que existem em diversos centros. — Kempton, T.J.; Nolan, J.V.; Leng, R.A. — Nitrogênio no proteico y proteínas desviadas — princípios para su empleo en las raciones de ruminantes. *R. Mundial Zootec.* (22): 1-9, 1977, 46 refs.

Notas da R.: Os autores deste trabalho trabalham no Departamento de Bioquímica e Nutrição, Faculdade de Ciência Rural, Universidade de New England, Armidale, Nova Gales do Sul, Austrália. Para este estudo utilizaram uma considerável quantidade de dados inéditos desses laboratórios, inclusive estudos subvencionados pela Comissão de Pesquisas sobre a Lã da Austrália, a Comissão de Pesquisas sobre a Carne da Austrália, a Comissão de Bolsas de Pesquisas da Austrália e O Fundo de Desenvolvimento de Créditos Rurais. Os autores agradecem o Prof. G.L. McClymont por sua intervenção constitutiva durante o preparo dos originais.

2. * A leitura do trabalho de Virtanen, A.J.; Ettala, T.; Mäkinen, S., do Instituto de Pesquisas Bioquímicas de Helsinque, Finlândia, traduzido e publicado em *Zootecnia* 11 (2): 113-48, 1973, sob o título de "Produção de leite de vacas alimentadas com uma dieta purificada isenta de proteína, com uréia e sais amoniacais como fonte única de nitrogênio e com dietas não purificadas contendo quantidades crescentes de proteína verdadeira", pode ser interessante e permitir melhor compreensão de certos conceitos emitidos no presente artigo australiano.

A garantia do produto está no nome: MANGUINHOS.

O LABORATÓRIO MANGUINHOS tem 60 anos de tradição, qualidade e eficácia, com excelentes produtos no combate às doenças infecciosas, parasitárias e carências nutritivas.

E agora, para maior tranquilidade dos criadores, O LABORATÓRIO MANGUINHOS lança três novos produtos.

- A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA (exclusiva)
- O TETRAMISOL MANGUINHOS
- O ADE MANGUINHOS (Vitamina pré-época de secas)



Produtos Veterinários Manguinhos
Rua Francisco Manuel, 91
Rio de Janeiro
Tels.: (021) 284-6533 e 284-6298



• O ADE MANGUINHOS, para melhorar a fertilidade dos rebanhos, amplia a capacidade de produção leiteira.



• O TETRAMISOL MANGUINHOS, um vermífugo indicado no tratamento das verminoses, previne a contaminação das explorações bovinas, suínas, caprinas e ovíparas.



• A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA específica para ser utilizada em animais de todas as idades na grande importância, prevenindo a mortalidade em condições de fermentação, corrigindo a infecção após uma cirurgia, ou ainda mais frequente para o surgimento desta doença ÚNICA NO BRASIL.

III - Capim-gramafante, nova gramínea para as pastagens do Brasil

Segundo divulgam fontes diversas, está sendo experimentado com sucesso no Rio Grande do Sul e outros Estados, uma nova gramínea forrageira que promete bom ganho de peso dos bovinos e alta resistência à seca.

Trata-se do capim-gramafante que foi introduzido no Brasil pelas mãos do padre jesuíta, já falecido, José Bernal Restrepo, biólogo e seu descobridor.

O referido capim foi obtido em 1965 mediante cruzamentos induzidos pelo sistema SOB (químico-biológico) do capim-efante vr. Napier e o capim-imperial, ambos bem conhecidos de nossos criadores. A carga genética de uma forrageira foi introduzida na de outra, através de refinados processos de biotecnologia.

O Padre Restrepo trabalhava, então, em uma estação experimental na Colômbia

e a nova forrageira obtida mostrou ser dotada de melhor pilosidade, apetibilidade e resistência à seca.

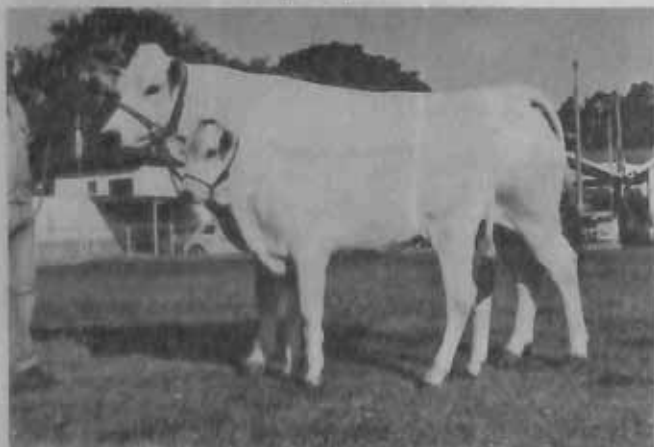
Entusiasmado com os resultados da nova forrageira o Dr. Adão Vasconcelos, diretor da Agropecuária Pampa, adquiriu uma granja de 146 hectares e iniciou a execução de um projeto de produção do eludido capim na Cooperativa Triticola de Giruá, a 510 km de Porto Alegre. Isto ocorreu há quase um ano e daí para cá vêm sendo produzidas e vendidas mudas de capim-gramafante que são muito procuradas pelos criadores gaúchos e de outros Estados. Segundo informam há mercado para venda de mudas durante cerca de dez anos.

Vasconcelos mantém convênio com produtores e pecuaristas de quatro localidades situadas no Brasil e dez no exterior, visando à aclimação dessa forrageira. O

novo capim já foi testado em todo o País, tendo-se comportado satisfatoriamente, mas seu melhor desempenho foi no Piauí e em Roraima, em função do calor e umidade. Sua produção é naturalmente proporcional à fertilidade do solo. No Mato Grosso, em Goiás e no Rio de Janeiro a gramafante tem revelado boa adaptação.

Segundo nota inserta na "Folha Agropecuária" de 28.12.1985, em condições ideais, essa forrageira chega a produzir 600 t de massa verde/ha por ano o que permite alimentar até 30 cabeças com a média de 300 kg, quando cortada e fornecida em cochos. Possui em média 20% de proteína na matéria seca. Vasconcelos, em sistema de pastejo condicionado, conta ter conseguido a lotação permanente de 25 cabeças/ha, o que possibilitou um ganho de peso vivo médio de 25 kg por mês para gado de corte.

4M - CHIANINA - 4M Adaptação - Fertilidade - Mais peso



TUSCÂNIA 4M — com Aosta 4M, pai Erolcomico

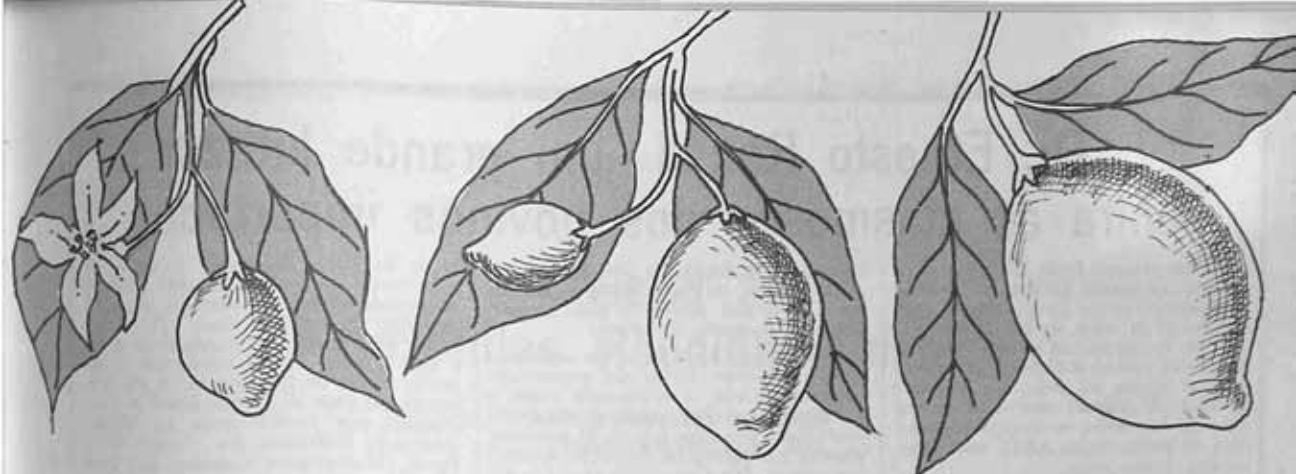
Ganhe mais cruzando
com CHIANINA

Quatro Meninas
Agro-Pecuária Ltda.

Fazenda de Areas

BOA SORTE — Município: Cantagalo - RJ
Tel.: 7 (via 101)

Rio (021) 210-1203 e 245-0980



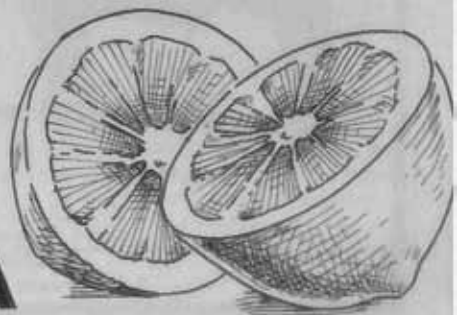
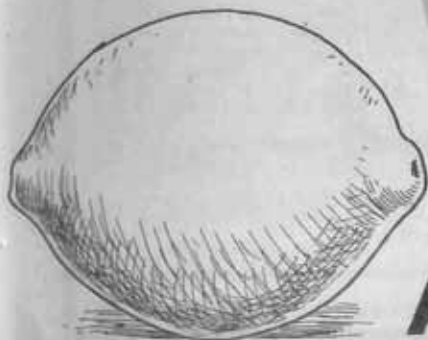
**Plante seu anúncio
no Suplemento Agrícola.
Você vai colher bons
resultados.**

PROPRIEDADES RURAIS ATINGIDAS (*)	
Suplemento Agrícola	89.713
D. Rural	35.918
A Granja	17.943

* Fonte: Pesquisa: "O Homem do Campo" - CBB & A

Para anunciar, peça
detalhes pelos telefones
856-2555 e 856-2556
(Depto. de Publicidade).

SUPLEMENTO
AGRICOLA
O ESTADO DE S. PAULO



IV - Dr. Ernesto Ranali - um grande lutador contra as plasmoses dos bovinos importados

No ano próximo findo, RRZ deixou de registrar em tempo hábil e de lamentar o passamento do Dr. Ernesto Ranali, ocorrido em 12 de maio, em São Paulo.

O Dr. Ranali foi um técnico extraordinariamente operoso e dedicado, quer como servidor público no antigo Departamento da Produção Animal, quer como encarregado da assistência veterinária aos rebanhos de associados da A.B.C., onde atuou durante muitos anos.

Logo após sua formatura pela Escola de Medicina Veterinária de São Paulo, Ranali ingressou no Departamento da Produção Animal onde foi trabalhar como dedicado auxiliar dos Drs. Otto Stephens e Amâncio Candido Esqueibel que tinham sob sua responsabilidade o Serviço de Premunicação contra as Babesioses no Posto Zootécnico (Parque Fernando Costa). Esse serviço fora instalado para receber e tratar todos os bovinos de raças alienígenas que ingressavam no Estado de São Paulo, visando a minorar com os meios então existentes os males provenientes das doenças veiculadas pelos carrapatos.

Graças aos trabalhos dos Drs. L. Piccollo, A. A. Brandão, O. Stephens, A. C. Esqueibel e mais recentemente, mas notadamente no período de 1947 a 1964, puderam ser incorporados ao patrimônio

zootécnico do Estado de São Paulo e regiões vizinhas do País, valiosos animais puros de origem, mormente gado especializado na produção de leite.

Quem desejar estabelecer um confronto entre o passado (antes da premunicação contra a tristeza) e o presente (após a premunicação) deverá examinar os dados propiciados por duas fontes: a) a revista pioneira em matéria de Produção Animal, semi-oficial, "O Criador Paulista", referente aos anos de 1970 a 1920, aproximadamente e b) os relatórios dos trabalhos atinentes ao Posto Zootécnico da Capital (Departamento da Produção Animal) onde foram realizados os serviços de premunicação contra a chamada "malária dos bovinos" de todos os quase todos os bovinos de raças européias que ingressaram no Estado de São Paulo, procedentes, portanto de áreas indenes dessa doença.

Premunicação como sabemos é "a resistência de um hospedeiro a um agente etiológico animado enquanto e somente enquanto estiver albergando este último. É caso típico da premunicação contra a tuberculose pelo BCG".

Segundo dados propiciados pelo Dr. Ranali a este redator em 1964, o movimento de bovinos no Serviço de Premu-

nição do Posto Zootécnico do DPA de São Paulo, no período de 1947 a cerca da metade de 1964, ascendeu a um total de 5.869 cabeças, das quais 133 sucumbiram durante a fase de tratamento (piro e anaplasmose) o que corresponde a um índice médio ou geral de 2,27% de letalidade. As raças de bovinos foram as mais diversas, com predominância das Holandesas m.p., Holandesas m.v., Jersey, Suíça Parda, Dinamarquesa, Guernsey, Red Poll, Charoleta e Chianina. O referido índice seria bem menor não fora a concomitância, em certos anos, de surtos de febre aftosa (geralmente logo após as exposições de animais realizadas no Parque "Fernando Costa"). Essa média de 2,27% não tem a menor importância quando a comparamos com o índice de 97% de óbitos verificados nos tempos do Posto Zootécnico da Mooca, antecessor ao Posto situado na Água Branca. Naqueles tempos não se fazia a premunicação e a doença era combatida com várias drogas tais como o Azul de Tripa e a Tripaflavina.

Ranali também realizou experiências com vários quimioterápicos destinados a combater a "tristeza". Assim, ele publicou só ou de parceria com outros, ensaios feitos com o "Ganaseg", o "10.667 R.P.", a "Acromicida" e outros babasídicos.

Fazenda Morada dos Búfalos

Nelson Luiz Baeta Neves

CRIAÇÃO E SELEÇÃO

RAÇAS MURRAH E JAFARABAD, CONTROLADAS PELA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CRIADORES DE BÚFALOS



DILÓVIO nasc. 8/5/85



GALILÉIA nasc. 17/4/82

Rod. BR/050 km 489 Entrada Posto das Bandeiras/Rio
Santa Gertrudis — Uberaba - MG

Contato: Luiz Roberto Muniz Baeta Neves

Tels.: Franca (016) 722-2481 Res. Uberaba (034) 332-4181



Visita às Fazendas Reunidas Castilho

ARTUR PAGLIUSI GONZAGA
Criador em Getulina - SP

Em três de abril de 1985, fomos rever a "Fazendinha", a "Balança" e a "São Joaquim", propriedades do Doutor Adáldio José de Castilho, em Novo Horizonte - SP, depois de longos vinte e um anos de nossa primeira ida lá, que ocorreu em 1964.

Lá estivemos ao início de nossa criação de Mangalargas, de nossa entrada para o quadro associativo da A.B.C.C.R. Mangalarga. Lá permanecemos com o objetivo de aprender a montar, a trabalhar no campo com o Mangalarga, pôr o cavalo na toada, fazer longas caminhadas, exigir o máximo do Mangalarga no galope e nos volteios atrás do boi arisco, coisas que a tropa de N.H. já fazia muito bem. E o tempo foi passando; nós sempre ficando de voltar à origem de nosso aprendizado. E, por isso, voltamos.

Adáldio, então, com os meninos



ICARO DE N.H.

Dioguinho e Adáldio ainda agarrados a saia de Dona Altair, começou a criar Mangalarga em 1959, vendendo 72 éguas sem registro e comprando 12 éguas Mangalarga, com o dinheiro, então, apurado. Foram elas: compradas de Celso Torquato Junqueira em número de 09 (Zona, Zumbaia, Zombaria, Zaga, Vareta, Tradição, Querela, Ximbaúva, Xerga); comprada de Lourenço Pires de Campos uma (Neblina-Flóri); comprada de Eduardo Diniz Junqueira uma (Lamparina); e comprada de Oséas Clibas de Almeida Prado (Gazela-Flóri).

Depois, adquiriu Baluarte da Nata (por Kalú-Capitel e Martha-Flóri-Maxixe). De Baluarte logo nasceram: 1 — Cínthia de N.H., filha de Zaga; 2 — Dama da Noite de N.H., filha de Lamparina; 3 — Estrela D'Alva, por Xerga.

Gazela-Flóri veio a ser enxertada de Cartil (por Supremo e Cabreúva), daí nascendo Ícaro de N.H., que

logo foi Campeão do Cinquentenário de Presidente Prudente-SP, e Campeão Potro na Primeira Semana do Cavalo em São Paulo.

De Ícaro de N.H. nasceram: 1: com Zaga, Índia de N.H. (Reservada Grande Campeã e Vice Campeã de Prova de Marcha e Resistência da IX Exposição de Equídeos de Goiânia-1973); 2: com Ximbaúva, Galante de N.H. (Reservado de Grande Campeão Cavalo na IX Exposição Nacional de Equídeos de Goiânia-1973).

De Galante de N.H., com Xerga, nasceu Ideal de N.H. Este, com Juriti de N.H., produziu Pinguim de N.H. Este, com Marimba de N.H., produziu Xilarmônico de N.H., a entrar na reprodução atualmente, com 92 pontos de registro, classificação, portanto, muito boa, Campeão do Terceiro Teste de Garanhões da A.B.C.C.R.M. em Colina-1980, e mais uma notável descendência na Tropa de N.H., especialmente Xarda de N.H. (filha de Imperatriz de N.H.) 3.º Prêmio na Exposição de São Paulo-1985, julgado por juiz argentino.

Nessa já referida exposição de Goiânia de 1973, é que cinco crias de N.H. (Cacique, Cimarlon, Dengo, Gabarito e Havano) fizeram a marcha a pé de Novo Horizonte para Goiânia, o que se constituiu na histórica Maratona de Novo Horizonte a Goiânia, provando a resistência do Mangalarga e especificamente a resistência da tropa de N.H.

Depois de Baluarte, Adáldio adquiriu também da Tropa da Nata, de Badih Aidar, mais dois cavalos: Juazeiro e Granadeiro.



BALUARTE DA NATA



ZÍNGARA DE N.H.



VIRIL DE N.H.

Juazeiro da Nata era filho de Regente-Flóri, este por Maxixe. Juazeiro, com Zona, produziu Maranhão de N.H.; este, com Noiva de N.H., produziu Viril de N.H., a entrar na reprodução da tropa de N.H., com registro ótimo, 96 pontos de registro, 1,59 m de cernelha.

Granadeiro da Nata era filho de Sheik e da famosa Mulatinha, tendo sido Campeão Cavalo em 1973, em Lins e em Presidente Prudente. Granadeiro, com Gentileza de N.H., (filha de Ícaro de N.H. e de Gazela-

Flóri), produziu Libuno de N.H., que foi Reservado Campeão Cavalo em São Paulo, em 1976. Libuno, com Juriti de N.H. (filha de Astuto da Nata e de Araponga de N.H.) produziu URUTAU de N.H. E com uma filha sua, de nome Quadrilha de N.H. (Libuno e Juriti), produzia a esplêndida potra Zíngara de N.H., ora com dois anos de idade.

Urutau de N.H., na época da visita, estava participando com outro Mangalarga do "Papu" e com o burro Lambarí de N.H., da MARATONA

PELA AMÉRICA DO SUL, iniciado em 25 de novembro de 1984, passando de Novo Horizonte por Fóz do Iguaçu, Assumpção, Argentina, Chile, Cordilheira dos Andes, Peru, La Paz-Bolívia, Corumbá, Campo Grande, Três Lagoas, Andradina, Araçatuba, Penápolis, José Bonifácio, Mendonça, Sales e de volta a Novo Horizonte.

A viagem foi feita pelo Casal francês Michelle Corson e Stéphane Bigo, procurando sentir a comodidade, a rusticidade do nosso Mangalarga.



URUTAU DE N.H.



XILARMÔNICO DE N.H.



Os animais, Lambari (o burro), Yamani (castrado) e URUTAU (futuro reprodutor da tropa de N.H.), saíram-se muito bem, galhardamente mesmo da viagem, impressionando os franceses, que afirmaram que URUTAU melhorou dia a dia, demonstrando rusticidade, faculdade de adaptação, suavidade nos andamentos, faculdade de recuperação, energia, gosto de andar, impulsão equilibrada e de temperamento leal, aceitando o cavaleiro, aguardando com firmeza suas ordens, para realizá-las prazerosamente. URUTAU, que quer dizer pássaro noturno que canta, como se fosse choro de criança, durante as noites nas matas, saiu para a viagem com 1,54 m de cernelha e, apesar das agruras da longa caminhada, cresceu, ao chegar, três centímetros, fechando 1,57 m de cernelha. Sempre, segundo os franceses, apresentou apetite feroz, comendo tudo que lhe serviam, não estranhando a diversidade do arraçoamento dos diversos lugares por onde passou.

Ao meio da longa viagem, já tendo caminhado 2.500 quilômetros, em Salta-Argentina, URUTAU ainda encontrou disposição de "pular uma cerca, depois de desarreado, e acabar cobrindo uma égua local", ape-

sar de ter até perdido um pouco de peso, segundo informou seu gine, em carta aberta à A.B.C.C.R. Mangalarga. Com essa cobertura quem sabe os argentinos conseguirão um cavalo que consiga ultrapassar as alturas da Cordilheira dos Andes...

E voltaram os franceses, com os três animais, em 12 de dezembro de 1985, chegando a Novo Horizonte, em perfeita forma, consoante tive oportunidade de ver com meus próprios olhos, pois lá estive, assistindo a uma festa maravilhosa, não só uma festa cívica, com o coroamento das grandes qualidades de nosso Mangalarga, encarnado no URUTAU, e com a presença de criadores e autoridades, destacando-se o Cônsul da França em São Paulo, que não deixou de louvar a organização imposta por Novo Horizonte e por Adáldio Castilho, que não deixou faltar nem o Hino Nacional Brasileiro, executado pela Banda local, como também o Hino Nacional Francês, tocado em fita, para grande emoção dos franceses presentes. A festa, como dizíamos, não foi só cívica, mas também social, com extraordinária recepção na casa dos Castilho, onde fomos, antes da chegada dos animais, divinamente recepcionados por Dona Altair, e com

enorme churrasco, para toda Novo Horizonte, organizado no Club de Rodeio da Cidade.

Na chegada, observei que URUTAU estava mais forte, maior de estatura, mais musculoso e principalmente sem nenhum derrame em seus saudios membros. E pronto para padrear as belezas das Fazendas Reunidas Castilho, das quais não podemos deixar de destacar: 1: Valentia de N.H., por Libuno de N.H. e Ousadia de N.H. (Ideal de N.H. e Cínthia de N.H.); 2: Xiba de N.H., por Ingá C.R. e Quadrilha de N.H. (por Libuno de N.H. e Juriti de N.H.); 3: Brava de N.H., por Libuno de N.H. e Tirana de N.H. (por Nitrato e Marquesa), verdadeiras jóias dentro da Raça Mangalarga.

Assim, com URUTAU de N.H., já cavalo, e com os potros ATLA de N.H. (por Atlas e Lolita, filha de Granadeiro e Laica) e AZ DE OURO (por Libuno de N.H. e Imperatriz, filha de Rei de Ouros e de Zombaria), a Tropa de N.H. irá, sem dúvida, elevar o verdadeiro cavalo de sela brasileiro, o CAVALO MANGALARGA, ao seu devido lugar: o mais cômodo e resistente, além de ser o mais LEAL dos equinos de sela do Brasil.

Marília, 18 de fevereiro de 1986.

FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031





HERDADE CAPRICO - UM CASO DE "INFERTILIDADE DE ORIGEM AUTO-IMUNE"

Em novembro de 1983, fomos chamados para atender um garanhão da raça Mangalarga Marchador, de nome Herdade Capricho; 11 anos de idade, de propriedade dos senhores Newton Stutzernecker e Pedro Luciano Balbo de Queiroz, devido a um grande número de éguas retornarem ao cio, após serem cobertas por este animal.

Na anamnese constatamos uma estória de traumatismo a nível de testículo que resultou em um processo de degeneração testicular com posterior infertilidade.

Ao exame clínico observamos que o animal se encontrava em bom estado geral, e ao exame dos órgãos reprodutores constatamos, uma assimetria dos testículos, com consistência alterada, provavelmente devido a reação inflamatória decorrente do traumatismo. Durante o exame funcional, observamos libido normal, tendo sido o sêmen coletado através da vagina artificial. A análise do sêmen revelou: volume normal de aproximadamente 20 ml, concentração espermática alta, de $0,45 \times 10^6$ cel/ml e motilidade espermática ausente, ou seja, todos os espermatozoides mostraram-se imóveis. Nesta mesma ocasião, foi provocado o esgotamento do animal, numa tentativa de examinar células mais novas, mas o resultado permaneceu o mesmo, todos os espermatozoides continuavam imóveis.

Passado alguns meses, desse exame inicial, entramos em contato com o Dr. Eduardo Marsiglia espe-

cialista em andrologia humana e tentamos relacionar o caso acima descrito com patologias já conhecidas no homem cuja etiologia se deve a presença de anticorpos anti-espermatozoides com propriedades imobilizantes. A presença desses auto anticorpos no soro do animal foi detectada através do Teste de Imobilização de Espermatozói de descrito por ISOJIMA, LI & ASHITAKA, 1968. Esses auto anti-corpos são produzidos em situações de quebra da barreira hemato-testicular, quando os espermatozoides entram em contato com o seu próprio sistema imunológico, condição essa dada pelo traumatismo sofrido pelo animal.

Após a constatação da presença de auto anticorpos imobilizantes no soro desse animal, achamos por bem instituir um tratamento baseado na etiologia auto-imune do processo. Foi realizado um esquema de tratamento a base de corticóides, o qual apresentou ótimos resultados, inclusive com prenhez de uma égua. O tratamento foi suspenso e um novo programa teve início em setembro de 1985, para o aproveitamento desse garanhão nessa estação de monta.

O sêmen foi novamente avaliado após um período de tratamento, com um aumento crescente da motilidade espermática. No 10.º dia de tratamento o sêmen apresentava 30% de motilidade, no 15.º dia o sêmen tinha uma motilidade de cerca de 70%, permanecendo com esses valores até o final do tratamento. Nesse período foram cobertas 20



Herdade Capricho

éguas, com prenhez positiva de 75%.

Estamos portanto frente a um caso de Infertilidade de origem auto-imune, com presença de anticorpos anti-espermatozoides imobilizantes o que faz com que esse animal seja dependente de medicamento para que apresente uma reprodução efetiva.

— FREDERICO OZANAM PAPA

— MARIA DENISE LOPES BRANCO

— MARCO ANTONIO ALVARENGA

— Docentes da Área de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia — UNESP — Botucatu.

— PAULO ROBERTO NOVAES RAMIRES

— Residente (R-1) da Disciplina de Reprodução Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia — UNESP.

— DR. EDUARDO A. P. MARSIGLIA

— Médico Andrologista — Avenida Nossa Senhora da Penha, 570 — Vitória — Espírito Santo.



QUARTO DE MILHA

"O cavalo
mais versátil
do mundo".

Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha

NOTÍCIAS
ABQM

CALENDÁRIO DO CAMPEONATO NACIONAL DE 86

Será iniciado no dia 26 de abril, na cidade paranaense de Maringá, o IX Campeonato Nacional do Cavalo Quarto de Milha de Conformação e Trabalho, que este ano será realizado em oito etapas. Além de Maringá, as cidades de Goiânia, Ourinhos, Campos, Araçatuba, Uberlândia, Presidente Prudente e Bauru, serão sedes de uma das mais importantes competições equinas do País. Baseada no enorme sucesso que foi o VIII Campeonato, em 85, a ABQM, reunirá um número significativo de participantes em cada etapa.

1ª etapa	abril	26,27 e 28	Maringá – PR
2ª etapa	maio	08,09 e 10	Goiânia – GO
3ª etapa	maio/junho	29,30,31 e 01	Ourinhos – SP
4ª etapa	junho	13,14 e 15	Campos – RJ
5ª etapa	julho	04,05 e 06	Araçatuba – SP
6ª etapa	agosto	29,30 e 31	Uberlândia – MG
7ª etapa	setembro	12,13 e 14	Presidente Prudente – SP
8ª etapa	novembro	07,08 e 09	Bauru – SP

EXPECTATIVA EM TORNO DO POTRO DO FUTURO 86

Muita expectativa envolve a realização do Grande Prêmio ABQM Potro do Futuro 86. Este ano, a ABQM resolveu congregar todos os eventos relacionados com ele em uma só cidade. Devido às vantagens que oferece quanto a alojamentos, pistas, posição geográfica, etc..., Ribeirão Preto foi escolhida. Assim, as provas serão realizadas de 7 a 13 de julho, no recinto de Exposições da FEAPAM. Proximamente, a ABQM divulgará com mais detalhes as datas de cada evento, nome de hotéis, etc...

A programação, já definida, será esta:
Petro do Futuro Trabalho – geração 1982
Petro do Futuro Corrida – geração 1983
Petro do Futuro Conformação – geração 1984

Abrilhantando o acontecimento haverá também cursos e palestras sobre o Quarto de Milha, convenção das diretorias regionais, leilões oficiais e festividades sociais de confraternização dos associados da ABQM.

A ABQM ESPERA CONTAR COM TODOS NA GRANDE FESTA DO CAVALO QUARTO DE MILHA.

CURSOS DE APARTAÇÃO E JULGAMENTO EM GOIÂNIA

Dois cursos, de apartação e de julgamento, presididos pelo campeão mundial na modalidade apartação, Mike Mowery, serão ministrados durante a realização da Exposição de Goiânia, de 7 a 15 de junho.

A oportunidade para um contato com o

reconhecida técnica do campeão será única. Mike já deu aulas para alguns apartadores brasileiros, que são unânimes ao reconhecer de forma positiva a técnica do mestre americano.

Os preços serão os seguintes: apartação (42 OTNs); julgamento (12 OTNs).

QUARTO DE MILHA PROGRAMAÇÃO OFICIAL 86

Abril

- 4 - Presidente Prudente
Leilão Rancho Quarto de Milha
- 5/6 - Ribeirão Preto
G.P. Pres. Euclydes Aranha Neto – II.
Preparatório
- 19/20 - Ribeirão Preto
G.P. Rainha da Velocidade
- 25/26/27/28 - Maringá
Iª Etapa IX Campeonato Nacional
- 26 - Assis
Leilão Fazenda Berrante

Maio

- 3/4 - Ribeirão Preto
G.P. Pres. Sérgio P. de Almeida – III.
Preparatório
- 08/09/10 - Goiânia
IIª Etapa do IX Campeonato Nacional
- 17/18 - Ribeirão Preto
G.P. São Paulo
- 29/30/31 e 1 junho
IIIª Etapa do IX Campeonato Nacional
- 31 - Presidente Prudente
Leilão King Ranch do Brasil S/A

Junho

- 7/8 - Ribeirão Preto
Eliminatórias ABQM Petro do Futuro
- 13/14/15 - Campos
IVª Etapa do Campeonato Nacional
- 14/15 - São Paulo
(Parque Água Branca)
Leilão Especial Q.M.
- 21/22 - Ribeirão Preto
Semifinais ABQM Petro do Futuro

SEBASTIÃO SANTOS JR. –
Assessoria de Imprensa

PARDA SUÍÇA: Controle de Desenvolvimento Ponderal

Dr. PEDRO MELGUIZO RAMOS

Superintendente Técnico da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo Suíço

A raça Parda Suíça (SCHWYZ) nas provas oficiais de controle de peso também se destaca é uma das recordistas nacionais.

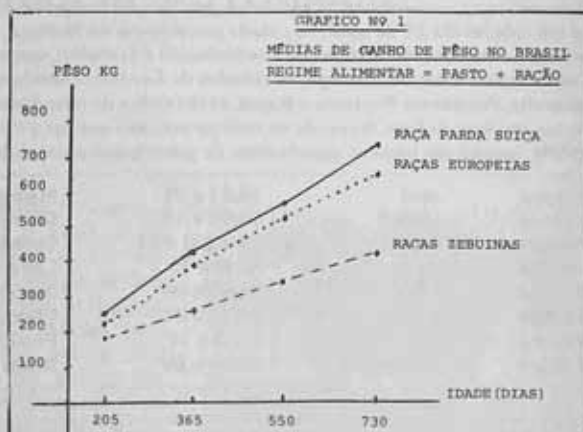
Em três rebanhos de criadores de gado puro de origem, sendo dois de Lages em Santa Catarina e um do Estado de São Paulo em Campinas submetidos ao controle de Desenvolvimento Ponderal Oficial da Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo Suíço através de delegação à Associação Catarinense de Criadores de Bovinos e Associação Brasileira de Criadores respectivamente no período de 1975 a 1984 com pesagem realizadas a cada dois meses, as médias obtidas nas idades padrões de 205, 365, 550 e 730 dias foram as seguintes:

QUADRO I — Pesos médios (em quilos) ajustados as diferentes idades padrões.

IDADE (DIAS)	205	365	550	730
SEXO				
MACHOS	247	406	535	739
FÊMEAS	207	295	372	437

Estes dados são altamente significativos quando comparados aos resultados oficiais obtidos para as demais raças em nosso país, colocando a Parda Suíça como segunda melhor raça no controle de Desenvolvimento Ponderal no Brasil.

Para se avaliar melhor estes resultados vide quadro II e gráfico 1 a seguir:



QUADRO II — Pesos médios (em quilos) obtidos no Brasil, nas diferentes idades padrões para a raça Parda Suíça e para as raças especializadas na produção de carne, com regime alimentar de pasto e ração.

IDADE (DIAS)		205	365	550	730
MACHOS	Parda Suíça	247	406	535	739
	Raças Zebuínas	173	250	336	420
	Europeias especializadas para carne	222	365	518	645
	MÉDIA GERAL	213	345	465	577
FÊMEAS	Parda Suíça	207	295	372	437
	Raças Zebuínas	158	220	281	335
	Europeias especializadas para carne	198	306	423	487
	MÉDIA GERAL	174	277	369	430

QUADRO III — Número de animais, pesos médios (em quilos) ajustados as diferentes idades padrões e respectivos ganhos médios diários de peso (em quilos) observados na Raça Parda Suíça no Brasil no período de 1975 a 1984.

IDADE	205 dias			365 dias			550 dias			730 dias		
SEXO	n.º	PESO (kg)	GD	n.º	PESO (kg)	GD	n.º	PESO (kg)	GD	n.º	PESO (kg)	GD
MACHOS	178	246,865	0,992	85	405,517	0,992	31	535,419	0,702	11	738,727	1,129
FÊMEAS	196	207,128	0,816	157	294,854	0,548	121	372,025	0,429	80	437,112	0,362

OBSERVAÇÕES: N.º = Número de Animais (Amostra)

PESO = Peso Médio (kg) obtido na amostra Respetiva

G.D. = Ganho médio diário de peso (em kg)

Seria interessante que outros criadores submetessem seus animais a esta prova zootécnica pois o número de animais até esta data é reduzido conforme se verifica no quadro III.

Mais importante que os ganhos médios diários de peso nas diferentes idades padrões de 365 a 550 dias e de 550 a 730 dias são os ganhos diários de peso desde o nascimento e de após o desmame até a idade padrão a ser considerada. Estes dados constam dos quadros IV e V a seguir.

QUADRO IV — Ganho médio de peso (em gramas) diário desde o nascimento para animais Puros de Origem da Raça Parda Suíça.

IDADE (DIAS)	205	365	550	730
SEXO				
MACHOS	985	988	892	950
FÊMEAS	815	698	604	544

QUADRO V — Ganho médio de peso (em gramas) diário desde o desmame para animais Puros de Origem da Raça Parda Suíça.

IDADE (DIAS)	365	550	730
SEXO			
MACHOS	992	1178	937
FÊMEAS	548	673	438

O peso médio ao nascer para animais Puros de Origem da Raça Parda Suíça no Brasil é de 45 e 40 quilos respectivamente para machos e fêmeas.

Os pesos máximos observados nas diferentes idades padrões, por sexo, foram as seguintes:

QUADRO VI — Pesos máximos nas diferentes idades padrões, obtidos por animais da raça Parda Suíça, nascidos no Brasil.

Idade padrão (dias)	Machos		Fêmeas	
	Nome	Peso (kg)	Nome	Peso (kg)
205	S.B. Escravo	425	S.B. Etrusca	357
365	P.J. Ebano	557	S.B. Europa	461
550	P.J. Ebano	728	S.B. Europa	608
730	P.J. Ebano	929	P.J. Indira	622

Pelos dados obtidos aqui descritos verifica-se que as fêmeas apesar de apresentarem um desenvolvimento mais lento que os machos são bastante precoces atingindo o peso mínimo para cobertura de 350 quilos aos 17 meses e portanto podendo ter a primeira parição aos 26 meses.

CRESCIMENTO E REPRODUÇÃO EM GADO NELORE



VISÃO DO CRIADOR E DO PESQUISADOR

ARTHUR DA SILVA MARIANTE
ARNALDO ZANCANER

Esta publicação deverá ser de grande valia para os criadores interessados em melhorar a composição genética e o manejo de seus rebanhos; para os pesquisadores interessados na análise e interpretação de dados de gado de corte, bem como para os extensionistas interessados em aprender de que forma os dados de pesquisa podem ser usados para melhorar o manejo do rebanho.

PREÇO: Cr\$ 60,00

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024
São Paulo - SP



MARCHIGIANA

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA
Avenida Francisco Matarazzo, 455 — CEP: 05001 — Fone: 62-2279 — SP

Editorial

PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS PARA 1986

É cada vez mais crescente, seja nas propriedades que se dedicam ao seu criatório ou nas Exposições e Leilões de que tem participado, a procura de Reprodutores e Cruzados da raça Marchigiana. Sabem, assim, os criadores e associados da Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiana que seus esforços têm sido amplamente recompensados. Estão cientes, também, de que uma das melhores fontes de divulgação da raça têm sido as Exposições e Leilões onde, certamente, novos espaços estão sendo abertos para a MARCHIGIANA. Por essa razão, a exemplo do que vem fazendo desde o início de sua gestão, a atual diretoria da ABCM tem, para 1986, uma ampla Programação de Eventos e para cuja ativa participação tem chamado a atenção de todos. Assim, já no mês de abril, no período de 4 a 13, teremos a realização da XXVI Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina-PR e o VII LEILÃO NACIONAL DA RAÇA MARCHIGIANA, a ter lugar na mesma ocasião e local. Acha-se em estudos, ainda, a participação da Marchigiana (pela 1.ª vez) na tradicional Exposição de Uberlândia-MG, em agosto próximo. E, para coroamento de todo esse trabalho de difusão de uma raça, teremos, em novembro, a Grande Expô de Bauru-SP, na qual a raça Marchigiana confirmará, com a sua participação no evento, toda a sua pujança, já sobejamente demonstrada no ano passado.

E assim, de sucesso em sucesso, confirmando e superando recordes anteriores, vai a raça MARCHIGIANA ganhando o lugar de destaque que bem merece na pecuária de corte do Brasil.

Divulgação Técnica

VALOR DOS RESULTADOS DAS PROVAS ZOOTÉCNICAS PARA O AUMENTO DA PRODUTIVIDADE E MELHORAMENTO GENÉTICO DO GADO DE CORTE A NÍVEL DE REBANHO

Antonio P. Pereira Vieira (*)

Publicações técnicas têm, ultimamente, enfatizado a necessidade da valorização

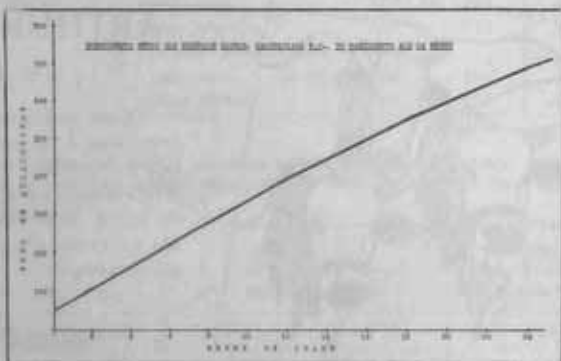
dos dados obtidos nas provas zootécnicas como: o Controle do Desenvolvimento Ponderal, as Provas de Ganho de Peso, as Provas de Progenie, além dos cálculos dos Coeficientes de Eficiência Reprodutiva e Habilidade Materna Mais Provável das Matrizes. Essas provas fornecem elementos elucidativos que, devidamente analisados, orientam o criador na seleção de seus animais que demonstrem propensão e um melhor desempenho como reprodutores(as).

Está ultrapassada a fase da seleção apenas no julgamento do exterior do animal. A sua performance nas Exposições e Feiras, suas premiações e sua perfeição do ponto de vista do Padrão Racial, valorizam-no e marcam pontos na sua escolha como provável reprodutor melhorador. Esses fatores, porém, embora importantes, não são decisivos nem tampouco predominantes. Importa mais sua performance individual e de seus antepassados próximos, nos pesos ajustados aos 205 dias (desmame); 365 dias (um ano) e 550 dias (sobreano), pesos esses que demonstram grande herdabilidade e, portanto, grandes possibilidades de transmissibilidade à sua progênie. Além disso, para a seleção das matrizes, principalmente para os programas de Transferência de Embriões,

deve ser levado em conta o Coeficiente de Eficiência Reprodutiva como fator importante para o aumento da produtividade do rebanho.

A Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiana, pelo seu Departamento Técnico, efetua o Controle do Desenvolvimento Ponderal de quase a totalidade de seu rebanho Puro de Origem, e de apreciável parcela dos produtos cruzados registrados; efetua o cálculo do Coeficiente de Eficiência Reprodutiva da totalidade das matrizes Puras de Origem registradas e tem incentivado a presença de animais Marchigiana nas Provas de Ganho de Peso oficiais, como a realizada pela Estação Experimental de Zootecnia, de Sertãozinho.

Dessa forma, o Departamento Técnico da ABCM acredita estar no caminho certo, orientando e incentivando os criadores-associados a promoverem uma melhor seleção de seus reprodutores(as) e, na oportunidade, lembra uma advertência feita pelo zootecnista prof. Vicente de Paula M. Peloso, em artigo publicado nesta Revista, quando afirma: "O desempenho individual do reprodutor é apenas um indicativo, necessitando de ser complementado pelo desempenho da Progênie."



(*) Secretário-Executivo da ABCM.

A Bovitec tem o trio perfeito para a identificação:

**Tradição.
Qualidade.
Opção.**

Identificação correta significa:
matéria-prima de resistência comprovada;
visualização perfeita; aplicação rápida
e eficaz.

Sob esse critério a Bovitec vem manufacturando
seus brincos há mais de **15 anos** e
contribuindo assim para o
desenvolvimento
da pecuária.

Um produto verdadeiro
não tem substituto.



Bovitag III médio



Bovitag III grande



Bovitag III pequeno



Bovitag III especial
2 faces



Bovitag III 1 face



Bovitag III 1 face



Bovitag III 1 face



Bovitag



Bovitag II



BOVITEC®

Produtos Agropecuários Ltda.

Rua Duarte de Azevedo, 449 - fone 267-6477 (PABX)
Telex (011) 33069 - BOVI-BR - São Paulo - SP

Considerações sobre a velhice e morte dos animais

Walter C. Battiston

Continuadamente se escreve sobre como criar bens os animais domésticos, como alimentá-los adequadamente ou tratá-los quando estiverem doentes, mas pouco se tem comentado em relação à meta final da vida, que é a **morte**. Compreende-se que não é muito agradável comentar-se sobre esse problema, mas afinal, por que morrem os animais?

Para melhor compreender a questão, devemos dar alguns "volteios" e nos relacionarmos com o que ocorre com o homem, sem dúvida o animal melhor estudado na escala zoológica.

Iniciaremos afirmando que todos os animais têm sua existência com duração limitada, não "durando para sempre", como se costuma dizer; depois de nascido, qualquer ser vivo passará por três fases vitais: **crescimento, amadurecimento e envelhecimento**. Toda essa evolução conduzirá à **morte**. No presente comentário, nos deteremos à fase do envelhecimento, velhice ou senelitude, que é acompanhada de diversos processos físicos e químicos, cujas manifestações serão manifestadas pela diminuição da capacidade funcional dos diversos órgãos. Notam-se, assim, a perda de peso (às vezes excesso de gordura por alteração do sistema glandular), diminuição do porte (o animal dá a impressão de ter se "encolhido"), atrofiamento das células dos órgãos, especialmente dos músculos; no interior dos vasos sanguíneos depositam-se a **colesterina** ou **colesterol** ocorrendo também outras alterações.

O termo **biomorfoses** foi criado na Medicina para englobar todas as modificações ocorridas desde o nascimento até à morte do ser, alterações essas que dependem de dois ti-

pos de fatores: **ambientais e hereditários**. Com o homem a biomorfose é bem estudada, tendo-se, modernamente, a especialização médica conhecida por **gerontologia**, ligada aos problemas que aparecem com a velhice. Através dela e dos estudos estatísticos, sabe-se, por exemplo que a duração da vida humana aumentou significativamente nas últimas décadas, principalmente nos países com mais recursos econômicos, pela aplicação de medidas sanitárias, higiênicas e alimentares. No que se refere à alimentação, convém salientar que o excesso tem provocado sérios problemas entre os humanos, que cada vez mais estão apelando pelo "conforto" do automóvel, reuniões sociais "ricas" em comestíveis e bebidas; para os animais, talvez a questão não seja tão grave, a menos que se trate de certas fêmeas que terão dificuldade de procriação, pelo depósito de gordura nos órgãos genitais. Para os animais destinados ao abate, até que a engorda é recomendável, convindo dar-lhes bastante alimentos.

Também para as espécies animais, as técnicas modernas, se não lhes aumentaram o tempo de vida, propiciaram condições para que elas pudessem ser aproveitadas em melhores condições e em menor tempo de vivência.

A predisposição, isto é a facilidade para "pegar" algumas doenças estão relacionadas com o metabolismo corpóreo e com a estrutura dos órgãos, pode-se notar que certas partes do corpo, como a pele, os vasos sanguíneos e as cartilagens, apresentam menor elasticidade e maior flacidez (molesas), especialmente nos músculos, com o avançar da idade; nessas ocasiões há perda

da capacidade de retenção de água e alterações nos sistemas nervoso e glandular (a perda de memória em homem ou mulher velhos é bastante característica).

No sistema circulatório do sangue, surge a arteriosclerose, aumento da pressão sanguínea, diminuição da capacidade de adaptação do coração aos esforços, como a corrida etc. A atividade sexual diminui bastante, em consequência da alteração na produção de hormônio oriundo das glândulas sexuais (chamadas de gônadas). Na fêmea da espécie humana, aparece o estado conhecido por **menopausa**, que, além da parada do ciclo menstrual, acarreta também distúrbios nervosos e outros; na espécie animal ainda não foram constatados esses fenômenos "psíquicos".

Para os chamados "animais de fazenda", o estudo das alterações surgidas na velhice é difícil, dado o interesse comercial, que, em geral, leva rapidamente ao abate o animal, que quase sempre não chega a ficar "velho" na propriedade; entretanto, em outras espécies já foram constatadas alterações tais como desgaste do esqueleto, especialmente nas articulações (juntas) dos cavalos e lesões na coluna vertebral (linha de dorso) no cão. As vacas velhas, de modo geral, podem apresentar "afrouxamento" dos tendões do úbere, e também dos tendões e ligamentos dos membros (aprumos defeituosos); algumas chegam a perder dentes ou modificarem a coloração da pelagem. Os touros podem ficar "pesados" e preguiçosos tanto para andar como para "cobrir".

Quase sempre as chamadas "atividades vitais", devido à "falência" dos órgãos vitais principais e do sis-

tema regulador, vão se paralisando na medida que a idade avança. Com a dificuldade da circulação sanguínea, surgem transtornos nas trocas de oxigênio e resíduos, que são transportados pelo sangue, diminuindo com isso, a produção de energia livre; ao mesmo tempo vão se "acumulando" os elementos que deveriam ser eliminados através da corrente sanguínea. Em consequência desse quadro haverá a **autólise** (auto destruição) dos tecidos, isto é, a destruição dos componentes dos órgãos afetados.

Com o progredir dessa situação, o final será a morte; com ela, logicamente paralisam-se todas as funções e surgem os primeiros "sintomas": parada da respiração e dos "batimentos" do coração e a perda dos reflexos. Entretanto, no corpo as paralisações não acontecem todas de uma vez: a parte que "morre" primeiramente é o grupo de células nervosas logo depois à paralisação do coração; decorridas umas poucas horas as fibras musculares endurecem, pela desintegração das proteínas e surge a "rigidez cadavérica".

Para quem estuda o assunto que estamos abordando, existem dois tipos de morte: "morte clínica" e "morte verdadeira". No primeiro caso há paralisação das atividades do coração e da corrente sanguínea, bem como de outras funções, mas o animal continua "consciente" (pelo menos em parte) durante 4 a 5 minutos, até que venha a "morte verdadeira". Nesse pequeno intervalo de tempo, com a paralisação da circulação do sangue e consequente falta de oxigênio, as células se degeneram, acumulando-se ácido láctico; se houver a reanimação artificial, com a chegada do oxigênio forçada, através de aparelhos (processo conhecido como respiração artificial), dentro desse prazo de 4 ou 5 minutos, poderá haver a "ressuscitação" do moribundo. Passado esse tempo, porém, nada poderá ser feito, por serem irreversíveis as alterações que ocorreram. Em se tratando de animais de pequeno porte (cães, coelhos etc.), conseguindo-se "resfriar" o corpo, o sucesso da oxigenação artificial será maior.

Há que lembrar da relação exis-

QUADRO I — Duração da vida e tempo para o nascimento (médias) de algumas espécies animais

Espécies	Tempo de gestação (dias)	Duração da vida (anos)
HOMEM	270-280	60 a 70
CAVALO	330-350	40 a 50
VACA	280-290	20 a 25
CARNEIRO	150	10 a 15
CABRA	150	12 a 15
PORCO	120	14 a 18
CÃO	61-63	10 a 13
GATO	55-57	9 a 10
COBAIA	63	4 a 5
ELEFANTE	628-630	70 a 100
MACACO	250-270	15 a 20
COELHO	30	5 a 7
VEADO	120	18 a 18
BÚFALO	105	28 a 32
Tempo de incubação (dias)		Duração da vida (anos)
POMBA	17-19	30 a 40
GALINHA	20-22	18 a 20
FATA	26-30	45 a 50
GANSO	28-31	60 a 80
MARRECA	27-30	35 a 40

tente entre o porte ou tamanho do animal e intensidade do metabolismo orgânico e a duração do tempo de vida; a explicação pode ser dada quando se sabe da relação entre a superfície corporal e a perda de calor que esse corpo pode sofrer; quanto menor o ser, maiores são as proporções entre seu peso e a superfície de sua pele (sendo maior a eliminação de calor). Com isso, o metabolismo será mais ativo, mas o tempo de vida menor; tudo indica, portanto, que quanto menor for o

exemplar, maior será seu metabolismo e mais cedo ele morrerá.

Será interessante lembrar que se entende por **metabolismo**, o conjunto de fenômenos físicos e químicos pelos quais se fazem a assimilação (anabolismo) e as "destruição" ou desassimilação (catabolismo) dos elementos essenciais à vida.

O Quadro I nos dá a título de curiosidade, o tempo que demora para nascer e a duração da vida, em média, dos animais em condições normais e saudáveis.

ADMINISTRAÇÃO AGROPECUÁRIA

**26.º CURSO INTENSIVO
(INÉDITO)
64 HORAS/AULA**

PROFESSORES DA:
ESALQ, IEA, FEA,
FMVZ, USP e INCRA

Vagas
Limitadas

PROGRAMAÇÃO BÁSICA

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1 - Administração Rural | 6 - Informática na Agricultura |
| 2 - Contabilidade Agrícola-Pessoa Física | 7 - Direito Agrário |
| 3 - Comercialização Agrícola | 8 - Direito Trabalhista |
| 4 - Análise de Investimentos | 9 - Alternativa de Aplicações e |
| 5 - Contabilidade Agrícola-Pessoa Jurídica | Empréstimos Agrícolas |

HORÁRIO: Aos Sábados das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00 hs.

LOCAIS AUDITÓRIOS: vários estados junto às Secretarias de Agricultura



Realização
THOMAS FATHER DO BRASIL - Divisão Agropecuária
Informações: (011) 222-5349 e 222-5490



Westfalia apresenta centrífuga em feira nacional

A Westfalia Separator do Brasil, cuja fábrica fica em Sumaré, SP, apresentará, durante a XVI Feira de Mecânica Nacional (FMN), a nova centrífuga modelo OTB 2, específica para purificação de óleos minerais, destinada ao tratamento de óleos combustíveis, lubrificantes, hidráulicos, de refrigeração e de laminação. De acordo com o fabricante, conhecido no meio agropecuário por seus produtos como a ordenadeira mecânica e outros equipamentos utilizados na indústria de laticínios, esse novo equipamento promove a separação de impurezas sólidas como líquidas; elimina elementos filtrantes sujeitos à substituição, a purificação constante e consegue, no produto final, um alto grau de pureza.

Vendas da Elanco crescem 30% em 85

As vendas dos produtos veterinários da Elanco Química apresentaram crescimento de 30% no ano passado em relação a 1984 e deverão ter um aumento adicional de mais de

10% este ano, segundo previsões da empresa que foram apresentadas na reunião anual de vendas da Divisão de Produtos Veterinários, realizada este mês no Rio de Janeiro.

Segundo Mário Jimenez, gerente de Marketing da Elanco, todos os objetivos propostos inicialmente em 1985, tanto em termos de venda, faturamento e participação no mercado foram alcançados e revelaram crescimentos reais. A linha de anticoccidianos, medicamentos eficazes no combate às moléstias das aves e largamente utilizados pelas grandes granjas avícolas do País, teve comportamento expressivo, pois as vendas desses produtos passaram a ter participação de 22% do total desse mercado.

Holambra exporta US\$ 2,3 milhões em flores

A Cooperativa Agropecuária Holambra, sediada em Jaguariúna, SP, exportou, em 1985, US\$ 2,3 milhões em flores e plantas. Mesmo assim, a empresa, que exportou em 1984 US\$ 2,1, não conseguiu atingir a meta estabelecida no início do ano, que previa vendas de US\$ 2,5 milhões. Mas a meta não foi atingida não por falta de mercado: é que, em 1985, a coo-

perativa abriu mais dois pontos de venda — Brasília e Belo Horizonte — onde ela instalou depósitos de distribuição que absorveram parte da produção que seria destinada ao mercado externo e os produtores não puderam aumentar, em tempo hábil, a produção. Henk de Wit, controller da Holambra, considerou ótimo o desempenho da empresa no mercado externo em 1985, apesar disso. No ano passado, a cooperativa exportou gladiolos, cymbidiums, crisântemos e rosas, absorvidos pela Holanda (60%), Inglaterra, Argentina e Bolívia que, em conjunto, tiveram participação média de 7 a 10%.

Granja Guanabara sai da concordata

Pioneira em pesquisa e melhoramento genético de aves — foi responsável pelo desenvolvimento da primeira linhagem pura de aves no Brasil, capaz de competir, qualitativamente, com as raças importadas dos EUA — a Granja Guanabara saiu da concordata. Porém, após superar as dificuldades econômicas, a empresa não deve prosseguir na avicultura, embora do seu patrimônio conste, hoje, uma granja de 300 mil metros quadrados em Petrópolis. Ela deve investir na agricultura. Isso porque a empresa, que se no-

tabilizou por trabalho com tecnologia de ponta, não se sente encorajada a explorar a avicultura com produção de aves para corte. Mas, pelo menos, os diretores estão satisfeitos com o desfecho — embora a solução tenha implicado em afastamento da Granja Guanabara do trabalho de pesquisa: é que a linhagem desenvolvida por ela caiu em mãos da Embrapa, que está prosseguindo o trabalho.

De acordo com os diretores da Granja, que pediu concordata em 1982, os motivos que arrastaram a empresa à insolvência tiveram origem diversas. Ricardo Bebianno Costa, diretor e filho do fundador da empresa Roberto Bebianno Costa, diz que o epicentro da crise se situa precisamente no crescimento da empresa no mercado brasileiro. "Foi exatamente quando começou a recessão. Com ela, a nossa participação no mercado brasileiro de aves começou a crescer e isso gerou animosidade dos grupos multinacionais que controlam o setor", lembra. "Inicialmente, este grupo começou a plantar boatos de que a qualidade de nossa linhagem não era boa. E, depois, começaram a praticar o dumping, colocando no mercado produtos com preço abaixo do custo", acusa Costa. "Então nossas vendas, a partir daí, caíram 80%, empurrando a empresa para a concordata", acrescenta.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

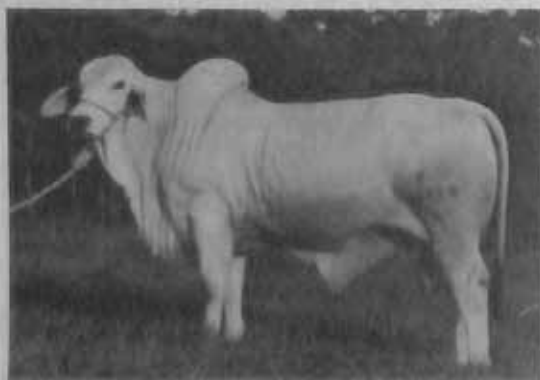
Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117 e
62-1487

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Culabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembleia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 221-0678



Ciclone de Tabapuã T-K 5820
734 kg aos 24 meses

Mantenha o solo de sua propriedade sempre fértil com auxílio da minhoca

Pedro C. Meijer
Fundação ABC

"Para você, agricultor, o arado é um dos mais antigos e valiosos inventos do homem; mas bem antes que ele existisse, a terra foi regularmente arada de fato e ainda continua a ser arada pelas minhocas" (Charles Darwin).

As minhocas têm uma grande capacidade para conservar ou até melhorar a capacidade produtora de um solo de muitas maneiras: arejando-o, criando melhores condições de drenagem, transformando a matéria orgânica nova em alimento vegetal altamente aproveitável e transformando lentamente o sub-solo em solo.

Todos os solos onde ela está presente são de boa produtividade agrícola, fato que a tornou o **Símbolo de boa qualidade do solo**.

Para verificar se o solo contém uma boa população de minhocas, deve-se retirar amostras de terra na forma de blocos com as seguintes medidas: 30 x 30 cm de superfície e 17 cm de profundidade. Encontrando-se 10 minhocas, está muito bom, menos de 02 minhocas é insignificante.

Caso este número não seja satisfatório pode-se produzir minhocas num viveiro e posteriormente inocular as mesmas nas áreas onde haja necessidade. Para instalar um viveiro de minhocas é necessário antes de tudo, produzir um bom composto. Este pode ser produzido de diversas

maneiras e uma das mais simples é a seguinte:

a) Cava-se uma valeta rasa de aproximadamente 1,8 m de comprimento x 1,2 m de largura x 0,4 m de profundidade. Proteger as bordas do buraco com um cordão de terra para evitar a entrada de água de superfícies.

b) Colocar no fundo pedaços de galhos até fazer uma camada de uns 30 cm (para facilitar a drenagem).

c) Sobre os galhos colocar uma camada de 15 cm de palhada ou material verde (folhas, hastes, raízes).

d) Cobrir a palhada com uns 15 cm de esterco novo.

e) Sobre o esterco, colocar uma camada de perto de 1 cm de terra superficial.

f) Polvilhar esta terra com calcário.

g) Fazer uma nova camada de 15 cm de palha ou material verde e seguindo as mesmas seqüências dos itens c até f, até chegar a uma altura perto de 1,2 m.

h) Regar o monte periodicamente, para mantê-lo úmido, porém, não encharcado.

i) Em poucos dias o monte vai se aquecer pela ação das bactérias (fermentação). Após um período de 4 a 6 semanas, não haverá mais calor dentro do monte. Este deverá ser então revolvido na parte superior para apressar a fermentação desta área exposta. Haverá, então, um novo

período de fermentação e aquecimento do monte. Após mais umas 4 a 6 semanas, o composto estará pronto.

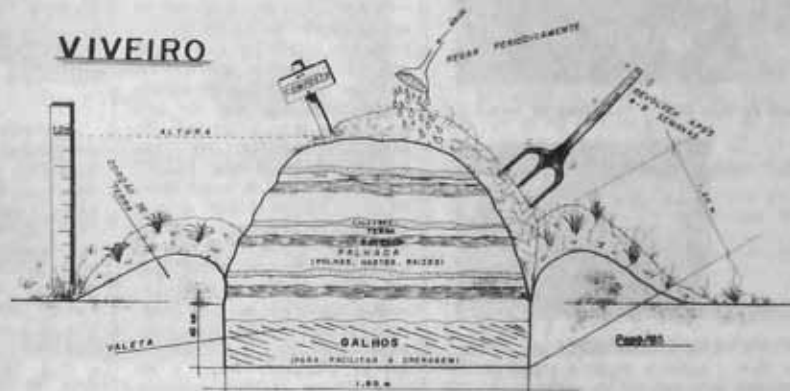
Uma vez produzido o composto, faz-se a inoculação de minhocas. Em diversos locais da pilha do composto faz-se uns buracos onde se coloca de 50 a 100 minhocas. Recomenda-se introduzir perto de 1000 minhocas numa pilha de composto.

Uma unidade deste viveiro poderá suprir material para inocular então uma área de 70 hectares em covas distanciadas 3 m uma da outra, com 10 minhocas adultas por cova. Será necessário dispor de mais composto para colocar nas covas servindo de alimento imediato para as minhocas no novo local (perto de 0,5 kg/cova).

Cleópatra (69 — 30 A.C.) decretou as minhocas como seres sagrados. Aos Egípcios não foi então permitido remover mais nenhuma minhoca do solo e, nem aos agricultores era permitido tocá-las, pois estariam ofendendo o "Deus da Fertilidade". Atualmente, os excrementos depositados na superfície pelas minhocas, no vale do Rio Nilo, no Sudão, chegam a 26 kg por metro quadrado/ano.

Estes e outros assuntos poderão ser observados no livro "AS MINHOCAS" do Eng.º Agr.º Américo C. Meinicke.

VIVEIRO



1º Leilão O.J.C vende Cz\$ 13,5 milhões

O 1.º leilão OJC, do criador de Mangalarga Orpheu José da Costa, realizado no dia 3 de março, no Palácio, em São Paulo, vendeu 50 animais por Cz\$ 13,5 milhões. Foram vendidos 27 éguas Mangalarga por Cz\$ 8.384.000,00, 13 potras por Cz\$ 3.324.000,00, um cavalo por Cz\$ 840 mil e 9 potros por Cz\$ 1.044.000,00. E a grande estrela do leilão foi a fêmea Gaia OJC, nascida em 1982, vendida por Cz\$ 1,2 milhão — um recorde da raça. O animal foi comprado pelo advogado e industrial Paulo Eduardo de Barros Piccin, que iniciou a criação de Mangalarga há menos de 1 ano. Ele também foi o maior comprador do leilão — desembolsou Cz\$ 1,68 milhão. O garanhão Bugre OJC foi outro destaque: foi arrematado por Cz\$ 840 mil. No final do leilão, Orpheu José da Costa sorteou o potro Jogral OJC, ganho pelo criador Luiz Naus, de São João da Boa Vista, SP. Comprou o leilão cerca de 2.000 pessoas.

fêmea árabe, no leilão promovido por ele, em São Paulo, no dia 3, por Cz\$ 7,8 milhões. É um novo recorde nacional para todas as raças: até a semana passada o preço mais alto foi Cz\$ 1,1 milhão — quebrado no dia 3 pelo leilão de Orpheu José da Costa, que vendeu uma fêmea Mangalarga por Cz\$ 1,2 milhão. Porém, nesse mesmo dia, ainda com esse recorde quente, Audi derubou o preço. No total, Audi vendeu 40 animais por Cz\$ 67,9 milhões — média extraordinária de Cz\$ 1,7 milhão. As vendas foram a prazo — os compradores têm cinco anos para pagar, com as prestações corrigidas em OTN.

ABC e Revista dos Criadores prestigiaram a Expoagro

Por ocasião da realização da Exposição Agropecuária do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Criadores e a Revista dos Criadores prestigiaram o evento, montando um elegante estande, onde houve

passado, a Expoagro, evento que veio preencher um vácuo no calendário pecuário de envergadura do Rio de Janeiro, deu sinais de que poderá, nos próximos anos, tornar-se uma das grandes exposições agropecuárias no país. Com o sucesso do primeiro evento, há disposição redobrada dos pecuaristas cariocas e dos organizadores em introduzir, neste ano, grande incremento.

Leilão de Cz\$ 13,9 milhões inaugura Alphacenter

O Alphacenter, de Caio de Alcântara Machado, localizado em Alphaville, teve sua inauguração, como recinto de leilões e grandes eventos, coroada por uma grande venda de cavalos árabes: o III Leilão Internacional do Cavalo Árabe.

Coordenado pela empresa Djalmá B. de Lima Organização de Leilões, o LICA — como é conhecido — levou um público superior a 1.500 pessoas na segunda-feira, dia 24 de fevereiro último.

O LICA reúne quatro dos maiores criadores de cavalo árabe: Antonio Afonso Archilla Galan (Haras Esperança), Cláudio Bardella (do Haras Canapuan), Romildo Carvalho Cunha (Haras Esmeralda) e Sebastião Ferraz Camargo Penteado (Haras Morro Vermelho — pertencente ao grupo Camargo Correa).

O III LICA marcou como um espetáculo de grande beleza, que começou já no sábado — 22 de fevereiro — com a apresentação dos animais no próprio recinto. Uma das grandes vantagens na realização dos leilões no Alphacenter é a possibilidade de que os animais fiquem ao lado do recinto de leilões. No caso específico do evento LICA/86, as baias foram construídas numa área de 1.000 metros quadrados, enquanto o salão principal ocupou 1.500 metros quadrados de área construída.

Após a entrada dos convidados, salão lotado, um trompete executava os primeiros acordes de uma das "Polonesas de Chopin". Logo a seguir, quatro violinos acompa-

nhavam a música, enquanto dirigiam-se ao palco, decorado sobriamente com arcos estilizados, plantas e uma pista com 240 metros quadrados.

Ao encerrar-se a música, o leiloeiro Djalmá Barbosa de Lima dava início ao belo espetáculo; e a platéia não se fez esperar: logo na primeira venda a fêmea prenhe Rabisca MV atingiu o preço de Cz\$ 624 mil.

O grande destaque do evento foi a égua H.E. Golden Girl, uma fêmea com pouco mais de quatro anos, do criador Romildo Carvalho Cunha, vendida por Cz\$ 1,14 milhão. Golden Girl foi adquirida por José Augusto Esteves Corrêa, criador do Rio de Janeiro, também o maior comprador do leilão com um total de Cz\$ 2,076 milhões.

Ao final do leilão, um evento digno de nota, com um faturamento de Cz\$ 13,932 milhões, assim distribuídos:

Cavalos:

Total — Cz\$ 396 mil

Animais — 1

Média — Cz\$ 396 mil

Éguas:

Total — Cz\$ 8.748 milhões

Animais — 18

Média — Cz\$ 486 mil

Potros:

Total — Cz\$ 1.044 milhão

Animais — 6

Média — Cz\$ 174 mil

Potras:

Total — Cz\$ 3.264 milhões

Animais — 9

Média — Cz\$ 362,67 mil

Cota Sadatt: Cz\$ 120 mil

Produto — ainda por nascer da fêmea Kniajna: Cz\$ 360 mil

Nelore na Praça vende Cz\$ 2,18 milhões

Apoiado por uma eficiente campanha de marketing e divulgação, o 1.º Leilão Nelore da Praça obteve um resultado expressivo: vendeu 91 animais por Cz\$ 2,18 milhões, com média de Cz\$ 23,9 mil — considerada muito boa. Por categoria a média ficou em Cz\$ 33,5 mil para fêmeas PO, Cz\$ 17,8 mil para machos PO, Cz\$ 67,5 mil para fêmeas POI e Cz\$ 75 mil para machos POI. O leilão reuniu animais



Piccin e Orpheu ao lado da Gaia OJC, a recordista da raça.

Audi vende fêmea Árabe por Cz\$ 7,8 milhões

O criador de cavalos Árabes, Nagib Audi, vendeu uma



farta distribuição de folhetos sobre o órgão e a revista. Pelo sucesso apresentado no ano

por plantéis da Companhia Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos, Júlio de Mesquita Neto, Luiz Veira de Carvalho Mesquita e Irmãos e Willian Koury e os convidados Alberto Bacarat, Cia. Agropecuária Rio Pardo, Henrique Grembecki Archilla e Werner F. Jost. Os maiores vendedores foram a Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos (25 animais e Cz\$ 710 mil) e Willian Koury (30 animais e Cz\$ 637,5 mil). Os criadores já iniciaram os preparativos para promover o segundo Leilão Neloze da Praça em 1986.

Novo recorde no Neloze

Um novo recorde foi estabelecido na raça Neloze, no Leilão V.R. Especial, realizado, em dezembro, em São Paulo: o garrote Chengar POI da Zebulândia, foi arrematado por Cz\$ 600 mil pelo consórcio

formado pelos criadores Antônio Carlos Polli, Luiz Mesquita e Cia. Agrícola Luiz Zillo e Sobrinhos. O preço justifica: o garrote é filho próprio do notável Karvadi. O garrote, além de ser usado para melhoria genética dos plantéis dos três criadores, será colocado em central de inseminação para coleta de sêmen.



Exposições no Paraguai

6 de Abril

Feira de Outono — Reprodutores: bovinos, equinos e ovinos.

Local — Recinto Mariano Roque Alonso Assunção.
Organização: Associação Rural do Paraguai.

10 a 18 de Maio

7.ª Exposição Nacional de Neloze e Quarto de Milha
Local: Recinto Mariano Roque Alonso Assunção.
Organizações: Associação de Criadores de Neloze e Associação Paraguai de Criadores de Quarto de Milha.

30 e 31 de Maio

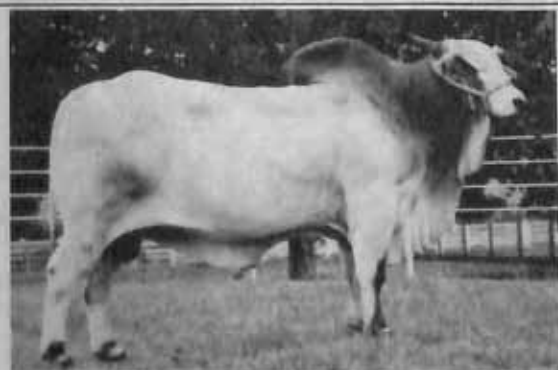
Concurso Nacional de Novilhas Gordas e Feira de Novilhas Especiais.
Local: Recinto Mariano Roque Alonso Assunção.
Organização: Associação Rural do Paraguai.

12 a 20 de Julho

6.ª Exposição e Feira Internacional de Ganadaria, Agricultura, Indústria e Comércio.
Local: Recinto Mariano Roque Alonso Assunção.
Organização: Associação Rural do Paraguai.

Acima de Morfologia fazemos seleção para características de valor econômico **FERTILIDADE E PESO**

23 anos de seleção exclusivamente em regime de pasto e como resultado nossos touros de 2 anos fornecem as seguintes informações:



4M de Nossos Exemplares

- 1) Curva do Desenvolvimento Ponderal Mensal.
- 2) Pesos ajustados para as idades, padrão de 205, 365, 550, 730 dias.
- 3) Índices Ponderais comparativos em relação aos contemporâneos nas idades padrão.
- 4) Ordem de cria da mãe.
- 5) Idade da mãe no parto.
- 6) Média dos intervalos interpartos da mãe.
- 7) Índices Ponderais comparativos da mãe em relação as suas contemporâneas do mês nas idades padrão de 205, 365, 550, 730 dias.



Fazenda Bonsucesso
ARNALDO ZANCANER & FILHOS

GUARARAPES - SP — Fone: (0186) 61-1989

Tratores para pequenos produtores

No dia 14 de fevereiro, Nelson Nicolau, deixando a Secretaria da Agricultura, fez a entrega de 17 tratores, arados e grades à Prefeituras do interior. Os equipamentos serão utilizados em programas de produção de alimentos e pelos pequenos produtores rurais, que pagarão apenas o combustível pelos serviços. As despesas com manutenção e mão-de-obra caberão às Prefeituras.

Armazéns comunitários em São Paulo

Nelson Nicolau anunciou, dia 15, que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já aprovou o financiamento de Cr\$ 150 milhões para a construção de três silos graneleiros. Cada um terá capacidade estática de 40 mil toneladas. Com isso, a capacidade de armazenamento a granel da Ceagesp, órgão da Secretaria da Agricultura, aumenta 20%, passando de 600 mil toneladas para 720 mil toneladas. No mesmo dia, Nicolau informou que o Governo de São Paulo liberou Cr\$ 15 milhões para a construção de 30 armazéns comunitários para 30 municípios que não dispõem de nenhum tipo de armazenamento. Cada armazém terá de 1.500 a 2.000 m quadrados de áreas construídas e capacidade estática média de 15 mil sacas. De acordo com Nicolau, a Secretaria fará a liberação de recursos, cabendo às Prefeituras e produtores a mão-de-obra e o terreno. Os armazéns serão administrados pelos produtores, Prefeituras e Casas da Agricultura.

LTr: "JUBILEU DE OURO"

— 50 anos de Direito do Trabalho

A Editora LTr, internacionalmente conhecida nos meios

jurídicos, trabalhistas e previdenciários, comemora neste ano seu "JUBILEU DE OURO", meio século dedicado ao Direito do Trabalho.

LTr edita mensalmente a consagrada REVISTA LTr-LEGISLAÇÃO DO TRABALHO, uma das mais completas no gênero e mais dois suplementos semanais, um trabalhista e outro tributário. No setor de livros trabalhistas e previdenciários, a editora já publicou mais de 500 obras, de autoria de renomados autores. Dispõe também a editora de livros reproduzidos em braille, para atender à Fundação para o livro do Cego no Brasil. Além de revista, suplementos e livros, a LTr tem se destacado também no setor de cursos, através da LTr-Auditoria Trabalhista.

CONGRESSO DE DIREITO COLETIVO DO TRABALHO

Uma das promoções que marcará o "JUBILEU DE OURO" da LTr, será a realização de um Congresso de Direito Coletivo do Trabalho, que já está sendo coordenado pelo Prof.º AMAURY MASCARO NASCIMENTO. Podendo os interessados desde já obterem melhores informações junto à Editora LTr em São Paulo.

Empresas confirmam participação na Feagro

Já confirmaram presença na 1.ª Feira Nacional de Equipamentos e Técnicas Agrícolas (Feagro), que será realizada de 4 a 13 de julho próximo, no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi, São Paulo, diversas empresas: Mercedes Benz, Ford, Manah, Quimbrasil, Politeo, Fiat, Protombus, Rex Norte, Eutectic, Sansuy, Asvotec, Cesp, Volkswagen, Ceag, Smar, Cisco, Visão, Karcher, Fatec, CBT. Maiores informações, tel.: 884-0887.

Associação Appaloosa divulga calendário de eventos para 86

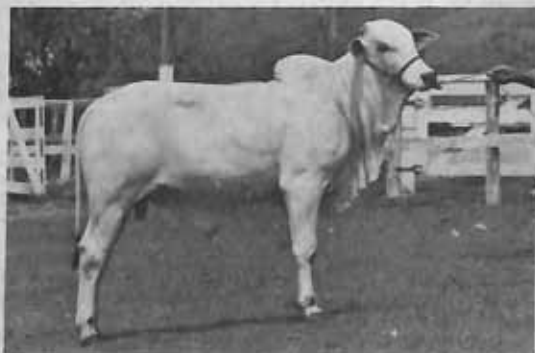
Depois de um ano agitado em termos de realização de

eventos que promovessem, julgassem e comercializassem os cavalos Appaloosa, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da raça já divulga seu novo calendário oficial para 86. Em maio acontecerá, em Uberaba, a primeira etapa do Campeonato Nacional de Conformação de cavalos Appaloosa; a segunda etapa será em junho, em Ourinhos; e em agosto, será a terceira etapa, em Ribeirão Preto. A quarta eliminatória fica para setembro, em Uberlândia; enquanto a quinta será em novembro, na cidade de Bauru, e a grande final será, desta vez, na cidade de Avaré, em dezembro. Também em dezembro, acontecerá em São Paulo, a VI Expande — Exposição de Animais e Produtos Derivados, que é um evento oficial da Appaloosa. Tony Personé, novo presidente da ABCCAP, lembra que além do Campeonato Nacional, a Associação está programando uma série de outros eventos, no sentido de incentivar a criação Appaloosa e popularizar a raça no

Brasil. A Associação dos Criadores de Cavalos Appaloosa fica na Av. Francisco Matarazzo — Prédio do Fazendeiro, São Paulo, tel. 262-9479.

Fazenda Pirai faz sucesso com Charolês e Nelore

A Sociedade Agropecuária Rio Frio, da Fazenda e Haras Pirai, situados no município de Barra do Pirai, Rio de Janeiro, vem alcançando sucesso extraordinário no cruzamento da raça Charolês com Nelore. A mais nova estrela da fazenda e que será usada no cruzamento é Brilhante de Ubás, garrote da raça Nelore PO. Na criação de equinos da raça Appaloosa, o Haras Pirai conta com o ótimo Alejandro, 1/2 sangue Appaloosa.



Brilhante de Ubás



Alejandro

PLANTIO DE ALFAFA

O Jornal da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná fez uma entrevista com dois associados — Albert Kuipers e Manoel Henrique Pereira Júnior — que estão usando alfafa na alimentação de bovinos, como suplemento protéico — que falaram sobre essa leguminosa, a maneira de obter sucesso com o seu plantio, e as técnicas que usaram para o cultivo e manutenção da cultura. Essa entrevista foi publicada no Jornal do DAT.

1) Quando iniciou com alfafa?

AK — Em 08-11-84 com 1,5 ha.

MHP — Em 15-04-85 e finalizado em 30-04-85.

2) Qual a área atual de alfafa na propriedade?

AK — Agora disponho de 3,5 ha. com planos de ampliar a área.

MHP — Área total de 3,50 ha.

3) Como estava a fertilidade do solo antes da correção do solo e agora? Se possível anexar os resultados de análise de solo.

AK — A análise realizada em abril mostra os seguintes índices:

Prof. (cm.)	pH (Ca Cl ₂)	Al	H+Al	Ca	Mg	K	C%	P(PPM)
0-15	5,6	0	2,5	4,87	2,10	0,30	1,65	82,3
15-30	5,3	0	2,75	3,22	1,60	0,30	1,43	13,1

MHP — A primeira análise é antes da correção realizada em abril de 0 — 20 cm, as outras duas referem-se de 0 — 10

Prof. (cm.)	pH (Ca Cl ₂)	Al	H+Al	Ca+Mg	K	C%	P(PPM)
0-20 (Abr.)	4,9	0,12	-	4,60	0,35	2,49	14,2
0-10 (Nov.)	6,0	0,0	3,46	7,65	0,25	2,33	20,6
10-20 (Nov.)	5,3	0,0	4,80	6,15	0,20	2,57	7,3

cm e de 10 — 20 cm após a correção amostradas em novembro:

4) Quais foram as quantidades de cálcio, fósforo, cloreto de potássio, sulfato de zinco, bórax... aplicado antes da semeadura?

AK — Calcário — 12 ton./ha;
Esterco líquido de suíno: 36 m³/ha;
Termofosfato — 1.000 kg/ha;
Bórax — 20 kg/ha;
Cloreto de Potássio — 200 kg/ha;
5-25-25 — 460 kg/ha.

MHP — Calcário — 10 ton/ha.

Fósforo — 1.500 kg/ha.

Sulfato de zinco — 15 kg/ha.

Bórax — 15 kg/ha.

N P K — 1.000 kg/ha (0-20-20).

5) Explique por ordem, quais foram os procedimentos na mecanização e correção do solo até a semeadura:

AK — Calcário; esterco líquido; aração com aiveca a 35 cm; esterco líquido; niveladora; termofosfato; esterco líquido; adubo formulado; grade pesada; pulverização com Treflan 1,8 l/ha; niveladora + rolo compactador; semeadura; rolo pesado (2 seções).

MHP — off-set; pé de pato (60 cm); pé de pato (sentido contrário ao anterior 60 cm); calcário; arado (40 cm); adubação NPK, fósforo; pousio de 30 dias para emergência de ervas e acomodação do solo; off-set; aplicação de bórax e sulfato de zinco; grade niveladora, rolo destorreador; rolo destorreador com tora atrás para nivelar a superfície; plantio.

6) Já fez alguma análise foliar da alfafa? Como estavam os níveis de macro e microelementos?

AK — Os níveis dos nutrientes estavam excelentes: BOM (B) e ALTO (A) a seguir são apresentados os resultados.

N % — 6,0 A
P % — 0,54 A
K % — 3,72 A
Ca % — 0,92 A
Mg % — 0,26 A
Fe (ppm) — 195 A
Mn (ppm) — 36 B
Cu (ppm) — 13 A
Zn (ppm) — 33 B
B (ppm) — 41 A

MHP — A análise foliar será feita nos próximos dias.

7) Tem realizado adubações de manutenção? Em que quantidade e frequência?

AK — 20/1 — Esterco líquido (suínos) 40 m³/ha.

07/03 — Esterco líquido (suínos) 18,5 m³/ha.

24/04 — Esterco líquido (suínos) 42,5 m³/ha.

02/09 — Bórax 20 kg/ha.

01/10 — Esterco líquido (suínos) 21 m³/ha.

Superfósforo simples — 200 kg/ha.

Cloreto de potássio — 260 kg/ha.

MHP — Bórax + Cálcio foliar 1,5 lt/ha — 1.º corte.

Cloreto de Potássio 200 kg/ha — 2.º corte.

8) Poderia descrever quantos cortes já realizou anexando as datas e suas respectivas produções?

AK — 08/11 — semeadura
16/01 — 2.130 kg/ha.
02/03 — 2.066 kg/ha.
22/04 — 2.000 kg/ha.
25/05 — 1.460 kg/ha.
08/07 — 1.460 kg/ha.
17/09 — 400 kg/ha.
07/11 — 1.900 kg/ha.
Média — 11.416 kg/ha/ano.

MHP — 1.º corte — 25/08/85 — 105 fardos de 20 kg 600 kg de m/s ha.

2.º corte — 03/10/85 — 340 fardos de 20 kg 1.942 kg de m/s ha.

3.º corte — 25/11/85 — 650 fardos de 20 kg 3.714 kg de m/s ha.

9) Quais os problemas (pragas, mecanização, plantas daninhas...) que vêm enfrentando e como tem solucionado?

AK — Semeadura: problemas com geada e seca — replantio.

Pulgão — Pírron 0,25 kg/ha.

Guanxuma — controle manual

Falta de sol e, chuva na secagem — alimentação direta no cocho.

MHP — Pragas: controle de pulgão após o 1.º corte — 1,5 l. Ekatim.

controle de pulgão e broca após 2.º corte — 0,5 l. Folldol.

Ervas daninhas: controle de azevém 50 dias após plantio, controle de folhas largas com capina manual por 2 vezes.

10) Qual o maquinário disponível para corte, enlameamento e enfardamento?

AK — Segadeira Condicionadora New Holland; Ancinho N.H.; Enfardadeira N. H. e Banford; enletradeira Lely.

MHP — Enfardadeira New Holland mod. 273; Sepadeira New Holland; Ancinho New Holland.

11) Em relação a secagem, como tem procedido?

AK — Secagem no campo 1 a 3 dias.

MHP — Secagem a campo: Inverno 36 horas após o corte.

Verão 12 horas após o corte, corta-se pela manhã, vira às 14:00 horas, joga duas linhas em uma às 16:00 horas e finalmente enfarda.

Exposição de Marchador do Rio de Janeiro

De 16 a 20 de abril, será realizada, na Fazenda Clube Marapendi, Barra da Tijuca, uma das mais importantes exposições especializadas do Cavalo Mangalarga Marchador, com programação extensa. Estão previstas palestras de renomados hipólogos, como o cel. Edwin Day, diretor da Remonta do Governo argentino e selecionador de cavalos da Rainha da Inglaterra; Leandro Canedo Guimarães, juiz da ABCCMM; e Sérgio Lima Beck, autor do Projeto de Preservação dos Cavalos Selvagens de RR e diretor técnico do Núcleo de Mangalarga Marchador do RJ. Haverá, ainda, a 1.ª etapa do Campeonato Estadual de Provas Funcionais; leilão de cobertura de afamados garanhões da raça; julgamento da raça nos moldes do sistema adotado pelos criadores paulistas de Mangalarga Marchador; campeonato de marcha, projeção de filmes sobre provas funcionais e julgamento de exposições. O evento é promovido pelo núcleo de criadores do Cavalo Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro, r. Monseñor Manoel Gomes, 3, 1.º andar, São Cristóvão, telefone 284-6779.

Curso para processar carne de caprinos

A Caprileite oferecerá um curso sobre processamento de carnes caprinas a nível de campo no campus da Escola Agrotécnica de Florestal, MG, de 21 a 25 de março. Nesse curso, será ensinada a técnica de abate de caprinos a nível de chácara, cortes especiais, preparação de embutidos, defumação, preparação de carne de sol e charques, extração, conservação e curtimento de couros de cabras. O objetivo do curso é ensinar os criadores a valorizar, sob a forma de carnes processadas, a carne menos valorizada de bodes e cabras velhas, sendo, contudo, aplicável a animais de qualquer idade. O curso tem 30 vagas e será dado pelo pro-

fessor Newton Alencar. Os alunos ficarão hospedados no hotel da própria escola, que fica a 60 km de Belo Horizonte, próximo a Pará de Minas. Informações, na Caprileite, à r. Aquiles Lobo, 119, A, tel. (031) 222-3458, Belo Horizonte.

Feagro será em julho, em São Paulo

A 1.ª Feira Nacional de Equipamentos e Técnicas Agropecuárias (Feagro) será realizada no período de 4 a 13 de julho, no Pavilhão de Exposições do Parque do Anhembi, em São Paulo. Participarão, como expositores, as indústrias ligadas à agricultura, agroindústria e pecuária do país. Os organizadores convidaram, também, 300 importadores de produtos brasileiros.

Além da exposição, Salvador Firace, presidente da Feagro, informou que o evento servirá de palco para a realização de um ciclo de debates sobre uma nova política para a agricultura, cujo texto será entregue ao Presidente José Sarney. Firace acredita que a médio prazo poderia se quadruplicar a produção nacional de alimentos se fossem adotadas medidas de estímulo. Ele acha que uma nova política agrícola deverá ser incorporada à Constituição, dando segurança para os investimentos dos agricultores. Firace é presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Rações Balanceadas (Sindicarções) e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Registro de Tabapuã tem prazo dilatado

O Ministério da Agricultura comunicou, através de tele. n.º 0246, de 3 de fevereiro de 1986, à Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), que o prazo para o fechamento do Livro da raça Tabapuã foi prorrogado para até o dia



1.º de abril próximo, desde que a documentação tenha dado entrada no órgão até dia 1.º de fevereiro. Com essa decisão, os criadores de Tabapuã ganharam 60 dias, já que, pela decisão anterior, os criadores poderiam fazer o registro até o dia 1.º de fevereiro.

Por outro lado, o prazo para o fechamento do livro da raça Gir Variedade Mocha só



terminará no dia 1.º de fevereiro de 1991, conforme havia solicitado a Associação Brasileira dos Criadores de Gir e referendada pela ABCZ.

Livro sobre suinocultura

O agrônomo José Ferraz Godinho lançou, pela Editora Nobel, o livro "Suinocultura — Tecnologia Moderada — Formação e Manejo de Pastagens". Na obra, o autor procura mostrar como produzir carne suína de forma barata e com tecnologia simples, usando raças rústicas. O livro ensina como aproveitar os recursos locais, a construção funcional e simples e a administração de alimentos disponíveis na propriedade, como grãos, forrageiras, mandioca, batata e beterraba, além de frutas, hortaliças, intercaladas com subprodutos da indústria alimentícia, vegetal e animal. A obra traz um capítulo especial sobre as forragens, indicando vários tipos, suas características e emprego. O li-

vro tem 190 páginas e custa Cz\$ 99,00 e pode ser obtido à r. da Consolação, 49 ou pelo tel.: (011) 857-9444.



FEALQ promove reuniões técnicas para a agropecuária

A Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz — FEALQ, instituída em 1976, tem por objetivos: colaborar em programas de desenvolvimento econômico-social, realizar pesquisas que atendam as necessidades dos setores público e privado, cooperar com instituições de ensino e pesquisa na área de atuação e promover a divulgação de conhecimentos agrônômicos por diversos meios.

A FEALQ desenvolve atividades em estreita colaboração com outras instituições de pesquisa e universidades do País e do exterior.

Essa colaboração tem sido especialmente intensa em relação à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", a qual está ligada por convênio e por ter sido a ESALQ o berço para a criação e a consolidação da Fundação.

O Programa de Recursos Humanos da ESALQ abrange a realização de seminários, simpósios, conferências, encontros e reuniões técnicas.

Esse Programa é estabelecido juntamente com os diver-

nos Departamentos da ESALQ/USP, onde são realizados os diversos eventos que o compõem.

Uma síntese do Programa de Recursos Humanos para 1986 é apresentada no CATÁLOGO DE EVENTOS FEALQ, que pode ser obtido junto a:

Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz — FEALQ — Av. Carlos Botelho, 1025 — 13.400 — Piracicaba — SP — Fones: (0194) 22.6600 / 22.3491.

Exposição do Zebu já tem calendário

Já foi definido o calendário da 52.ª Exposição Nacional do Gado Zebu que será realizada, no Parque Fernando Costa, em Uberaba, MG, de 3 a 11 de maio. Até o dia 18 de março, as inscrições de animais nos escritórios e associações subdelegadas. Na sede, as inscrições podem ser feitas até o dia 1.º de abril, também o último prazo para a substituição dos animais. Dia 15 de abril, recepção de animais de localidades situadas mais de 700 km de Uberaba. Dias 25, 26 e 27, recepção de animais de todas as localidades e identificação para os destinados à exposição (bovinos e equinos). Dia 28, pesagem de bovinos e ordenha das vacas do Concurso Leiteiro. Dia 29, início do julgamento das raças Gir, Indubrasil e Nelore e ordenha das vacas do Concurso Leiteiro. Dia 30, recepção de animais da Feira do Zebu e ordenha. No mesmo dia, prossegue o julgamento dos animais da raça Gir, Gir Mocha e Sindii, Indubrasil, Guzerá e Tabapuá e Nelore, Nelore Mocha e Nelore variedade de pelagens. Dia 1.º, final do julgamento de bovinos e início do julgamento de equinos, que termina dia 2.

Dia 3, inauguração da 52.ª Exposição, com desfile dos animais campeões. Dia 5, encerramento da Exposição de Equinos do 1.º turno. Dia 6 e 7 recepção de equinos destinados a feição, 2.º turno. Dia 9 e 10, julgamento de Asini-

nos. Dia 11, encerramento da Exposição e da Feira do Zebu.

O Regulamento deste ano é semelhante ao do ano passado, com o acréscimo de apenas uma exigência, formulada pelo Ministério da Agricultura, quanto à tipagem sanguínea, conforme a Portaria 261, de 13 de dezembro de 1985. Em seu artigo 2.º, a Portaria estabelece que "os animais premiados em Exposições e Feiras Agropecuárias, classificadas como nacionais e internacionais, sejam submetidos a tipagem sanguínea em laboratório credenciado pelo Ministério da Agricultura".

"Inseminação artificial e transplante de embriões em caprinos"

O pesquisador francês Jean Marie Cortell, considerado a maior autoridade Mundial de reprodução em caprinos, dará curso no Brasil, exclusivamente para técnicos, no período de 07 a 11 de abril próximo, sobre técnicas de Inseminação e Transplante de Embriões na espécie caprina.

O curso será realizado no Centro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Viçosa (Viçosa - MG), dentro do programa de cooperação técnica do Governo Francês, sob o patrocínio da Caprilite/U.F.V./Duratex S/A (Rações Anhangüera).

O curso é do maior interesse para todos os técnicos que atuam na caprinocultura especialmente para aqueles que querem se especializar ou já estão atuando na área da reprodução.

Haverá apenas 20 (vinte) vagas devendo os interessados contactarem com urgência com a sede da Caprilite-Asociação Brasileira dos Criadores de Cabras Leiteiras, Rua Aquiles Lobo, 119-A, Belo Horizonte - MG - CEP 30.150, Fones: (031) 222-3458 e ... 222-6437.

M. Cortell passará no Brasil pelo período de 28 de março a 13 de abril, sendo que nos

dias 29 e 30 de março proferirá palestra para criadores associados da Caprilite, sobre reprodução em caprinos, no sítio da Ponte, em Araras, distrito de Petrópolis - RJ e no período de 31 de março a 6 de abril visitará criatórios nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Raça Nelore na visão do criador e do pesquisador

O agrônomo e pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNP-GC) da Embrapa, Arthur da Silva Marante, e o arquiteto e pecuarista de São Paulo, Arnaldo Zancaner, lançaram o livro "Crescimento e Reprodução em Gado Nelore: Visão do Criador e do Pesquisador" pela Editora dos Criadores. O livro relata um trabalho de seleção da raça Nelore iniciado em 1962 na Fazenda Bon-sucesso, município de Guara-rapes, SP. Os dados foram coletados de 1962 a 1977 pelo criador Arnaldo Zancaner e analisados pelo pesquisador Arthur da Silva Marante. Com base nos dados, Marante defendeu tese de doutoramento na Universidade da Flórida. O livro é dividido em dois capítulos: no do pesquisador é apresentado a íntegra de sua tese e no do criador o histórico dos dados, uma discussão sobre os resultados e comentários sobre as recomendações da tese. O livro reúne o prático e o teórico. O criador, por exemplo, mostra como a tese serviu para alterar, com sucesso, o manejo reprodutivo do seu rebanho da raça Nelore.

Adução em eucaliptos

O Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC/Embrapa) desenvolveu estudos mostrando que o eucalipto nas condições de cerrados, precisa ser adubado e ter o solo corrigido para se desen-

volver bem. Em dezembro de 1982, foram instalados campos de produção de sementes de várias procedências de eucaliptos. A adubação foi feita na época do plantio, utilizando-se pequena dose de uma mistura contendo sulfato de amônio, superfosfato triplo, cloreto de potássio, bórax e sulfato de zinco — mas não se fez a calagem. Porém, os pesquisadores observaram que as plantas tiveram um desenvolvimento muito lento e abaixo do esperado, mesmo utilizando algumas espécies reconhecidas adaptadas para a região dos cerrados. E três anos depois, o plantio foi avaliado, constando-se a produtividade extremamente baixa. Analisando as plantas, os técnicos observaram deficiência generalizada dos principais nutrientes, como Cálcio, Fósforo, Nitrogênio e Potássio — deficiência também verificada no solo. De acordo com os técnicos, a experiência comprovou que o eucalipto, para se desenvolver bem, precisa receber uma boa correção do solo, tanto em nutrientes como em calcário.

Produtor rural precisa renovar o cadastro de contribuinte do ICM

A Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo baixou uma portaria no dia 16 de janeiro, convocando os produtores rurais, inscritos no Cadastro de Contribuinte do ICM, a renovarem a sua inscrição no posto fiscal do município. O prazo se encerra no dia 31 de maio. O produtor deve apresentar carteira de identidade, CPF, recibo do Inera. Os arrendatários precisam apresentar contratos registrados em cartório ou declaração relativa à sua condição de arrendatário. Os pecuaristas, por sua vez, devem apresentar a reprodução em papel da marca utilizada para identificar o rebanho, com sua assinatura.

Nicolau deixa a Secretaria

O produtor de leite B e criador de gado Holandês Nelson Nicolau desincompatibilizou-se da Secretaria da Agricultura, após uma gestão de dois anos, para candidatar-se à Assembleia Legislativa. Nicolau retorna à Assembleia, concluindo o seu mandato de quatro anos como deputado estadual. Na despedida, Nicolau disse que entregava a pasta com um orçamento 16 vezes maior — numa prova de que a agricultura, pelo menos em São Paulo, começa a deixar a condição de marginal, como ocorre no plano Federal. Embora tenha considerado positivo a sua administração, Nicolau lamentou que o estímulo à produção não tenha contado com uma política nacional. "Mais do que nunca, como produtor e secretário, senti que a agricultura, pecuária de leite e de corte precisam de uma política nacional. Só assim a agricultura pode contribuir para o desenvolvimento do país. O agricultor precisa de segurança para produzir. Porém, essa segurança não existe", lamentou. "Para o bem do país, a prioridade número um do Governo Federal será estabelecer uma nova política para o setor", disse.

Ometto maior usineiro de cana, morre aos 86 anos

Foi sepultado em Itacemópolis, na região de Limeira, SP, o empresário Luiz Ometto, presidente do maior conglomerado sucro-alcóoleiro nacional, constituído pelas empresas Cia. Industrial e Agrícola Ometto, Usina São Martinho e Ometto e Pavan — Açúcar e Alcool. Definido como artífice da explosão canavieira no Estado de São Paulo, até sua consolidação com o Proálcool, Luiz Ometto foi um dos mais

brilhantes executivos da geração de brasileiros que conseguiu transformar uma pequena propriedade num grande e rentável negócio.

Embora a base de suas empresas estivesse sediada na pequena Itacemópolis, Luiz Ometto iniciou sua vida na agricultura há quase meio século quando, junto com os irmãos João, Constante e Pedro (já falecidos), adquiriu um pequeno sítio na vila de Água Santa, em Piracicaba. Pouco depois, os irmãos Ometto chegaram a Itacemópolis, onde compraram a fazenda Santa Cruz para instalar um modesto engenho de aguardente.

Após sucessivas ampliações e transformações, essa iniciativa acabou consolidando-se com a Usina Itacema, hoje responsável pelo emprego de cinco mil dos dez mil habitantes da cidade — 70% de sua força de trabalho — e que no atual exercício estará gerando 60% do ICM arrecadado no município, algo em torno de Cr\$ 6 milhões. A Usina Itacema está produzindo, neste ano, 220 milhões de litros de álcool e 1,8 milhão de sacas de açúcar.

Homem de muita visão, Luiz Ometto ampliou seus negócios até se transformar no maior usineiro de cana-de-açúcar do País, posição que, ao contrário de torná-lo intocável, sempre o colocou mais próximo de seus competidores. Personagem de destaque, até pouco tempo tinha suas posições e conceitos ouvidos e considerados, inclusive pelos empresários mais jovens do setor sucro-alcóoleiro.

Para chegar à posição de maior usineiro, cujas empresas empregam hoje cerca de 25 mil pessoas, Luiz Ometto instalou outras unidades. Em Itapetininga, na região de Ribeirão Preto, constituiu a usina São Martinho, a segunda maior do Brasil, na atual safra responsável pela produção de mais de 300 milhões de litros de álcool e quase três milhões de sacas de açúcar. Na mesma região, está sua outra empresa, a Usina Santa Cruz, no Município de Américo Brasiliense, que juntamente com a Usina Itacema figura na relação das dez maiores usinas brasileiras. A produção da Usina Santa Cruz já ultra-

passou 160 milhões de litros de álcool e 1,7 milhão de sacas de açúcar.

Luiz Ometto faleceu aos 86 anos de idade, depois de um breve período de internação hospitalar, deixando a viúva Cecília e um único filho — Luiz Ometto Filho.

Dupas, o novo secretário da Agricultura

Gilberto Dupas, de 43 anos, é o novo secretário da Agricultura de São Paulo. Dupas, que durante o Governo Montoro ocupou a vice-presidência do Banespa e depois assumiu a Presidência da Caixa Econômica Estadual, é engenheiro pela Escola Politécnica da USP e é pós-graduado em administração de empresas pela USP/Delft University da Holanda. Foi professor-convocado da Escola Superior de Agricultura da USP, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul e também da PUC desse Estado, nas áreas de economia e administração.

Durante a posse, Dupas disse que implantará, na Agricultura, uma administração aberta e democrática. Disse que pretende contar com a colaboração de pessoas eminentes do meio agropecuário e universitário. Para isso, formará um Conselho Superior, integrado por 25 membros, para

debates mensais sobre a agricultura. "Vamos, nesse conselho, contemplar desde os trabalhadores rurais, consumidores e produtores rurais, especialistas em agricultura", disse. Segundo Dupas, por depender das decisões do Governo Federal, uma das suas principais missões, no momento, é lutar e contribuir para a fixação de uma nova política nacional para a agricultura. "Vamos colocar todos os temas sobre a agricultura — Proálcool, por exemplo, — em discussão, sobretudo os mais polêmicos. Vamos ouvir todo mundo, do produtor de produtos de exportação, grandes pecuaristas aos pequenos e também os trabalhadores rurais. Não pretendo excluir nenhum segmento desse setor", disse.

Di Benedetto investe em Quarto de Milha

Montano Antônio Di Benedetto investiu pesado no Leilão GR. Dono do Haras Rancho Verde, situado em Presidente Prudente, Di Benedetto comprou 2 éguas importadas e 4 excelentes matrizes de renomados criadores brasileiros. Com essa compra, o criador pretende melhorar, ainda mais, a qualidade do seu plantel de Quarto de Milha. Veja na foto, as seis éguas que agora integram o plantel do Haras Rancho Verde.



Éguas que integram o plantel do Haras Monte Verde.

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA GIR

MARAVILHA FADISTA FAIZÃO, N.R., Pai/C.A. FAIZÃO Rg. A-4607, mãe ARAPON
GA, REPRODUTORA EMÉRITA com novo LIVRO DE ESCÓL.

7a10m	-	2x	-	3.925	-	195,2	-	4,97%
8a11m	-	2x	-	3.534	-	185,2	-	5,23%
10a1m	-	2x	-	3.726	-	182,9	-	4,90%
11a2m	-	2x	-	3.531	-	191,7	-	5,42%

Props.DRS.MANUEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

J.P.R. NAÍRA, Rg.HBB/B57920,P.O.,Pai/PACLAMAR ASTRONAUT Rg.HBB/A8679,nãe

J.P.R. GEMA, Rg.HBB/B36773, obteve "LE" aos:

3a4m	-	3x	-	6.310	-	346,7	-	3,90%
4a6m	-	3x	-	7.948	-	287,2	-	3,61%
5a7m	-	3x	-	8.662	-	309,4	-	3,57%

Prop.:JOAQUIM PEIXOTO ROCHA

CRIOLA SENATOR DO MELISIO,Rg.GHB/1884, G.H.B.,Pai/DAN VER CAROL SENATOR
Rg.HBB/A15223,mãe/ARGENTINA 316 DO MELISIO Rg.HB/SP-53039, obteve "LE"
aos:

6a11m	-	2x	-	6.956	-	227,9	-	3,27%
7a9m	-	2x	-	6.298	-	206,2	-	3,27%
8a9m	-	2x	-	7.741	-	261,8	-	3,38%

Prop.:MÁRCIO ELÍSIO DE FREITAS



**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

ENSEADA DE BRAGANÇA, Rg. HB/SP-82414, PCOC GC-1, Pai/SPRING FARM ROYAL

Rg. HBB/LAA-2, mãe/JOIA MUQUEM Rg. HB/SP-43953, obteve "LE" aos:

6a8m	-	2x	-	5.906	-	197,5	-	3,34%
7a7m	-	2x	-	5.589	-	189,5	-	3,39%
8a7m	-	2x	-	6.840	-	247,6	-	3,62%

Prop.: OLYMPIO AMANDO SOUZA ARANHA STOCKLER

RAÇA GIR

MARAVILHA INTRICA FAIZÃO, Rg. T-3016, R.E., Pai/C.A. FAIZÃO Rg. A/4607,

mãe/MARAVILHA DITOSA CACHIMBO Rg. L-3114, obteve "LE" aos:

6a1m	-	2x	-	3.329	-	167,5	-	5,03%
7a3m	-	2x	-	3.802	-	192,0	-	5,05%
8a4m	-	2x	-	3.685	-	166,6	-	4,52%

Props. DRS. MANUEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS

SANTA CRUZ ICARAÍ EXPOENTE, Rg. T-3034, R.E., Pai/MARAVILHA EXPOENTE FAI

ZÃO Rg. A/5222, mãe/MONIKE Rg. C-920, obteve "LE" aos:

6a4m	-	2x	-	3.583	-	191,6	-	5,34%
7a6m	-	2x	-	4.177	-	211,6	-	5,06%
8a7m	-	2x	-	3.616	-	179,3	-	4,95%

Props.: DRS. MANUEL E JOSÉ JOÃO SALGADO RODRIGUES DOS REIS

LACTAÇÕES TERMINADAS

I — DIVISÃO — Lactações até 305 dias

COM NOVA PARIÇÃO — ATÉ 427 DIAS

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade preta e branca					Três ordenhas (12)			
CLASSE A2 - até 2 1/2 anos.								
José Sampaio Q. Veneza - HB/874509	20	2-3	81389	305	7.424	243,90	3,28	Faz. S. M. Pomer Ag. Past. Ltda
M. Fortaleza Raza TB-HB/304113	20	2-3	82552	281	6.963	192,7	2,92	Fazenda Fortaleza Ltda
Berni M. Julia H. Narvaez - 2P-HB/858019	20	3-5	81895	305	6.132	198,5	3,23	Faz. S. M. Pomer Ag. Past. Ltda
								
								
								

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

*
%

PROPRIETÁRIO

Fosse Sarda O.Mountainner-HBB/B74510	PO	2-4	81392	305	6.039	177,6	2,94	Faz.S.H.Posse Ag.Past.Ltda
J.P.R.Quintã-HBB/B74799	PO	2-1	81981	305	5.293	185,6LE	3,50	Joaquim Peixoto Rocha
CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Itamarati Martha P.Astro-HBB/B61461	PO	4-3	77456	305	6.821	224,4	3,28	Luiz Augusto Sacchi
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
J.P.R. Haíra-HBB/B57920	PO	5-7	69502	305	8.662	309,4LE	3,57	Joaquim Peixoto Rocha

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A - até 2 1/2 anos								
Caldas Tradition I.Eva TE-HBB/B75774	PO	2-2	81764	305	7.308	243,0LE	3,32	Guilherme W.Souares Caldas
CLASSE B - de 3 a 3 1/2 anos.								
Panorama Marvex Eulina-HBB/B71294	PO	3-5	78601	305	7.393	218,0LE	2,94	Donald Graber
E.S.Abrigada Vigo S.S.-HBB/B72477	PO	3-2	81802	305	5.543	191,6LE	3,45	Olympio A.S.A.Stockler
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Alumargi Milestone Britania	PO	3-8	76627	294	7.013	208,5LE	2,97	Afonso Nogueira de Freitas
Bigorna Pal Alumargi	GC1	3-7	77359	287	6.543	215,5LE	3,29	Afonso Nogueira de Freitas
CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Teb.Star Chris Everthing-HBB/B74544	PO	4-4	81791	305	5.998	250,9LE	4,18	Gabriel e Sérgio Simão
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Tucunarê Lemax de Lorrina-SP/160759	GC1	5-6	71468	299	7.768	245,3LE	3,16	Maria Lucia F.Silva Dias
Criola Senador do Melão-GHB/1884	GHB	8-9	51069	305	7.741	261,8LE	3,38	Nárciso Elísio de Freitas
Garça Malo-SP/139532	PCOD	7-9	76798	305	6.211	220,6LE	3,55	Mário Alexander Senaler

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três ordenhas (3x)

CLASSE B - de 3 a 3 1/2 anos.								
Corona TE Valeria M.-HBB/BB3406	PO	3-5	77557	305	6.005	273,2LE	4,54	Amílcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos								
Castro Cantiga-HBB/BB3473	PO	11-3	44602	305	8.892	318,6LE	3,59	Amílcar Farid Yamin
Aristocrata Jasper GFF-SP/142030	GC1	5-3	72682	268	6.318	188,6	2,98	Geraldo Figueiredo Forbes

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Aida Boharon de Meirelles-GHB/1058	GHB	4-2	81874	305	5.978	193,2LE	3,23	Kiza W.Meirelles e Filhos
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Enxada de Bragança-SP/82414	GC1	8-7	74722	303	6.840	247,6LE	3,62	Olympio A.S.A.Stockler
Ira de Bragança-SP/116941	GC3	5-5	74468	270	6.171	217,9LE	3,53	Olympio A.S.A.Stockler
S.S.Tamicha P.S.Sebastião-HBB/BB6030	PO	6-6	64883	273	5.873	180,4	3,07	Olympio A.S.A.Stockler

Raça Jersey

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A - de 2 a 2 1/2 anos.								
Timberly Advancer Butiã-A-29405	PO	2-2	81570	305	3.935	184,6LE	4,69	Sementes e Cab.Butiã Ltda
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Verônica Ludovico do Butiã-16628-C	PO	2-6	81571	305	5.453	263,2LE	4,82	Sementes e Cab.Butiã Ltda
Liliane Spot do Butiã-16632-C	PO	2-7	81771	305	4.354	207,8LE	4,77	Sementes e Cab.Butiã Ltda
Fanie Dunga do Butiã-16634-C	PO	2-9	82070	295	5.744	180,5LE	4,82	Sementes e Cab.Butiã Ltda
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.								
Graciela Fanny do Butiã-A-27246	PO	3-8	77639	305	4.749	219,0LE	4,61	Sementes e Cab.Butiã Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Jagani Sultan S.F.-13619-C	PO	6-1	67398	385	3.599	146,4	4,86	Rep.Mario Lopez Leão

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Três Ordenhas (3x)

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Corona Inglesa Harry-7113	PO	5-6	69459	269	6.120	233,0LE	3,80	Amílcar Farid Yamin
BC.Francesca Ewilo II-207346	PO	5-3	69551	283	5.087	210,3	4,13	Fernando Prado Rando
Corona Lusa Twin-7423	PO	5-0	73259	281	4.705	180,0	3,82	Amílcar Farid Yamin

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Corona TE Marina Tallman-7875	PO	4-0	76305	305	5.078	190,4LE	3,75	Amílcar Farid Yamin
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Corona Jurena Medalist-206439	PO	6-6	65975	305	5.319	200,3LE	3,78	Agm.Pec.Stp Isidoro Ltd
S.C.Nárga Dorcas-204161	GC1	7-8	60159	301	4.385	161,3	3,87	Carlos Cardoso A.Amorim

Raça Gir

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE C - de 4 a 4 1/2 anos.								
Nhuma dos Poções-U-4583	BE	4-1	82059	305	3.175	130,9	4,37	Arthur Souto M.Filizola



**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEITE
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Produção

Leite kg

Gord. kg

6"

PROPRIETÁRIO

CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.

Sta Cruz Jangada Verde-T-1037	RE	7-4	81273	287	4.334	221,4LE	4,88	Manuel e José João S.R.Neiz
Maravilha Ingrida Faizão-T-3014	RE	8-4	72641	292	3.685	166,6LE	4,52	Manuel e José João S.R.Neiz
Sta Cruz Icaraf. Expositor-T-3034	RE	8-7	72640	280	3.614	179,3LE	4,95	Manuel e José João S.R.Neiz
Maravilha Fadieta Faizão	RE	11-2	55248	301	3.530	191,7LE	5,42	Manuel e José João S.R.Neiz

II DIVISÃO — ATÉ 365 DIAS

Raça Holandesa — variedade preta e branca

Três Ordenhas (3x)

CLASSE A - até 2 1/2 anos.

AF Fortaleza Bruna TE-HBB/B84120	PO	2-2	82553	365	7.902	241,8LM	3,05	Fazenda Fortaleza Ltda
AF Fortaleza Bruna TE-HBB/B84121	PO	2-0	82187	354	7.416	229,1LM	3,08	Fazenda Fortaleza Ltda
J.P.R. Quirina-HBB/B74797	PO	2-2	82351	333	6.890	222,4LM	3,22	Joaquim Peixoto Rocha
Albertina's BBN Uena TE-	PO	2-4	82741	323	6.857	230,5LM	3,36	Pedro Conde
Albertina's MN Umarina TE-HBB/B73861	PO	2-4	82740	349	6.701	252,5LM	3,76	Pedro Conde
Ocoréia Lou Jetstar-3B-98717	OC2	2-5	82735	321	6.621	258,9LM	3,90	Geraldo Figueiredo Forbes
Darling B. Valiant GFF-9888H/B61048	PO	2-3	82736	316	6.336	261,6LM	4,12	Geraldo Figueiredo Forbes

CLASSE A - de 2 1/2 a 3 anos.

Karin Chris O. Sta Esp. - SP/170699	OC1	2-6	82192	365	10.084	272,7LM	2,70	Lazaro de Mello Brandão
Tomaz Setena M. Reputação-HBB/B75488	PO	2-6	82302	325	7.516	222,1LM	2,95	Faz. S.M. Posse Ag. Past. Ltda
Pantera Cesar E. Neoda S.E. - SP/170706	OC1	2-6	82194	365	7.187	249,8LM	3,47	Lazaro de Mello Brandão
FHB Elevatebel Fund P.-HBB/B77100	PO	2-7	82876	285	6.941	221,7LM	3,18	Faz. S.M. Posse Ag. Past. Ltda

CLASSE B - de 3 1/2 a 4 anos.

AF Fortaleza Alaharda-HBB/B71320	PO	3-10	76763	271	7.735	263,2LM	3,40	Fazenda Fortaleza Ltda
Sta Esperança Alka - HBB/B52210	PO	3-7	77004	277	7.728	234,6	3,03	Lazaro de Mello Brandão

CLASSE C - Adultas de mais de 5 anos.

S.N.Violeteira III C.-HBB/B46324	PO	8-5	75597	365	9.112	297,3LM	3,26	Arnaldo M. Oliveira Filho
AF Fortaleza Alaharda-HBB/B46321	PO	8-9	52738	365	9.082	294,1LM	3,23	Fazenda Fortaleza Ltda
S. Martinho Elva F. Imperor-HBB/B38192	PO	10-7	46498	353	8.427	272,2LM	3,23	Arnaldo M. Oliveira Filho
F-413 Victor Ricca-SP/130487	OC1	7-8	72598	346	8.278	258,0	3,11	Arnaldo M. Oliveira Filho
S. Martinho Markise P. Boot-HBB/B73789	PO	5-2	65971	365	8.010	234,1	2,92	Arnaldo M. Oliveira Filho
Clara-Mar Evelina Reflect-HBB/B42824	PO	9-0	76389	353	7.695	277,6LM	3,60	Arnaldo M. Oliveira Filho
Posse Lina Eagle Marcus-HBB/B46719	PO	9-1	52951	353	7.425	232,8	3,13	Faz. S.M. Posse Ag. Past. Ltda
Allice 2 de Horizonte-PR-58282	OC1	5-2	82814	342	7.361	207,4	2,81	Arnaldo M. Oliveira Filho

Duas Ordenhas (2x)

CLASSE A - até 2 1/2 anos.

MAB Tradition Dinah TE-3PHBB/B48592	PO	2-5	82094	343	8.821	312,6LM	3,54	Maria Aparecida P. Borha
Rob. Valiant Grandina-HBB/B75755	PO	2-4	82393	365	7.629	260,3LM	3,42	Agro Pec. Colombini Ltda
Panorama Brasso Florita-HBB/B78706	PO	2-5	82576	312	6.458	221,0LM	3,42	Donald Graber

CLASSE B - de 2 1/2 a 3 anos.

Glety Deqda de Francis-SP/171784	OC1	2-7	82055	365	7.924	255,6LM	3,22	Carlos Alberto J. Schumann
Amazona da Festa-153333	OC1	2-6	82348	365	7.884	243,0LM	3,08	H. Boracio Cherkassky
Tobrasa King M. Gessy-HBB/B74536	PO	2-10	82419	365	7.522	264,7LM	3,51	Gabriel e Sérgio Simão
J.P.R. Queixa-HBB/B73328	PO	2-8	82148	357	8.542	233,4LM	3,41	Belarmino Ascenção Maria
Teh. King Glanvise Gaudia-HBB/B74535	PO	2-7	82713	365	6.461	240,6LM	3,72	Gabriel e Sérgio Simão
BN Supreme 31 Marvex-HBB/B74043	PO	2-8	82322	365	6.379	254,9LM	3,99	Cia Adm. Tec. Agr. Atagri
SN Selma 1111 Eric-HBB/B74041	PO	2-7	82321	365	6.334	214,3LM	3,38	Cia Adm. Tec. Agr. Atagri

CLASSE B - de 3 1/2 a 4 anos.

BO. Espirito Santo Bandit Zagala-HBB/B72280	PO	3-4	78589	365	6.795	216,1LM	3,18	Pecuária Anhumas Ltda
BN. Martha 2131 Narvex-HBB/B740034	PO	3-3	81985	355	6.600	250,3LM	3,79	Cia Adm. Tec. Agr. Atagri

CLASSE B - de 4 1/2 a 5 anos.

Fecora Slevation Explan.-HBB/B71279	PO	3-7	82328	337	8.217	244,1LM	2,97	Donald Graber
-------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	---------	------	---------------

CLASSE C - de 5 a 6 1/2 anos.

Teh. Ancha Chris Rivira-HBB/B70282	PO	4-4	82415	345	8.183	287,7LM	3,51	Gabriel e Sérgio Simão
------------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	---------	------	------------------------

CLASSE C - de 6 1/2 a 7 anos.

Yacoma Cafunã Demanda-HBB/B67424	PO	4-7	74403	338	8.832	272,3LM	3,08	Donald Graber
----------------------------------	----	-----	-------	-----	-------	---------	------	---------------

CLASSE D - Adultas de mais de 7 anos.

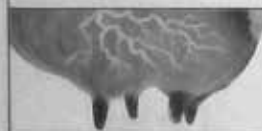
Panorama Chere Araceli-HBB/B52372	PO	7-4	60752	365	9.709	292,4LM	3,01	Orceval Antonio Galotto
Silvano Arce-HBB/B78604	PO	6-4	67942	365	9.113	320,8LM	3,52	Fazenda Shigueno Ltda
OC. Zagala Ivanhoe Rufina-HBB/B46679	PO	8-11	83337	365	8.764	266,9LM	3,04	Pecuária Anhumas Ltda
Idenologia M.E. - SP/109197	PO	7-3	70651	363	8.559	264,3LM	3,88	Orceval Antonio Galotto
Nudel Fara Terra V. Rui - HBB/B54634	PO	7-4	69421	365	8.516	317,5LM	3,72	Belarmino Ascenção Maria
Herys Marvex Fecora-HBB/B743402	OC1	6-8	71200	301	8.410	259,2LM	3,03	Donald Graber
Reyla Demanda Abby-HBB/B57868	PO	6-2	82412	365	8.358	329,8LM	3,94	Gabriel e Sérgio Simão
Benilina São Quirino-181382	OC1	6-6	65870	377	8.108	280,3LM	3,37	Afonso Nogueira de Freitas
Silvano Titian Mary-HBB/B54605	PO	7-6	69286	365	8.058	278,8LM	3,45	Belarmino da Ascenção Maria
Sol. Montebelo Concoria-HBB/B50937	PO	6-5	64823	365	7.784	223,5	2,87	Agro Pec. Colombini Ltda
Genda First William RI-SP/151517	OC1	5-7	82547	297	7.478	217,1	2,90	Maria Lucia F. Silva Dias
Panorama Performer Ceti-HBB/B61143	PO	5-8	69220	324	7.428	247,6LM	3,33	Donald Graber

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gord. kg		PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Albertina's MM Universitaria TE-	PO	2-4	82.739	352	6.357	254,6LM	4,00	Pedro Conde
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Albertina's DMR Taquina-RPHBB/BB4148	PO	3-8	77939	315	7.491	266,0LM	3,55	Pedro Conde
Corona Havana Nobaron-HBB/BH7498	PO	3-7	82655	337	6.427	238,9LM	3,71	Amilcar Farid Yamin
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.								
Corona Ana Rosa Jasper-HBB/BB6965	PO	4-5	77951	308	8.156	254,3LM	3,11	Amilcar Farid Yamin
Albertina's MJR Santana-HBB/BB7247	PO	4-2	76142	299	6.704	227,7LM	3,39	Pedro Conde
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Nancy Jasper Corona-GHB/940	GHB	7-6	69889	365	10.940	379,4LM	3,46	Amilcar Farid Yamin
Albertina's CMC Prisma-HBB/BB5068	PO	7-7	61930	365	9.480	332,0LM	3,50	Pedro Conde
Albertina's CMC Poloneza-HBB/BB4921	PO	7-10	58630	349	8.363	297,3LM	3,55	Pedro Conde
Oflita CMC Betina's-RAJ/694	GHB	8-9	55341	287	7.165	232,3	3,24	Pedro Conde
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
Joara Betania T.Soot Red-HBB/BB8512	PO	2-9	82561	365	5.974	196,0LM	3,28	João Raposo dos Reis
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.								
E.S.Verdeia Fancy S.Geb.HBB/BBB081	PO	2-7	78368	340	6.842	225,7LM	3,29	Olympio A.S.A.Stockler
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Harveygo Pat T.Nancy-Red-HBB/BB5619	PO	7-2	60974	365	9.953	337,1LM	3,38	Antonio de Toledo L.Neto
Campo Verde Fob Vibrissa-HBB/BB6332	PO	5-10	78703	313	7.733	225,9LM	2,92	Olympio A.S.A.Stockler
Raça Jersey								
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Glenholme Milestone Doris-15005-C	PO	6-3	77228	365	5.827	289,0LM	4,95	José Ronald Bertaognoli
Cemile Facesset do Butil-14363-C	PO	7-4	73613	297	4.877	253,0LM	5,18	José Ronald Bertaognoli
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE CI - de 4 1/2 a 5 anos.								
Goianesia BC.Improver-109593	PO	4-4	77801	348	6.243	269,3LM	4,31	Fernando Prado Hennó
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Corona Iza Medalist-6441	PO	7-1	64522	365	7.990	307,3LM	3,84	Amilcar Farid Yamin
CS Burman Rose-5646	PO	10-6	54805	329	5.501	201,3	3,66	Amilcar Farid Yamin
Corona Messina Twin-7275	PO	5-6	72219	290	5.394	236,1LM	4,37	Amilcar Farid Yamin
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
S.C.Notada Dorset-208518	PO	2-9	82547	347	4.334	173,4LM	4,08	Carlos Amorim Ag.Fec.E/C Ltda
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
Mound View Hist.Judy Jan-205562	PO	10-8	57483	365	5.104	200,8LM	3,93	Agro Pec.Stº Isidoro Ltda
Raça Gir								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
So dona de Brasília-T-2956	RE	6-8	77241	365	3.851	189,1LM	4,91	Mubena Nemeida Peres
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.								
C.A.Bacopa Haidu-LX-2923	RE	16-2	35904	354	4.904	263,3LM	5,36	Manuel e José João S.R.Reis
Maravilha Invenção Mandarin-T-3036	RE	8-0	72642	361	4.734	286,0LM	6,05	Manuel e José João S.R.Reis
C.A.Perlita	RE	6-0	74197	365	4.193	187,6LM	4,47	João Gabriel C.Noronha
Sta Cruz Camargu Cachinho-LX2930	RE	14-2	39872	335	3.715	198,1LM	5,33	Manuel e José João S.R.Reis
Maravilha Inglaterra Escravato-T-3035	RE	8-5	72639	304	3.482	194,7LM	5,64	Manuel e José João S.R.Reis
Cruzamento Dirigido								
Dois Ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
PTB Coreireira-24152	HX3	2-5	82146	365	3.516	129,2	3,67	Paulo de Tharso Bittenmoort
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.								
Forma H. Albege	2M	3-4	82361	347	3.457	122,3	3,53	Paulo de Tharso Bittenmoort
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
PTB Jamaica-17420	M2	5-4	76880	339	3.880	132,6	3,41	Paulo de Tharso Bittenmoort
PTB Natividade-13659	M1	6-3	80574	255	3.794	126,3	3,32	Paulo de Tharso Bittenmoort
PTB Mara Nova-11676	M1	6-2	77390	285	3.618	134,6	3,72	Paulo de Tharso Bittenmoort



**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER·O·LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Purina

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite %
Raça Holandesa — variedade preta e branca					
Fazenda Antônio Ido, Campinas, São Paulo, controle em 07/12/85, registro de parto com raço suplementar, 2 ordenhas.					
Swann São Quirino	GRB	4-9	10	20	28,0 3,8
SQ, Salsão Jupiter Cláudio	PO	3-11	10	27	27,0 3,8
Abundante São Quirino	GRB	4-9	10	27	28,0 3,1
SQ, Falcão Marcos Campos	PO	3-10	10	28	27,0 2,8
SQ, Biquinho Marcos Hugo	PO	3-9	10	15	33,0 2,6
Campesão São Quirino	GRB	4-8	10	9	31,0 2,8
SQ, Fala Marizete Tilião	PO	3-11	10	7	28,0 2,8
Calçada São Quirino	GRB	4-8	20	53	29,0 3,4
SQ, Aquino Cavalier Adriano	PO	4-7	20	46	29,0 2,8
S.Q. Cidade Milão Adão	PO	3-5	20	43	28,0 3,1
Bonito São Quirino	GRB	4-10	20	41	31,0 2,8
SQ, Orsano Pauli Humbel	PO	12-3	20	38	31,0 3,1
Cavalheiro São Quirino	GRB	4-8	20	39	33,0 3,2
SQ, Carina Romer, Recordista	PO	4-1	10	71	27,0 3,8
SQ, Biana Tereza Uratanga	PO	5-7	30	68	34,0 2,9
Guaradinho São Quirino	GRB	5-2	30	83	35,0 3,4
SQ, Flávia Marcos Estanislau	PO	4-7	20	59	27,0 2,8
Carvalho São Quirino	GRB	4-8	20	58	27,0 3,4
SQ, Rivaldo José Uratanga	PO	3-7	30	86	31,0 2,8
SQ, Fátima Junior Carqueja	PO	3-5	30	81	25,0 2,9
SQ, Bonete Cavaliar Góssia	PO	4-3	30	105	29,0 3,1
SQ, Foca Norval Setina	PO	4-6	30	98	29,0 3,4
SQ, Memorado Nervex Bogdan	PO	4-8	40	96	23,0 3,0
SQ, Georgie Gar, Angela-TE	PO	2-5	20	141	28,0 2,7
Stella São Quirino	GRB	4-5	30	128	27,0 3,6
Bonete São Quirino	GRB	4-11	30	124	28,0 3,1
Bacília São Quirino	GRB	7-1	60	173	27,0 3,1
Supremo São Quirino	GRB	4-1	100	289	25,0 3,8
Fluente São Quirino	GRB	3-9	20	36	27,0 3,0

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite %
CAB Quêda Hargis	PO	5-8	10	148	19,0 3,9
Marjão Rainha Classic Marquis	PO	7-7	70	221	21,0 2,7
CAB Secúria Rapile	PO	5-3	120	284	17,0 2,5
CAB Segura Ivanhoê Chief	PO	4-5	30	174	17,0 3,0
CAB Sonora Beauty Priority	PO	7-4	80	194	18,0 2,7
CAB Valize Hargis	PO	3-2	60	192	18,0 3,8
CAB Valdeir Telstar	PO	3-10	80	238	14,0 4,5
CAB Vansleria Ace Telstar	PO	3-7	50	141	16,0 3,8
CAB Venturosa Astronaut	PO	5-5	90	276	15,0 4,2
CAB Verbo Ivanhoê	PO	5-3	90	262	14,0 3,8
Marjão Vindica C. Hargis	PO	7-2	40	137	23,0 3,1
CAB Veneranda Hugo Star	PO	4-9	50	148	16,0 5,0
CAB Videncia Chief	PO	3-3	110	299	16,0 3,2
CAB Vineta Telstar	PO	3-8	50	141	27,0 3,8
CAB Vinado Hargis Benton	PO	5-5	50	158	19,0 4,4
CAB Nova Perceps	PO	2-7	20	40	19,0 4,0
CAB Valozosa Tradition	PO	2-4	20	42	21,0 4,6
CAB Veterinária Astronaut	PO	4-3	19	12	29,0 3,4
CAB Vida Citilau Hargis	PO	3-0	30	36	31,0 3,7
CAB Verilma Chief	PO	7-9	10	36	31,0 3,7

Donald Graber, Campinas, São Paulo, controle em 10/12/85, registro de parto com raço suplementar, 3 ordenhas.

Panorama Willow Delta	PO	5-1	30	108	27,0 3,7
Panorama Fabiana Grapa	PO	4-8	30	68	29,0 3,1
Panorama Astronaut Guaratã-TEPO	PO	2-2	20	85	22,0 3,4
Panorama Marcos Goteira-TE	PO	2-0	30	66	25,0 2,8
Panorama Jay Carmela	PO	4-8	20	59	25,0 3,4
Panorma Chief Fortuna	PO	3-3	20	55	41,0 3,0
Panorama H. Betty Grapal-TE	PO	2-2	20	10	26,0 3,0
Panorma Elevation Carla	PO	6-4	20	45	36,0 3,2
Panorama Marcos Goleira-TE	PO	2-2	20	44	23,0 3,7
Panorama Marcos Guadalupe-TE	PO	2-1	20	74	28,0 3,7
Panorma Goleira	PO	4-8	20	41	41,0 3,0

João Américo Salgado Neto e Filhos, Funchamento, Est. de São Paulo, Controlar em 11/11/93, bagagem de passageiro sem bagagem suplementar, 2 ordens						
Jang.1 Delaideia D.Montezuma	PU	2-4	20	39	21,0	3,0
Albertina Mandupá	OCI	8-6	20	83	24,0	1,0
Alzamein Mandupá	11/32	8-2	29	78	17,0	2,0
Argessi Mandupá	OCI	4-0	30	88	25,0	3,0
Car.12 Jettarier São Raposa	PCA	4-0	20	22	0,0	0,0
Jang.1 Straxallia Chieftain	PG	4-12	30	84	21,0	3,1
Jang.1 Dakota Hermana Ruxa	PG	2-2	30	82	23,0	2,0
Forstina Mandupá	PCMO	-	49	111	17,0	3,7
Brizian Jang.1 Jacy Mandupá	PG	2-1	30	83	24,0	3,0
Jang.1 Carolina J.Tyrosene	PG	2-7	40	107	17,0	2,4
Jang.1 Correllia Werance Braxano	PG	2-11	40	110	17,0	3,3
Ruxia J. De Coudesne	GC4	-	54	125	15,0	3,6
Jang.1 Adelaia Mamelia	PG	6-8	40	133	18,0	2,4
Derisina Mandupá	PC	-	79	194	13,0	2,1
Jang.1 Angora Puleita Ruxa	PG	4-11	79	182	20,0	3,1
Jang.1 Columelia Wastanoff Off.	PG	2-9	79	221	18,0	3,3
Jang.1 Brindalora T.Muck	PG	2-3	79	118	18,0	4,2
Jang.1 J. Braxallia Ruxa Astrup	PG	2-1	79	118	18,0	4,2
HW Jang.1 K33 Ruxa Jettarier	PG	4-0	89	224	16,0	4,0
Jang.1 Ruxa Ruxa Ruxa	PG	4-0	89	248	22,0	3,2
Jang.1 Brighta Onilla Ruxa	PG	-	109	246	18,0	3,6
Jang.1 Ruxa Ruxa Ruxa	PG	-	118	270	16,0	4,6
Ruxa	SB	-	30	88	23,0	4,0

Associação Carlos Linnaeus Turismo Andaraína, Est. do São Paulo, Curitiba em 11/12-15/12. Depois de passar um tempo agradável, as orquídeas:

C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	4-6	70	13,0	4,23
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	30	250	10,0	3,75
Orquídea de São Paulo	11/12/12	3-15	58	23,6	3,87
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	40	300	24,0	3,00
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	49	181	19,8	3,77
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	6-8	39	8,8	4,23
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	6-8	39	13,6	4,23
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	5-8	30	8,0	2,67
C.A. Colômbia - B. S. 14/12/12	PO	5-8	30	20,0	4,23

Guilherme Albuquerque Brasileiro, Renato Amorim, Rui de São Paulo, Curitiba 02/12/1977, Região do Sul, estado: Paraná, 2 crianças							
Guilherme Alves de Souza	PO	0-0	97	251	34,0	4,2	
RA Carlos Roberto Alves Dias	PO	0-0	97	251	34,0	4,2	
LA Adilson de Souza	PO	2-11	79	133	18,0	1,7	
RA Clemente Ribeiro Teixeira	PO	2-0	10	169	17,0	4,8	
RA Paulo Roberto Dias	PO	0-0	0	142	15,0	1,6	
RA Clotilde de Souza	PO	2-11	79	133	18,0	1,7	
RA Patrícia de Souza	PO	0-0	0	187	24,0	2,4	
RA Francisco Roberto Dias	PO	0-1	49	125	25,0	1,5	
RA Clotilde de Souza	PO	0-0	0	142	15,0	1,6	
RA Carlos Roberto Teixeira	PO	0-0	0	119	23,0	3,1	
RA Roberto Clemente Dias	PO	-	-	88	127	15,0	4,1
Guilherme	-	-	-	40	185	21,0	4,0
Guilherme	-	-	-	89	169	24,0	3,0
RA Francisco Dias	PO	0-0	79	89	18,0	4,2	
RA Carlos Roberto Teixeira	PO	0-0	79	81	17,0	8,2	
Adilson Roberto Dias	PO	0-0	0	106	17,0	4,8	
RA Carlos Roberto Teixeira	PO	0-0	0	119	23,0	3,1	
Francisco Dias	11/07	7-2	75	75	19,0	1,5	
RA Francisco Roberto Dias	PO	0-11	25	77	22,0	1,6	
RA Patrícia de Souza	PO	0-0	0	187	24,0	2,4	
RA Patrícia de Souza	PO	0-0	0	84	22,0	6,4	
Guilherme	-	-	-	30	75	27,0	1,4
RA Roberto Roberto Dias	PO	0-0	0	181	28,0	1,7	
RA Roberto Roberto Dias	PO	0-0	0	167	28,0	1,7	
RA Roberto Roberto Dias	PO	0-0	0	192	17,0	1,9	
RA Patrícia de Souza	PO	0-0	0	176	19,0	1,9	

Panorama Harvey Gilina	PO	4-1	10	25	42.0	3.4
Panorama M.T.Guarapiranga-TE	PO	2-8	10	5	23.0	4.0
Panorama Valiant Gina-TH	PO	2-2	10	28	28.0	3.5
Chocoma Wilton Gililano	PO	2-2	10	15	18.0	3.0
Nesida Gay Panorama	GC4	4-4	90	399	27.0	3.2
Panorama Valiant Gerald	PO	2-1	100	292	18.0	3.5
Panorama Starcraft Pado	PO	2-2	100	287	20.0	3.5
Panorama Ercan Garcia	PO	2-1	100	285	18.0	3.0
Panorama Jaime Clavina	PO	2-5	90	155	28.0	3.0
Panorama Chief Silva	PO	5-0	90	262	24.0	3.4
Panorama Cav. Souza	PO	2-1	90	258	22.0	3.5
Panorama Jorgi Estrada	PO	2-2	90	236	18.0	3.0
Haril Gay Panorama	GC4	5-9	80	342	28.0	3.5
Panorama Eric Franca	PO	2-7	80	220	29.0	3.0
Panorama Boot.Jarbo-TE	PO	2-1	70	199	22.0	3.0
Panorama Antionio Filina	PO	2-2	70	181	18.0	3.0
Panorama Ercan Filina	PO	2-2	70	186	20.0	3.5
Willow Terrace Fortune Carmi	PO	4-7	70	181	22.0	3.0
Panorama Valiant Grecia-TE	PO	2-2	70	173	25.0	3.2
Panorama Scott Gandia-TH	PO	2-0	60	174	28.0	3.0
Panorama Alex Garcia	PO	2-2	60	167	23.0	3.0
Panorama Fubuloso Galia	PO	2-1	60	163	27.0	3.5
Panorama Ulmas Francisco	PO	3-5	60	164	28.0	3.2
Panorama Jaime Candia	PO	4-0	60	185	36.0	3.4
Panorama Chief Silva	PO	2-2	60	154	31.0	3.2
Oil-Creek Harvey Naidon	PO	4-8	60	170	26.0	3.0
Panorama N.Betty Orsini	PO	2-5	50	132	18.0	2.6
Panorama N.Maher Burge	PO	2-5	50	151	30.0	2.5
Panorama Jay Barreira	PO	3-8	50	188	28.0	3.0
Panorama Willow Elgin	PO	3-7	50	153	24.0	3.4
Wendeline Kimpina Daley-ET	PO	4-9	50	125	37.0	3.8
Condran T.F.Duda	PO	2-7	40	112	26.0	1.9
Panorama Jay Barreira	PO	2-2	40	107	16.0	2.0
Panorama Starcraft Silberts	PO	2-5	40	81	30.0	2.8
Panorama Valiant Guarapiranga-TEPO	PO	2-0	40	125	18.0	3.0
Panorama Valiant Geordiane-TE	PO	2-0	40	188	21.0	3.2
Panorama Scott Gililano-TE	PO	2-0	40	115	21.0	3.2
Panorama Denard Guesel	PO	2-1	40	97	33.0	3.9
Panorama N.Betty Guarapiranga-TE	PO	2-1	40	98	29.0	3.4
Panorama N.Tony Guiseppe-TE	PO	2-4	40	111	32.0	2.9
Panorama Chief Silva	PO	2-2	40	102	30.0	3.0
Millenhurst David Nabette	PO	8-8	40	113	31.0	3.8

Família Santa Maria do Espírito Santo - Família Lida, Império, Rio de Janeiro, Contorno em 03/11/83, Segunda de baixo com o pai, irmão e filho.					
Nome	Idade	Sexo	Profissão	Estado Civil	Observações
1. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
2. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
3. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
4. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
5. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
6. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
7. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
8. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
9. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
10. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
11. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
12. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
13. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
14. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
15. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
16. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
17. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
18. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
19. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
20. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
21. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
22. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
23. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
24. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
25. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
26. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
27. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
28. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
29. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
30. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
31. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
32. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
33. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
34. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
35. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
36. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
37. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
38. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
39. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
40. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
41. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
42. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
43. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
44. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
45. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
46. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
47. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
48. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
49. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
50. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
51. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
52. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
53. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
54. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
55. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
56. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
57. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
58. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
59. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
60. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
61. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
62. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
63. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
64. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
65. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
66. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
67. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
68. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
69. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
70. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1
71. Santa Maria do Espírito Santo	80	F	1	1	1

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Purina

Tire todo **LUCRO**
de sua criação utilizando-se do

MANUAL DE CONTROLE DE PRODUÇÃO LEITEIRA, REPRODUÇÃO, ALIMENTAÇÃO E CUSTOS

Utilizando o MANUAL você vai ficar sabendo: o que suas vacas estão produzindo; os intervalos entre as parições; o que as vacas estão comendo e o que você está gastando com a alimentação e custeio.

Pelo quadro ao lado, você verá que conseguindo uma média de 375 a 395 dias entre os partos, você está tirando o máximo de suas vacas. Isso você poderá conseguir seguindo as instruções do MANUAL, que contém 76 páginas para:

	Rebanho A	Rebanho B	Rebanho C
NÚMERO DE VACAS	194	501	150
INTERVALO MÉDIO ENTRE PARTOS (em dias)	423,3	395,7	436,6
PERÍODO VAZIO MÉDIO (em dias)	143,5	115,9	156,8
PARIÇÕES QUE PODERIAM TER OCORRIDO	+ 10% = 19,5	+ 2,8% = 13,9	+ 13,3% = 20
RECEITAS NÃO APURADAS:			
a) LEITE (3.000 kg p/Lactação a Cr\$ 1.000)	- 58.500.000	- 41.700.000	- 60.000.000
b) BEZERROS (50% machos a Cr\$ 30.000 e 50% fêmeas a Cr\$ 200.000)	- 2.208.000	- 1.598.500	- 2.300.000
SUB-TOTAL	- 60.708.000	- 43.298.500	- 62.300.000
DESPESAS C/ VACAS IMPRODUTIVAS (Cr\$ 5.000 x 365 = Cr\$ 1.825.000)	- 35.587.500	- 25.367.500	- 36.500.000
LUCRO NÃO APURADO	- 96.295.500	- 68.666.000	- 98.800.000
DESPESA ANUAL C/ CONTROLE AUXILIAR	2.820.000	8.292.000	2.340.000

CONTROLE LEITEIRO

7 páginas para controle de 105 vacas.

CONTROLE DE REPRODUÇÃO

6 páginas para anotações durante 12 meses.

CONTROLE DE CUSTOS — DESPESA E RECEITA

2 páginas para análise financeira da produção. 2 páginas com explicações como escriturar a receita

e despesa e duas páginas como exemplo. 6 páginas para anotações sobre o custo operacional de produção durante 12 meses. Idem para receita da produção de leite e mais 2 páginas para anotações mensais dos índices técnico-econômicos. Regulamento do Controle Auxiliar (para aqueles que quiserem entrar no Controle Leiteiro)

Preço do exemplar: Cr\$ 100.000.

Pedidos à:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

— Rua Venâncio Aires, 31 — 05024 — SÃO PAULO.

OU

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — 01223 e Av. José Cesar de Oliveira, 175 — 05317 — SÃO PAULO - SP. Rua Gabriel Ferreira, 83 — SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP. Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão RIO DE JANEIRO - RJ

[illegible]

Tabela 8/A Ind. e Condicionamento Físico, Est. de São Paulo, Controle
em 11/12/84, Regime de parto com rações suplementar, 2 ordenhas.

[illegible]

Marley Cosmechini Soares, Est. de São Paulo, Contato em 27/12/81, Registro de pauta com quatro exemplares, 3 ordenados.

Artist/Album	Genre	Year	Label	Price	Rating
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 1	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 2	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 3	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 4	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 5	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 6	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 7	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 8	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 9	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5
Bob Dylan - The Bootleg Series Vol. 10	Folk	1973	Columbia	\$19.98	4.5

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Con- trole meses	Dias de Leite	%
					lactação	
Sobradinho Filrend Grafa	PG		3-1	39	73	29,0
Sobradinho Vallant Granfina	PG		2-4	119	158	19,0
Sobradinho Uzo	PG		3-0	10	10	22,0
Sobradinho Fall Guarania	PG		3-0	10	12	32,0
FHC Helvécia	PG		5-5	99	262	20,0
FHC Bernesia	PG		5-9	49	217	23,0
Ielisa Fabet Sobradinho	GC3		2-2	29	46	29,0
Sobradinho Mara Itatua	PG		2-4	10	11	27,0
Iemanjá Electra Sobradinho	GC4		2-4	29	49	32,0
F.H.C. Igara	PG		5-3	20	50	36,0
Sobradinho Mara Itara	PG		2-0	50	124	21,0
Sobradinho Fedemader Imper	PG		5-9	99	245	32,0
F.H.C. Imperatriz	PG		4-0	49	111	19,0
Sobradinho Tradition Ias	PG		2-3	29	51	37,0
Sobradinho Dymmo Inoa	PG		3-3	89	219	17,0
Sobradinho Fadet Inconita	PG		2-3	49	140	22,0
Infinita Willow Sobradinho	GC1		5-0	49	113	28,0
Sobradinho Yervae Intensa	PG		2-2	29	43	27,0
Sobradinho Yradition Interna	PG		2-9	19	6	24,0
Invicta Friend Sobradinho	PGCC		2-4	89	142	17,0
F.W.C. Invidia	PG		5-1	89	202	32,0
Sobradinho Mara Ioga	PG		2-11	39	117	30,0
Sobradinho Demand Ispanma	PG		2-2	19	13	24,0
Sobradinho Mara Itatua	PG		2-1	10	3	23,0
Sobradinho Furd Itana	PG		2-2	50	111	16,0
Sobradinho Taititua Itana	PG		2-2	104	110	30,0
Sobradinho Furd Ixia	PG		2-2	39	61	31,0
Sobradinho Furd Ixia	PG		2-2	29	46	25,0
Macia Glowing K.Lybia	PG		5-3	60	126	27,0
Modala Sobradinho	PG		-	46	147	26,0
N.B.1	HP		-	19	21	29,0
R.S. Ravantina Astronaut	PG		6-7	29	62	43,0

Sementes Agroceres S/A, Santa Cruz das Palmeiras, Esp. de São Paulo.
Controla em 18/12/85. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Señs A.G.	GHR	2-3	119	297	20.0	3.8
Marina A.G.	GHR	3-7	108	267	18.0	3.7
Truquada A.G.	GHR	3-10	90	262	18.0	3.8
Venda A.G.	DC2	3-1	90	257	18.0	3.4
Vorridiana A.G.	DC2	4-7	80	233	18.0	3.7
Vanzema A.G.	DC2	4-7	80	241	15.0	3.4
Vinia A.G.	GHR	5-8	80	229	24.0	3.2
Vizosa N. Starlite A.G.	DC2	4-8	80	118	21.0	3.1
Wilma A.G.	DC2	5-2	50	169	25.0	3.4
Xepa A.G.	DC3	4-8	80	169	21.0	3.9
Yine Rock Lester A.G.	GHR	2-10	60	147	18.0	3.6
Yeta Wlu Mel A.G.	DC2	3-1	40	118	17.0	3.7
Zurique State A.G.	DC3	3-1	40	213	72.0	3.6
Zusale A.G.	GHR	8-11	49	111	27.0	3.4
Zodia A.G.	GHR	4-2	30	89	21.0	3.8
Zarquada W. Demand A.G.	DC2	4-8	80	259	25.0	3.4
Alianza A.G.	GHR	2-8	70	80	19.0	4.0
Amesim A.G.	DC3	2-9	39	79	28.0	4.1
Amesim A.G.	GHR	2-5	39	64	21.0	2.9
Altura A.G.	DC2	3-8	39	88	22.0	3.8
Temla A.G.	GHR	7-8	20	32	28.0	3.5

Dr. Guilherme Walter Soares Caldas, Noqi-Cuaçu, Est. de São Paulo, Cng
trale em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas

FHFB Buchtel Astoria Blackhawk	PO	3-11	59	127	23.0	2.4
Calder Ford Wartsa	PO	2-8	39	92	22.0	1.1
FHFB Ivemuhl Duke Astoria	PO	5-7	39	239	28.0	2.5
Caldera Highgate Nurwaga	PO	2-8	39	38	22.0	1.8
Calder Cavallieri Indira	PO	3-3	89	235	22.0	3.4
Monks-Indre Elav-Duchess	PO	8-1	40	189	23.0	1.2
Caldera Bookmaker Majastade	PO	4-6	84	261	23.0	1.0
HC Adams NW	PO	4-3	40	163	23.0	1.8
Isadora TV Star Caldera	GRB	3-3	99	238	29.0	3.4
Caldera Tradition Roma-TE	PO	2-7	60	168	24.0	3.2
Caldera Standalone Bernhardt-TE	PO	5-10	50	125	24.0	1.0
FHFB Arlindeable Burgum-Chief	PO	4-6	39	83	32.0	4.3
FHFB Angela Ivemuhl Williams-OW	PO	3-10	39	120	23.0	3.1
Caldera Marvay Nevada	PO	1-1	10	3	3.0	0.4
Caldera Traditonal Idealia Fox-TE	PO	3-1	19	9	27.0	0.9
Chiquita IV Star Caldera	GRB	7-11	89	173	31.0	2.6
Caldera Valiant Idealia Beattie PO	PO	4-4	109	275	31.0	1.2
FHFB Sorellan Comet Astoria	PO	2-8	79	143	31.0	1.7
FHFB Arlindeable Vign Starlight PO	PO	2-1	69	183	24.0	3.2
Sorella 1996 Pafnola G-Cav	PO	4-1	59	134	31.0	1.8
FHFB Wilhelmi Kallio Caldera	PO	2-10	89	190	28.0	2.0
Caldera Milwaukee Illia Merva	PO	3-3	40	102	28.0	4.8
Caldera Ford-Pohla	PO	2-8	89	220	26.0	3.0
9-Pohla 1996 Fox-TE	PO	1-1	19	3	28.0	0.5
Caldera Valiant IR-Suckene-TE	PO	2-7	79	194	25.0	2.5
Kallio-Edenmacher Kila	PO	7-3	40	99	29.0	2.1
Caldera IV-Star Louisa	PO	3-11	90	215	30.0	2.4
Caldera Ford Salas-TE	PO	4-6	89	117	29.0	1.8
Springe Gardens E-Penny	PO	3-3	119	328	20.0	2.2
Caldera Apollo T-Marguerite	PO	5-7	78	100	20.0	2.3
Caldera Standalone Indira	PO	2-8	29	78	20.0	2.8
Caldera Ford Gina	PO	2-5	79	275	20.0	2.8
Caldera Estremum Ursipides	PO	3-11	60	128	27.0	1.1
Caldera Standalone Indira	PO	3-11	89	111	28.0	1.8

Esiga Agropecuária Ltda.Firacéia,Est.de São Paulo,controla em 20/12/81
Bosmas de peste com raças suplementares 2 ordens.

Kings Bookends Soldiers	PO		89	215	14.0	9.5
Kings Chorus Values	PO	2-9	88	215	18.0	9.5
Kings Cajal Standout	PO	2-2	88	96	15.0	3.7
Kings Federal Standout	PO	2-4	20	47	14.0	2.0
Kings Gordonia Neodillon	PO	2-4	20	48	14.0	3.9
Kurmetts Burrows Slides	PO	2-1	91	91	14.0	3.9
L-443 Admiral Rivero	OCI	6-1	10	30	39.0	1.4
Klay Sempels Nodillon	PO	1-10	10	25	26.0	3.4
Nelson Kingsdome Rivero	PO	6-1	6	14	27.0	3.1
Somerville des Capillones	PO	1-5	5	14	27.0	3.1

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**


Purina

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		
Fernanda Froyd Cascata	PO		6-2	80	219	13,0	3,6	Mirante Starlite Eglantina	PO		2-8	10	24	21,0	3,2
Fernanda Naves Glândia	PO		5-8	89	227	13,0	3,7	Minerva Ultimate Rosalind	PO		2-1	28	83	10,2	3,8
Helia Jaine Lázaro	GR		5-7	92	228	13,0	3,7	MT Jaka - Usenet Top	PO		2-11	63	173	13,2	4,5
Isadora Jay Ipagaba do P.O	GR		8-0	89	235	14,0	3,9	Royal Ego Sassy	PO		4-8	68	181	15,6	3,1
Connet Aires Virginiana Elve	PO		8-2	30	77	25,0	2,9	Whirlwind Nancy	PO		4-2	29	49	18,0	2,1
Amelina Seilah Fransa	PO		1-10	123	116	16,0	3,1	Wampel Wood Liane	PO		4-4	78	80	16,3	3,3
Paulafield Willow Laine Layle	PO		7-1	49	109	26,0	3,1	Wendobale Scarce Nicla-ET	PO		11-11	29	64	22,8	2,8
Ringo shane Lolla Dam	PO		1-4	99	264	17,8	3,5	Wendobale Scarce Iris	PO		4-7	10	171	16,0	1,5
Sevita Espinosa Cit-M.Espina	PO		8-5	19	281	18,0	3,5	AF-Fortaleza Glinda	PO		2-4	42	122	24,4	2,5
Allegoria Carr Glia Celso	PO		5-0	50	122	21,0	3,2	Amorette Chiff Kathy	PO		4-9	67	188	13,0	1,0
Savita's Carilla Mont-Coqueta	PO		8-2	50	125	13,0	3,3	Unweroff Bean Peep	PO		9-11	39	64	18,8	2,3
J.P.B. Nadir	PO		4-4	40	115	18,0	3,7	AF-Portaleira Sebille	PO		4-8	111	78	22,8	2,8
J.P.B. Nana	PO		5-0	38	68	17,8	3,8	CSF Fay Adriatic	PO		6-11	29	85	18,7	2,6
J.P.B. Nandala	PO		6-3	60	166	15,0	3,2	GG Robet Evrella Copyright	PO		7-2	29	32	20,0	2,3
J.P.B. Nana	PO		6-8	39	78	27,0	3,4	GG Isaac Ajaja Cristan	PO		4-8	29	90	14,2	2,9
J.P.B. Nana	PO		5-10	39	68	13,0	3,7	GG Neelija Tanya Usaidin	PO		4-11	89	187	16,8	2,5
J.P.B. Nuficia	PO		5-0	70	185	22,0	2,9	GG Niertha Milgruwa Whitus	PO		4-9	60	161	17,0	3,3
J.P.B. Oba	PO		7-5	46	95	30,0	3,2	Komandale Calystra Fat	PO		3-11	99	274	13,0	4,8
Mai Littel Commander Karee	PO		4-11	49	117	25,0	3,4	K.O.Sabir M.Naple	PO		3-1	69	156	15,0	2,5
Munk La Lila Bevon	PO		7-7	70	190	30,0	3,2	Kowtara Ultimate Nize	PO		4-0	84	93	21,0	2,0
Munderrock Wayne Glenna	PO		-	89	142	13,0	3,1	Kowtara Tripia Mimie-ET	PO		4-4	70	188	18,0	3,4
Elise Bunsaga Rodriam	PO		3-3	89	221	14,0	3,1	Kowtara Telmat, Alerie	PO		4-0	60	178	17,0	3,1
Elise Baguati Fahat	PO		3-5	79	192	19,0	3,2	Mirante Burgoe, Lania	PO		4-8	40	154	11,8	3,9
Elise Boudiera Iric	PO		3-2	39	62	28,0	3,2	Mirante Carilla	PO		4-6	20	82	17,0	2,9
Elise Boudiera Standout	PO		3-5	39	62	28,0	3,2								

Maria Aparecida Pacheco Barba, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 24/12/91. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Ship Name	Port	3-5	40	133	29.0	2.9
M.A. Ford Dunlap-TE	FO	3-5	40	133	29.0	2.9
Seamus Jupiter M.A.B.	GHM	3-4	39	80	23.0	3.2
1 arrivals						
MAR Kiliha Chief Esperanza-TEPO	FO	2-3	29	41	21.0	3.7
MAR Elevation Espuma-TE	PO	2-3	29	40	25.0	3.2
MAR Valiant Esplanada-TE	PO	2-5	29	43	26.0	3.5
MAR Vland Eouada-TE	FO	3-2	29	40	27.0	3.3
Escalada M.A.B.	GC1	2-4	19	23	24.0	3.5
Chris Marie Dupree	FO	2-8	19	10	26.0	3.9
Elching Spring Star Janet-ETPO	FO	6-2	130	341	15.0	3.6
Salva M.A.B.	GHM	2-3	120	335	16.0	3.8
MAR Ford Malintha-TE	FO	2-0	110	333	17.0	4.0
Cabovera M.A.B.	GHM	4-1	100	292	15.0	3.4
MAR Fabat Kila-TE	FO	2-0	89	232	17.0	3.7
MAR Astronauta Retiva-TE	FO	2-1	80	229	24.0	3.2
Escalada M.A.B.	GHM	7-3	29	298	17.0	3.8
MAR Valiant Fay-TE	FO	2-1	50	153	24.0	4.1
MAR Valiant Railing-TE	FO	2-2	40	126	18.0	3.6
Seamus MAR	GC1	2-2	40	123	17.0	3.5
R.A.B. Cascata	FO	4-6	40	119	20.0	4.0
MAR Fabat Espira-TE	FO	2-4	40	117	27.0	3.4
AR Portulaca Cascata-TE	FO	2-2	40	94	28.0	3.4
Univera de Virat-Nortume	FO	6-10	70	87	32.0	3.5

Fazenda Fortaleza Ltda. Nova Odessa, Est. do São Paulo, Controle em 31.12/53, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

AF Fortaleza Meliana	PO	3-3	70	188	28,0	3,8
AF Fortaleza Sacarina	PO	7-5	60	182	31,0	3,8
AF Fortaleza Ventana	PO	4-8	60	172	28,0	3,8
AF Fortaleza Mado	PO	1-9	50	170	30,0	3,8
AF Fortaleza Samaritana	PO	7-5	30	78	41,0	3,8
AF Fortaleza Nobel	PO	3-9	20	76	35,0	3,8
AF Fortaleza Boca	PO	3-9	20	76	35,0	3,8
AF Fortaleza Baguala-TE	PO	3-8	79	82	32,0	3,8
AF Fortaleza Ciudad-TE	PO	2-3	89	28,0	3,8	
AF Fortaleza Cienfuegos-TE	PO	3-2	89	28,0	3,8	
AF Fortaleza Carabali-TE	PO	3-2	89	61	31,0	3,8
AF Fortaleza Beag-TE	PO	3-1	14	18	34,0	3,8
AF Fortaleza Biquena	PO	3-1	19	37	37,0	3,8
AF Fortaleza Canchica	PO	2-9	19	3	30,0	3,8
AF Fortaleza Alzura	PO	3-5	90	262	27,0	3,8
AF Fortaleza Paites	PO	8-18	88	246	27,0	3,8
AF Fortaleza Bani	PO	2-8	88	246	27,0	3,8

De: Mônica Alvim de Freitas, Engenheira Paulista, Est. de São Paulo.
Contato em 11/12/2015. Regime de pasto com ração suplementar. 2 or

Modelo	Placa	Valor	Valor	Valor	Valor
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	2-2	3V	82	13,5
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-8	1V	23	34,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-8	1V	23	34,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	4-5	1V	8	21,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	2-6	1V	1	20,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	8-3	3V	66	32,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	8-3	3V	18	30,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	5-3	3V	18	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	8-4	4V	109	20,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	3-4	7V	186	24,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	3-4	7V	41	11,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	6-9	6V	172	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	6-6	3V	83	26,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	PO	5-2	5V	128	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	5-2	5V	181	21,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	5-2	4V	111	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	4-5	4V	111	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	4-4	7V	82	30,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-1	7V	71	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-1	9V	212	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	4-3	8V	217	19,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-3	3V	66	29,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-1	4V	121	27,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	8-1	3V	136	28,0
Mercedes-Benz Sprinter 2.5	GHR	4-11	7V	23	22,0

Itaóguçu U/A, Itapira, Set. de São Paulo, Controla em 06/12/85, Região de saúde PCA Região Amplemtoar, 1.ª ordem.

Model Year 1990	1990	14,999	24	2,800	Black
Model Year 1991	1991	15,999	24	2,800	Black
Model Year 1992	1992	16,999	24	2,800	Black
Model Year 1993	1993	17,999	24	2,800	Black
Model Year 1994	1994	18,999	24	2,800	Black
Model Year 1995	1995	19,999	24	2,800	Black
Model Year 1996	1996	20,999	24	2,800	Black
Model Year 1997	1997	21,999	24	2,800	Black
Model Year 1998	1998	22,999	24	2,800	Black
Model Year 1999	1999	23,999	24	2,800	Black
Model Year 2000	2000	24,999	24	2,800	Black
Model Year 2001	2001	25,999	24	2,800	Black
Model Year 2002	2002	26,999	24	2,800	Black
Model Year 2003	2003	27,999	24	2,800	Black
Model Year 2004	2004	28,999	24	2,800	Black
Model Year 2005	2005	29,999	24	2,800	Black
Model Year 2006	2006	30,999	24	2,800	Black
Model Year 2007	2007	31,999	24	2,800	Black
Model Year 2008	2008	32,999	24	2,800	Black
Model Year 2009	2009	33,999	24	2,800	Black
Model Year 2010	2010	34,999	24	2,800	Black
Model Year 2011	2011	35,999	24	2,800	Black
Model Year 2012	2012	36,999	24	2,800	Black
Model Year 2013	2013	37,999	24	2,800	Black
Model Year 2014	2014	38,999	24	2,800	Black
Model Year 2015	2015	39,999	24	2,800	Black
Model Year 2016	2016	40,999	24	2,800	Black
Model Year 2017	2017	41,999	24	2,800	Black
Model Year 2018	2018	42,999	24	2,800	Black
Model Year 2019	2019	43,999	24	2,800	Black
Model Year 2020	2020	44,999	24	2,800	Black
Model Year 2021	2021	45,999	24	2,800	Black
Model Year 2022	2022	46,999	24	2,800	Black
Model Year 2023	2023	47,999	24	2,800	Black
Model Year 2024	2024	48,999	24	2,800	Black
Model Year 2025	2025	49,999	24	2,800	Black
Model Year 2026	2026	50,999	24	2,800	Black
Model Year 2027	2027	51,999	24	2,800	Black
Model Year 2028	2028	52,999	24	2,800	Black
Model Year 2029	2029	53,999	24	2,800	Black
Model Year 2030	2030	54,999	24	2,800	Black
Model Year 2031	2031	55,999	24	2,800	Black
Model Year 2032	2032	56,999	24	2,800	Black
Model Year 2033	2033	57,999	24	2,800	Black
Model Year 2034	2034	58,999	24	2,800	Black
Model Year 2035	2035	59,999	24	2,800	Black
Model Year 2036	2036	60,999	24	2,800	Black
Model Year 2037	2037	61,999	24	2,800	Black
Model Year 2038	2038	62,999	24	2,800	Black
Model Year 2039	2039	63,999	24	2,800	Black
Model Year 2040	2040	64,999	24	2,800	Black
Model Year 2041	2041	65,999	24	2,800	Black
Model Year 2042	2042	66,999	24	2,800	Black
Model Year 2043	2043	67,999	24	2,800	Black
Model Year 2044	2044	68,999	24	2,800	Black
Model Year 2045	2045	69,999	24	2,800	Black
Model Year 2046	2046	70,999	24	2,800	Black
Model Year 2047	2047	71,999	24	2,800	Black
Model Year 2048	2048	72,999	24	2,800	Black
Model Year 2049					

NOME DO ANIMAL		Idade de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Mirante Starlite Eglantine	PG	2-8	1V	24	21,0	3,2	
Kawnee Ultimate Rosalind	PG	8-1	70	83	13,0	5,0	
ET Ink's Queen 702	PG	2-11	48	173	10,0	4,5	
Small Iggy Bush	PG	4-4	49	181	12,1	5,5	
Whirlwind Henry	PG	6-2	20	49	16,0	2,1	
Kapel Wood Lhink Wendy	PG	5-4	79	187	13,0	3,3	
Meadowlake Rose Nicole-ET	PG	11-11	39	64	13,0	4,4	
Naamika Rosalind	PG	8-7	56	171	14,0	3,5	
AP Fortaleza Olinda	PG	3-10	59	122	30,0	3,0	
Rowntree Chief Kathy	PG	4-9	6V	184	13,0	3,0	
Rowntree Sean Peth	PG	9-11	20	64	19,0	2,3	
PG Fortaleza Solida	PG	7-4	70	74	16,0	3,0	
CS Fay Adriana Dolan	PG	6-11	20	32	18,0	2,3	
SG Rebeler Kevilla Coppygna	PG	7-2	20	32	20,0	2,5	
SG Lolina Ajax Cristian	PG	2-8	20	6	14,0	2,9	
Siza Rosella Emilia	PG	8-11	33	120	13,0	3,1	
SG Nierla Milhura Baidito	PG	4-8	60	161	37,0	3,5	
Romandala Cryeta Fat	PG	5-11	99	274	23,0	4,8	
R.C. Gahr S. Nave	PG	8-1	89	151	15,0	2,5	
Rowntree Ultimate Miss	PG	4-10	42	93	13,0	2,0	
Rowntree Triplic Maria-ET	PG	4-4	70	108	18,0	3,4	
Rowntree Tumat, Alexia	PG	4-6	60	178	17,0	1,1	
Mirante Europa, Lucia	PG	4-4	60	154	17,0	3,9	
Mirante Caride	PG	4-8	35	82	15,0	2,9	
Mirante Chagrin Caberia	PG	4-2	50	128	13,0	1,8	
Mirante Red Clarice	PG	2-10	60	167	10,0	2,6	
Mirante Chagrin Camundua	PG	3-1	70	171	17,0	2,7	
Mirante Shink Celi	PG	-	29	39	20,0	1,2	
Mirante Tempa Cassandra	PG	3-11	40	96	18,0	1,8	
Squarrelite Ned Heather	PG	4-11	49	174	18,0	1,9	
Mirante Tempa Bessy	PG	3-10	39	140	18,0	1,9	
Mirante Starlite Niane	PG	3-1	60	173	18,0	3,4	
Mirante Starlite Selia	PG	3-2	50	139	13,0	1,0	
Mirante Champion Dunita	PG	6-1	60	161	12,0	3,9	
Mirante Atlas Belosa	PG	2-10	49	156	17,0	2,7	
Mirante Atlas Dewair	PG	2-11	39	72	13,0	2,8	
Mirante Chagrin Bertradeira	PG	3-10	19	68	18,0	1,3	
ET Suckeen Beldia 714-ET	PG	2-11	39	87	18,0	1,3	
Mirante Starlite Efipenia	PG	2-7	29	51	14,0	1,1	

Lâminas de Nello Brandão, Itatiba, Est. de São Paulo, Controle em 11/12/65. Regime de pasto com ração suplementar. 3 crênnias.

Terrace Lea Puyal Leader	PG	3-12	48	169	27.8	2.8
Thurmond Priscilla	PG	4-7	88	225	26.8	2.8
Haple Grove Linda Intrigue	PG	4-4	40	89	33.8	3.7
JFR Netta	PG	4-3	50	132	23.8	2.7
Lady Yvile Dominion Jay	PG	3-4	16	4	28.8	3.5
CLIMdale Citation Dee	PG	3-5	50	149	29.8	3.8
Quilera de Urua, Esmeralda	PG	3-5	38	83	31.8	3.1
Rta.Esp.Elevacion Frosty S.N.PG	PG	3-4	60	174	30.8	3.8
St.Esp.Lindy Backer Cring	PG	3-4	25	49	31.8	3.8
St.Esp.Clarence Pat.Emma	PG	3-2	59	174	34.8	3.3
Virginia Rita Esperanza	PGCB	3-7	30	78	28.8	3.8
S.Esp.Cecilia Elev.Louise Fuen	PG	3-6	19	21	38.8	3.8
S.Esp.Mahook Dorcas S.P.HistPG	PG	3-3	70	183	32.8	3.8
Stm Esp.Maria L. Natalia	PG	3-3	79	184	32.8	3.8
Diana Rita Esperanza	PGCB	3-3	38	144	31.8	3.8
Hurtado Rita S. Esperanza	PGCB	3-6	70	179	32.8	3.8
S.Esp.Money Maker M.Margud	PG	3-4	65	145	32.8	3.8
S.Esp.Ludmilla Betty Fannell	PG	3-4	50	135	27.8	2.8
S.Esp.Cundo Criss Rita Fuder	PG	3-11	30	139	31.8	3.7
S.Esp.Chickadee Anita Tigras	PG	3-11	39	137	28.7	2.9
S.Esp.Lindy Elizabeth Wilkes	PG	3-11	39	137	28.7	2.9
S.Esp.Pail Rita Margara	PG	3-11	49	137	28.7	2.9
Marieta Rita Esperanza	OCJ	3-3	49	112	38.8	4.2
Elas Campa Sandra Lucifer	PG	3-4	40	117	27.8	3.0
P./PA/BAI Saira Yvonne Saffia	PG	3-3	41	121	27.8	3.0
Abm Santa Esperanza	OCJ	3-3	60	141	27.8	3.0
Jamalea Santa Esperanza	PGCB	3-7	109	277	27.8	3.8
Shaner Farm Admiral Fay	PG	3-9	89	241	24.8	3.1
Katie Santa Esperanza	PGCB	3-9	119	273	24.8	3.1
S.Esp.O. Heinricha Frankner	PG	4-9	48	141	24.8	3.1
PGFB Buckeyel Royal Chiefstar	PG	4-5	29	54	34.8	3.9
Sandra 9448 Estima Royal Thorpe	PG	3-7	38	75	36.8	4.8
S.Renato Hanna Glen Frosty	PG	3-8	49	85	31.8	3.1
Theron Linda Mae 95.50	OCJ	3-7	49	112	31.8	3.1
S.Renato Adriana Anil	PG	3-8	59	149	22.8	2.8
S.Renato Carla Ulupurga	PG	3-8	49	85	32.8	3.2
Serila Hanna-Rita Jose S.Rep.OCJ	PG	3-10	149	317	23.8	3.8
PGFB Josephine Hanna 95.50	PG	4-9	49	112	31.8	3.1
PGFB Ivanell Elev.Christina	PG	4-4	50	127	23.8	3.0
PGFB Astrabel Vigo Standford	PG	4-3	51	127	23.8	3.0
Elaine Chikadee Fannell M.OCJ	PG	4-3	29	54	34.8	3.9
Michael Michael Anil S.Rep.OCJ	PG	3-8	49	141	24.8	3.1
Karin Chris Oblea S.Rep.OCJ	PG	3-8	109	368	22.8	2.9
Kamilly Cesar Elev.Louise 95.50	PG	3-8	149	278	14.8	1.8
PGFB Norma Bel G. Rasm	PG	3-9	19	39	37.8	3.7
PGFB Gabriela Cecilia 95.50	PG	4-9	49	112	31.8	3.1
P. Occidell Wille MounseinerPG	PG	3-10	29	29	46.8	2.9
Carlana Fund Tom Criss S.E.PGCB	PG	3-9	49	117	23.8	3.1
Tania Hanna Fannell	PG	3-9	49	117	23.8	3.1
Tilmoneta Thora Criss 95.50	PG	4-4	89	210	23.8	3.1
Alita Chris Adelpurga S.Esp.	PG	3-4	49	115	23.8	3.1
Wrona Nisatone Tulin 95.50	PG	3-4	49	119	14.8	1.8
Yvile Ingrid 95.50	PG	3-4	89	210	23.8	3.1
Marly Cesar S.Wolela S.E.PGCB	PG	3-10	70	183	31.8	3.8
Linda Cesar Diana S.Esp.	OCJ	3-4	29	54	29.8	3.2
Tessie Chikadee Tigras S.E.PGCB	PG	3-4	49	111	27.8	3.8
Yvile Ingrid 95.50	PG	3-4	89	210	23.8	3.1
Wrona Nisatone Tulin 95.50	PG	3-4	49	119	14.8	1.8
Yvile Ingrid 95.50	PG	3-4	89	210	23.8	3.1
Alita Chris Adelpurga S.Esp.	PG	3-4	49	115	23.8	3.1
Wrona Nisatone Tulin 95.50	PG	3-4	49	119	14.8	1.8

Cia Baptista Souza In: e Confecção Industrial, Srt. de Minas Gerais. Che-
gada em 14/17/87. Registro de parte com 14/18/87. I collected.

Jacinto Hernandez	PO	8-0	19	1	13.8	2.9
Willow Linda F de U.J.C	OC2	4-0	39	37	32.8	1.1
Aleida de Westring	OC2	4-0	25	92	27.3	1.9
Tania J de U.J.C	OC4	5-0	46	88	26.0	1.2
J.F.R. Gualandá	PO	3-0	18	21	18.3	0.9

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**

 **Purina**

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: José Lucio Resende e Outros

Seleção e Criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO

Município de Matozinhos - MG

Tel.: (031) 661-1312

B. Horizonte: Rua Santa Rita Durão, 1160

Tel.: (031) 212-5011



TARIMBA

6a 2x 362d 2784 kg 1056 kg 3,77%

[illegible]

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de Leite lactação	%	
Genelia Betramant EE,	GRB	2-8	29	54	24,8	2,9
Enila Fabel EE	OC4	2-8	29	85	26,0	1,8
Clara Froul EE	GRB	3-6	29	35	23,0	3,4
Esperanza Froul EE	GRB	2-2	29	35	34,8	3,4
Esperanza Chief Darci	PO	5-10	19	23	28,0	4,0
Carlota	PO	-	19	28	22,8	2,5
Alma Hosh Yashu EE	GRB	5-2	39	261	24,0	3,9
Amalida Froul-GR	GRB	5-2	39	141	29,0	3,1
Alma Sauter EE	GRB	5-3	79	201	23,0	4,0
Amelia Saperst	GRB	4-8	89	251	22,0	3,9
Amara Warner EE	GRB	4-2	59	27	26,0	2,9
Atchadada Froul GR	GRB	4-8	49	182	23,0	3,1
Atchadada Board	GRB	2-18	49	123	21,0	3,1
Atchadada WJ	GRB	4-8	79	186	22,0	3,8
Atchadada Warner EE	GRB	8-2	79	164	22,0	3,0
Enna Akrant EE	GRB	8-1	59	24	24,8	3,1
Ennara and Candia	PO	6-1	89	209	22,0	3,1
Ennara Cit. M.WJ	GRB	10-2	79	183	23,0	2,9
Ennara Froul Verbe EE	GRB	18-8	89	229	26,8	3,8
Ennara Froul L. Pretendino-PO	GRB	6-3	89	270	28,0	3,2
Ennara Froul GR	PO	9-1	89	247	26,0	3,9
Ennara Froul	PO	9-6	79	187	26,8	3,8
Ennara Froul EE	GRB	8-2	29	87	25,0	3,1
Ennara Froul GR	GRB	8-3	89	263	29,0	2,4
Ennara Froul	PO	7-5	79	183	23,0	3,2
Ennara Froul	GRB	7-5	59	150	21,0	3,4
Ennara Froul	PO	7-2	39	65	27,0	3,7
Ennara Froul	PO	6-5	119	329	23,0	3,6
Ennara Froul	GRB	7-9	89	284	29,8	3,7
Ennara Froul	GRB	6-0	39	65	22,0	3,3

Farmat Agropedária Ltda., Franco, Est. de São Paulo, Controla em 05/11/83, Negocio de pasto com região suplementar. 1 crêditos.

[illegible]

Endereço: Avenida Magalhães Pereira, 100 - Jardim América, 22.240-900 - Rio de Janeiro, RJ. Telefone: (21) 250-1100. E-mail: contato@nasa.gov.br. Site: www.nasa.gov.br.
 Registro de postais com logotipo complementar, 3 unidades.

Albino Albany	POOD	3-3	84	248	16.2	2.3
Bumpo 14 on Don't/No	OC1	3-0	80	237	14.6	4.4
Van Albany	POOD	5-0	79	234	32.0	4.2
Indefinite Albany	POOD	6-18	79	176	14.6	4.4
Galva Albany	POC1	7-0	144	307	17.0	0.0
Galva Albany	POOD	5-0	56	148	18.0	3.1
P.F. Andy Neudorfer	PO	4-8	50	145	12.0	4.4
Regisville 241 Albany	POC1	3-0	144	144	18.0	4.4
P.F. Andy Neudorfer	POC1	5-1	50	141	18.0	4.4
Albany River Jutland	PO	2-4	49	126	11.0	4.4
Albany Albany	11/12	1-0	30	101	16.0	4.4
Galva Albany	11/12	1-0	26	67	13.0	4.4
Lewiston 11 on Don't/No	OC1	3-0	29	69	56.0	0.0
Albany Albany	11/12	3-0	26	62	21.0	2.3
Westerville Albany	11/12	3-0	29	58	38.0	0.0
Albany Albany	11/12	2-0	26	54	13.0	4.4
Don't/No 12 on Don't/No	OC1	4-2	20	50	17.0	2.3
Wagon Arroyo Albany	OC1	4-0	20	47	10.0	4.4
Albany Albany	POC1	4-1	29	46	14.0	2.3
Albany 1st Albany	POC1	6-0	30	49	32.0	0.0
Albany Albany	SB	3-1	10	19	11.0	0.0

Nome: Renato Chaves de Jesus, Inscrição: Ext. de São Paulo, Ocorrida em: 04/12/95, Região: de parte do ciclo complementar, 1º ordenão.

De parte de cada participante 1 credencial.						
Ries de Ponto	CC1	4-1	29	32	22,0	4
Reitor de Ponto	CC4	3-0	29	32	22,0	3
Reitor de Ponto	CC2	3-0	30	35	27,0	3
Reitor de Ponto	CC3	3-0	29	28	25,0	3
Reitor de Ponto	CC5	3-4	48	122	20,0	4
Reitor de Ponto	CC6	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC7	3-0	31	32	24,0	3
Reitor de Ponto	CC8	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC9	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC10	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC11	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC12	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC13	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC14	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC15	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC16	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC17	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC18	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC19	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC20	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC21	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC22	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC23	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC24	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC25	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC26	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC27	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC28	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC29	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC30	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC31	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC32	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC33	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC34	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC35	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC36	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC37	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC38	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC39	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC40	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC41	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC42	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC43	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC44	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC45	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC46	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC47	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC48	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC49	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC50	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC51	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC52	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC53	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC54	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC55	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC56	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC57	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC58	3-0	30	30	21,0	3
Reitor de Ponto	CC59	3-0	30	30	21,0	3</

NOME DO ANIMAL	Grau do sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de Leite lactação	%	
Gracinda da Prata	7C	-	40	118	21,0	2,7
Juana da Prata	OC3	4-6	80	118	22,0	1,3
Jozeina da Prata	OC3	2-6	120	188	14,8	1,4
Tequena da Prata	OC3	4-8	30	63	28,0	3,0
Alipudi da Prata	OC3	2-6	20	44	20,8	3,8
Assimida da Prata	OC2	3-6	20	40	16,6	1,6
Sereia da Prata	OC2	4-6	30	220	21,6	6,6
Pubi da Prata	OC3	5-7	40	97	23,8	1,6
Oristalino da Prata	OC4	4-5	30	158	22,8	3,3
Colara da Prata	OC3	4-6	30	142	23,8	1,6
Califania da Prata	OC3	4-8	30	100	23,0	1,0
Mineira da Prata	31/32	4-11	40	160	26,0	3,1
Malaga da Prata	OC3	6-5	50	128	26,6	1,5
Parceira da Prata	OC3	3-6	60	138	26,8	1,4
Estalita da Prata	OC3	2-7	30	140	26,8	1,4
Nina da Prata	OC2	6-2	30	85	26,0	4,6
Piana da Prata	OC2	8-0	50	158	24,0	2,9
Piriliza da Prata	OC2	3-4	30	82	24,8	3,0
Triliza da Prata	OC2	3-6	40	91	25,2	3,1
Paula da Prata	OC2	3-8	30	85	21,0	2,2
Demota da Prata	OC4	5-5	20	27	38,0	1,2
Isenerada da Prata	31/32	6-6	20	23	32,8	1,4
Rubina da Prata	OC2	5-5	20	28	28,8	1,2

Eliza Ribeiro Neves e Wilson Batista, Est. de São Paulo, criada em 11/12/96.
Registre de parte (em campo suplementar) 2 ordens.

Fiat Tempra Sprinter Winter	VO	8-6	42	123	25,8	1,4
Mercedes-Benz Sprinter	VO	4-4	20	47	28,8	3,3

Antonio de Toledo Lara Neto, São Simão, Est. de São Paulo, Controla em 10/12/85, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

São Simão de Platina	PO	3-3	39	51	21,6	3,3
São Simão de Flora	PO	3-1	19	2	17,0	1,7

Comercial e distribuidora J. Raposo Ltda. Lempis Facilita, Set. de São Paulo. Controle em 07/12/83. Regime de pasto com rações suplementar. 2 ordenhas.

CLASSIFICAÇÃO						
Aranda Pury Ford Nancy	PG	8-11	50	234	13,6	4,3
Vintão Donohoe L. Platoroz	PG	9-8	50	303	15,0	4,3
Leandro - José Reizato	PG	9-8	50	343	15,0	3,9
Corral Arlinda Martha	PG	7-1	50	232	13,6	4,0
Lytle Boot-Wick Ken	PG	4-2	120	291	13,5	4,0
Baby	-	-	49	233	13,6	4,0

Afonso Boqueira de Freitas-Itapira-Est.de São Paulo, Controle em 24/

Afonso Riquiera de Freitas, Itapira, Est. de São Paulo, Controla em 24/12/85, 8kg/m de peso com ração suplementar, 3 ordenhas.

12/85, segundo o posto com carga suplementar, 20 minutos.						
Alumargi Milestone Reisela	PG	6-4	89	175	24,6	4,1
Alumargi Milestone Bordeiro	PG	6-7	89	91	27,8	1,9
Alumargi Wissa Demari	PG	6-8	89	91	12,6	0,8
Alumargi Milestone Cabocla	PG	2-11	40	102	23,6	2,0
Variação Duke Seara P.2.	GMR	2-8	49	117	29,6	3,0
D5 Barro Alumargi	OC1	2-4	20	30	26,8	2,8
Diágora Milestone Alumargi	OC1	2-7	18	93	27,6	2,5
Alumargi Wissa Demari	PG	2-4	35	91	22,6	1,1
Edgessa Pal Alumargi	OC1	6-7	19	4	24,6	0,3
Alumargi Milestone Brissinda	PG	6-8	10	22	24,6	2,6
Gartinho Alumargi	11/72	7-10	80	170	24,0	3,0
Collina Milestone Alumargi	GMR	3-4	30	44	31,6	1,8
Almódia Alumargi	PG	1-10	40	91	21,6	1,3
Solipa Alumargi	PGCB	6-8	80	173	29,6	3,0
Palmeira Alumargi	PGCB	6-8	10	81	29,6	1,2
Caipira Alumargi	PGCB	6-8	49	104	28,6	3,0
Well Atlas Alumargi	OC1	6-6	28	81	34,6	2,8
Belas Elyse Alumargi	OC1	6-2	6	64	34,6	0,8
Black Money M.Alumargi	OC1	3-11	70	181	36,6	3,0
Ladde Atlas Alumargi	OC1	8-7	20	34	33,6	0,1
Sorria Alumargi	PGCB	6-3	80	162	36,6	0,1
Almaja Alumargi	11/73	10-2	40	117	24,6	0,1
Alumargi Aldeia Hamlet	PG	6-5	80	91	31,6	0,1
Alumargi Wissa Brasileira	PG	4-5	20	123	11,6	0,1

Valdir Spinelli de Oliveira e Iracema Lorraines, Set. de São Paulo, Controla em 13/12/85. Região de pasta com ração parlamentar. 1 ordenação.

[illegible]

Fazenda da Terra Linda, Ilhagüia, Est. de São Paulo, Contorno ao 91/92/
91, rodovia de acesso com ruínas arqueológicas, 3 colônias.

Agency No.	000	4-1	48	122	18.3	2.3
Agency No.	001	2-11	48	114	16.0	1.1

Dr. Luis Antonio de Sousa-Pereira, Colômbia: 3/3. Arroz-Car. de São Paulo. Controle em 10/11/91. Vegeta. de parte com espig. suplementar. 1 esp. novo.

Sales					
F. R. C. Hara	40	3-4	68	133	24.1
Chlor Mils Betty Salamanda	30	5-11	98	149	31.0
CHC, Wajita	90	5-7	72	75	20.0
Chlor Mils Betty Sebastine	92	5-11	79	111	19.2
Union Agreement Palto	88	4-4	19	11	12.0
Chlor West, Palto	91	8-1	88	213	20.0
Chlor Mils Betty Adalvina	90	5-5	69	132	18.0

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos meses	Controle	Dias de Leite lactação	%	
Driza Anita Uolima Triangulo PO	5-2	39	80	38,9	1,3	
Defesa 2121 Belle Ross R.N. GBS	6-3	20	61	27,7	1,8	
Jani V.T. Wólma M. PO	6-0	19	6	31,1	1,3	
Aguardante 1211 Bell E.S.M. CHS	5-9	29	73	19,3	1,9	
J.V.F. Mônica Guxary Med PO	4-10	49	128	25,8	2,3	
J.J. Lúcia Imperor PO	6-11	19	15	24,6	1,5	
Imove 83 Deflection de S.A. PO	8-1	70	21,3	22,8	1,5	
Perrinha Glória PO	5-6	49	120	22,8	3,1	
Jang. Uta Mikazada Milord PO	3-8	19	20	27,9	1,9	
Normanda Astronauta Guara PO	5-10	29	17	20,8	2,4	
T. Tan Martha P. Astor PO	5-0	19	48	28,9	1,9	
Faz. Ferro M. Ruzaf PO	5-4	58	150	28,3	3,3	
Faz. Ferro Julia Ivanosh PO	6-11	39	78	22,9	2,4	
Faz. Torça Sae Dutchman PO	7-8	49	138	27,8	2,4	
J.V.P. Patrícia C. Randolph PO	5-4	58	159	19,3	2,3	
Aryona 31 Foundation S.H. GBS	5-10	39	109	24,9	2,3	
Gracia Bigia Utilidade Emp. PO	4-4	18	39	24,1	2,3	
Martinezera Guberry L. Astro. PO	4-2	39	98	23,8	2,3	
Jang. Uolima 1 Jurado Filão PO	7-8	29	74	38,3	1,4	
Martinezera Emacada M. Gay PO	5-2	29	81	19,8	2,9	
Normanda Clara Citerion PO	8-11	39	187	12,8	1,1	
Carlos Ovideado Sosa Lima, Jardimópolis, E.S. de São Paulo, Controle em 27/12/85, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Louet O. Lark Naha PO	PO	11-6	49	117	25,8	2,3
Uta Fiskland Corli GCI	5-4	29	68	16,8	1,8	
Uta Fiskland Corli GCI	4-10	19	27	18,9	2,4	
Vahusa Romanow Corli 11/32	2-6	19	44	22,8	2,3	
Corli Uova Agrendada Ideal PO	PO	1-4	28	17,4	1,4	
AP. Fortaleza Corli PO	2-5	19	63	15,8	2,3	
Agridore S/A, Emp. Agric. Pastorel, Duasolvaldo, E.R. de São Paulo, Controle em 06/12/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
Valeira Agridore GCI	3-6	19	12	36,8	2,8	
Estrelante Agridore GCI	7-7	29	38	25,8	2,3	
Margurita Agridore GCI	9-5	29	78	27,3	2,2	
Vahusa Agridore GCI	5-1	49	81	35,8	1,1	
Vaid Agridore GCI	5-10	39	86	41,8	1,5	
Vahusa Agridore GCI	1-9	19	49	38,8	2,5	
Uta Agridore GHS	7-6	19	14	41,8	1,1	
Floresta Agridore GCI	8-3	30	124	41,8	4,2	
Gracia Agridore GCI	7-8	29	71	25,8	2,3	
Floresta Agridore GCI	4-8	29	34	41,8	3,8	
Sulitira Agridore GCI	4-8	29	34	41,8	3,8	
Fernanda Arena Kiehl e Virgínia Corradini Kiehl, Ourado, E.R. de São Paulo, Controle em 11/12/85, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
América Jerk GCI	2-7	49	98	15,8	1,3	
América Jerk GCI	11/32	1-8	21	22,8	1,3	
Blanca Jerk GCI	11/32	7-11	109	298	13,8	3,7
Margurita da Engleada GCI	11/32	9-5	90	278	16,8	4,2
Beatrix Jerk GCI	2-8	49	29	18,8	1,4	
Margurita Jerk GCI	2-10	49	89	22,8	4,7	
Margurita Jerk GCI	11/32	5-6	29	27,8	1,9	
América Jerk GCI	11/32	3-9	82	18,8	1,3	
Blanca Jerk GCI	11/32	3-9	12	25,8	1,9	
Balance Jerk GCI	11/32	6-5	19	17,8	2,3	
Campanha Jerk GCI	11/32	8-9	19	27,8	1,3	
Campanha Jerk GCI	11/32	1-10	6	22,8	1,1	
Carolina Jerk GCI	11/32	4-4	19	18,8	4,2	
Doria Bay Jerk GCI	11/32	9-11	99	284	16,8	4,8
Dorian Jerk GCI	11/32	8-1	49	184	16,8	4,8
Doria Jerk GCI	11/32	10-2	49	120	24,8	5,4
Doria Jerk GCI	11/32	4-5	49	48	19,8	1,4
Doria Jerk GCI	11/32	4-5	49	184	11,8	2,8
Hatira Jerk GCI	11/32	3-8	29	27,8	1,3	
Erpicta Jerk GCI	11/32	2-7	59	133	14,8	1,3
Fubiana Jerk GCI	11/32	2-7	59	133	14,8	1,3
Margurita Jerk GCI	11/32	4-4	59	127	11,8	3,9
Gavin Jerk GCI	11/32	4-4	49	118	17,8	3,9
Ginebra Jerk GCI	11/32	4-4	49			

silva Moreira Salles, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controla em 11/93

**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	idade anos meses	Controle	Dias de Leite lactação	%	
Rio Vendinho Marcum	PO		8-6	90	275	13,8	3,2
Rio Vendinho Aljevo	PO		11-10	80	238	15,0	3,3
Rio Vendinho Amarelta	PO		12-2	89	235	16,0	3,1
Rio Vendinho Ilhada Brasil	POCC		4-11	80	224	14,0	3,2
Rio Vendinho Alfaiame	PO		7-5	70	192	14,0	3,5
Rio Vendinho Cantareira	PO		9-10	70	191	17,0	3,4
Rio Vendinho Acari	PO		12-2	70	185	14,0	3,3
Rio Vendinho Andaraí	PO		12-4	69	175	16,0	3,2
Rio Vendinho Floresta Cor.	PO		6-8	50	140	16,0	3,8
Rio Vendinho Braxela	PO		11-5	50	122	13,0	3,4
Rio Vendinho Jaborana Titão	PO		4-3	40	125	19,0	3,3
Rio Vendinho Camarada	PO		10-2	30	89	13,0	3,5
Rio Vendinho Rinha	PO		12-0	20	70	12,0	3,4
Rio Vendinho Lajurça Interna	PO		3-4	20	57	16,0	3,4
Rio Vendinho Garças Brasil	PO		6-5	20	54	23,0	3,6
Imperatriz Coração S.V.	POCC		10-11	90	247	15,0	3,5
Quilina das Vendinhas	POCC		10-4	90	353	13,0	3,5
Saquarema Rio Verde	POCC		5-9	80	256	14,0	3,3
Indiara Coração S.V.	PO		4-10	80	323	17,0	3,7
Barbacida Imperial S.V.	POCC		3-7	80	219	14,0	3,5

Dr. Carlos Alberto Jullin Lohmann, Japuriense, Est. de São Paulo, Controle
em 08/12/83, Regime de pasto com ração suplementar, 2 urdubas.

Wanda Karen De Francis	GC1	6-8	79	214	20.8	4.8
Wella Duke De Francis	GC2	2-2	70	209	19.0	4.0
Wendolene Bravo Francis	PCOC	2-4	59	19	27.0	2.8
Wesley, Gay Doris	PG	8-7	79	200	22.0	4.2
Wesleya J. De Francis	GC1	10-4	39	104	22.0	4.2
Wesleya Wilma Novice Chief	PO	2-1	94	259	21.0	3.7
Wilmair Verge De Francis	GC1	2-8	119	318	22.0	4.8
Wigs						
Wilderia Vign De Francis	GC2	4-4	60	169	22.0	4.2
Willie Hogg De Francis	PCOC	2-1	99	257	23.0	4.7
William De Francis	21/32	3-5	49	164	24.0	3.9
William Heritage Dove Ford	PG	2-1	49	166	22.0	3.9
Willy Money Maher Francis	GC1	7-5	116	239	22.0	4.2
Francis Wilma H. Chief-TR	PO	2-2	89	250	22.0	4.2
Francis Welo Mae Cavallari	PO	2-1	89	230	22.0	3.9
Wendolene Bravo De Francis	GC1	3-4	70	54	19.0	4.0
Wendy Vign De Francis	GC1	2-8	99	239	22.0	4.2
Wendy De Francis	GC1	3-4	59	137	21.0	4.0
Wesleya Vign De Francis	PCOC	2-8	89	233	16.0	4.2
Francis Gauda Sarah Fahat	PO	3-5	39	43	14.0	4.2
Carol Vign De Francis	GC2	2-2	39	43	21.0	4.2
Wendy Money M. De Francis	GC1	4-8	119	315	19.0	4.0
Wingard Harvey Swartz	PO	8-8	79	212	28.0	3.7
Wick Blom De Francis	GC1	4-2	39	89	29.0	4.2
Francis Hale Gourea Mare	PO	3-1	19	12	29.0	4.2
W. Harrietia J. Cavalieri	PO	1-1	19	17	29.0	4.2
Wendolene De Francis	PCOC	8-6	59	134	30.0	4.2
William Flower J. Banks	PO	6-5	70	214	11.0	4.2
Francis Yoda Mae Vailant	PO	4-4	60	166	27.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC2	7-7	89	239	22.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PO	2-2	89	253	17.0	2.1
Wendolene Vign De Francis	GC2	2-3	79	221	15.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	3-5	49	117	15.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	3-5	49	117	22.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PCOC	6-11	89	221	22.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PCOC	2-4	79	205	21.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PO	9-1	19	21	21.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	7-7	79	217	21.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PO	2-2	89	249	21.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	15/14	1-4	69	189	27.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	3-4	69	157	27.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PCOC	2-2	89	217	27.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PO	2-2	89	163	25.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PO	2-3	49	119	24.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	3-3	89	244	23.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	GC1	3-3	89	244	16.0	4.2
Wendolene Vign De Francis	PCOC	9-2	89	244	23.0	4.2

Antonio Salles Leite,Angatuba,Est.de São Paulo,Contrôle em 03/12/85.
Região de pasto com ração suplementar,2 ordenhas.

Alma Spring E. Marlin	PO	8-3	79	259	18.0	3
Alma Caprice Mathen	PO	8-7	79	197	18.0	4
William Captain Root, JR	PO	8-6	10	11	22.8	4
Angela Madraz Astronaut	PO	8-11	30	59	18.4	4
Camelia	NR	-	49	4	17.6	3
Camelia Master Wright	PO	7-9	19	7	17.6	3
Camelia	-	-	49	180	19.6	4
Belinda Ned Buckman	PO	7-6	50	145	15.0	4
Belinda Lugo	GCI	7-6	273	7	17.0	3
Camelia Capucina Pomul	PO	7-3	89	120	17.0	3
C. F. F.	11/32	9-5	49	120	17.6	3
Camelia de Guarez	NR	-	30	85	20.9	3
Camelia Lugo	GCI	8-8	48	35	17.8	3
Camelia Buld	NR	-	89	255	17.6	3
Camelia N. Astronaut	NR	-	40	126	17.8	3
145 Capt Angela Ferra	GCI	8-3	39	90	26.0	3
Alma Poverty Sandkiste	PO	8-4	49	115	16.0	7
Camelia 13	NR	-	50	100	17.0	3
Camelia Astronaut	PO	10-6	39	149	18.0	3
C. J. M. de Tupper	11/32	8-6	49	100	18.0	3
Antal Sandkiste Christman	PO	8-4	29	32	14.0	3
Camelia Gira	NR	-	49	12	17.8	3
Camelia Sandkiste 138 N 2531	PO	8-5	40	135	20.8	3

Teófilo A.J. Vermeulen (Hilshuis 11), Paragiponts, Est. de São Paulo, Co-
leira no 18/12/85, Região do oeste com região suplementar, 3 ardenhas.

	20	30	40	50	60
Família Superior do Agrilactinae (subfam. Viracincabae) det. de Adm. Paula Coutinho em 03/11/05. Registro de paxão com rapão supressores. 2 espécies.					
subfam. Real Periforme	80	2-10	129	358	11,8 3,13
subfam. Gossypii Chapeu	80	3-6	126	338	16,8 2,84
subfam. Theloni (duas)	80	4-11	99	272	12,8 3,05

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole de lactação	Dias de Leite	%
Esaul José Astro	PO		2-18	99	250	17,0
Esaul Zean Benfante	PO		2-6	99	241	15,5
Metrallas Desputada P.Perf.	PO		2-9	99	248	14,0
Esaul Quavel Charm	PO		7-6	60	178	17,0
Esaul Terry Ideal	PO		5-1	60	116	12,0
Esaul Vignette Performer	PO		4-1	50	125	14,0
Esaul Valentine Performer	PO		4-5	49	113	17,0
Esaul Violet Kimo	PO		4-0	40	111	20,0
FELQ Jatarana	PO		14-1	60	111	10,0
FELQ Sabana Legacy	PO		3-1	60	98	13,0
Esaul Hobbit Charm	PO		3-3	92	92	12,0
Esaul Herjia Paragon	PO		2-18	129	68	24,0
Metrallas Urutana Hachan	PO		6-0	39	73	18,0
Esaul Bond Ideal	PO		6-9	38	18	30,0
Esaul Tippy Kimo	PO		3-7	38	32	28,0
Lixa MG	OCL		6-10	19	12	19,0

Jacób Ausier Dutilh, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 26/12/81.
Regime de pastos com região suplementar, 2 colônias.

Arvinha Pranteira P.D.	GRB	3-0	6V	160	22,8	2,2
Unyehedl Conni Topper Zach	PO	8-2	4V	205	31,8	2,8
P.D.Vandapel Willow Rae-TE	PO	3-4	6V	151	28,6	2,8
Verdeland P.D. Saporita	PO	3-2	6V	144	24,0	2,8
P.D.Veneta C.Furtive Glen	PO	3-2	7V	59	14,9	2,8
P.O.Topeca Mount.Siana	PO	5-3	5V	138	17,6	2,1
Garcia Simbaldas Sapa P.D.	GRB	4-4	5V	131	17,2	2,8
P.D.Vinvera Armit Thelma	PO	6-1	5V	129	16,8	2,8
P.D.Ventura Cav.Siberiana	PO	5-5	5V	128	16,8	2,4
P.D.Vinidade Glen Connie	PO	8-4	4V	97	23,8	1,2
P.D.Seresta Proxy Mimi	PO	4-2	4V	115	34,0	2,7
Pol-Drive Armit Hesperia	PO	3-1	5V	114	33,6	2,7
Ventureira Jupiter Miss P.D.	GRB	6-2	4V	218	31,8	3,2
Unyehedl Cav.Reata P.D.	GRB	4-4	4V	113	31,8	2,1
Veranda do Fas D'Almeida	GRB	1-5	3V	14	3,8	1,8
Teresopolis P.D. Savello do P.D.	GRB	6-2	1V	39	11,6	1,4
P.D.Validade Rabidom Cathy	PO	3-5	4V	112	27,0	2,1
Fale Sep.Quintessia P.D.	GRB	3-1	4V	101	25,8	2,7
Rambon Vennett Restina	GRB	4-2	3V	94	23,8	2,7
Valeriana Glen Conia P.D.	GRB	3-7	3V	44	16,8	2,8
Zaura Unosco T.P.D.	GRB	3-5	3V	80	21,0	2,8
Selma Unyehedl Conia P.D.	GRB	3-5	3V	61	18,8	2,8
P.D.Tala Oak Star Universal	PO	3-1	2V	14	3,8	2,8
P.D.Valguiria Glen Mima	PO	3-5	2V	82	27,0	2,8
Vaina Jupiter Imaginaria PC	GRB	3-7	2V	26	27,8	2,8
P.D.Vaena do Star	GRB	3-7	2V	23	27,8	2,8
Verdade Polittarian G.P.D.	GRB	3-3	2V	48	26,8	2,8
P.D.Farra Oak Star Unali	PO	3-3	2V	44	26,8	2,8
Venturillo Vennett P.D.	GRB	7-2	2V	33	24,0	3,1
Terenia Babu P.D. Sapa P.D.	GRB	3-5	2V	18	23,8	3,1
Vassura Cav.Optiana P.D.	GRB	2-5	8V	239	29,8	3,2
Vallen Cav.Optiana P.D.	GRB	2-11	9V	295	28,8	3,2
Ventura Cav.Pudenda P.D.	GRB	2-7	9V	288	28,8	3,2
Ulanda Altitudo Patrica P.D.	GRB	5-8	8V	234	27,0	4,8
Zax Duba Sarta P.D.	GRB	3-4	8V	221	27,0	3,2
P.D.Udon Astronaut Denise	PO	3-7	7V	208	30,0	3,8
Sabacoa Dignitia V.P.D.	GRB	3-7	7V	208	30,0	3,8
Saba Negativum T.P.D.	GRB	3-7	7V	217	31,0	3,8
Ulanda Glen Conia P.D.	GRB	6-4	8V	184	28,8	2,8
Saba Saba Reform P.D.	GRB	4-8	8V	183	28,8	2,8
P.D. Saba Saba Reform	GRB	4-8	8V	183	28,8	2,8

Olympic Assado Balsa Aranha Stockless, Bagaçoça Esfiliada, Est. de São Paulo, Controle em 27/12/83, Regime de pasta com rações suplementares, 3 ut-
casas.

Academia Crescenti, S.V. EE	CEE	3-11	98	178	29,0	4,0
Laika de Bragança	11/12	4-1	20	49	16,3	1,9
ES.Abrigada Vigo EE	90	4-2	10	22	10,0	1,0
EE Balduino Vigo EE	90	-	19	8	14,2	1,2
EE.Abratis Vigo EE	90	3-11	60	173	21,0	1,3

Waldir Junqueira de Andrade, Lins, Est. de São Paulo, Curitiba em 16/11/85. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 ordenhas.

1. 1st Section						
2. 2nd Section						
3. 3rd Section						
4. 4th Section						
5. 5th Section						
6. 6th Section						
7. 7th Section						
8. 8th Section						
9. 9th Section						
10. 10th Section						
11. 11th Section						
12. 12th Section						
13. 13th Section						
14. 14th Section						
15. 15th Section						
16. 16th Section						
17. 17th Section						
18. 18th Section						
19. 19th Section						
20. 20th Section						
21. 21st Section						
22. 22nd Section						
23. 23rd Section						
24. 24th Section						
25. 25th Section						
26. 26th Section						
27. 27th Section						
28. 28th Section						
29. 29th Section						
30. 30th Section						
31. 31st Section						
32. 32nd Section						
33. 33rd Section						
34. 34th Section						
35. 35th Section						
36. 36th Section						
37. 37th Section						
38. 38th Section						
39. 39th Section						
40. 40th Section						
41. 41st Section						
42. 42nd Section						
43. 43rd Section						
44. 44th Section						
45. 45th Section						
46. 46th Section						
47. 47th Section						
48. 48th Section						
49. 49th Section						
50. 50th Section						
51. 51st Section						
52. 52nd Section						
53. 53rd Section						
54. 54th Section						
55. 55th Section						
56. 56th Section						
57. 57th Section						
58. 58th Section						
59. 59th Section						
60. 60th Section						
61. 61st Section						
62. 62nd Section						
63. 63rd Section						
64. 64th Section						
65. 65th Section						
66. 66th Section						
67. 67th Section						
68. 68th Section						
69. 69th Section						
70. 70th Section						
71. 71st Section						
72. 72nd Section						
73. 73rd Section						
74. 74th Section						
75. 75th Section						
76. 76th Section						
77. 77th Section						
78. 78th Section						
79. 79th Section						
80. 80th Section						

Dr. Feden Corde, Academia. Est. do São Paulo, Conselho de T3/12/81. Região
do posto com razão suplementar. 2 rebochar.

Alberta's Wild-TO	80	2-4	80	240	21.5	4.5
Alberta's Wild-TO	80	2-11	30	90	21.5	3.5
Alberta's Wild-TO	80	2-8	20	77	21.0	3.4

Genelissimo Natal Maternidade São Roque, Ter. de São Paulo, Curitiba em 18/12/93. Regime de parto com vácuo assistimentar 2 unidades.

G.I. I. Carnive Refiers.Ring	80	4-7	16	32	18.9	4.1
G.N.M. Iris Vico Mado	90	2-8	12	24	19.5	4.5
G.N.M. Grandess Milu Betty #.	60	1-11	82	241	20.5	3.8
G.N.M. Candore Jester Mado	80	4-6	78	193	17.5	3.8

Dr. Geraldo Figueiredo Farias-Zalio, Col. do 1.º Tenente Coronel em 1974.
El. Negrete de pastor com tempo suplementar. 3 ordens.

UPV. Eucotilia Klaw-Ma Val.	70	2-8	32	80	14.0	4.1
UPV. Kiepsents Julia Val.	60	2-6	40	171	23.0	4.9
UPV. Karmosmilla Amla J. -TH	60	-	37	32	28.0	1.5
UPV. Karmos Amla J. TH	60	1-4	50	118	23.0	1.6

GERADORES DE LEITE

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	% de leite	
Nautilus Allos	11/12	12-6	89	113	27,0	4,5
QPR, Enay, Venetate, Venetate	80	3-4	39	73	34,0	1,5
ANILIZ: Variz, Tomic, Faria, Faria, Est. de São Paulo, Controle em 28/12/81, Região de parto com água amniotica, 3 urbanos.						
Chama, Berta, Cavallar, TE	80	3-5	10	11	27,0	3,0
Chama, Berta, B-Ren-TE	80	3-4	20	21	39,0	3,0

Raca Holandesa — variedade vermelha e branca

Paralela ao eixo Lido, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 11/05, 2004, da pista com racha suplementar, 2 unidades.

Dr. Augusto FERNANDES L-84	PO	6-1	IV	84	25,5	1,3
Assessor Carlos Lima Martins Andradine, Sen. do São Paulo, Controle em De/LT/ES, Regime de praca com cargo suplementar, 2 Ordenhas.						
Jurandir de Santa Amalia	CM	8-2	IV	189	22,5	4,0

Dr. Robinson de Barros Filho, Jd. São João, São Paulo, 10/11/88.
Resposta do casal com dados genéticos. 2 indivíduos.

Scapone L.B.	OC1	8-13	100	100	14.0	1.8
Scapone S.J. & D. Margala	FO	1-3	39	62	18.0	2.1
Scapone L.B.	OC2	7-8	60	183	13.0	1.2

Fazenda do Torro, Lda, Piratininga, Est. de São Paulo, Controle em 01/12/81.
Sementes de milho com 100% de pureza e 2 unidades.

Nome da Estação	Q ₁₀	8-4	39	72	24,8	2,6
Arredondada VU.	Q ₁₀	5-4	29	37	19,7	2,7
Brasão VU.	Q ₁₀	3-6	38	154	16,2	2,6
Brigada VU.	Q ₁₀	5-3	29	43	23,4	1,2
Comandante VU.	Q ₁₀	5-2	19	23	25,0	1,8
Comunidade VE.	Q ₁₀	4-10	29	48	18,0	2,8
Estado VU.	Q ₁₀	4-6	28	40	14,0	1,3
Fazenda VU.	Q ₁₀	3-8	18	38	16,8	2,4

Jaime Spinnelli de Oliveira e Irmãos, Lavouras, Ext. de São Paulo, Com-
municou em 13/12/85 Suriname de acordo com sendo complementar 1 unidade

[illegible]

Funes - pesquisa de Freitas, Itapira. Ext. de São Paulo, Controla em 64/228. Surto de urticária com febre e sintomas gastrointestinais.

Edwin Jasper de J.	CLD	6-3	78	231	34.0	3.3
--------------------	-----	-----	----	-----	------	-----

mercini e Distribuidora J. Saporiti S.A., ambas de Curitiba, Par. de São Paulo. Controle em 22/12/85. Resultado de teste: com reação sublinfocitária. 2.

White Supper Nilly-Bud	90	8-8	20	83	14.8	3.4
Shame Nite II Jumper	85	5-9	19	185	29.9	3.5
Tallmadges Jetstar Nerve	90	4-10	10	215	18.0	4.5
Love Royal Star-Bud	90	6-9	28	272	13.0	3.7

Sigorta de Trânsito Lata Norte - São Paulo.Net de São Paulo Controla em 8/12/99. Seguro de furto com taxa suplementar 2 unidades.

[illegible]

1965 William W. Heston & William Heston, 125 So. 1st Street, Tampa, Florida
on 11/12/65. Heston & Heston are both citizens of the U.S.A. and are both
residents of Tampa, Florida.

1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030	2031	2032	2033	2034	2035	2036	2037	2038	2039	2040	2041	2042	2043	2044	2045	2046	2047	2048	2049	2050	2051	2052	2053	2054	2055	2056	2057	2058	2059	2060	2061	2062	2063	2064	2065	2066	2067	2068	2069	2070	2071	2072	2073	2074	2075	2076	2077	2078	2079	2080	2081	2082	2083	2084	2085	2086	2087	2088	2089	2090	2091	2092	2093	2094	2095	2096	2097	2098	2099	2100	2101	2102	2103	2104	2105	2106	2107	2108	2109	2110	2111	2112	2113	2114	2115	2116	2117	2118	2119	2120	2121	2122	2123	2124	2125	2126	2127	2128	2129	2130	2131	2132	2133	2134	2135	2136	2137	2138	2139	2140	2141	2142	2143	2144	2145	2146	2147	2148	2149	2150	2151	2152	2153	2154	2155	2156	2157	2158	2159	2160	2161	2162	2163	2164	2165	2166	2167	2168	2169	2170	2171	2172	2173	2174	2175	2176	2177	2178	2179	2180	2181	2182	2183	2184	2185	2186	2187	2188	2189	2190	2191	2192	2193	2194	2195	2196	2197	2198	2199	2200	2201	2202	2203	2204	2205	2206	2207	2208	2209	2210	2211	2212	2213	2214	2215	2216	2217	2218	2219	2220	2221	2222	2223	2224	2225	2226	2227	2228	2229	2230	2231	2232	2233	2234	2235	2236	2237	2238	2239	2240	2241	2242	2243	2244	2245	2246	2247	2248	2249	2250	2251	2252	2253	2254	2255	2256	2257	2258	2259	2260	2261	2262	2263	2264	2265	2266	2267	2268	2269	2270	2271	2272	2273	2274	2275	2276	2277	2278	2279	2280	2281	2282	2283	2284	2285	2286	2287	2288	2289	2290	2291	2292	2293	2294	2295	2296	2297	2298	2299	2300	2301	2302	2303	2304	2305	2306	2307	2308	2309	2310	2311	2312	2313	2314	2315	2316	2317	2318	2319	2320	2321	2322	2323	2324	2325	2326	2327	2328	2329	2330	2331	2332	2333	2334	2335	2336	2337	2338	2339	2340	2341	2342	2343	2344	2345	2346	2347	2348	2349	2350	2351	2352	2353	2354	2355	2356	2357	2358	2359	2360	2361	2362	2363	2364	2365	2366	2367	2368	2369	2370	2371	2372	2373	2374	2375	2376	2377	2378	2379	2380	2381	2382	2383	2384	2385	2386	2387	2388	2389	2390	2391	2392	2393	2394	2395	2396	2397	2398	2399	2400	2401	2402	2403	2404	2405	2406	2407</
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	--------

Country	Year	Value	Unit
Algeria	1990	10.0	1000
Algeria	1991	10.0	1000
Algeria	1992	10.0	1000
Algeria	1993	10.0	1000
Algeria	1994	10.0	1000
Algeria	1995	10.0	1000
Algeria	1996	10.0	1000
Algeria	1997	10.0	1000
Algeria	1998	10.0	1000
Algeria	1999	10.0	1000
Algeria	2000	10.0	1000
Algeria	2001	10.0	1000
Algeria	2002	10.0	1000
Algeria	2003	10.0	1000
Algeria	2004	10.0	1000
Algeria	2005	10.0	1000
Algeria	2006	10.0	1000
Algeria	2007	10.0	1000
Algeria	2008	10.0	1000
Algeria	2009	10.0	1000
Algeria	2010	10.0	1000
Algeria	2011	10.0	1000
Algeria	2012	10.0	1000
Algeria	2013	10.0	1000
Algeria	2014	10.0	1000
Algeria	2015	10.0	1000
Algeria	2016	10.0	1000
Algeria	2017	10.0	1000
Algeria	2018	10.0	1000
Algeria	2019	10.0	1000
Algeria	2020	10.0	1000
Algeria	2021	10.0	1000
Algeria	2022	10.0	1000
Algeria	2023	10.0	1000
Algeria	2024	10.0	1000
Algeria	2025	10.0	1000
Algeria	2026	10.0	1000
Algeria	2027	10.0	1000
Algeria	2028	10.0	1000
Algeria	2029	10.0	1000
Algeria	2030	10.0	1000
Algeria	2031	10.0	1000
Algeria	2032	10.0	1000
Algeria	2033	10.0	1000
Algeria	2034	10.0	1000
Algeria	2035	10.0	1000
Algeria	2036	10.0	1000
Algeria	2037	10.0	1000
Algeria	2038	10.0	1000
Algeria	2039	10.0	1000
Algeria	2040	10.0	1000
Algeria	2041	10.0	1000
Algeria	2042	10.0	1000
Algeria	2043	10.0	1000
Algeria	2044	10.0	1000
Algeria	2045	10.0	1000
Algeria	2046	10.0	1000
Algeria	2047	10.0	1000
Algeria	2048	10.0	1000
Algeria	2049	10.0	1000
Algeria	2050	10.0	1000
Algeria	2051	10.0	1000
Algeria	2052	10.0	1000
Algeria	2053	10.0	1000
Algeria	2054	10.0	1000
Algeria	2055	10.0	1000
Algeria	2056	10.0	1000
Algeria	2057	10.0	1000
Algeria	2058	10.0	1000
Algeria	2059	10.0	1000
Algeria	2060	10.0	1000
Algeria	2061	10.0	1000
Algeria	2062	10.0	1000
Algeria	2063	10.0	1000
Algeria	2064	10.0	1000
Algeria	2065	10.0	1000
Algeria	2066	10.0	1000
Algeria	2067	10.0	1000
Algeria	2068	10.0	1000
Algeria	2069	10.0	1000
Algeria	2070	10.0	1000
Algeria	2071	10.0	1000
Algeria	2072	10.0	1000
Algeria	2073	10.0	1000
Algeria	2074	10.0	1000
Algeria	2075	10.0	1000
Algeria	2076	10.0	1000
Algeria	2077	10.0	1000

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite	%
Angeliêda, Somp. Red. Heirrelles	GRB	3-5	30	82	22,0	3,9
Lealzinha, Somp. Red. Heirrelles	GRB	2-4	20	85	27,0	3,9
Lealzinha, Jasper. Red. de Meir.	GRB	2-4	10	75	20,0	4,0
Melva, Jasper. Red. de Meir.	GRB	4-5	10	75	25,0	4,0
Wendell, Woodlands de Meir.	GRB	7-11	10	30	21,0	4,1
Vivia, Citadão. Maple. Red.	GRB	1-2	10	28	24,0	4,4
Alma, Sobarão. de Heirrelles	GRB	5-8	10	8	30,0	4,5

Dr. Lúcia Roberto Monteiro Porto, Cardiolândia, Est. de Minas Gerais - Condição em 18/12/85: Eutímica. De acordo com o teste de "Shuttle" e "Cardio"

Paulista Desimitor Albany	UCI	4-8	29	30	11,8	2,8
Faustina Albany	MR	4-8	29	49	17,6	2,8
Berus Albany	PC/32	4-8	29	34	17,6	3,0
Caesal Desimitor Albany	UCI	1-8	29	18	11,8	2,8
Luciano Albany	PC/32	6-7	18	13	21,0	2,8
Polysena Pogazusa Albany	UCS	1-8	19	14	16,6	3,2
Artetilia Albany	MR	1-8	19	15	16,6	3,2
Viti Odile Viane Bordine	PO	6-7	89	238	13,6	4,1
Barista Albany	PC/30	3-11	79	218	12,6	4,2
Leoria Albany	PC/32	6-7	79	118	12,6	4,2
Luanda II de Aia Cruz	PC/32	6-7	65	175	14,0	4,2
Remoada Desimitor Albany	UCI	4-22	59	153	13,0	4,2
Reina Albany	MR	1-8	59	11	12,6	4,2
Leiria Albany	PC/30	2-4	50	142	13,6	3,9
Chouara GSI Albany	PC/30	8-5	49	136	15,0	4,5
Almeida Desimitor Albany	UCI	4-23	49	136	15,0	4,5
Campanha Albany	PC/30	5-11	49	112	14,8	4,5
Seriqueo 80	UCI	5-11	26	90	11,8	2,9
Tomaz Odeas do Padre	PC/32	1-8	29	68	22,8	4,0
Tunze Desimitor Albany	UCI	3-8	89	373	16,6	4,5

Antonio Baraldi, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 11/12/85. Região
de origem com nível eudimétrico. T. arborícola.

Myerette Turkina & Nico	GCI	4-11	29	37	35.8	3.4
Nico Hally Bruma-Rad	PO	3-8	19	27	31.0	2.7
Nico Bruna Fany	PO	7-7	10	24	38.0	2.7
Chapeta Fany Scott Nilo	PO	4-8	17	27	31.0	2.7
Fanzila Rad Nico	GCI	7-8	79	308	19.0	2.3
Nico Venozuela Scott	PO	3-11	66	157	28.0	1.0
Chapeta Rad Nico	GCI	6-8	68	157	28.0	1.0
Chapeta Fany Nico	GHR	6-11	50	130	25.0	1.0
Nico Duaxila Rad	PO	5-4	50	149	20.0	1.0
Chapeta Venozuela Scott Nilo	GCI	4-8	48	127	25.0	1.0
Nico Duax Rad	PO	8-6	40	111	24.0	2.8
Idixprange Rad Nico	POC	6-1	49	168	23.0	2.7
Nico Nila Rad	PO	8-6	49	168	23.0	2.7
Idixprange-Wood F.Clover-Rad	PO	10-8	49	90	28.0	2.8
Fanzila Rad Nico	GHR	9-7	28	57	29.0	3.0
Idixprange Standart Nico	11/22	28	57	29.0	3.0	
Fanzila G.Duax-Rad	PO	3-11	20	43	27.0	2.0

Agronomia e Hortas Santo Inácio Ltda., Jundiaí, Est. de São Paulo, Colheita em 18/12/88. Matrizes de plantas com raízes secundárias 2 cordões.

Beatriz Chif de E. Isidoro	OMB	4-4	78	180	23,6	3,3
Priscilla de S. Rafael	31/32	10-0	119	301	25,2	3,4
Clotilde de S. 547 Souza	OMB	6-9	79	193	24,0	3,1

Claudio Guimarães Albuquerque, Lins, Esp., de São Paulo, Controla em 17/12/81, Sistema de saúde com caráter suplementar 2 unidades.

Tarda Scleria	Jurumirim	OC1	7-2	50	141	13.9	4.0
---------------	-----------	-----	-----	----	-----	------	-----

Agrícola e Pastoril Santa Cruz S/A, Capivari, Est. de São Paulo, Controle no 28/22/93. Registro do material com ração suplementar 1 orvalho.

[illegible]

Sgt. Reinaldo Basso, Cruesiro, Ret. de São Paulo. Controle em 30/12/89.
 Bateria de assalto com fuzileiros esportivos. 2 unidades.

[illegible]

Cyndy Gabrieli D'Assis Ferreira, Uilégio Noronha, Est. de Minas Gerais, Centro
de São João del-Rei, Rua do Comércio nº 100, CEP 36.080-000

[illegible]

CUSTÓDIO DE ALMEIDA & FILHO



O GADO DO LEITE DOURADO
CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE
GUERNSEY PO E CRUZADOS

Maior plantel em controle leiteiro do Estado.
Troféu ACERJ 1985. Conquistamos o maior
número no livro de Mérito e Escol entre todas
as raças leiteiras.

VENDA DE REPRODUTORES

FAZENDA: Estrada de Piranema, 731

Fone: (021) 788-1206 — ITAGUAÍ - RJ

ESCRITÓRIO: Cx. Postal 3386

Fone: (021) 240-2341 — RIO DE JANEIRO - RJ

[illegible]

Raca Jersey

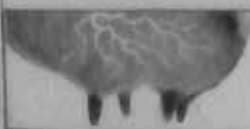
Regina Maria Lopes Lacerda, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Física, Caixa de Postal 68.528, Rio de Janeiro, RJ 21945-970, Brasil

(5) Reglas de puntuación con reglas suplementarias, 3 ordenhanas,

[illegible]

convênio e Câmara Sindical Lida(Bertachelli) e Filhos, Povo Novo, Del.
do Rio Grande do Sul, Controla em 17/12/81, Registo de parte com registo
sindicatário 2 volumes.

Classe geral do Brasil	90	1-2	28	71	29,7	1,90
Gênero: O Fim do Brasil	80	3-2	18	27	21,1	4,41
Verônica Rodrigues do Brasil	80	1-2	12	24	25,0	1,50
Brasil: História Inversa	70	6-7	20	18	25,0	1,50



**GERADORES
DE LEITE**
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Purina

KENIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA
Estrada Mococa-Cajuru, Km. 295 - Município de Cajuru
Fone (0196) 55-0801 - Telefone Rural - Canoas SP
(telefonista 101) 98-1164 - Mococa SP - Fone (0196) 55-0085
São Paulo SP - Fone (011) 36-1681



TODO REBANHO EM CONTROLE LEITEIRO OFICIAL

COLETA E VENDA DE SÊMEN
AGROPECUÁRIA LAGOA DA SERRA
PECPLAN-BRADESCO

FAÇA-NOS UMA VISITA,
NÓS TEMOS O REPRODUTOR
QUE O SEU REBANHO ESTÁ NECESSITANDO

[illegible]

GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lóculos.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



Purina

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle em meses	Dias de lactação	Leite	%
Yorlino	LA	3-3	29	45	12,0	3,4
Antônio	LA	3-4	29	34	11,0	3,2
Isabela	NR	3-7	29	31	10,2	3,1
Benedita	LA	3-6	29	31	11,0	3,2
Beata	LA	3-3	29	58	11,0	3,6

João Eduardo da Costa Mancini, São João da Boa Vista, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

C.A. Querena PC 6-5 49 116 11,0 3,4

Antônio José Lucio de Oliveira Costa, R. Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

C.A. Agostinho RE 13-10 29 52 14,0 3,4
C.A. Alcides PC 9-0 29 51 19,0 3,0
C.A. Benedita PC 13-11 29 37 12,0 3,5
C.A. Benedita RE 18 28 11,0 3,6
C.A. Benedita PC 8-2 19 48 13,0 3,5
C.A. Benedita PC 12-0 69 161 12,0 3,4
C.A. Benedita PC 5-8 69 153 12,0 3,7
C.A. Benedita LA 4-2 50 142 12,0 3,4
C.A. Benedita PC 10-0 49 101 12,0 3,7
C.A. Benedita RE 12-1 39 83 13,0 3,8

Dr. Gabriel Romaldo Andrade, Calcinópolis, Est. de São Paulo, Controle em 12/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Quênia de Calcinópolis RE 6-8 49 96 11,0 4,4
Quênia PC 4-3 29 26 12,0 4,4
Quênia PC 4-3 29 10 12,0 4,4
Quênia RE 4-10 29 33 12,0 4,4
Quênia RE 6-4 29 19 14,0 4,8
Quênia de Calcinópolis RE 6-5 29 45 12,0 3,6
Quênia RE 6-0 19 48 12,0 3,6
Quênia de Calcinópolis RE 6-0 19 72 18,0 4,4
Quênia de Calcinópolis RE 6-0 29 44 11,0 4,5
Quênia de Calcinópolis RE 9-4 39 31 12,0 4,8
Quênia de Calcinópolis PC 9-1 69 182 10,0 4,7
Quênia de Calcinópolis LA 6-11 50 142 11,0 3,4
Quênia de Calcinópolis LA 3-1 29 45 10,0 4,2

Severino Antônio Costa, Armação, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Entrada RE 12-11 39 78 11,0 3,9
Entrada PC 9-10 39 210 21,0 3,7
Entrada RE 8-3 59 149 10,0 4,4
Entrada RE 11-2 59 54 11,0 4,8
Entrada RE 11-8 29 33 11,0 3,7
Entrada RE 13-4 29 52 12,0 3,0
Entrada RE 12-5 29 32 11,0 3,7
Entrada RE 8-1 29 59 11,0 3,8
Entrada RE 8-1 29 52 12,0 4,0
Entrada LA 8-2 29 45 12,0 3,9
Entrada RE 12-0 59 148 10,0 4,0
Entrada RE 11-6 29 89 10,0 3,9
Entrada PC 10-3 59 149 11,0 3,7
Entrada RE 12-4 29 33 12,0 3,8

João Gabriel da Costa Morais e outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

C.A. Beata PC 5-7 39 68 10,0 3,2
C.A. Beata PC 12-1 29 52 11,0 3,7
C.A. Beata RE 11-11 29 48 11,0 3,4
C.A. Beata RE 7-5 29 45 11,0 3,0
C.A. Beata RE 29 34 12,0 3,7
C.A. Beata RE 29 34 14,0 3,4
C.A. Beata PC 15-4 29 24 11,0 3,2
C.A. Beata RE 4-4 29 18 11,0 3,0
C.A. Beata RE 4-5 19 8 12,0 3,5
C.A. Beata RE 3-9 19 2 13,0 2,4
C.A. Beata RE 7-4 19 1 13,0 2,1
C.A. Beata RE 6-0 120 383 10,0 3,4
C.A. Beata RE 4-4 110 325 10,0 4,3
C.A. Beata PC 5-9 109 283 10,0 4,7
C.A. Beata RE 3-3 99 287 11,0 4,7
C.A. Beata RE 5-7 99 237 11,0 5,4
C.A. Beata RE 8-7 79 267 20,0 6,4
C.A. Beata PC 10-10 69 183 12,0 4,4
C.A. Beata RE 6-2 69 178 11,0 5,3
C.A. Beata PC 10-0 59 143 15,0 4,3
C.A. Beata RE 5-10 79 132 14,0 4,0
C.A. Beata RE 6-2 59 127 14,0 4,2
C.A. Beata PC 30 79 14,0 2,4
C.A. Beata RE 11-6 39 78 10,0 3,7
C.A. Beata RE 6-0 39 78 10,0 3,7
C.A. Beata RE 9-4 39 49 14,0 4,7
C.A. Beata RE 3-4 39 83 14,0 2,4
C.A. Beata PC 7-10 39 61 15,0 3,2

João Luiz Resende e outros, Matãozinho, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Alcides RE 7-9 29 80 11,0 4,3
Alcides RE 7-2 29 71 11,0 3,0
Alcides RE 7-2 49 130 12,0 3,8
Alcides RE 6-9 49 132 11,0 4,1
Alcides RE 5-8 49 128 10,0 5,0
Alcides RE 4-8 59 130 10,0 3,3
Alcides RE 5-7 29 72 11,0 4,0
Alcides RE 29 71 11,0 3,8

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em anos	Controle em meses	Dias de lactação	Leite	%
Begarsena	RE	11-8	29	12	12,0	1,42
Supremência	RE	10-6	29	49	12,0	4,40
Tuana	RE	9-9	29	43	12,0	3,58
Talatinha	RE	10-4	59	128	12,0	4,48
Yutina	RE	15-3	29	13	12,0	3,84
Vacina	RE	5-0	29	74	11,0	3,63
Vizaguen	RE	8-6	29	66	12,0	3,64

Arthur Souto Meior Filizola, Jequitiba, Est. de Minas Gerais, Controle em 29/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Amazônia RE 11-10 79 185 12,0 4,24
Cópula RE 8-5 90 279 10,0 5,22
Cópula RE 9-8 109 289 12,0 4,99
Cópula RE 11-3 29 39 16,0 2,82
Cópula RE 11-0 79 303 12,0 4,81
Cópula RE 69 150 12,0 4,61
Cópula RE 4-4 89 13 14,0 3,46
Cópula RE 13-1 79 185 11,0 3,75
Cópula RE 12-6 10 24 12,0 4,42
Cópula RE 12-9 109 292 12,0 3,47
Cópula RE 99 261 11,0 3,54
Cópula RE 7-1 88 128 10,0 5,78
Cópula RE 7-1 88 128 12,0 5,48
Cópula RE 49 144 13,0 5,55
Cópula RE 9-8 79 190 12,0 5,19
Cópula RE 7-1 88 128 12,0 3,40
Cópula RE 5-7 79 309 12,0 4,99
Cópula RE 6-2 49 89 14,0 4,80
Cópula RE 5-10 69 154 15,0 4,44
Cópula RE 5-5 29 32 16,0 2,98
Cópula RE 4-11 99 166 10,0 4,42
Cópula RE 9-10 109 286 10,0 4,95
Cópula RE 4-7 49 100 12,0 5,27
Cópula RE 10-4 101 101 11,0 4,77
Cópula RE 4-8 49 128 11,0 5,04
Cópula RE 4-6 49 115 11,0 3,12
Cópula RE 4-2 49 99 12,0 4,75
Cópula RE 9-7 59 144 12,0 5,42
Cópula RE 4-0 49 120 10,0 5,78
Cópula RE 99 260 11,0 6,78
Cópula RE 3-8 29 84 12,0 4,71
Cópula RE 4-0 49 121 12,0 5,42
Cópula RE 13-4 79 81 18,0 4,69

Manuel e José João Balduino Rodrigues dos Reis, Rio das Flores, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 18/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Controle Efetuado Pela Associação de Criadores do Estado do Rio de Janeiro.

Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-5 39 249 11,0 5,85
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-4 99 240 11,0 7,06
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-11 39 241 11,0 7,18
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-9 69 188 14,0 4,85
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-11 40 145 12,0 4,85
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-0 39 142 14,0 5,48
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-0 39 142 14,0 5,48
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 6-7 59 123 15,0 5,58
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-4 69 116 14,0 4,87
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-3 49 110 12,0 5,59
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 6-8 49 111 12,0 5,58
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 10-3 39 80 17,0 4,44
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 8-3 39 71 17,0 4,62
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-0 39 65 15,0 5,37
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 11-10 29 57 20,0 5,13
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 11-5 29 49 20,0 5,14
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 7-4 29 44 20,0 5,14
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 6-3 29 29 20,0 5,14
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 9-6 29 21 21,0 4,43
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 11-4 29 27 21,0 4,88
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 12-3 19 11 21,0 4,55
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 9-9 19 24 21,0 5,22
Santa Cruz Gabeira Cachimbo RE 8-4 19 24 21,0 5,50

Gabriel Romaldo de Andrade, Betim, Est. de Minas Gerais, Controle em 30/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Begarsena RE 29 50 11,0 5,84
Begarsena RE 5-11 59 109 11,0 5,82
Begarsena RE 7-3 59 139 11,0 6,37
Begarsena RE 8-3 69 132 14,0 4,46
Begarsena RE 8-5 129 12 19,0 7,15
Begarsena RE 18 9 23,0 3,39
Begarsena RE 5-6 69 154 11,0 4,71
Begarsena RE 9-11 59 139 11,0 6,27
Begarsena RE 8-0 69 132 10,0 4,37

Fazenda Brasileira Agrícola, Ltda., São Pedro das Ferreas, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/12/85, Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

1 ordenha
Olinda de Brasília RE 4-7 19 22 12,0 4,87
Olinda de Brasília RE 3-4 19 25 17,0 4,15
Olinda de Brasília RE 3-4 19 11 17,0 5,17
Olinda de Brasília RE 3-2 19 11 18,0 4,89
Olinda de Brasília RE 4-4 19 5 18,0 6,23
Olinda de Brasília RE 6-11 89 238 13,0 4,88
Olinda de Brasília RE 8-5 119 121 12,0 4,88
Olinda de Brasília RE 13-9 99 286 11,0 5,07
Olinda de Brasília RE 6-10 89 219 14,0 4,34
Olinda de Brasília PC 7-9 99 231 11,0 4,80
Olinda de Brasília RE 6-0 99 368 11,0 4,88
Olinda de Brasília RE 4-0 19 28 14,0 4,17

2 ordenhas
Olinda de Brasília RE 7-4 29 56 17,0 3,80
Olinda de Brasília RE 11-4 29 167 15,0 4,64
Olinda de Brasília RE 8-10 59 147 13,0 5,10



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL



COMUNICADO N.º 01

Formulamos um agradecimento público a todos os importadores, criadores e centrais de sêmen de gado das raças Holstein Frisian e Gir Leiteiro de quem adquirimos, com o maior cuidado de seleção, os sementais que usamos, de acordo com as normas técnicas do PROCRUZA, para a formação do **GADO LEITEIRO TROPICAL (5/8)** que agora desponta promissoramente com a entrada em produção das primeiras novilhas, das quais damos abaixo os resultados iniciais de lactações controladas oficialmente pela A.B.C.

MX3 — 26.357 — AVA DO MANEJO — 2a 8m 31 d. 30.7 kg 3x

MX3 — 66.359 — AUSTRIA DO MANEJO — 2a 7m 33 d. 29.6 kg 3x

N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)				N.º SCDP	NOME	Nasc. mês e ano	Pesos Padrões (kg) Idades — (dias)			
			205	365	550	730				205	365	550	730
Associação de Brasília	BR	11-4	29	88	18,0	4,18	Atapiraka	PC	4-6	29	85	18,0	3,8
Ypanga de Brasília	LA	6-2	29	89	12,0	4,83	Gaucha	PCOC	8-9	90	238	14,0	4,0
Ypiranga de Brasília	BR	8-11	88	162	12,0	5,18	Dália Gama	PCOC	7-8	86	230	9,6	4,0
Ypiranga de Brasília	BR	4-5	29	18,0	2,40		Bana Nady Roland	PCOC	8-9	80	24,2	8,0	4,0
Ypiranga de Brasília	BR	11-0	70	805	12,0	4,80	Pianista J. Raulo G.M.	DC-1	7-3	79	31	13,0	4,8
Ypiranga de Brasília	BR	7-5	69	173	11,6	5,43	Cleusa H. Almeida	SCS	6-6	119	307	18,0	4,8
Ypiranga de Brasília	BR	17-9	68	129	11,0	4,82	A. Claudio R. Wilson	PC	7-7	66	164	9,5	4,8
Ypiranga de Brasília	BR	4-3	49	381	14,0	4,64	P.T.H. Rodrigues	NI	5-3	88	177	12,0	4,7
Ypiranga de Brasília	BR	7-9	59	148	12,0	4,14							
Ypiranga de Brasília	LA	4-2	18	70	18,0	4,42							
Ypiranga de Brasília	BR	6-7	18	149	13,0	4,91							
Ypiranga de Brasília	BR	5-3	88	139	14,0	3,73							

Fazenda Varigou do Rancho Lda. Varigou, Est. do Rio de Janeiro, Com
tela em 18/12/83. Segue de parte em parte suplementar 2.ª ordem
de venda de CHUVAZINHA

Fazenda Varigem do Marujó Ltda., Varigemas, Est. do Rio de Janeiro. Com
trabalho em 18/12/85. Sistema de pastos com ração suplementar. 2 ordenhas
controladas EPIDURO PELA ASSOCIAÇÃO DE CHIADEIRA DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO.

Cruzamento Dirigido Hol. VB. x Gir

Fazenda Brincos, Caraguatatuba, Estado de São Paulo. Controle em 27/11/85. Pastos de pasto com ração suplementar. Irdondias.

[illegible]

Localidade do Material	Nº	-	100	273	11,0	7,01
Repetido do Material	Nº	3-2	80	233	11,0	4,29
Porfíria do Material	Nº	4-2	80	223	11,0	4,09
Porfíria do Material	Nº	5-1	70	198	10,5	4,13
Granito do Material	Nº	3-11	70	183	10,5	4,25
Chama do Material	Nº	4-2	80	147	22,1	4,02
Capada do Material	Nº	5-0	90	232	11,0	4,07
Escalona do Material	Nº	2-4	30	27	29,0	4,07
Cratão da S. de Espalhamento	Nº	-	20	67	27,0	3,08
Massa de Escalona	Nº	2-10	20	43	27,0	3,07
Massa de Escalona	Nº	-	40	43	27,0	3,07

Raca Nelore

Colônia Agrícola Lda, Jussara, de Minas Gerais, Controle em 10/11/81. Sementes de castor com núcleo esbranquiçado. 1 ordenha.

Sampla		9-3	14	15	17,8	1,58
Swazila	PC	6-0	19	15	13,9	4,4
Dala	PC	9-3	20	30	19,0	4,28
Reino da Colombia	PC	9-11	19	15	9,0	4,8
Yuli	PC	11-3	19	2	18,1	2
Reino da Colombia	PC	-	10	7	8,5	6,73
Burundia	PC	4-7	60	123	3,0	6,63
Parquia	PC	3-5	33	174	3,0	8,33
Tomalia	LA	4-8	34	161	3,0	8,33
Caribia	PC	10-4	68	189	4,16	8,16
Estados da Colombia	PC	3-6	52	160	10,0	8,87
Norina	PC	8-11	19	123	3,0	4,59
Gineia	PC	8-1	45	199	4,0	4,31
Guineia-Bissau	PC	8-1	45	133	14,9	9,4
Reino da Colombia	PC	5-8	30	64	11,0	6,87
Sal	PC	4-9	39	91	12,0	6,12
Guineia da Guineia	PC	3-7	49	182	10,0	4,1
Chad	PC	13-11	38	87	19,0	8,0
Tuvalu	PC	3-3	30	60	8,0	6,0
Aruba	PC	4-9	20	11	9,0	5,40
Togo	PC	9-2	20	19	12,0	1,8
Guineia-Bissau	PC	4-2	29	19	12,0	1,8
Guineia	PC	-	10	33	9,0	6,45

Controle Auxiliar

Agência Família Nordeste S/A-Campesinidade, Est. 04 040 Paulo Costa
 14, av. 17/12/85, bairro do Centro com largo Washington, 2 andar

	Heartbeats				
Regatta 2	10	100	21.5	4.4	
Salpa	10	83	19.2	2.3	
Pistonside	10	67	13.8	4.2	
Meta Hays	10	26	27.8	5.5	
Madisonville	18	31	18.8	1.7	
Regatta 4	18	28	18.0	1.7	
Shimoda	10	10	13.2	1.2	
Yokohama	10	6	20.2	2.5	
Palma	10	5	21.0	3.2	
Red	10	21	13.6	3.5	
Chigasaki (1958)	10	29	20.3	3.8	
Amoy	10	27	21.0	3.2	
Longsight	10	24	19.2	4.2	
Campana	18	14	20.8	3.9	
Shanghai	10	11	20.0	3.9	
Shanghai	10	3	25.0	4.3	
Shanghai	10	43	14.2	2.2	



GERADORES DE LEITE
Geram leite. Geram lucros.

**GER-O-LEIT
PROLEITINA GL
LACTINA GL**



Purina



Algumas doadoras de embrião com produção acima de 10.000 kg.

Um Plantel sob Controle

Fazenda São José quer formar todo o plantel só com produtos de transferência de embriões

Criando e selecionando bovinos da raça Holandesa desde 1970, Guilherme Walter Soares Caldas resolveu, nesses 16 anos, dar grande importância à moderna tecnologia no trabalho de melhoramento genético. Porém, sem pressa — procurando sincronizar todos os setores envolvidos: infra-estrutura, plantel e mão-de-obra. Por exemplo, nos investimentos procurou contemplar com o mesmo peso o trabalho de formação de mão-de-obra e do melhoramento

do plantel. Existe hoje na fazenda uma equipe eficiente e dedicada.

Com essa prudência, Caldas tem uma mão-de-obra qualificada e proporcional ao nível tecnológico implantado na fazenda. Por exemplo, a transferência de embriões, uma das mais modernas tecnologias na reprodução de animais, é usada como rotina banal na Fazenda São José, em Mogi Guaçu, SP, que comprou há 16 anos. Pelo menos 10 produtos mensais são obtidos na fazen-

da — e Caldas quer ampliar o emprego dessa técnica.

Seu objetivo é ter todas as matrizes — irá estabilizar o plantel em 260 vacas — geradas por esse método e a partir daí vender reprodutores — machos e fêmeas — com produção mínima de 8.000 kg por lactação e com as conformações perfeitas. Caldas não está arrependido dessa opção e o investimento, feito até aqui, tem-lhe dado bom retorno financeiro. Toda a produção da fa-



Galpão ideal para alimentação das vacas em produção.

zenda é vendida — tanto machos como fêmeas. E até mesmo as matrizes de descartes encontram boa receptividade no mercado.

Em 1970, quando comprou a fazenda, Caldas herdou um pequeno plantel de gado Holandês — todos PC. E a produtividade média da fazenda se situava em torno de 10 kg por vaca/dia. A primeira medida tomada por ele, a partir dali, foi a de incorporar a inseminação artificial em todo o rebanho, com sêmen de touros importados. E desde o começo do trabalho resolveu submeter todo o plantel ao controle leiteiro da ABC. "O Controle Leiteiro nos dá a base para a seleção em termos de produção e nos dá a orientação sobre os caminhos que deveremos seguir", explica.

Além de passar a fazer todas as coberturas com a inseminação artificial, Caldas, um ano depois, resolveu, também, incorporar matrizes excelentes ao plantel, acelerando o processo de seleção. Assim, em 1971, escolheu, pessoalmente, 30 novilhas dos criatórios dos cooperados da Cooperativa de Castrolanda, do Paraná, e 20 vacas adquiridas de Dário Meireles. E, nesse processo, foi promovendo uma melhora sensível do plantel, tanto em produção como em conformação.

Descartes

Sete anos depois do início da cria-

ção, Caldas resolveu dar uma guinada na qualidade do seu rebanho e mais do que isso, agilizar o processo de seleção. Assim, em 1977, promoveu uma liquidação das matrizes PC, ainda remanescentes do plantel original, que já havia sofrido substancial melhora, conservando apenas fêmeas PO — com boa produção e boa conformação. Depois de visitar os Estados Unidos, resolveu trazer

desse país, em 1978, 32 fêmeas, todas com mães de produção acima de 9 mil kg. E essas matrizes foram incorporadas as 60 novilhas e bezerras remanescentes. Para fazer essa importação, gastou US\$ 112 mil. "Em 1978, praticamente recomencei", conta. "E a partir dali já estava definido: a Fazenda São José só produziria reprodutores — machos e fêmeas".

Transferência de embriões

Com um plantel excelente e produção média acima de 20 kg/dia, o pecuarista resolveu dar um passo à frente em 1981: introduziu a transferência de embriões — hoje uma rotina na Fazenda. Assim, todas as matrizes com ótima conformação e produção acima de 9.000 kg foram destinadas à transferência de embriões. Como o objetivo é formar um plantel exclusivo de matrizes produzidas através de transferência de embriões, nenhuma fêmea gerada por esse método foi vendida.

Caldas já tem 71 fêmeas — 15 delas em produção e três com a 1.ª lactação encerrada. E essas três que já tiveram as lactações encerradas demonstraram grande potencial. Caldas Idália Eva TE, na primeira lactação, produziu acima de 8.600



Lote de vacas de alta produção.



Vista parcial da Fazenda, com o galpão de criação das novilhas.

kg. E outras duas apresentaram desempenho ainda melhor na primeira lactação: Caldas Tradicion Santana TE e Caldas Ford Sabina, por exemplo, superaram 9.200 kg. O pecua-

rista acredita, pela mostra das primeiras crias com a primeira lactação encerrada, que as fêmeas da transferência de embriões terão uma produção média acima de 10

mil kg a partir da terceira lactação.

Como doadoras, Caldas está usando, no momento, 16 matrizes importadas, com idade entre 7 e 8 anos, e com lactação superior a 9 mil kg. Entre as doadoras, Caldas está encantado com uma delas — a vaca Imperador Idália, excepcional, segundo ele: com 13 anos, já produziu 41 produtos — cinco normais e 36 em transferência de embriões. E já tem mais 10 receptoras com produtos seu no ventre. Antes de ser selecionada para a transferência de embriões, havia produzido, em cinco lactações, 41.626 kg. Na última lactação, por exemplo, produziu 11.580 kg em duas ordenhas. Entre outros bons produtos gerados por ela está uma matriz que, na quarta lactação, produziu 10.000 kg e foi classificada de excelente, com 92 pontos. E, na transferência de embriões, já produziu a Idália Eva TE. "No estágio atual só permanecem na fazenda vacas com produção acima de 8.000 kg", explica Caldas. O fazendeiro não acha difícil melho-



Tourinhos para reprodução destinados à venda.

rar este padrão, sobretudo a partir da transferência de embriões.

Caldas está satisfeito com o retorno dos investimentos. Por exemplo, com a média de produtividade atual do seu rebanho — em torno de 23 kg/dia/vaca — Caldas vende todos os machos produzidos na fazenda e as fêmeas que sobram — já que boa parte está sendo usada, ainda, para a substituição de animais com menor desempenho. E os animais geralmente são vendidos ali mesmo na fazenda. De qualquer forma, ele vem participando de um leilão realizado duas vezes ao ano na região de Campinas. Fez a opção de vendas por esse leilão por ele reunir animais de alta qualidade. Desse leilão, participam os criadores da região de Campinas, Donald Graber, da Fazenda Panorama; Margarith Dutilh, da Fazenda Pau D'Alho; Luiz de Moraes Barros, da Fazenda Santa Maria da Posse e José Bonifácio Coutinho Nogueira, da Fazenda São Quirino e a sua, a Fazenda São José. Esse leilão é realizado duas vezes ao ano — Primavera e Outono — e agora no dia 8 de maio será o 15.º. Esse ano, ele levará apenas 6 fêmeas. Porém, no dia 22 de maio, ele promoverá um outro leilão, junto com Margarith Dutilh. Nesse leilão, ele levará 17 fêmeas e três machos, estes com idade entre 9 e 11 meses. Os três machos são produtos de transferência de embriões, cujas doadoras têm produções acima de 10 mil kg.



Uma eficiente criação de bezerras.

Caldas têm hoje um touro na Central de Inseminação Artificial, que vendeu, em 1985, sete mil doses: é Caldas Valiant Victor TE. O sêmen já foi usado em 150 rebanhos em todo o país. Com dois anos e meio, Victor é filho de H. Hayssen Rockman Victória, que teve duas lactações — a 1.ª de 7.695 e a segunda de 10.189 — e hoje é uma das doadoras de embriões. Essa vaca é filha de Wonder Cress Eagle Viola EX 93 2E, reservada All American Jr.

Outros dois touros já estão na Central da Pecplan e iniciam a coleta de sêmen este ano: Caldas Faraó TE e Caldas Mars Bolívar. Faraó é filho, por transferência de embrião, de mãe importada que produziu, na quarta lactação, 9.314 kg em duas ordenhas e cujas três gerações anteriores são constituídas por vacas classificadas "Excelentes". Sua avó teve uma produção vitalícia de 141.850 kg e a sua bisavó 180.340 kg. Bolívar, por sua vez, é filho de Caldas Valiant Suzane TE, produto de transferência de embrião, que teve a 1.ª lactação controlada de 8.000 kg e que é filha de Valiant com Idalia.

Com um plantel de 50 vacas em produção, atualmente, Caldas produz, diariamente, 1.300 kg de leite B, com uma média de 23 kg/dia aproximadamente. Seu objetivo é atingir média de 25 kg com 100 vacas em lactação. De acordo com Caldas, na seleção ele leva em consideração três aspectos: produção, reprodução e tipo funcional. Todas as matrizes são mantidas em confinamento: há piquetes para vacas em lactação, piquetes para novilhas e as enxertadas. E as receptoras ficam no pasto, que ocupa a metade da fazenda. São atualmente 200 receptoras — Holandês PC e Girolandas. Para alimentar as matrizes ele usa feno, silo de milho, além de ração.



Laboratório e tronco, exclusivamente para transferência de embriões.



Em novembro, destaque para as raças Jersey e Gir

WALTER C. BATTISTON

Terminaram suas lactações 898 fêmeas pertencentes a 9 raças, variedades ou tipos, sendo predominante a presença de 718 (quase 80% do total) exemplares da Raça Holandesa; na divisão que vai até 305 dias de lactação, mantiveram-se 89 vacas. Entre outras raças com animais "encerrados", encontram-se a Gir com 64 representantes (7,2%), Parda Suíça (47), Jersey (26), Red Poll (5), Nelore (2) e os Tipos Cruzamento Dirigido (31) e Girolando (5).

Por algum tempo ainda vai predominar o critério, para efeito de publicação na Revista dos Criadores, o alcance da média da raça e, por esse motivo, somente 257 animais terão suas lactações publicadas, o que não é muito bom.

PRODUÇÕES EM DESTAQUE

Entre as diversas altas lactações que aparecem em novembro, algumas merecem destaques maiores, como as que adiante mencionaremos.

ELOISA SPOT DO BUTIÁ, Jersey crioula da Estância Butiá, produziu em 305 dias 4.592 kg de leite e 216,3 kg de gordura, com LE e ultrapassando a lactação obtida em 1966 por SANT'ANA ORADORA LILAC e que foi, respectivamente, de 3.065 kg e 160,2 kg.

CLAUDIA VERONICA T. DO BUTIÁ, outra crioula da mesma estância, produziu aos 2 anos e 1 mês, em LM e 353 dias, 5.362 kg de leite e 238,0 kg de gordura, superando os 4.389 kg de leite e 206,7 kg de gordura que em 1971 dera SUÍSSA REGIA NHONHÔ.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Os 568 exemplares desta raça representaram 79,2% da Raça Holan-

desa e 63,3% do total controlado, mas infelizmente somente 80 deles ultrapassaram a média e sobre eles faremos os comentários.

Foram 18 as vacas que alcançaram Livro de Escol (LE) e 42 o Livro de Mérito (LM) e nesse grupo destacaremos as produções de:

POSSE SERRANIA LAZULITA, com 2 anos e 4 meses, LE, 7.900 kg de leite e 220,2 kg de gordura em 305 dias, na Fazenda Sta. Maria da Posse.

QUAPOIA KANTIGA CAVALIER, da mesma propriedade, com 4 anos e 9 meses, LM, 10.733 kg de leite e 282,6 kg de gordura em 355 dias.

WINSWESPT M. ELEVATION SUNSHINE, com 6 anos e 10 meses, de Guilherme W.S. Caldas, LM, 10.412 kg de leite e 331,0 kg de gordura.

AF. FORTALEZA BRIDA, da Fazenda Fortaleza, com 2 anos e 2 meses, LM, 7.921 kg de leite e 259,2 kg de gordura em 365 dias;

J.P.R. ORQUIDEA, de Joaquim Peixoto Rocha, com 4 anos e 1 mês, 9.430 kg de leite e 300,2 kg de gordura em 365 dias;

J.P.R. PARTICULA, do mesmo criador, com 3 anos e 5 meses, LM, 9.335 kg de leite e 282,6 kg de gordura em 350 dias.

HARLEKEN MAGIA BEA MADRE, da Lair Antonio de Souza, com 8 anos, LM, 9.335 kg de leite e 277,7 kg de gordura em 365 dias.

PAU D'ALHO URAI APOLO SINCEIRA, de Jacob Rosier Dutilh, com 3 anos e 5 meses, LM, 9.587 kg de leite e 250,6 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Os 150 bovinos, que integraram o lote das "holandesas vermelhas e brancas", representaram 16,7% do total controlado e 20,8% da Raça Holandesa; infelizmente apenas 24

deles conseguiram ter seus resultados publicados.

Destacamos, entre os novos, a produção de:

ALBERTINA'S DMR TETÉIA, de Pedro Conde, tendo conseguido 6.917 kg de leite e 197,2 kg de gordura em 305 dias, com 3 anos e 8 meses e LE.

CORONA LENNY ROBARON, com 3 anos e 2 meses, LM, de Amílcar Farid Yamin, 9.107 kg de leite e 303 kg de gordura em 343 dias.

ES. VATINGA CRESCENTEMED SS, do mesmo criador, com 4 anos e 5 meses, LM, 9.282 kg de leite e 332,1 kg de gordura em 342 dias. Entre as mais "velhas" estão:

CIMARRON SANDS MATT R. RED, de Antonio de Toledo Lara Neto, com 10 anos, LM e 11.334 kg de leite e 401,7 kg de gordura em 365 dias.

ALBERTINA'S MR POTIRA, de Pedro Conde, com 7 anos e 10 meses, LM, 8.841 kg de leite e 280,7 kg de gordura em 316 dias.

E.S. VERMELHA SILVER S.S., de Olympio A.S.A. Stockler, com 8.371 kg de leite e 247,8 kg de gordura, LM em 298 dias.

RAÇA PARDA SUÍÇA

Das 47 pardos suíços, que representaram 5,2% do total controlado, 20 ultrapassaram a média, com seus resultados publicados, e entre eles, os melhores foram:

CORONA MARGOT HARRY, de Amílcar Farid Yamin, com 7 anos e 3 meses, LM, 7.021 kg de leite e 295,0 kg de gordura em 365 dias.

E.S. ROCKY LORRIE, do mesmo proprietário, com 10 anos, LM, 6.408 kg de leite e 217,8 kg de gordura em 301 dias.

ES. K. ROYAL "JO", de Luiz Horacio Ulhoa C. de Mello, com 6 anos e 3 meses, LM, 5.873 kg de leite e 197,7 kg de gordura em 365 dias.



LIMEIRA ANTIGONA SUGAR, de Giovani Branquinho Grossi, com 7 anos e 2 meses, 5.817 kg de leite e 219,9 kg de gordura em 305 dias e LE.

RAÇA JERSEY

A Raça Jersey está "em moda" e com ótimas representações, especialmente nas exposições; no Serviço de Controle Leiteiro excelentes produções aparecem, mas em novembro somente 26 encerraram suas lactações. Entre esses, destacaram-se as duas já mencionadas ELOISA SPOT DO BUTIÁ e CLAUDIA VERNICA T. DO BUTIÁ.

RAÇA GIR

Os criadores de Gir estão "firmes" na seleção de animais leiteiros, e vários deles inscrevem os rebanhos para testes de produção, na ABC. Durante o mês de novembro foram 64 os exemplares dessa raça, representando o terceiro lote em quantidade de animais controlados, correspondendo a 7,2% do total. Alcançaram Livro de Escol dois animais e Livro de Mérito outro 8; entre eles, chamam a atenção os seguintes:

PERFIDIA S/2634, de Arthur S.M. Filizola, com LM e 4.654 kg de leite e 196,4 kg de gordura em 365 dias; NEVE S/8780, da Kenia Agrícola

e Pecuária Ltda., como 11 anos e 2 meses, LM, 4.330 kg de leite e 187,5 kg de gordura em 365 dias.

TAMARA DE BRASÍLIA, de Rubens Resende Peres, com 5 anos e 7 meses, LM, 4.164 kg de leite e 192,3 kg de gordura em 365 dias.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

Pertencem a Paulo de Tharso Bittencourt os únicos exemplares mantidos em controle leiteiro e registrados no Plano PROCRUZA, compreendendo um lote de 31 animais com lactações encerradas em novembro. Duas produções se destacaram:

PTB COBIÇA, com 4.507 kg de leite e 142,1 kg de gordura em 266 dias; e

PTB MOCOCA, com 8 anos e 9 meses, 4.169 kg de leite e 135,5 kg de gordura em 236 dias.

De outros criadores encerraram a lactação 5 vacas, mas nenhuma está registrada e também ultrapassou a "marca" necessária à publicação.

ANIMAIS QUE SE DESTACARAM PELA IDADE

Entre os 898 animais que encerraram suas produções, alguns merecem atenção maior pela idade em que isso ocorreu, podendo mencionar-se o que sucedeu com os seguintes exemplares:

JAIBA B-4145, Gir da Kenia Agrícola e Pecuária, que aos 14 anos e 3 meses obteve mais um Livro de Mérito, dando em 365 dias 3.676 kg de leite e 153,3 kg de gordura, sendo a mais idosa de todos.

Noutro extremo aparece a holandesa preta e branca de Maria A. Pacheco Borba, MAB FORD EMA-TE, com somente 1 ano e 10 meses, obtendo seu primeiro Livro de Escol com 6.753 kg de leite e 254,2 kg de gordura em 365 dias.

ATUALIZAÇÃO DAS TAXAS DE CONTROLE

Desde 10 de janeiro foram atualizadas as taxas para pagamento dos trabalhos do Serviço de Controle Leiteiro, permanecendo o seguinte critério:

TAXA DE CONTROLE, independente da quantidade controlada — Cr\$ 7.000 por vaca;

TAXA DE SERVIÇO, por lote de até 100 vacas — Cr\$ 130.000.

Esses pagamentos serão cobrados a cada mês, além das despesas de transporte e alimentação pela visita realizada.

Para o CONTROLE AUXILIAR, que será procedido a cada dois meses, os valores serão os seguintes:

TAXA DE CONTROLE, por vaca controlada — Cr\$ 7.000.

TAXA DE SERVIÇO, por controle — Cr\$ 100.000.

Mês de dezembro de 1985

O ano terminou com bastante proveito para o Serviço de Controle Leiteiro da A.B.C., como veremos nos comentários referentes ao que ocorreu durante 1985 e que pode ser verificado no Quadro I, onde é apresentado o resumo das lactações encerradas e a obtenção dos títulos em Livro de Escol (LE) e Livro de Mérito (LM).

O corpo de Controladores, que visita as fazendas, foi reformulado e reforçado com a vinda de 12 técnicos da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo, conforme convênio celebrado entre a A.B.C. e aquele órgão estadual; são agora 18 elementos, além do Inspetor de Controle, sr. Toyoko Hannoi.

Diversas visitas "surpresas" e outras programadas antecipadamente foram efetuadas, algumas destas a pedido dos interessados. O Dr. Fidelis Alves Netto, Chefe do Serviço, começou a implantar o Controle Auxiliar e o emprego do Manual de Controle de Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Custos para coleta e interpretação de dados zootécnicos de interesse do criador.

Mas, comentando o que se passou no mês de dezembro, diremos que 573 bovinos tiveram suas lactações encerradas, sendo 146 na Divisão I, isto é, de até 305 dias e os demais 427 no grupo de "até 365 dias": eles representaram nove raças, tipos ou

variedades, havendo predominância, como nas vezes anteriores, das Raças Holandesa Preta e Branca (361 animais ou 63,0%) e Vermelha e Branca (108 ou 18,8%). A Raça Parda Suíça contribuiu com 29 fêmeas (5,1%) vindo a seguir, pela ordem decrescente, as Raças Gir (27 ou 4,8%), a Jersey (16 ou 2,8%), a Nelore (7 ou 1,2%) e a Red Poll (um só exemplar). Os chamados "cruzados", registrados no Plano PROCRUZA, que resolvemos chamar de CRUZAMENTO DIRIGIDO, foram 15, representando 2,6% do total controlado. O Tipo Girolando (animais sem registro) enquadrou somente 9 animais (1,3%).



REPRODUTORAS EMÉRITAS

Entre as 6 fêmeas que conseguiram alcançar o título de Reprodutoras Eméritas (RE), três são da Raça Gir (todas pertencentes a Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis), duas são da Raça Holandesa Preta e Branca e a outra da Raça Holandesa Vermelha e Branca.

Na Raça Gir vamos encontrar os seguintes animais: MARAVILHA FAZISTA FAIZÃO, que é filha de C.A. FAIZÃO e ARAPONGA, tem 11 anos e 2 meses, LE e deu em 301 dias 3.531 kg de leite e 191,7 kg de gordura. MARAVILHA INTRIGA FAIZÃO, com 8 anos e 4 meses, irmã por parte de pai da anterior, obteve LE e 3.685 kg de leite e 166,6 kg de gordura em 292 dias. SANTA CRUZ ICARAI EXPOENTE, descendente de MARAVILHA EXPOENTE FAIZÃO e MONIKE, com 8 anos e 7 meses, LE, 3.616 kg de leite e 179,3 kg de gordura em 280 dias.

No lote das pretas e brancas, encontram-se:

J.P.R. NAIRA, de Joaquim Peixoto Rocha, com 5 anos e 7 meses, LE, e 8.662 kg de leite e 261,8 kg de gordura em 305 dias; e

CRIOLA SENNATOR DO MELISO, com 8 anos e 9 meses, de Marcio Elísio de Freitas, filha de DAN VER CAROL SENATOR e ARGENTINA 316 DO MELISIO, dando em 305 dias e LE, 7.741 kg de leite e 261,8 kg de gordura.

A única Vermelha e Branca, ENSEADA DA BRAGANÇA, filha de SPRING FARMA ROYAL e JOIA NIQUEM, tem 8 anos e 7 meses, LE e deu 6.840 kg de leite e 247,6 kg de gordura em 303 dias.

OUTRAS LACTAÇÕES QUE SE DESTACARAM

Entre as 573 produções encerradas, algumas correspondentes às Reprodutoras Eméritas já comentadas e outras que iremos especificar logo adiante, alcançaram destaques, porque poderão ser novos recordes nas respectivas Classes, depois de preencherem alguns requisitos necessários; entre estas estão as seguintes fêmeas da Raça Holandesa Preta e Branca:

KARIN CHRIS ODETE STA. ESPERANÇA, de Lázaro de Mello Brandão e MAB TRADITION DINAH, de Maria Amelia Pacheco Borba.

A primeira, aos 2 anos e 6 meses deu em 365 dias e LM 10.084 kg de leite e 272,7 kg de gordura, ultrapassando a lactação de 33 HERMOSA S. ROCKMAN DE 1979 e que foi 9.034 kg e 292,2 kg respectivamente, também na Classe AS, 3 ordenhas.

MAB TRADITION DINAH, aos 2 anos e 5 meses, em duas ordenhas, LM Classe AJ, produziu 8.821 kg de leite e 312,6 kg de gordura em 343 dias; ao que parece ela baterá o recorde de 1981 alcançado por PANORAMA GAY BREJEIRA com 8.107 kg de leite e a produção de 292,2 kg de matéria gorda que ARAPOTI CONDE ELSKE 21 conseguiu em 1980.

No lote da Raça Holandesa Vermelha e Branca, regime de 3 ordenhas, duas alterações de recorde poderão acontecer. Na Classe BS, GAROTA NOBLE DE SANT'ANA obteve em 1974, 2.408 kg de gordura, mas em dezembro de 1985 ALBERTINA'S DMR TAQUINA, de Pedro Conde, aos 3 anos e 8 meses conseguiu 266,0 kg dessa matéria em 7.491 kg de leite e 365 dias, com LM.

Na Classe D a crioula de Amílcar Farid Yamin, NANCY JASPER CORONA, com 7 anos e 6 meses e LM, produziu 10.940 kg de leite e 379,4 kg de gordura em 365 dias; a maior produção de matéria gorda na Classe D pertencida, desde 1980, a JURUMIRIM GRINALDA GUSTAAR e era de 378,9 kg.

Como já dissemos, se os animais atrás mencionados preencherem alguns itens previstos no Regulamento do Controle Leiteiro, poderão se sagrar novos campeões, nas respectivas classes.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

Já foi comentado que 361 exemplares representaram essa raça, mas somente 64 deles atingiram o Índice necessário para publicação da Revista dos Criadores. Entre eles, alcançaram o Livro de Escol (LE) 12 animais e obtiveram o título de Livro de Mérito outros 41. Nesses grupos todos, estavam as vacas cujas

produções foram comentadas anteriormente, mas outras também se destacaram, como veremos a seguir.

POSSE SACOLA Q. VEEMATT, da Fazenda Sta. Maria da Posse Ltda., aos 2 anos e 3 meses, com LE, produziu em 305 dias 7.424 kg de leite e 243,9 kg de gordura.

PANORAMA MARVEX EULINA, de Donald Graber, aos 3 anos e 5 meses, LE, deu em 305 dias 7.393 kg de leite e 218,0 kg de gordura.

PANORAMA CHARM ARMELINDA, do mesmo criador, aos 7 anos e 4 meses, obteve LM e 9.709 kg de leite e 292,4 kg de gordura em 365 dias.

PANORAMA CAFUNGA DEMANDA, da mesma fazenda, com 4 anos e 7 meses e LM, teve 8.832 kg de leite e 272,3 kg de gordura em 339 dias.

ALUMARGI MILESTONE BRITÂNIA, de Afonso Nogueira de Freitas, obteve aos 3 anos e 3 meses, LE e 7.013 kg de leite e 2.085 kg de gordura em 294 dias.

AF. FORTALEZA BRUMA, da Fazenda Fortaleza Ltda., com 2 anos e 2 meses conseguiu LM, 7.902 kg de leite e 241,8 kg de gordura em 365 dias.

AF. FORTALEZA, da mesma criação, com 8 anos e 9 meses obteve 9.028 kg de leite e 294,1 kg de gordura em 365 dias.

S.N. VILOTEIRA III de Arnaldo Mendes de Oliveira, aos 8 anos e 5 meses obteve LM e 9.112 kg de leite e 297,3 kg de gordura em 365 dias.

S. VALINAT GRANFINA, da Agropecuária Colombini Ltda., com 2 anos e 4 meses conseguiu LM dando em 365 dias 7.629 kg de leite e 260,3 kg de gordura em 365 dias.

GLETTY DENGÓ DE FRANCIS, de Carlos Alberto J. Lohmann, teve aos 2 anos e 7 meses, LM com 7.924 kg de leite e 255,6 kg de gordura em 365 dias.

SOLANCO ACRES M. MEG, da Fazenda Shigueno Ltda., aos 6 anos e 4 meses e LM, deu 9.112 kg de leite e 320,0 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Foram 108 os representantes da Raça Holandesa Vermelha e Branca, sendo classificados 28 na Divisão I,



isto é, de lactação até 305 dias, com 5 inscritos em LE e outros 80 na Divisão de até 365 dias, com 12 em LM. Porém, somente 20 desses animais poderão ter publicações na Revista dos Criadores.

Entre os animais que se destacaram e ainda não tiveram as produções comentadas, falaremos dos seguintes:

ALBERTINA'S MR UNIVERSITÁRIA, de Pedro Conde, com 2 anos e 4 meses, LM e 6.357 kg de leite e 254,6 kg de gordura em 352 dias.

ALBERTINA'S CMC PRISMA, do mesmo criador, com 7 anos e 7 meses, LM, 9.480 kg de leite e 332,0 kg de gordura em 365 dias.

ALBERTINA'S CMC POLONEZA, também dessa criação, com 7 anos e 10 meses, LM e 8.363 kg de leite e 297,3 kg de matéria gorda em 349 dias.

CORONA ANA ROSA JASPER, de Amílcar Farid Yamin, com LM aos 4 anos e 5 meses e 8.156 kg de leite e 254,3 kg de gordura em 308 dias; e

HARVEYGO PAT T. NANCY, de Antonio Toledo Lara Neto, com 7 anos e 2 meses, LM e 9.953 kg de leite e 337,1 kg de gordura em 365 dias.

RAÇA PARDA SUIÇA

Representando 5,1% do total controlado, os exemplares "suíços" foram 29, mas apenas 12 deles terão suas produções publicadas. A mais alta lactação pertence a **CORONA IZA MEDALIST**, de Amílcar Farid Yamin, que obteve LM aos 7 anos e 1 mês, dando em 365 dias 7.990 kg de leite e 307,3 kg de gordura.

Com 4 anos e 4 meses, a crioula de Fernando Prado Rennó **GOIANE-SIA BC IMPROVER** deu 6.243 kg de leite e 269,3 kg de gordura em 348 dias.

CORONA INGLESA HARRY, do mesmo Amílcar Farid Yamin, conseguiu LE aos 5 anos e 6 meses, tendo 6.120 kg de leite e 233,0 kg de gordura em 269 dias.

RAÇA JERSEY

Dos 16 representantes dessa produtiva raça inglesa, somente 9 tiveram lactação acima da média e, portanto, serão publicadas na Revista dos Criadores; classificaram-se em

LE 5 deles e em LM dois outros, todos pertencentes à Sementes e Cabaña Butiá Ltda., do Rio Grande do Sul.

No lote destacaram-se dois animais:

GLENHOLME MILESTONE DORIS, com 6 anos e 3 meses; obteve LE, dando em 365 dias 5.827 kg de leite e 288,4 kg de gordura na Estância Butiá, onde também estava **VERONICA LUDOVICO DO BUTIÁ**, que aos 2 anos e 6 meses deu 5.453 kg de leite e 263,2 kg de gordura em 305 dias, com LE.

RAÇA GIR

O 4.º rebanho em quantidade de animais no controle leiteiro é o da Raça Gir, com seus 27 exemplares, bem representado por ótimas lactações, entre as quais 4 se inscreveram em LE e 6 em LM, inclusive as Reprodutoras Eméritas já citadas.

Todos em LE são crioulos de Manuel e José João Salgado Rodrigues dos Reis; a mais alta produção foi a apresentada por **C.A. ESCORA NAIDU**, que aos 16 anos e 2 meses, portanto o animal mais velho em dezembro, obteve LM dando 4.904 kg de leite e 263,2 kg de gordura.

MARAVILHA INVENÇÃO MADARIM, pertencente aos mesmos criadores, conseguiu LM dando 4.734 kg de leite e 286,6 kg de gordura em 361 dias.

C.A. PERICIA, na fazenda de João Gabriel C. Noronha, teve LM com 4.193 kg de leite e 187,6 kg de gordura em 365 dias e com 6 anos de idade.

CRUZAMENTO DIRIGIDO

Queremos retificar engano que estivemos cometendo, ao afirmar que apenas a Fazenda Erina, de Cezar Queira Cezar maninha animais inscritos no Plano PROCRUZA e em controle leiteiro desta associação; também a Fazenda Vargem do Mané, no Estado do Rio de Janeiro possui animais cruzados e registrados conosco e em controle leiteiro. O lapso é explicável, pois no primeiro caso nossos funcionários realizam as pesagens na fazenda do Dr. Eduardo de Abreu Cruz quem faz as tomadas de peso e amostras são técnicos cariocas, mas somente parte dos cálculos são feitos pela ABC, sendo o "encerramento" das lactações realizado pela associação do Estado do Rio. A publicação corre por conta da Revista dos Criadores, que se "entende" diretamente com o criador: isso dificulta nossos comentários, mas tentaremos resolver a questão com a brevidade possível.

Quanto ao que se refere ao mês de dezembro, o lote das "cruzadas" e registradas no Plano PROCRUZA esteve composto por 15 exemplares, todos na Divisão de até 365 dias e no regime de duas ordenhas. Apenas 5 deles, entretanto, terão suas produções colocadas na Revista dos Criadores por terem alcançado a média da raça.

A melhor produção desse lote foi obtida por **PTB CEREJEIRA**, dando 3.516 kg de leite e 129,2 kg de gordura em 365 dias.

QUADRO I — Lactações encerradas, Incrições em Livros de Escol (LE) e de Mérito (LM)

Resumo do ano de 1985

RAÇA OU TIPO	LACTAÇÃO ATÉ 305 DIAS			LACTAÇÃO ATÉ 365 DIAS			SOM. TOTAL	% ST
	TOTAL	LE	% LE	TOTAL	LM	% LM		
H. PR. BR.	1.823	127	8,6	5.641	565	10,1	7.466	65,1
H. VER. BR.	438	104	23,7	1.327	276	20,7	1.765	15,3
P. SUIÇO	136	32	41,5	653	67	32,3	789	6,9
JERSEY	77	21	27,1	205	52	25,2	282	2,5
GIR	110	21	19,2	642	74	11,5	752	6,6
NELORE	25	—	—	68	—	—	93	0,8
RED POLL	7	—	—	23	—	—	30	0,2
GUERSEY	5	—	—	26	15	65,3	31	0,2
GIROLANDO	35	6	17,1	86	25	29,1	121	1,1
CR. DIRG.	44	—	22,2	97	17	17,5	141	1,3
TOTAIS	2.702	311	—	8.768	1.091	—	11.470	100,0

Obs.: — As colunas % LE e % LM correspondem à percentagem sobre os totais de 305 e 365 dias, respectivamente; % ST indica a % sobre o total de cada raça.



LEILÃO

MANGALARGA MARCHADOR

HIPPIX

Dia 30/4/86 - quarta-feira - 19h

ALPHACENTER - ALPHAVILLE - SÃO PAULO

45 Produtos - Seleção antecipada

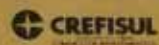
O melhor lance do ano.

6 Pagamentos mensais sem acréscimo.

Orientação técnica:

Hippix
Equinocultura
Serviço e Comércio Ltda.
Rua Dr. Franco da Rocha, 154
Fone: 872.7101
CEP 05015 - São Paulo - SP

**PRESTIGIE A II EXPOSIÇÃO ESPECIALIZADA
DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR
DE 29 de abril a 4 de maio de 1986 - Água Branca - SP.**



Reservas e Informações
(011) 543.3300

Djalma B. de Lima
Organizador de vendas

A mais alta concentração antibiótica de amplo espectro



QUEMICETINA da SCHERING é o único antibiótico de largo espectro com 2 opções: **Quemicetina Succinato** e **Quemicetina Solução Injetável**. Ambos garantidos pelo alto padrão de qualidade da Schering Veterinária.

Nas pesquisas bacteriológicas "in vitro" como também nas infecções experimentais, a **Quemicetina** demonstrou-se ativa contra os germes gram-negativos e gram-positivos, espiroquetas, rickettsias e grandes vírus, tais como os da patacose, do linfogranuloma

inguinal e do tracoma.

O sal sódico do éster succínico de cloranfenicol, **Quemicetina Succinato**, é solúvel em água até 50%, com pH neutro. Tem ação imediata e alta concentração. Aplicação intramuscular e endovenosa.

A **Quemicetina Solução** é também de amplo espectro, ação prolongada e de alta concentração. Aplicação intramuscular.

Quemicetina Succinato ou **Solução Injetável**: o antibiótico mais ativo contra os germes.

Com a garantia e controle de qualidade

Schering
Produtos Veterinários Ltda



Schering Produtos Veterinários Ltda.
Endereço: Rua Bernardino de Campos, 100
Rio de Janeiro, CEP 22.250-900
Tel. (021) 241.4000 (42 v. e 142-5000)
Telex (021) 21.824.000-00